



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LANGUISNER GOMES

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS:  
EXPLORANDO AS TRILHAS DA  
GERAÇÃO DO SENTIDO

FORTALEZA  
2009

LANGUISNER GOMES

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: EXPLORANDO  
AS TRILHAS DA GERAÇÃO DO SENTIDO

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL - da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Emilia Maria Peixoto  
Farias

FORTALEZA  
2009

"*Lecturis saltem*"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

G615e

Gomes, Languisner.

Expressões idiomáticas [manuscrito] : explorando as trilhas da  
geração do sentido / por Languisner Gomes. – 2009.

274 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de  
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística,  
Fortaleza(CE),19/11/2009.

Orientação: Profª. Drª. Emilia Maria Peixoto Farias.

Inclui bibliografia.

1- LÍNGUA PORTUGUESA – IDIOTISMOS.2- LÍNGUA PORTUGUESA –  
PALAVRAS E EXPRESSÕES.3-METÁFORA.4-IMAGEM(FILOSOFIA).  
5-REPRESENTAÇÃO (FILOSOFIA).I- Farias, Emilia Maria Peixoto, orientador.  
II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Lingüística  
III- Título.

CDD(22ª ed.) 469.8

109/09

# LANGUISNER GOMES

## EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: EXPLORANDO AS TRILHAS DA GERAÇÃO DO SENTIDO.

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em 19/11/2009

### BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora

Dra. Emilia Maria Peixoto Farias  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

1ª examinadora

Dra. Heloisa Pedroso de Moraes Feltes  
Universidade Federal de Caxias do Sul - UFCS

---

2ª examinadora

Dra. Solange Vereza  
Universidade Federal Fluminense - UFF

---

3ª examinadora

Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

4ª examinadora

Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará – UFC

Aos meus pais

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que, durante toda trajetória de estudos e escritura da tese, entenderam a necessidade que eu tinha de ficar um tanto quanto trancado nas minhas “viagens” pelas leituras e pesquisas.

À minha orientadora Profa. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias pela amizade e por toda delicadeza e compreensão no trato durante a orientação, o que me incentivou pela busca por uma tese que representasse meu desejo real de estudo.

À Profa. Dra. Heloisa Pedroso de Moraes Feltes, primeiro pela amizade e segundo por tudo o que apresentou de ideias (brilhantes) e que foram decisivas na elaboração desta tese.

A todos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Linguística, sejam eles professores, coordenadores, pessoal da secretaria, pelo apoio ao longo de todo o curso.

Às amigas Lourdes Bernardes Gonçalves e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos pela colaboração na conclusão desse trabalho.

Aos amigos que incentivaram a entrada no curso e instigaram meu desenvolvimento pessoal e profissional. Em especial à Flávio Feitosa por seus aconselhamentos, incentivo e uso de sua internet para pesquisa.

Aos colegas de turma do doutorado pelas constantes conversas, reflexões e compartilhamento de dificuldades, o que teve uma participação significativa em todo processo.

“Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”.

anônimo

## RESUMO

As questões que nos levaram à investigação do tema foram: (i) Quais são os mecanismos envolvidos na geração do sentido metafórico/literal das expressões idiomáticas (EIs) e suas desconstruções pictóricas (DPs)? (ii) Qual é o papel da metáfora/mesclagem conceptual na geração do sentido metafórico/literal entre as duas modalidades (EI verbal e DP não-verbal)? e (iii) Qual é o papel das projeções congruentes e não congruentes de cada uma das modalidades na geração do sentido metafórico/literal? Para responder a esses questionamentos tivemos como objetivo principal descrever a estrutura interna da rede de integração conceptual dos mecanismos responsáveis pela geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas DPs e como objetivos específicos: (i) descrever e propor um modelo que revele a arquitetura interna da rede de integração conceptual envolvida nos processos de geração do sentido entre as duas modalidades (verbal e não-verbal), (ii) descrever como processos de figuratividade e/ou literalidade participam nas modalidades verbal e não-verbal e interferem na geração do significado e (iii) propor um modelo que revele a estrutura interna do percurso gerativo do sentido das EIs e suas DPs nas redes de integração conceptual. (RP). Para composição do *corpus* da pesquisa foram selecionadas as seguintes obras: (a) A vaca foi pro brejo – *the cow went to the swamp* (FERNANDES, 2001) e (b) Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas (ZOCCHIO; BALARDIN, 1999). Da obra de Fernandes (2001) foram escolhidas as expressões (1) “o bom cabrito não berra”, (2) “não ter papas na língua” e (3) “só falam abobrinhas”; de Zocchio e Ballardin (1999), a expressão “engolir sapo”. Para atingirmos nossos objetivos, tomamos como base os postulados da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003) e da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980, 1999). A partir das análises, o modelo projetado da estrutura interna das redes de integração conceptual revelou que a inter-relação entre EI e sua RP permite uma multiplicidade de projeções que participam na geração do sentido. O modelo também permite ampliar as relações conceptuais gerando diferentes mesclagens, de forma que a imagem em relação à sua representação verbal pode ser parcial ou totalmente congruente. O grau de (in)congruência entre o literal e o idiomático é, no *continuum*, decisivo para a determinação do resultado mesclado. Foi possível tornar evidente que há uma estreita ligação entre uma modalidade e a outra. Isso aponta para desvelar que a natureza do processamento da EI pode ser de base metafórica ou literal. Ainda com base nas análises, o modelo de mesclagem proposto comprovou ser eficiente para a demonstração da organização interna das redes na geração do sentido, a partir da inter-relação entre a representação verbal e não-verbal. Na estruturação das redes entram em jogo as várias projeções criativas e imaginativas, o que possibilita novas configurações de sentido (re)construído sucessivamente.

Palavras-Chave: metáfora conceptual, expressão idiomática, representação pictórica, literalidade, mesclagem conceptual, multimesclagem.

## ABSTRACT

We had some questions that have driven our investigation: (i) What are the mechanisms that are involved in the metaphorical/literal meaning generation of the idiomatic expressions (IE) and its pictorial representation (PR)?, (ii) What is the role of the conceptual metaphor/blending in the metaphorical/literal meaning generation between the two modalities (verbal IE and non-verbal PR)? And (iii) What is the role of the congruent projections of each modality in the metaphorical/literal meaning generation? To answer these questions we had a main objective: describe the internal structure of the conceptual integration network of the mechanisms responsible for the metaphorical/literal meaning generation of the idioms and its PRs and some specific objectives: (i) to describe, by use of a model, the internal structure of conceptual integration network and of the mechanisms involved in the generation of meaning of IEs and their PRs; (ii) to describe the figurative and/or literal process that interferes in the meaning generation and (iii) propose a model that demonstrates the internal structure of the IE meaning generation and its PRs in the conceptual integration network.. The following works had been selected to compose the research *corpus*: (a) *A vaca foi pro brejo – the cow went to the swamp* (FERNANDES, 2001) and (b) *Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas* (ZOCCHIO; BALARDIN, 1999). From the work by Fernandes (2001), the expressions (1) “*o bom cabrito não berra*”, (2) “*não ter papas na língua*” e (3) “*só falam abobrinhas*” were selected; from Zocchio and Balardin (1999), the IE “*engolir sapo*”. In order to reach our objectives, we based our research on the postulates of the Theory of Conceptual Integration (FAUCONNIER; TURNER, 2003) and on Lakoff and Johnson’s (1980, 1999) Theory of Conceptual Metaphor. With the analyses as a starting point, the designed model of the internal structure of conceptual integration networks revealed that the interrelation between the IE and its PR allows a multiplicity of projections which contribute to the generation of meaning. The model also allows the expansion of conceptual relationships, generating different blends, so that the image, in terms of its verbal representation, may be partially or totally congruent. The degree of (in)congruence between the literal and the idiomatic is, in a *continuum*, decisive for the determination of the blended result. It was possible to show that there is a close connection between one modality and the other. This suggests that the nature of the processing of an IE may have a metaphorical or literal basis. Still based on the analyses, our model of blends proved to be efficient to demonstrate the internal organization of the nets in the generation of meaning, from the interrelation between verbal and non-verbal representation. In the designing of the networks, the various creative and imaginative projections come into play, which allows for new configurations of meaning to be successively (re)constructed.

Keywords: conceptual metaphor, idiomatic expression, pictorial representation, literal meaning, blending, megablending.

## LISTA DE FIGURAS

1.	Continuum entre a literalidade e a figuratividade.....	41
2.	Posição do significado no <i>continuum</i> .....	42
3.	Metáfora visual para RAIVA.....	58
4.	Senador romano.....	59
5.	Navegador romano.....	59
6.	Gaulês do vilarejo.....	59
7.	Charge do Dunga.....	62
8.	DP para “engolir sapo”.....	70
9.	<i>Blending</i> e metáfora.....	75
10.	Mesclagem entre espaços.....	76
11.	A raiva: fumaça saindo das orelhas.....	81
12.	Morte - O Ceifador Severo ( <i>Death: the Grim Reaper</i> ).....	83
13.	Multimesclagem.....	89
14.	Rede Drácula com espaços genéricos.....	90
15.	Rede de integração para “Drácula e seus pacientes”.....	91
16.	<i>Join or Die</i> (unir ou morrer).....	94
17.	Bush como cruzador do petróleo.....	97
18.	Diagrama da mesclagem de Bush como Cruzada do Petróleo.....	99
19.	Integração Conceptual.....	112
20.	Diagrama básico do modelo de mesclagem conceptual.....	112
21.	Mesclagem: O cirurgião é um açougueiro.....	115
22.	Ataque à Torres Gêmeas.....	122
23.	<i>Cartoon</i> : justaposição de duas imagens.....	125
24.	<i>Cartoon</i> : fusão de imagem de dois <i>inputs</i> .....	125
25.	Mesclagem entre Pearl Harbor e as Torres do World Trade Center.....	125
26.	Combinação mesclagem-metáfora.....	126
27.	Conexões literal-metafórico via TMC.....	137
28.	Mapeamentos – projeção entre domínios literais/figurativos.....	140
29.	Mesclagem: a incongruência das projeções.....	153
30.	Inter-relação entre literal e figurativo.....	144
31.	A congruência parcial nas projeções das EIs e das DPs.....	146
32.	Mesclagem para a congruência parcial das EIs e das DPs.....	148
33.	A congruência total das projeções.....	150
34.	A congruência totalmente figurativa das projeções.....	151
35.	A congruência totalmente literal da projeções.....	152
36.	Incongruência das projeções.....	152
37.	Mesclagem: a incongruência das projeções.....	153
38.	Projeções seletivas.....	154
39.	Multimesclagem - projeções seletivas entre os espaços de entrada.....	156
40.	Multimesclagem – diagrama da rede cognitiva.....	157
41.	Mecanismos que geram a mesclagem conceptual.....	159
42.	DP - Engolir sapo.....	171
43.	DP - o Bom cabrito não berra.....	172
44.	DP - não ter papas na língua.....	172
45.	DP - só falam abobrinhas.....	172
46.	A metáfora-base e as metáforas subjacentes.....	176

47.	Conexões literal-metafórico para engolir sapo .....	189
48.	Engolir sapo – mapeamentos/ligações entre domínios literais/figurativos.....	191
49.	Projeções do conceito ENGOLIR .....	195
50.	Projeções do conceito SAPO .....	196
51.	Projeções pictóricas para engolir sapo.....	200
52.	Projeções da DP engolir sapo .....	202
53.	Literal vs. metafórico em engolir sapo .....	203
54.	Congruência parcial para engolir sapo.....	204
55.	Multimesclagem para a EI engolir sapo.....	209
56.	Mecanismos que geram a mesclagem conceptual da EI engolir sapo.....	211
57.	Projeções do conceito CABRITO.....	216
58.	Projeções do conceito BERRAR.....	217
59.	Projeções pictóricas para o bom cabrito não berra.....	218
60.	Multimesclagem para o bom cabrito não berra.....	220
61.	Elementos constantes de uma projeção seletiva .....	223
62.	Projeção pictórica para não ter papas na língua.....	238
63.	Multimesclagem para não ter papas na língua.....	240
64.	Projeções do conceito PAPA .....	241
65.	Projeções do conceito LÍNGUA .....	241
66.	Projeção pictórica para só falam abobrinhas.....	245
67.	Multimesclagem para só falam abobrinhas.....	248
68.	Projeções do conceito ABOBRINHA .....	249
69.	Projeções do conceito FALAR .....	249
70.	A construção de sentido.....	252

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B	<i>Blending</i> = mesclagem
DP	Desconstrução Pictórica
EI	Expressões idiomáticas
EL	Expressões linguísticas
G	Espaço genérico
G <sub>MB</sub>	Espaço genérico da Metáfora Base
G <sub>MS</sub>	Espaço genérico da Metáfora Subjacente
G <sub>DP</sub>	Espaço genérico da Desconstrução Pictórica
G <sub>EI</sub>	Espaço genérico da EI
H	<i>Health</i> = saúde
I	<i>Input</i> = espaço de entrada
In	Número ilimitado de possíveis entradas
L	Literal
M	Metafórico
Mcl	Mesclagem conceptual
MB	Metáfora base
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
Mn	Número ilimitado de possíveis mesclas
MS	Metáfora subjacente
P	Projeções
RP	Representação pictórica
TEM	Teoria dos Espaços Mentais
TIC	Teoria da Integração Conceptual
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
V	<i>Vampire</i> = vampiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E DESCONSTRUÇÕES PICTÓRICAS: PRODUTOS DO SISTEMA CONCEPTUAL</b> .....	21
<b>2.1</b>	<b>Considerações iniciais</b> .....	21
<b>2.2</b>	<b>Conceitos norteadores do idiomatismo: definição e compreensão das EIs</b> ....	21
2.2.1	O CORPO É UM RECIPIENTE.....	31
2.2.2	Expressões idiomáticas: literais ou figuradas?.....	35
2.2.3	Em algum ponto do <i>continuum</i> : a significação da EI .....	40
2.3.4	Processamento das EIs.....	49
<b>2.3</b>	<b>As desconstruções pictóricas</b> .....	52
<b>2.4</b>	<b>Resumo do Capítulo</b> .....	63
<b>3</b>	<b>BLENDING E MEGABLENDING – TEORIA DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL</b> .....	65
<b>3.1</b>	<b>Considerações iniciais</b> .....	65
<b>3.2</b>	<b>Mesclagem conceptual e expressões metafóricas</b> .....	66
3.2.1	Tipos de integração conceptual.....	78
<b>3.3</b>	<b>Multimesclagens (<i>megablend</i> ou <i>blends</i> múltiplos)</b> .....	86
<b>3.4</b>	<b>O <i>blending</i> e a desconstrução pictórica – arquitetura das integrações conceptuais</b> .....	92
<b>3.5</b>	<b>Aproximação das teorias: metáfora conceptual (TMC) e integração conceptual (TIC)</b> .....	100
3.5.1	TMC e TIC: teorias que se complementam.....	102
3.5.2	TMC e TIC na análise de expressões linguísticas verbais .....	106
3.5.3	TMC e TIC na análise de representações pictóricas .....	118
<b>3.6</b>	<b>Na trilha da geração do sentido metafórico/literal</b> .....	127
3.6.1	A expressão linguística como guia do sentido .....	128
3.6.2	Refletindo sobre um modelo para geração do sentido.....	137
<b>3.7</b>	<b>Resumo do capítulo</b> .....	168
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: NA TRILHA DA GERAÇÃO DO SENTIDO</b> .....	173
<b>4.1</b>	<b>Considerações iniciais</b> .....	173
<b>4.2</b>	<b>A escolha pelo caminho a trilhar: aspectos metodológicos</b> .....	174
<b>4.3</b>	<b>Métodos de abordagem</b> .....	175
4.3.1	Da constituição do <i>corpus</i> .....	176
4.3.1.1	Da seleção das obras.....	176
4.3.1.2	Da delimitação do <i>corpus</i> .....	176
4.3.1.3	Da identificação da metáfora nas EIs e DPs .....	179
<b>5</b>	<b>ANÁLISES, APLICAÇÕES E REFLEXÕES</b> .....	182
<b>5.1</b>	<b>ACEITAR É ENGOLIR</b> .....	186
5.1.1	Engolir sapo .....	192
5.1.2	O bom cabrito não berra.....	219
<b>5.2</b>	<b>IDEIAS SÃO ALIMENTOS</b> .....	231
5.2.1	Não ter papa na língua.....	241
5.2.2	Só falam abobrinhas.....	248
<b>5.3</b>	<b>Antes do destino final..</b> .....	256
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	260
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	277

## 1 INTRODUÇÃO

A mente humana e as emoções são territórios de constante exploração. Muitas são as abordagens alvos de investigação. A metáfora conceptual<sup>1</sup>, apresentada por Lakoff e Johnson (1980), é um dos paradigmas que visa a apontar o que governa o pensamento humano. No entanto, parte significativa dos estudos centra-se na linguagem verbal e, em escala menor, na linguagem não-verbal (pictórica).

Kövecses (2000) demonstrou que expressões verbais e expressões idiomáticas (doravante EIs<sup>2</sup>) usadas para descrever emoções podem ser rastreadas por meio de um número limitado de metáforas conceptuais. A metáfora define-se como uma forma de processamento que, operando por mapeamento ou correspondência entre domínios da experiência, é capaz de licenciar em uma única e mesma expressão duas ou mais ideias ou representações diferentes. O objetivo de Kövecses (2000) é mostrar como as pessoas conceptualizam metaforicamente as emoções. O autor sugere que a conceptualização das emoções é, em certa extensão, universalmente compartilhada. No entanto, suas pesquisas investigam modelos metafóricos baseados exclusivamente em expressões verbais.

Compreendendo, pois, a relevância das conceptualizações realizadas pela mente humana pretendemos, à luz dos princípios postulados por Fauconnier e Turner (2003) na Teoria da Integração Conceptual e Lakoff e Johnson (1980, 1999) na Teoria da Metáfora Conceptual, investigar o papel da figuratividade/literalidade e mesclagens na geração do sentido de expressões verbais e não-verbais. Investigamos, em Língua Portuguesa, as manifestações verbais e as não-verbais de EIs licenciadas pela metáfora **O CORPO É UM RECIPIENTE** (THE BODY IS A CONTAINER, KÖVECSES, 1990, p. 145; LAKOFF, 1980), quais sejam, **ACEITAR É ENGOLIR** (ACQUIESCING IS SWALLOWING, GRADY, 1997, p. 294) e **IDEIAS SÃO ALIMENTOS** (IDEAS ARE FOOD, LAKOFF; JOHNSON, 1980a p. 85; GRADY, 1997, p. 75, KÖVECSES, 2002, p. 73) nas seguintes obras: de Fernandes (2001), intitulada *A vaca foi pro brejo – The cow went to the swamp* por meio das expressões idiomáticas: (i) O bom cabrito não berra, e (ii) Não ter

<sup>1</sup> Optamos pelo uso do termo conceptual uma vez que esse termo em inglês “conceptual” foi traduzido para o português por “conceptual” e não por “conceitual” em Zanotto et al. (2002) e tem se firmado como tradução aceita pela comunidade acadêmica.

<sup>2</sup> Em geral, usamos a abreviatura EI para nos referirmos à EI escrita, sua representação verbal, para distingui-la da DP que também é uma EI porém representada de forma não-verbal (pictórica), mesmo que seja de forma literal.

papas na língua e (iii) Só falam abobrinhas) e de Zocchio e Ballardín (1999) por meio do Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas, com a EI: (i) Engolir sapo. Por assumirmos a concepção do corpo como um recipiente, torna-se importante entender de que forma a metáfora licencia a conceptualização das expressões idiomáticas e de suas desconstruções pictóricas (doravante DPs)<sup>3</sup> e se há projeções literais que definem uma incongruência de conceitos e, portanto, delimita que significados serão gerados na mesclagem conceptual. Nesse sentido, uma tendência na Linguística Cognitiva que inclui a metaforicidade e a literalidade como casos especiais de mecanismos mais gerais dos mapeamentos mentais é a Teoria da Integração Conceptual que procura explicar como os indivíduos constroem correspondências conceptuais e constroem novas inferências. Entender como se processa a rede de integração conceptual é fundamental quando o que se pretende é demonstrar como se dá o processo de significação pela (re)construção e integração de espaços mentais/domínios conceptuais segundo os quais o processamento resulta de operações mentais que se indiciam nas representações verbais e não-verbais e, portanto, são ativados por expressões linguísticas e desconstruções pictóricas, através da interação dessas duas modalidades e conexões cognitivas.

Entender como se processa a rede de integração conceptual é fundamental quando o que se pretende é demonstrar como se dá o processo de significação pela (re)construção e integração de espaços mentais/domínios conceptuais segundo os quais o processamento resulta de operações mentais que se indiciam na materialidade das representações verbais e não-verbais e, portanto, são ativados por expressões linguísticas e desconstruções pictóricas, resultando da interação dessas duas modalidades e conexões cognitivas.

Partindo da Teoria dos Espaços Mentais, Fauconnier e Turner (2003) ampliaram seus conceitos originais e deram ensejo a um novo enquadre cognitivo - a chamada de Teoria da Integração Conceptual (doravante TIC) (ou Teoria da Mesclagem Conceptual). Nessa teoria, a construção do significado envolve dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) o estabelecimento de mapeamentos entre esses

---

<sup>3</sup> Inicialmente pensou-se em utilizar o termo representação pictórica, por acharmos que seria mais abrangente, incluindo fotos, *cartoons*, desenhos, ou seja, qualquer tipo de imagem que fosse útil para ilustrar o significado de uma EI. No entanto, optamos por desconstrução pictórica pensando no fato de a imagem apresentada nas obras selecionadas para estudo equivaler a um trocadilho verbal e pretender desconstruir a metaforicidade da EI. Trata-se de um jogo na imagem que revela a possibilidade de reliteralização da EI – um jogo meta-semiótico.

espaços mentais. Além disso, as relações de mapeamentos são guiadas pelo contexto local. Portanto, a TIC deriva de duas tradições dentro da Semântica Cognitiva: a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) e a Teoria dos Espaços Mentais (doravante TEM). Em termos de sua arquitetura e em termos de sua preocupação central, a TIC está mais intimamente relacionada com a TEM. Isto é devido à sua dependência dos espaços mentais e da construção desses espaços como parte de sua arquitetura. No entanto, a TIC é uma teoria distinta que foi desenvolvida para dar conta de fenômenos que a TEM e a TMC não podiam dar conta adequadamente. O ponto central da TIC é que a construção do significado tipicamente envolve integração da estrutura que faz emergir mais que um resumo de suas partes e foi originalmente desenvolvida para dar conta da estrutura linguística e do papel da linguagem na construção do significado, particularmente dos aspectos “criativos” da construção do significado. No entanto, as pesquisas se aplicam a outros interesses do pensamento e imaginação humanos e em tantas outras áreas da atividade humana.

Lakoff e Johnson (1980) centraram seus estudos na busca pela compreensão dessa natureza mais abstrata da linguagem quando afirmaram que o pensamento e a linguagem são, em grande medida, figurativos. Os estudos referentes à linguagem figurada têm demonstrado a diversidade de aspectos atinentes ao pensamento metafórico. Esses aspectos incluem questões relativas à geração de metáforas e metonímias licenciadas em expressões linguísticas que possibilitam pesquisas nas áreas da Psicolinguística, da Semântica, da Lexicologia, da Sintaxe, da Filosofia, para citar algumas. Para fins de recorte de pesquisa, nos concentramos apenas na geração do sentido metafórico ou literal, sem, com isso, diminuir a importância da metonímia nesse processo.

Apesar da importância da figuratividade, ressaltamos que as pesquisas estritamente ligadas às expressões idiomáticas e representações pictóricas ainda carecem de estudos mais aprofundados dada a complexidade e variedade de abordagens no tratamento do tema. Esse é, pois, um dos motivos que justificam nossa escolha pelo assunto: a metafóricidade/literalidade das EIs. Por ser um tema amplo e complexo, restringimos nossa pesquisa a um estudo descritivo da estrutura interna (arquitetura) das redes de integração conceptual que fazem parte da geração do sentido metafórico/literal em expressões idiomáticas e suas respectivas DPs licenciadas pela metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE, nas obras de Fernandes (2001) e Zocchio e Ballardín (1999). Cada obra oferece possibilidades para o estudo das EIs em sua forma verbal e não verbal. Há, no

entanto, algumas outras razões que nos levaram à escolha desse tema: tanto a metaforicidade/literalidade das EIs quanto das DPs fazem parte do cotidiano das pessoas e revelam o poder criativo da mente humana, outra razão é o fato de as EIs e as DPs revelarem maneiras comunicativas de que se serve o homem para expressar aspectos de sua cultura e, conseqüentemente, suas formas de pensar e agir.

Pensar sobre questões ligadas à idiomaticidade implica, como fator primordial, conhecer o objeto de estudo, tanto com relação a seu papel no sistema linguístico quanto à sua relação com a geração do significado.

Uma das áreas que tem contribuído sobremaneira para a compreensão do pensamento e da linguagem metafóricas é a Semântica Cognitiva, por ter apontado caminhos confiáveis para a identificação dos mecanismos que levam à compreensão da metaforicidade e da literalidade. Muitos são os autores que contribuíram e ainda desenvolvem pesquisas com o objetivo de aproximar linguagem, pensamento e processamento cognitivo. Dentre eles, destacamos os trabalhos sobre metáfora de Lakoff e Johnson (1980, 1999), que se debruçou sobre as implicações de uma Semântica Cognitiva que ele caracteriza como “corporificada”. O autor defende que o pensamento e a linguagem não são fenômenos “descorporificados”, nem é a metáfora um caso especial de atividade verbal, unicamente característica da arte poética. Ao contrário, a metáfora é fundamental para o pensamento e muitos outros processos da cognição. Nesse sentido, a mente ganha relevância, ocorrendo uma mudança da base cognitiva e descorporificada para uma base cognitiva experiencial, com a mente incorporificada. Nosso estudo se utiliza dos postulados da Linguística Cognitiva na medida em que consideramos: (a) a linguagem como produto de uma experiência incorporificada, ou seja, o corpo e a experiência herdada e construída determinam a estrutura conceptual; (b) a estrutura sintática e semântica derivam da e refletem a estrutura conceptual; e (c) a linguagem é dependente das restantes capacidades cognitivas, como a percepção, a memória e atenção. Leva-se em conta o poder criativo/imaginativo da mente humana.

A publicação, em 1980, do livro *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, estabelece uma ruptura com o paradigma tradicional que tomava a metáfora como apenas um ornamento poético. A Teoria da Metáfora Conceptual assume que o sistema conceptual humano está alicerçado em um conjunto de conceitos oriundos da experiência, compreendidos via mapeamentos. Sendo assim, as EIs fazem sentido na medida em que elas são motivadas pelos mapeamentos conceptuais. Em outras palavras,

as EIs são conceptualmente motivadas no sentido que há mecanismos cognitivos (tais como metáforas, metonímias e conhecimento convencional) que ligam o significado literal ao significado metafórico idiomático. Não é de hoje que se discutem questões ligadas à dicotomia figurativo/literal, ou mais especificamente, metafórico/literal, ou seja, as EIs não são meramente metáforas mortas, ao contrário, as metáforas participam ativamente tanto na interpretação quanto na acessibilidade das expressões idiomáticas. Esses temas são objetos de interesse da Linguística Cognitiva.

Na exploração do mundo (des)conhecido, as EIs refletem a transformação em novas formas de conceptualização do mundo e das relações que estabelecemos entre nossos semelhantes. Os estudos dos processos subjacentes à compreensão e à produção de EIs, têm levado a diferentes resultados. As EIs apresentam um desafio importante para aqueles interessados em tentar compreender certas expressões. Estudiosos como Gibbs et al. (1997), Cacciari et al. (2006), Fernando e Flavell (1981), Giora (2003), Geeraerts (2002) dentre outros têm argumentado acerca de modelos que deem conta da geração das EIs por meio de diferentes mecanismos responsáveis pelo processamento do pensamento metafórico.

As questões que nos levaram à investigação do tema foram: (i) Quais são os mecanismos envolvidos na geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas DPs? (ii) Qual é o papel da metáfora/mesclagem conceptual na geração do sentido metafórico/literal entre as duas modalidades (EI verbal e DP não-verbal)? e (iii) Qual é o papel das projeções congruentes e não congruentes de cada uma das modalidades na geração do sentido metafórico/literal?

Para responder a esses questionamentos tivemos como objetivo principal descrever a estrutura interna da rede de integração conceptual dos mecanismos responsáveis pela geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas DPs e como objetivos específicos: (i) descrever e propor um modelo que revele a arquitetura interna da rede de integração conceptual envolvida nos processos de geração do sentido entre as duas modalidades (verbal e não-verbal), (ii) descrever como processos de figuratividade e/ou literalidade participam nas modalidades verbal e não-verbal e interferem na geração do significado e (iii) propor um modelo que revele a estrutura interna do percurso gerativo do sentido das EIs e suas DPs nas redes de integração conceptual. Para atendermos nossos objetivos, escolhemos a Teoria da Mesclagem Conceptual (o

*blending*<sup>4</sup>) de Fauconnier e Turner (2003) juntamente com a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980, 1999), por acreditarmos que, além de serem complementares, essas teorias possibilitam a descrição dos mecanismos cognitivos geradores da figuratividade e do sentido no encontro DPs e EIs e se aplicam adequadamente aos processos metafóricos e de mesclagens conceptuais que subjazem às expressões aqui investigadas. Cremos que, ao optarmos pelas duas teorias, pudemos ter uma visão abrangente dos processos envolvidos na geração do sentido das EIs e suas respectivas DPs, sejam eles metafóricos ou literais. Esperamos, por meio dessas escolhas, termos trilhado um caminho que possa colaborar para os estudos ligados à uma melhor compreensão sobre o pensamento e a linguagem.

Partimos da seguinte hipótese básica: a multimesclagem, complementada pela Teoria da Metáfora Conceptual, permite a geração de um sentido, derivado das projeções tanto das EIs quanto de suas respectivas DPs. E, como hipóteses secundárias, tínhamos: (i) a estrutura interna da rede de integração conceptual envolve uma projeção seletiva e sucessiva de mesclagens conceptuais das quais participam elementos figurados e literais; (ii) as DPs, vistas isoladamente, como ilustração literal e, dependendo das escolhas para sua composição visual, nem representam a idiomatidade nem a literalidade, a não ser que estejam acompanhadas de sua expressão verbal (a EI) e (iii) a diagramação da estrutura interna da rede de integração conceptual permite perceber que a EI nem sempre é processada *on-line*, dado que depende daquilo que é projetado de cada uma das modalidades (verbal e não-verbal), assim como do contexto ou do pré-conhecimento do indivíduo.

Para demonstrar o percurso trilhado desta pesquisa, dividimos esta tese da seguinte maneira: o primeiro capítulo, a “Introdução”, trata de algumas considerações iniciais, justificativas, questões-problema e hipóteses. O segundo capítulo, intitulado “Expressões idiomáticas e desconstruções pictóricas: produtos do sistema conceptual” trata de questões ligadas à EI e à metaforicidade, buscando discutir aspectos mais centrais desses conceitos e vinculando-os às desconstruções pictóricas. O terceiro capítulo, “*Blending e megablending – Teoria da Integração Conceptual*”, traz uma síntese das questões atinentes à integração conceptual, mais especificamente à

---

<sup>4</sup> Ao longo de todo trabalho procuramos utilizar uma forma padronizada, ou seja, ao invés da palavra inglesa *blending*, utilizamos sua tradução – mesclagem, a não ser que se torne imprescindível o uso em língua original.

multimesclagem (*megablending*)<sup>5</sup>, discutindo estudos que se ocupam na compreensão de algumas expressões. No quarto capítulo, “Aproximação das teorias: Metáfora Conceptual (TMC) e Integração Conceptual (TIC)”, pretendemos apresentar, com base em Grady (2005), Coulson e Oakley (2000) e Oakley (2005) uma aproximação entre as duas teorias que dão suporte a este estudo, a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Integração Conceptual. No quinto capítulo, “Procedimentos metodológicos: na trilha da geração do sentido”, descrevemos um modelo aplicável à análise de expressões figurativas suas respectivas desconstruções pictóricas tais como as selecionadas para este estudo para, no sexto capítulo, “Análises, aplicações e reflexões”, procurarmos dar conta da estrutura interna das redes de integração conceptual. E, finalmente, apresentamos, no último capítulo, nossas conclusões.

---

<sup>5</sup> Em geral, usa-se o termo na língua original – *megablending* – ou *blending* múltiplo. Ao longo de todo nosso estudo usaremos o termo multimesclagem, por entendermos que sintetiza a ideia de múltiplas mesclagens sucessivas.

## **2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E DESCONSTRUÇÕES PICTÓRICAS: PRODUTOS DO SISTEMA CONCEPTUAL**

### **2.1 Considerações iniciais.**

Neste capítulo, pretendemos abordar três questões fundamentais que servirão de suporte a todo o trabalho de tratamento e análise dos dados. A primeira destas grandes questões diz respeito aos estudos no âmbito da problemática da linguagem metafórica. Centramos nossa atenção em uma breve abordagem acerca desse tema e salientamos aquilo que, pela sua atualidade e pertinência, fornece mais elementos teóricos como suporte do presente trabalho. A segunda questão prende-se com o próprio objeto de estudo: a idiomaticidade. É feita uma caracterização, apoiada em estudos no âmbito da Linguística Cognitiva e suas particularidades, nomeadamente do seu caráter criativo. Uma última perspectiva abordada trata da desconstrução pictórica e como ela pode se manifestar metaforicamente. Nessa seção, o foco estará nas possíveis aparências que a metáfora pode ter que não são, ou pelo menos não exclusivamente, verbais. A ênfase recairá sobre manifestações pictóricas da metáfora em contraste com as verbais.

De forma reduzida, este pretende ser um capítulo que introduz e situa as questões ligadas à linguagem metafórica seja ela apresentada em forma de metáforas ou expressões idiomáticas verbais ou desconstruções pictóricas (não-verbais). Assim, o estudo dessas modalidades não surge como um fim em si mesmo, mas como um modo de melhor compreender a forma e o conteúdo das EIs e das DPs e, conseqüentemente, os mecanismos geradores do sentido metafórico/literal que são o nosso objeto de análise.

### **2.2 Conceitos norteadores do idiomatismo: definição e compreensão das EIs.**

As EIs têm sido fonte de intrigantes questionamentos já que muito se discute acerca da somatória de seus componentes não ser igual ao significado que produz. Sob a perspectiva da composicionalidade há um amplo debate. A maioria dos autores defende que os itens individuais não contribuem diretamente para a composição do significado

metafórico. No entanto, para Fauconnier e Turner (2003) as palavras são “guias interpretativos” e, portanto, são utilizadas para restringir e/ou minimizar o significado que têm e possuem uma alta potencialidade na geração do sentido. Afinal, a expressão “encontrar uma agulha num palheiro” é totalmente diferente de “encontrar uma agulha na gaveta”, por exemplo.

A significação, ou mais precisamente os itens lexicais integrantes de uma EI, não são determinados por uma realidade física dos objetos no mundo nem por uma realidade pré-estabelecida, tendo a experiência que vive o indivíduo como uma construção fruto da cognição humana. Por esse motivo, algo como uma EI reflete ações do cotidiano e seu uso determina uma maneira de ser individual e coletiva ao mesmo tempo.

As EIs podem ser definidas por diferentes óticas mas há uma que envolve aspectos que englobam uma parte significativa de nossa concepção sobre o assunto. Isso é feito por Kövecses (2002, p. 201) e Kövecses e Szabó (1996, p. 326)

muitas, ou talvez a maioria das EIs seja produto de nosso sistema conceptual, e não simplesmente uma questão de linguagem (ou seja, uma questão de léxico). Uma EI não é apenas uma expressão que tem significado que é de alguma maneira especial em relação aos significados de suas partes constituintes, mas ele surge de nosso conhecimento mais geral do mundo (corporificado em nosso sistema conceptual). Em outras palavras, as EIs (ou, pelo menos, a maioria delas) são conceptuais, e não linguísticas, por natureza (tradução nossa).<sup>6</sup>

Dessa citação, podemos ressaltar conceitos que envolvem diretamente algumas questões de alta relevância para nosso estudo: (i) as EIs são produtos de nosso sistema conceptual; (ii) as EIs não são simplesmente uma questão de linguagem (ou seja, uma questão de léxico) e (iii) as EIs surgem de nosso conhecimento geral do mundo corporificado.

(i) *As EIs são produtos de nosso sistema conceptual* - É muito sugestiva essa afirmação. Lakoff (1987, p. 227-228) já afirmava que “o sistema da metáfora conceptual convencional é, na maioria das vezes, inconsciente, automático e é usado como um esforço notável, assim como nosso sistema linguístico e o resto de nosso

---

<sup>6</sup> Many, or perhaps most, idioms are products of our conceptual system, and not simply a matter of language (i.e. a matter of the lexicon). An idiom is not just an expression that has meaning that is somehow special in relation to the meanings of its constituent parts, but it arises from our more general knowledge of the world (embodied in our conceptual system). In other words, idioms (or, at least, the majority of them) are conceptual, and not linguistic, in nature.

sistema conceptual”<sup>7</sup>. Os Linguístas Cognitivos assumem que nosso sistema conceptual é estruturado pelas metáforas conceptuais e metonímias, ou seja, uma parte significativa de nossos conceitos abstratos é entendida por meio de outros termos, conceitos mais concretos. Na concepção de Johnson (1980) conceituamos o mundo por meio de metáforas básicas, adquiridas por meio de uma interação (emocional, física, mental e/ou cultural) com o ambiente externo. Dessa forma, esses autores (1980, p. 3) afirmam que nosso sistema conceptual comum, em termos dos quais nós pensamos e agimos é fundamentalmente metafórico por natureza.

(ii) *As EIs não são simplesmente uma questão de linguagem (ou seja, uma questão de léxico)* - Os indivíduos usam a linguagem idiomática em sua vida diária (o mesmo é dito para a metáfora), mesmo que isso não seja um ato consciente. Uma ideia importante na ciência cognitiva contemporânea é que a metáfora (e, portanto, a EI) não é apenas um aspecto da linguagem (GIBBS et al., 1997), mas constitui uma parte significativa da cognição humana (JOHNSON, 1987, LAKOFF, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1980, SWEETSER, 1990). Muitos conceitos, especialmente os abstratos, são parcialmente estruturados via mapeamento metafórico da informação de um domínio-alvo familiar (esse é um tema que voltaremos a discutir com maior profundidade no capítulo das análises das EIs de nosso *corpus*). Moura (2007, p. 418) afirma que a força cognitiva da metáfora está em garimpar no velho (paradigmas e sintagmas pré-definidos) o novo (a carga cognitiva de uma metáfora). Nessa perspectiva, o autor afirma que é natural que haja uma boa dose de convenção na interpretação de qualquer metáfora, mesmo as mais criativas.

(iii) *As EIs surgem de nosso conhecimento mais geral do mundo corporificado* - O corpo figura nesse universo como uma forma de expressão desse sistema conceptual. Para Lakoff e Johnson (1980, p. 59) as pessoas conceptualizam o “não físico” em termos do “físico”<sup>8</sup>, e a fonte principal de nossa experiência física no

<sup>7</sup> the system of conventional conceptual metaphor is mostly unconscious, automatic, and is used with no noticeable effort, just like our linguistic system and the rest of our conceptual system

<sup>8</sup> Lakoff e Johnson (1980a, p. 99) afirmam que o mais importante que devemos acentuar acerca das bases dos conceitos metafóricos é a distinção entre a experiência e a forma como a conceptualizamos. Dizer que conceptualizamos o que não é físico em termos do que é físico é dizer que conceptualizamos o que é menos claramente delineado em termos do que é mais delineado. Por exemplo, em “Harry está na cozinha”, “Harry está nos Elks” e “Harry está enamorado”, as três orações se referem a três domínios

mundo é nosso corpo e sua interação com o meio ambiente. As afirmações de Johnson (1987, p. 209) complementam essa asserção quando afirma que “não há nenhum aspecto de nosso entendimento que seja independente da natureza do organismo humano”<sup>9</sup>. Essas visões sugerem que um dos domínios fonte que é mais predominante nas projeções para domínios alvo é o corpo humano. Tal hipótese não é nova de fato; conceitos e termos de domínios mais familiares são usados para entender o objeto em questão. Os princípios postulados por Helne (1995) demonstram que o corpo humano é nossa fonte primária da experiência e desempenha um papel crucial no entendimento humano e isso ocorre nas EIs. Quanto a isso nos deteremos em uma seção específica, de tal forma que englobamos não somente o corpo, mas esse corpo visto como um recipiente.

O experiencialismo afirma que a estrutura conceptual é significativa porque ela é corporificada, ou seja, ela emerge de nossas experiências corporais preconceptuais<sup>10</sup>. Em resumo, a estrutura conceptual existe e é entendida porque as estruturas preconceptuais existem e são entendidas.

O linguísta George Lakoff e o filósofo Mark Johnson já em 1980 ofereciam evidência convincente de que as metáforas podem realmente ser a *principal maneira de operação mental* das pessoas. Eles argumentam que, devido ao fato de que a mente é "corporificada" – isto é, experimenta o mundo por meio do corpo no qual reside – as pessoas não podem deixar de formar um conceito do mundo em termos de percepções corporais. Nossos conceitos de DENTRO-FORA, ACIMA-ABAIXO, FRENTE-FUNDOS, LUZ-ESCURIDÃO, e CALOR-FRIO são todos relacionados às orientações e percepções adquiridas por meio de nossos sentidos corporais.

Os autores (1980) sugerem que as metáforas por meio das quais as pessoas expressam os conceitos abstratos influenciam na maneira como elas os entendem. Na obra *Metaphors We Live By* apresentam diversas metáforas usadas comumente para as ideias conceptuais. A título de exemplo, apresentamos uma metáfora e

---

distintos da experiência: espacial, social e emocional, nenhum deles tem prioridade experiencial sobre os outros, os três são tipos de experiência igualmente básica. Para esses autores, sem as metáforas que se baseiam em simples conceitos físicos – ACIMA-ABAIXO, DENTRO-FORA, objeto, substância, etc. – os mais básicos em nosso sistema conceptual, e sem os quais não podemos funcionar no mundo – não poderíamos raciocinar ou nos comunicarmos.

<sup>9</sup> [t]here is no aspect of our understanding that is independent of the nature of the human organism.

<sup>10</sup> Lakoff e Johnson (1999, prefácio, p. xiv) afirmam que o pensamento é corporificado, ou seja, as estruturas usadas para colocar juntos nossos sistemas conceptuais emergem de nossa experiência corporal e faz sentido em termos dela. O centro de nossos sistemas conceptuais está diretamente baseado na percepção, movimento do corpo e experiência de um caráter físico e social.

algumas das expressões metafóricas envolvendo IDEIAS e ALIMENTOS – IDEIAS SÃO ALIMENTOS (1):

(1) Metáfora: IDEIAS SÃO ALIMENTOS (IDEAS ARE FOOD, LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 85; GRADY, 1997, p. 75, KÖVECSSES, 2002, p. 73)

Expressões: (i) O que ele disse deixou um *gosto ruim* em minha boca.

(ii) Isso não passa de *ideias mal assadas e teorias queimadas*.

(iii) Não posso *digerir* todas essas ideias novas.

(iv) Eu simplesmente não posso *engolir* essa afirmação.

(v) Essa é uma ideia que você pode realmente *mastigar*.

(vi) Isso é *alimento* para o pensamento.

A partir desse último exemplo, fica evidente que na EI está envolvida a metafóricidade e isso é reforçado por um estudo feito por Gibbs e O'Brien (1990, p. 50-82). Analisando três experiências feitas com falantes nativos do inglês para investigar a relação entre as imagens mentais, a motivação metafórica e as EIs esse autores chegaram às seguintes conclusões:

- a) Há fortes imagens mentais associadas a frases idiomáticas e essas imagens são determinadas para metáforas conceptuais que indicam transparência de informação de um domínio fonte (conhecimento de *spill the beans* (revelar segredos, por exemplo) para um domínio alvo (conhecimento de revelar segredos);
- b) As metáforas conceptuais motivam o significado figurado das expressões idiomáticas;
- c) As imagens mentais são parecidas ou iguais quando o significado figurativo de duas expressões for igual, mesmo que haja diferença na forma de superfície. Ex.: *spill the beans*<sup>11</sup> e *let the cat out of the bag*<sup>12</sup>;
- d) Para uma expressão idiomática das metáforas conceptuais que indique revelação de segredos dominam as descrições dos entrevistados: A MENTE É UM RECIPIENTE (THE MIND IS A CONTAINER) e IDEIAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS (IDEAS ARE PHYSICAL ENTITIES)<sup>13</sup>. Essas descrições se referem às imagens

<sup>11</sup> Divulgar um segredo.

<sup>12</sup> Revelar o segredo.

<sup>13</sup> Essas ideias, como foi dito em relação à hipótese da metáfora conceptual anteriormente, vêm tanto de Gibbs (1990), Lakoff (1980; 1987) e estes dois exemplos provém de King (1999).

mentais para frases como *keep it under the hat*<sup>14</sup> e *button your lip*<sup>15</sup>. Os entrevistados imaginaram recipientes como: caixas, chapéus, bocas, mãos que fechadas, prendiam objetos que eram segredos, tais como animais e mensagens escritas em pedaços de papel;

- e) O que se constata é que um alto grau de repetição nas imagens dos sujeitos pode explicar o fato de as metáforas relativas a certas experiências como revelar segredos serem pouco numerosas.

Essas conclusões nos levam a pensar que o processamento de uma EI depende de diferentes fenômenos e instrumentos interativos. Há uma complementaridade que explora as contingências e os ambientes físicos que influenciam na geração do sentido metafórico e em outra escala envolve o fato de como os indivíduos se aproveitam dos contextos apresentados para colocar seu raciocínio em atividade.

Kövecses (2002, p. 200) assegura que a visão tradicional acredita que EIs são criadas pela combinação de palavras individuais, e que as EIs não estão, de fato, relacionadas e não são conceptuais. Em oposição a isso, este autor sugere que a maioria das EIs é “conceptual, e não linguística, por natureza”<sup>16</sup> (2002, p. 201), significando que metáforas subjacentes motivam essas expressões.

Além disso, Kövecses (2002, p. 202) assume que os domínios conceptuais podem ser usados para entender conceitos abstratos, por exemplo na expressão (2)

(2) *The fire between them finally went out.*

O fogo entre eles finalmente se apagou.

Nesse caso, a metáfora conceptual subjacente é O AMOR É FOGO e tem como sentido que o amor que existia entre duas pessoas acabou. A imagem mental de “*um fogo se apagando*” evidencia isso. A consciência de que muitas EIs são conceptualmente motivadas e podem ser agrupadas sob um mesmo conceito pode favorecer sua compreensão (KÖVECSES, 2003, p. 200 – 206). Portanto, afirmar que as EIs são conceptualmente motivadas é afirmar que há mecanismos cognitivos (tais como

<sup>14</sup> Manter em segredo, guardar sigilo

<sup>15</sup> Cale a boca (EUA gíria)

<sup>16</sup> Conceptual, and not linguistics, in nature.

metáforas, metonímias e conhecimento convencional) que ligam o significado literal ao significado metafórico idiomático. Essa visão é compartilhada por Gibbs (1997, p. 142): “as EIs não existem como unidades semânticas separadas dentro do léxico, mas verdadeiramente refletem sistemas coerentes de conceitos metafóricos”<sup>17</sup>. Esse é um dado relevante tanto do ponto de vista de quem estuda EIs verbais quanto não-verbais e, levando em conta que nosso estudo incorpora esses dois aspectos e que a desconstrução pictórica é literal, essa informação se realça e apóia nossas análises.

Mas, como em qualquer discussão científica, nem todos os estudiosos concordam quanto ao que venha a ser uma EI ou como defini-la. No entanto, embora os estudiosos discordem quanto à definição das EIs, eles parecem concordar em um ponto, qual seja, que entender uma EI literalmente compromete sua etimologia ou valor cultural. Nunberg et al. (1994, p. 492), por exemplo, apresentam a seguinte definição e classificação:

Tentativa de oferecer definições categóricas do que sejam as EIs, com critério único, sempre induzem, em algum grau, ao erro [...], a “expressão idiomática” é aplicada a categorias pouco nítidas, definidas por um lado pela quantidade extensiva de exemplos prototípicos como *kick the bucket*, do inglês, [...] e por outro, por oposição implícita para categorias relacionadas como uma fórmula, frases fixas, colocações, clichês, ditos populares, provérbios e alusões [...], as expressões idiomáticas ocupam uma região em um espaço lexical multidimensional, caracterizado por um número de propriedades distintas: semântica, sintática, poética, discursiva, e retórica (tradução nossa).<sup>18</sup>

Um aspecto que restringe aquilo que é considerado como uma EI é a geração de seu significado. Os significados das EIs podem ser vistos como motivados e não arbitrários. A motivação para a ocorrência de determinadas palavras em um amplo número de EIs pode ser pensada como um mecanismo cognitivo que liga domínios de conhecimento a significados idiomáticos. Um é um domínio tipicamente bem delineado, familiar, concreto e o outro um domínio menos delineado, menos familiar, domínio abstrato. O primeiro é chamado de domínio-fonte, o segundo de domínio-alvo. O domínio-fonte oferece um entendimento sobre o alvo. Os conceitos relativos a emoções

---

<sup>17</sup> Idioms do not exist as separate semantic units within the lexicon, but actually reflect coherent systems of metaphorical concepts.

<sup>18</sup> Attempts to provide categorical, single-criterion definitions of idioms are always to some degree misleading [...] “idiom” is applied to a fuzzy category defined on the one hand by ostension of prototypical examples like English *kick the bucket* [...] and on the other by implicit opposition to related categories like formulae, fixed phrases, collocations, clichés, sayings, proverbs, and allusions [...], “idiom” occupy a region in a multidimensional lexical space, characterized by a number of distinct properties: semantic, syntactic, poetical, discursive, and rhetorical (Nunberg et al. , p. 492).

e conceitos denotando relacionamentos pessoais são particularmente susceptíveis ao entendimento metafórico.

Para Kövecses e Szabó (1996, p. 330), mecanismos que parecem ser especialmente relevantes no caso de muitas EIs são a metáfora, a metonímia e o conhecimento convencional. Devido à amplitude de cada um desses temas, detemo-nos, nesse estudo, apenas nos mecanismos metafóricos e nas estruturas internas das mesclagens conceptuais em busca da geração do sentido metafórico. Vejamos como os autores apresentam a motivação conceptual para muitas das EIs:

- significado idiomático: o significado global especial de uma EI.
- mecanismos cognitivos: metáfora, metonímia e conhecimento convencional (= domínio(s) de conhecimento).
- domínio(s) conceptual(ais): um ou mais domínios de conhecimento.
- formas linguísticas e seus significados: as palavras que compreendem uma EI, suas propriedades sintáticas, junto com seus significados.

Temos dito até aqui que há uma parcela significativa de metaforicidade envolvida na significação de uma EI, então, torna-se fundamental entendermos qual o papel dessa metaforicidade e qual sua influência na formação dessa EI. Afinal, como afirma Coimbra (1999, p. 47), a palavra "metáfora" é assumida, no sistema conceptual, como uma projeção interdominial, ou seja, entre um domínio fonte (*source domain*), que serve como ponto de referência e onde se buscam conceitos e terminologia, e um domínio-alvo (*target domain*), aquele que é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo primeiro<sup>19</sup>.

Dessa forma, o termo "expressão metafórica" refere-se à expressão linguística (palavra, sintagma, frase) que realiza a projeção entre os domínios. Por esse motivo, afirma Coimbra (1999), uma das novidades dessa teoria é a da reformulação da relação sentido literal/metafórico.

---

<sup>19</sup> Para Forceville (2007), os dois termos metafóricos, fonte e alvo, são partes de redes que serão referidos como domínios fonte e alvo respectivamente. Uma vez que os domínios conceptuais são convencionalmente indicados por letras maiúsculas para distingui-los de suas instanciações verbais (Lakoff e Johnson [1980] iniciaram esse uso). Não se pode esquecer, no entanto, que não há um elo natural ou exclusivo entre um dado alvo e uma fonte. Ao rótulo escolhido para um domínio podem pertencer certos alvos e fontes e isso pode ter consequências para a futura interpretação da metáfora e, consequentemente, de suas EIs. Há um relacionamento estrutural entre um número de elementos no domínio fonte e elementos correspondentes no domínio alvo, que capacitam os mapeamentos de traços da fonte para o alvo. É normalmente o caráter estrutural dos mapeamentos que, segundo Forceville, torna as metáforas interessantes, perspicazes e persuasivas. Mas, afirma o autor, a não ser que o contexto no qual a metáfora aparece nos ofereça detalhes sobre quais traços devem ser mapeados, o intérprete da metáfora deve decidir por si mesmo. Estes traços, por sua vez, não são isolados mas ligados uns aos outros.

Um outro autor que pretende desmistificar o entendimento da metáfora é Forceville (2007a). Nos termos desse autor

O que acontece em uma metáfora é que pelo menos um traço tipicamente associado com a fonte (e, por essa razão vem do domínio-fonte) é projetado (Black) ou mapeado (Lakoff; Johnson) no alvo. É importante notar que a fim de tornar a metáfora possível, em primeiro lugar deve haver algum tipo de semelhança entre o alvo e a fonte, é esta similaridade que é a base na qual a *diferença* entre os dois se torna produtiva. Por exemplo, em “O amor é um campo de batalha” uma semelhança mínima entre os dois domínios é aquela na qual as duas partes estão empenhadas em um tipo de relacionamento entre si (tradução nossa).<sup>20</sup>

A partir dessas afirmações, o autor nos leva a concluir que

- (1) Por definição, nem todos os traços ou características de uma fonte são mapeáveis. De fato, apenas uma parte é, enquanto a vasta maioria não o é. Como exemplo pode ser citado o fato que batalhas modernas que são travadas com armas e tanques não tem nenhum contraparte imediato no domínio-alvo de amor. Quais traços serão mapeados depende de muitas circunstâncias;
- (2) Nem a decisão de quais traços da fonte devem ser mapeados, nem como esses traços são rotulados, nem os traços no alvo com o qual eles são misturados, são necessariamente auto-evidentes. Nesse sentido, a interpretação de cada metáfora requer trabalho do intérprete. Algumas vezes, o contexto no qual a metáfora aparece dá pistas aos intérpretes de quais traços devem ser mapeados, mas frequentemente não é esse o caso, e dependerá de como o intérprete (e suas experiências pessoais, seu conhecimento, sua cultura) decidirá sobre os traços mapeáveis;
- (3) Algumas vezes, a metáfora sugere o mapeamento de um único traço. Quando se chama um chefe de asno, por exemplo, é provável que o traço que se pretende que o interlocutor mapeie do domínio-fonte ASNO para o domínio-alvo CHEFE seja apenas a “estupidez”;
- (4) Metáforas oferecem uma visão nova ou alternativa de um dado domínio-alvo ligando-o com um domínio-fonte não esperado, ou pelo mapeamento de traços não explorados de um domínio-fonte familiar para o alvo. Isso acontece porque o

---

<sup>20</sup> What happens in a metaphor is that at least one feature typically associated with the source (and therefore coming from the source domain) is projected (Black) or mapped (Lakoff e Johnson) onto the target. It is important to note that in order to make a metaphor possible in the first place, there must be some sort of resemblance between the target and the source, it is this similarity that is the basis on which the *difference* between the two can become productive. For instance, in “Love is a battlefield”, a minimal resemblance between the two domains is that in both two parties are engaged in a type of relationship with one another.

domínio-fonte escolhido, que tem uma certa estrutura, é realçado em um domínio-alvo similar, frequentemente uma estrutura latente. Diferentes tipos de domínios-fonte realçam diferentes estruturas no domínio-alvo.

Sardinha (2007, p. 33-34), por seu lado, favorece-nos com aspectos relevantes da metáfora que complementam as colocações de Forceville (2007a). Para esse autor as metáforas conceptuais

- (a) São convencionais, ou seja, são inconscientes (no sentido de que não nos damos conta de que as usamos). Elas não parecem metáforas, no sentido tradicional (de uma figura de linguagem deliberada, usada para enfeitar, para fazer um truque de linguagem) assim, elas se confundem com o senso comum;
- (b) “Licenciam” ou “motivam” as expressões linguísticas metafóricas. Sem esse licenciamento ou motivação as expressões metafóricas não teriam sentido imediato, aparente. Por exemplo, poderíamos inventar uma expressão metafórica como “ele está subindo na árvore” para significar a metáfora conceptual BOM É PARA CIMA. Mas como essa expressão não está licenciada pela metáfora conceptual, a expressão perde o sentido desejado, sendo provavelmente interpretável somente de modo literal;
- (c) São culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura. Em outras palavras, elas não dependem da vontade do indivíduo;
- (d) O corpo humano é a origem de muitas metáforas conceptuais. Por exemplo, quando abraçamos alguém de quem gostamos ou levamos no colo uma criança para demonstrar carinho, estamos exercendo a metáfora conceptual AFEIÇÃO É CALOR;
- (e) Raramente há metáforas conceptuais que sejam também expressões metafóricas. Um exemplo dado pelo autor é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, que licencia expressões metafóricas como “economizar tempo”, “gastar tempo” e a própria “tempo é dinheiro”.

Observemos como isso é aplicado na análise de uma dada metáfora. (3)

(3) LOVE IS A BATTLEFIELD.

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA.

Nesse caso, na concepção dos autores, há uma mínima semelhança entre os dois domínios (fonte e alvo). Em ambos, duas partes estão engajadas em um tipo de

relacionamento entre si. É possível se postular que o objetivo de matar o inimigo é um traço mapeado de campo de batalha para o amor. Outros traços que se qualificam para o mapeamento podem ser: fazer vítimas, ser caro em termos de vida e material, ser causa de miséria. Apenas alguns traços são mapeados, aqueles que estejam ligados uns aos outros, há um relacionamento entre um certo número de elementos no domínio fonte e elementos correspondentes no domínio alvo, que capacita o mapeamento da fonte para o alvo.

Certamente que há tipos de elaboração cognitiva que se diferenciam de pessoa para pessoa, desencadeando diferentes significações, mas é possível se dizer que no caso do exemplo (3) que o item lexical “*love*” (amor) faz parte de uma rede que inclui conceitos, tais como: amantes, paixão, sexo, casamento, respeito, sacrifício, rosas e assim por diante (FORCEVILLE, 2007a). Para esse autor, essa rede pode ser amplamente ampliada, sendo que as extensões são conectadas ao “amor” de forma convencional, razoavelmente aceita. A fonte, “*battlefield*” (campo de batalha) é similarmente parte de uma rede de conceitos. Essa rede inclui: soldados, vítimas, feridos, sofrimento, mágoa, vitoriosos, perdedores, derrotados dentre outros. Mas, as redes consistem de mais que meras palavras ou conceitos e suas denotações. As redes, segundo Forceville, incorporam uma riqueza de conceitos relacionados, atitudes, valores culturais, crenças, ações potenciais. Essas correlações mostram como os conceitos se estabelecem e como se pode negociar esses sentidos, construindo-se conceptualizações significativas para geração do significado. Dessas conceptualizações emergem as trilhas nas estruturas internas das redes de integração conceptual que resultam na geração do sentido metafórico.

Algo que é recorrente no estudo das EIs é o quanto a corporificação influencia sua compreensão. A corporificação, ou mais especificamente o corpo como recipiente, é parte significativa do processo de criação e identificação das EIs de nosso *corpus*, motivo pelo qual dedicamos algum espaço para refletir sobre esta questão.

### 2.2.1 O CORPO É UM RECIPIENTE.

Como o corpo figura como uma forma de expressão do sistema conceptual e nosso *corpus* tem na metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE a metáfora base de outras

duas metáforas subjacentes, assim como das EIs, dedicamos esse espaço para alguma reflexão sobre essa metáfora. Levamos em conta que nosso estudo contém uma apresentação de algumas estratégias importantes pelas quais a mente humana atribui significado e consegue uma economia de memória ao ativamente procurar pelo sentido metafórico das EIs.

Baseado no fato de os seres humanos entenderem o mundo físico que os circunda através de experiências referentes a suas próprias dimensões físicas, não é difícil entender que a mente organize nossos pensamentos e ações através de estruturas relacionadas a nossos corpos, como apontado por Johnson (1987). Em outras palavras, nossa mente é corporificada e a forma através da qual nós concebemos a realidade e a estrutura de nossa percepção é determinada pela corporificação. Lakoff e Johnson (1980, p. 29) vão além, assegurando que “cada um de nós é um recipiente com uma superfície e uma orientação dentro-fora”<sup>21</sup> e a noção de continente é conectada com a primeira percepção de um ser humano como tal. Johnson (1987) também aponta que, em nossa existência, nós constantemente experienciamos nossos corpos como coisas em recipientes, por exemplo, em prédios, ou veículos, e assim por diante. Por essa razão, o esquema do recipiente pode se aplicar a muitos diferentes aspectos da realidade, incluindo os abstratos, tais como estados e atividades. No entanto, o fenômeno de corporificação ainda é um problema a ser mais intimamente investigado, dado que se torna difícil situar essa amplitude de possibilidades corporais e sua circunscrição ao ambiente sensoriomotor, mantendo ainda a centralidade na investigação do significado em relação ao meio em que se vive.

Esses são aspectos para os quais voltamos nossa atenção dado que é importante se ter uma ideia precisa dos efeitos dessa metáfora (O CORPO É UM RECIPIENTE). Entender o corpo como recipiente implica em que nosso sistema conceptual imponha uma estrutura de RECIPIENTE em uma variedade de coisas que não são recipientes de fato. Isso se deve, nas palavras de Kövecses (1990, p. 145), ao fato de que há certos conceitos diretamente emergentes, como recipientes, com uma clara estrutura que pode ser utilizada para entender conceitos que não têm uma estrutura muito clara. Nesse caso, de acordo com esse autor (1990, p. 152), a metáfora do RECIPIENTE nos permite fazer mais que dar sentido a certas expressões linguísticas. Ela

---

<sup>21</sup> Each of us is a container, with a bounded surface and an in-out orientation.

também nos ajuda a entender porque temos algumas das teorias populares acerca das pessoas.

Algumas metáforas são perfeitamente naturais para nós e são partes integrantes de um modelo que analisa o mundo através do corpo. Esse é o caso da metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE (THE BODY IS A CONTAINER), apresentada por Kövecses (1990, p. 145) e Lakoff e Johnson (1980) que autorizam entender nossos corpos como corpos físicos finitos que têm fronteira com o mundo e é por meio de nossa pele que percebemos o mundo que está do lado de fora.

Um trecho do livro de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) exemplifica claramente a situação de um corpo tido como um recipiente:

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em **recipientes** a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá ‘enchendo’ os **recipientes** com seus depósitos, tanto melhor será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1970, p. 66, grifo nosso)

Essa é uma crítica ao tipo de ensino/aprendizagem praticado nas escolas. Mas, o que nos interessa nesse trecho é o estilo usado por Paulo Freire para explorar esse assunto. Ele se apropria de metáforas do corpo como sendo um *recipiente*, quando apresenta o corpo (o aluno) como “vasilha”, que deve ser “enchida”.

Com base em uma série de expressões tais como “ele estava fervendo de raiva”, “ela quase explodiu” e “porque você não esfria a cabeça?” Kövecses (1990) sugere que um Modelo Cognitivo Idealizado de RAIVA, amplamente difundido, possivelmente universal, pode ser expresso por meio da metáfora (4)

(4) ANGER IS A HEAT FLUID IN A CONTAINER.

A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE

Elementos importantes no domínio fonte dessa metáfora são: calor, pressão interna e agitação. Sendo assim, a metáfora operaria da seguinte forma:

O recipiente com o fluido é a pessoa que está com raiva; o fluido no recipiente é a raiva; a pressão do fluido no recipiente é a força da raiva sobre a pessoa; a causa da pressão é a causa da força da raiva; tentar manter o fluido dentro do recipiente é tentar controlar a raiva; o fluido saindo fora do recipiente é a expressão da raiva; a falta de funcionalidade física do

recipiente é a falta de funcionalidade social da pessoa com raiva (KÖVECSES, 2000, p.155)<sup>22</sup>.

Forceville (2005, p. 72) amplia esses mapeamentos (*mappings*) metafóricos: o aumento do nível de fluído corresponde à intensidade de crescimento da raiva; e um calor intenso produz vapor e causa pressão no *recipiente*, resulta no aumento de temperatura do corpo da pessoa com raiva, o que, por sua vez, aumenta o risco de uma eventual explosão.

O indivíduo é um ser conceptualizador que é ativo e que está exposto a uma variedade de situações que constroem sua experiência e cujos conhecimentos se tornam contextualmente disponíveis, equacionando significados e conceptualizações. Kövecses (1989), por outro lado, afirma que nem todas as metáforas do RECIPIENTE funcionam da mesma forma. Metáforas como A MENTE É UM RECIPIENTE (MIND IS A CONTAINER) e O CORPO É UM RECIPIENTE (THE BODY IS A CONTAINER) correspondem ao corpo humano, ou partes dele que têm entidades ou substâncias em seu interior e ambas são usadas para conceptualizar alguns aspectos dos seres humanos.

Isso, de certa forma, se estende ao nível da linguagem e do pensamento, como afirmado por Lakoff (1999, p. 292), “o significado não é uma coisa; envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significação deriva da experiência do funcionamento como um ser de um certo tipo em um meio ambiente de um certo tipo”.<sup>23</sup> Dessa forma, como nossas ações estão diretamente ligadas às nossas percepções, que são individuais e relacionam-se à cultura de cada indivíduo, podemos dizer que as noções de significado único e de verdade absoluta são falsas, pois elas vão depender da experiência de mundo vivida por cada um, lembrando que essa experiência acontece em um ambiente cultural que é subjacente a toda interação social.

O sistema conceptual do homem, portanto, surge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Nas colocações de Lakoff e Johnson (1980, p. 57-58) estamos diante de experiências que são mais físicas (como andar, sentar, levantar, estar de pé) e experiências mais culturais (o sentido de certos

---

<sup>22</sup> The container with the fluid is the person who is angry; the fluid in the container is the anger; the pressure of the fluid on the container is the force of the anger on the angry person; the cause of the pressure is the cause of the anger; trying to keep the fluid inside the container is trying to control the anger; the fluid going out of the container is the expression of the anger; the physical dysfunctionality of the container is the social dysfunctionality of the angry person (KÖVECSES, 2000, p. 155)

<sup>23</sup> Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort.

alimentos, relações conjugais, cerimônias como o casamento, batismo dentre outros). Isso tem uma influência direta no entendimento e processamento das EIs na medida em que, segundo Gibbs e O'Brien (1990), as metáforas conceptuais motivam o significado figurado das EIs.

As metáforas geradoras de EIs como as de nosso estudo fazem emergir uma ampla variedade de repertório linguístico, motivo pelo qual agrupamos todas as expressões linguísticas sob a metáfora-base O CORPO É UM RECIPIENTE, metáfora esta geradora das outras duas: ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS. Uma motivação para a escolha dessa metáfora vem do que é dito por Lakoff (1987, p. 271):

O esquema do RECIPIENTE define a distinção mais básica entre dentro e fora. Entendemos nossos próprios corpos como RECIPIENTES – talvez a coisa mais básica que fazemos seja ingerir e excretar, colocar ar nos pulmões (inspirar) e expirá-lo<sup>24</sup>.

Portanto, nosso *corpus* consiste de projeções que são baseadas nas relações entre uma metáfora-base e outras duas subjacentes, sugerindo que os atos de CALAR (“digerir” a ideia de alguém involuntariamente) ou FALAR (expressar ideias) são uma extensão da outra e ambas estão baseadas na corporificação em nossas experiências em movimento dentro e fora do corpo, ou do recipiente. Esse repertório é constituído de expressões linguísticas. Sendo assim, estamos diante de uma situação que consiste de uma FRONTEIRA, que é um limiar entre algo EXTERIOR e outro INTERIOR.

Os elementos que estruturam esse esquema, portanto, são delimitados pelo próprio corpo humano: (a) o INTERIOR – o interior do corpo humano; (b) a FRONTEIRA – é a própria pele que recobre o corpo e estabelece o contato entre o meio ambiente e aquilo que está interno, por meio dela sentimos sensações, tato, e assim por diante e (c) o EXTERIOR – tudo aquilo que não está no interior do corpo nem na fronteira (a pele).

### 2.2.2 Expressões idiomáticas: literais ou figuradas?

Definir a interpretação literal não é tão fácil quanto aparenta. Por “literal” Lakoff (1986) entende aqueles conceitos que são diretamente compreendidos pelas

---

<sup>24</sup> The CONTAINER schema defines the most basic distinction between IN and OUT. We understand our own bodies as containers – perhaps the most basic things we do are ingest and excrete, take air into our lungs and breathe it out.

interações de nossos corpos, a estrutura que é independente do processo de projeção. Por outras palavras, o significado literal seria aquele em que as palavras são usadas e compreendidas em seu senso comum, como membro de uma categoria prototípica e nesse caso, a metáfora nos ajudaria a reorganizar nossos modelos conceituais reclassificando os conceitos sob novas categorias.

Um aspecto importante do problema de definir o termo “literal” está no fato de que muitas palavras, mas não sentenças, têm um significado literal. No entanto, tanto para palavras quanto para sentenças o contexto é de crucial importância na determinação do significado. Se tomarmos uma palavra como “gato”, isoladamente, por exemplo, muitos poderiam dizer que se trata de um animal, felino, mas quando colocada em uma sentença, com o devido contexto, seu sentido pode ganhar um novo sentido: “Aquele garoto é um gato”, não estamos falando que o garoto tem unhas grandes, pelos como o felino mas que ele é simpático, bonito e assim por diante.

Não é possível ignorar que, falar de uma expressão conceitualmente motivada envolve aspectos ligados à sua figuratividade e literalidade. Esse é um outro aspecto de interesse para nosso estudo. Além da metaforicidade que assumimos estar presente na geração do significado de uma EI, há questões voltadas para sua interpretação que podem ser direcionadas tanto para o literal quanto para o figurado. Dependendo de uma ou outra interpretação se dará um ou outro sentido à EI. Se a escolha for mais literal, a metaforicidade fica à margem da interpretação enquanto que se figurativa a metaforicidade é amplamente utilizada para seu entendimento.

O ser humano, ao pensar em proferir uma sentença, tem suas escolhas. Dentre elas a de que forma ele deseja se expressar: literalmente, ironicamente, metaforicamente dentre outras. A figuratividade, via metáfora, estende as capacidades de comunicação e conceptualização e, ainda, carrega argumentos emocionais que nos levam a alguma ação. Enfim, a metáfora é um elo entre os argumentos lógicos e emocionais. Para a lingüística cognitiva, a linguagem literal está repleta de metáforas. Desse modo, “digerir uma idéia” não é uma metáfora isolada, mas parte de outras expressões em que idéias são faladas em termos de *comida* (Lakoff e Johnson, 1980, p. 46).

O literal prove os blocos de construção do pensamento e, portanto, não pode capturar a ordem e todos os domínios. Em domínios onde não haja uma estrutura preconceptual claramente discernível para nossa experiência, importamos tais estruturas via metáfora. A metáfora nos provê com um significado de domínios compreensíveis da

experiência que não tem uma estrutura preconceptual por si mesmas. As estruturas preconceptuais são, assim, mapeadas de domínios fonte para domínios alvo.

O divisor de águas no estudo da metáfora é a obra de George Lakoff e Mark Johnson (1980), - *Metaphors we live by* (Metáforas da vida cotidiana) onde contestam os pressupostos até então estabelecidos de que a linguagem convencional é literal, de que tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas e de que apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira.

Gibbs (1994) em seu livro *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*, no capítulo 2, aborda o equívoco da visão do significado literal como algo facilmente identificável no pensamento e na linguagem, resultante da crença metafórica de que as palavras são "containers" de significados exatos e que, em enunciações, somos capazes de "passar" esses significados para os nossos interlocutores. Ele descreve tentativas teóricas de definição do literal, como a Teoria Referencial, a de Traços Semânticos e a dos Postulados de Significado, questionadas por não explicarem fenômenos como a polissemia, a ambigüidade e as inovações lexicais. O autor questiona algumas teorias do literal que não explicam a construção dos conceitos. Para ele, os cognitivistas da linha de Lakoff sugerem que tal construção é baseada no conhecimento, e que o significado literal pode ser o reflexo de tudo que se conhece sobre o conceito correspondente a uma palavra, do nosso modelo cognitivo idealizado (ICM) para tal conceito. Gibbs termina o capítulo apontando a necessidade de se formar um conceito estável de literalidade (que parece depender da cultura, do indivíduo e do contexto lingüístico), para poder distingui-la da figuração e para que se possa conduzir o debate sobre a compreensão de linguagem figurada sem o problema da multiplicidade de conceitos de significado literal implícitos nas discussões das ciências cognitivas: ora o identificam com o convencional, ora com o significado atribuído a expressões usuais de uma área específica do conhecimento (inclusive figuradas), ou com o significado literal não-metafórico (que define expressões que nunca, em condição alguma, podem ter mais que uma interpretação), ou ainda com a literalidade das condições de verdade.

De acordo com Bergen (2005), em geral, se usarmos uma frase como (5)

(5) It was a great class - the students were glued to their seat

Foi uma grande aula - os alunos estavam grudados em suas cadeiras.

alguém poderá entendê-la literalmente (alunos grudados na carteira) ou de forma figurativa (a aula estava muito boa). Portanto, é possível se dizer que a interpretação literal envolve simplesmente interpretar cada palavra na sentença e sua combinação em termos de seu significado direto – a cola (*glued*) é literalmente a cola e a cadeira (*seat*) é a cadeira. A interpretação figurativa, em contraste, requer um conhecimento de uma EI – um processamento cognitivo, no entanto, não há mais esforço cognitivo para o processamento.

Não é de hoje que se discutem questões ligadas à dicotomia figurativo/literal, ou mais especificamente, metafórico/literal. Lakoff (1994) argumenta que uma parte significativa de conceitos é metafórica, há, no entanto, casos em que estamos diante apenas de algo literal. Sendo assim, apesar de conceptualizamos o mundo que nos cerca em grande parte metaforicamente, nem tudo é metáfora. Por exemplo, a sentença (5).

(5) *The balloon went up*<sup>25</sup>

O balão subiu.

não é metafórica, mas se alguém sai da experiência física concreta para abstrações ou emoções, o entendimento metafórico pode tornar-se a norma, como em, por exemplo, “o preço da batata subiu”. No entanto, dependendo do contexto em que esteja, “o balão subiu” pode admitir um sentido metafórico diante da interpretação dada por determinado indivíduo.

A literalidade vs. figuratividade nas EIs leva a outros conceitos como opacidade vs. transparência que podem estar presentes ao mesmo tempo em uma dada expressão. Chang e Fischer (2007), apresentam uma expressão (6) que é recorrente quando se trata de exemplificar uma EI:

(6) Ele bateu as botas.

*He kicked the bucket.*

---

<sup>25</sup> Na teoria contemporânea da metáfora, como sugerido por Lakoff (1986, p. 293), o termo literal é restrito ao seguinte: o sentido deve ser diretamente significativo, sem a intervenção de qualquer mecanismo de entendimento indireto tal como a metáfora ou metonímia. Com tal definição, pode ser dito que, embora muitos conceitos abstratos sejam metafóricos, uma parte considerável de nosso sistema conceptual consiste de conceitos não-metafóricos, como no exemplo em questão “o balão subiu”.

A sugestão dos autores é que esta expressão pode evocar tanto o significado literal, baseado, tanto no evento de *pegar dois calçados e bater um contra o outro*, quanto no significado figurativo baseado no evento de *morrer*. Ou seja, estamos diante de uma interpretação literal ou metafórica. Nesse sentido, Gibbs e O'Brien (1990, p. 64) afirmam que o mais importante é que qualquer relacionamento entre os significados literais e figurativos não deve ser visto como uma simples correlação entre os significados das palavras, mas uma interação entre dois domínios conceituais diferentes onde um domínio (por exemplo, revelação de segredos) esta sendo estruturado em termos de outro (por exemplo, *spill the beans* (literal = espalhar os feijões; figurativo = revelar segredos), e assim por diante).

Glucksberg (2001, p. 11, 16-17), por seu turno, defende uma visão acerca daquilo que distingue os significados literais e figurativos. Para ele estão envolvidas duas questões. A primeira questão diz respeito a como as pessoas julgam se uma dada interpretação é literal ou não. A segunda questão se refere às formas nas quais os significados literal e figurativo são gerados; se eles dependem dos mesmos ou diferentes conjuntos de princípios e mecanismos de processamento da língua. Para abordar estas questões é necessário distinguir entre dois tipos de operações: a decodificação linguística e a interpretação linguística. A decodificação se refere exclusivamente a operações puramente linguísticas: fonológicas, lexicais e sintáticas. A decodificação linguística não é suficiente para uma contextualização apropriada da interpretação literal.

Turner (1998, p. 60-61), por sua vez, afirma que o senso comum da dicotomia entre “literal” e “figurativo” é uma ilusão psicológica. Para o autor, não há dúvida que alguns produtos do pensamento e da linguagem parecem literais enquanto outros figurativos. Para Turner, nós temos reações e elas são motivadas, mas estas motivações não se originam de diferenças fundamentais de operações cognitivas. “Literal” e “figurativo”, segundo esse autor, são rótulos que servem como anúncios estenográficos eficientes de nossas reações integradas para os produtos do pensamento e da linguagem; elas não se referem fundamentalmente a diferentes operações cognitivas. O autor nos assegura que a dicotomia entre “literal” e “figurativo” emerge de uma teoria popular do pensamento, realidade e linguagem, ou mais tecnicamente, entidades, categorias, referência, predição, condicionalidade verdadeira e composicionalidade. Nessa teoria, afirma Turner, uma conexão é verdadeira se o estado de ligação ao qual

ele se refere tem algo existente no mundo real e é falsa se o estado ao qual ela se refere não ocorre nesse mundo real.

Portanto, a dicotomia literal/figurativo pode ser explicitada em um *continuum*, com dois pólos distintos que convergem para a significação de uma EI.

### 2.2.3 Em algum ponto do *continuum* : a significação da EI.

Para Zir (2003) o que está em jogo na interpretação de uma EI são dois movimentos ao longo de um mesmo eixo, na medida em que há uma produção incessante de sentidos. Aqui há um pressuposto de que o significado está localizado ao longo de um *continuum*.

Villavicencio et al. (2004, p. 1127) defendem que as EIs são comumente vistas como sendo metáforas que se tornaram fixas ou fossilizadas ao longo do tempo. Há casos em que essa metáfora é transparente<sup>26</sup> e pode ser mais facilmente entendida como no exemplo (7):

(7) *kill two birds with one stone.*

Matar dois pássaros com uma pedra. (tradução literal);

Matar dois coelhos com uma cajadada. (equivalente em português).

Em outros casos, a metáfora é opaca<sup>27</sup> e se não for conhecida pode levar a um erro de interpretação, como a EI (8):

(8) *kick the bucket*

a. Chutar o balde (tradução literal)

b. Bater as botas (equivalente em português) .

<sup>26</sup> As EIs transparentes são definidas como aquelas nas quais os componentes têm uma relação semântica com o significado da EI e, segundo Glucksberg (1993), nesse tipo de expressão, as próprias palavras adquirem um sentido idiomático individual, como em “quebrar o galho”, em que cada elemento tem um referente figurado.

<sup>27</sup> Segundo Kövecses (2002), a EI “bater as botas” é considerada semanticamente não-composicional e é classificada como opaca dado que: (a) o sentido literal de seus componentes parece não ter relação com o sentido idiomático da expressão e (b) não há um sentido figurado para cada elemento, mas, apenas, o sentido global da expressão.

Fernando e Flavell (1981, p. 28) apresentam uma sugestão de como se dá esse *continuum* no entendimento de uma dada expressão que pode ocorrer do totalmente transparente para o totalmente opaco. Há dois “extremos”, o literal (mais concreto) e o figurativo (mais abstrato, mais metafórico). Dependendo de onde se encontrar o significado ao longo desse *continuum* será definido o significado que será dado À EI. A figura 1 ilustra com clareza essa situação.

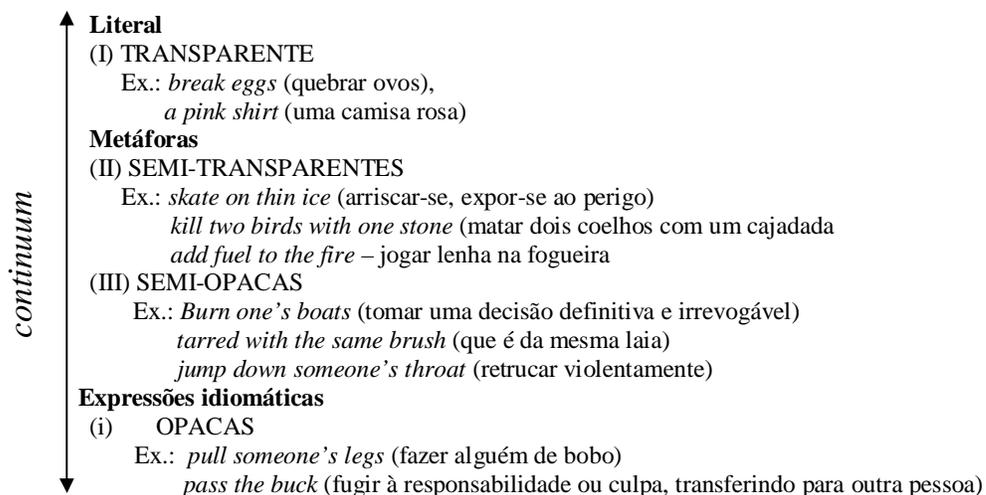


Figura 1: *continuum* entre a literalidade e a figuratividade.  
 Fonte: Fernando (1996, p. 28)

Ao longo desse *continuum* é possível encontrarmos expressões de mais fácil entendimento, e outras que não sejam tão fáceis pois envolvem aspectos culturais particulares. Talvez a maior “facilidade” seja devido à imagem que a EI evoca. Há outras em que o leitor desconhece a imagem e outras ainda nas quais a alusão não fica tão clara. E, finalmente, expressões totalmente idiomáticas. Sendo assim, estamos diante de uma situação: a interpretação da EI pode estar mais próxima do literal ou do metafórico. Parece-nos que as possibilidades múltiplas de compreensão vai depender: (1) do reconhecimento pela comunidade como metafórica, (2) do grau de cristalização do sentido metafórico e (3) do grau de aproximação ou distanciamento do ponto literal.

Uma forma visual de representar esse *continuum* é a seguinte: uma linha contínua com dois pólos extremos: literal – figurativo. Ao longo dessa linha encontram-se os variados significados, combináveis de acordo com o que uma dada expressão permite ou restringe. Isso se daria da seguinte forma:



Figura 2: posição do significado no *continuum*.

Assim, é possível afirmar que o significado pode ser resultado de uma proximidade com o aspecto literal ou com o figurado, determinando a interpretação que será dada à EI. Algo óbvio mas que é interessante ressaltarmos é que quanto mais próximo do literal, menos metafórico é o significado; quanto mais próximo do metafórico mais figurativo. Gibbs (1994, p. 290-291), faz uma afirmação que nos ajuda com essa questão, ou seja, a familiaridade subjetiva das pessoas com as EIs certamente facilita seu entendimento dessas expressões como sendo além de frases literais, e afirma que alguns dos diferentes significados cobertos quando procurando entender as expressões literais e idiomáticas se devem à natureza metafórica das EIs. O mesmo autor (1994, p. 290) complementa essa ideia ao afirmar que

o significado figurativo das EIs pode ser motivado pelo conhecimento conceptual das pessoas, que por si só é constituído pela metáfora. Embora a analisabilidade das EIs sugira que há muitas similaridades no processamento cognitivo *on-line* da linguagem idiomática e literal, há também diferenças significativas entre as expressões literais e idiomáticas (tradução nossa)<sup>28</sup>.

Portanto, uma informação que é decisiva para os estudos relacionados às EIs é que o processamento da EI é *on-line*, não passando pelo processamento literal. Isso implica em dizer que a EI é vista como um bloco e que o que está em jogo é a semântica mais que apenas o léxico. Mais tarde veremos que Fauconnier e Turner (2003) tratam as palavras de uma dada expressão como guias interpretativos e isso aponta para o fato de que cada item lexical contribui para a composição do significado. Por ora, as palavras de Tagnin (2005, p. 69) reforçam a diferença que pode ser encontrada na dicotomia EI e metáfora:

quando a expressão deixa transparecer a relação entre seu significado e a imagem aludida, temos as expressões metafóricas. Quando, entretanto, não se pode mais recuperar essa relação, teremos as expressões idiomáticas propriamente ditas, de sentido totalmente abstrato.

Como há um *continuum* e isso implica em uma certa fluidez do sentido, assim também não há uma rigidez na composicionalidade, podendo haver graus ou

<sup>28</sup> The figurative meanings of idioms may very well be motivated by people's conceptual knowledge. Although the analyzability of idioms suggests that there are many similarities in the on-line cognitive processing of idiomatic and literal language, there are also significant differences between literal and idiomatic expressions.

dimensões para sua caracterização. Para melhor entendermos essa questão, vejamos a classificação e dimensões da composicionalidade apontadas por Glucksberg (2001, p 73-74):

- (a) **Dimensão da composicionalidade** – pode ser dividida em três situações:
- (i) **EIs não-composicionais** - não há relações entre os constituintes das EIs e seu significado; como na EI *cheesecake* (literalmente pode ser traduzida como *torta de queijo*, por exemplo, ou pode se referir a uma moça atraente metaforicamente ou *lemon* que pode se referir ao fruto ou ao produto que fica defeituoso e não pode ser reparado);
  - (ii) **EIs parcialmente composicionais** – algumas relações entre os constituintes das EIs e seu significado idiomático podem ser exploradas. Embora alguém não venha a inferir o significado de *to die* (*morrer*) do significado literal de *kick the bucket* (*bater as botas*), esse significado literal ainda pode ser resgatado;
  - (iii) **EIs totalmente composicionais** – os constituintes são mapeados diretamente em seus referentes idiomáticos, como na EI *pop the question* (*propor casamento*). Nesta EI, o verbo *pop* (perguntar repentinamente) e o substantivo *the question* (a questão) mapeiam diretamente o significado idiomático. A EI é decomponível e analisável, com os significados de suas partes contribuindo independentemente para seu significado figurativo.
- (b) **Dimensão da transparência** – refere-se à extensão na qual o significado da EI pode ser inferido dos significados de seus constituintes. Dado que uma EI é composicional, ela pode ainda ser (i) opaca ou (ii) transparente. Nas EIs composicional-opacas, as relações entre os constituintes das EIs e seu significado podem ser opacos, mas os significados das palavras individuais podem, no entanto, restringir tanto a interpretação quanto o uso. Glucksberg (2001, p. 74) afirma que para a EI *kick the bucket*, a semântica do verbo *to kick* pode restringir a interpretação.
- (c) **EIs tanto composicionais quanto transparentes** – nestas EIs há relações semânticas uma-a-uma entre seus constituintes e os componentes de seu

significado. Na EI *break the ice* (*quebrar o gelo*), a palavra *break* (quebrar) corresponde ao sentido idiomático de mudar abruptamente uma situação social desconfortável, e a palavra *ice* (gelo) corresponde ao sentido idiomático de tensão social ou interpessoal.

- (d) **EIs quase-metafóricas** - estas EIs transportam o significado via o conteúdo que insinuem. Elas trazem à mente uma instância prototípica ou estereotípica de uma categoria de pessoas, eventos, situações ou ações. Essas EIs exploram a mesma estratégia comunicativa como os veículos da metáfora tal como *my lawyer was a shark* (*meu advogado era um tubarão*) ou *my job is a jail* (*meu trabalho é uma prisão*) ou na expressão “abandonar o barco” (= desistir/fugir de uma responsabilidade) em que o ato de abandonar o barco é a concretização do sentido figurado da expressão. Nessas expressões, afirma Glucksberg, os veículos tais como *shark* (*tubarão*) e *jail* (*prisão, cadeia*) aludem aos exemplares ideais de suas categorias atributivas metafóricas - predadores assassinos e situações de confinamento respectivamente - e simultaneamente servem como nomes para estas categorias.

Quanto à composicionalidade, Fillmore (1979) afirma que o "falante/ouvinte ideal", uma vez que conhece os itens lexicais de sua língua e seus significados, pode reconhecer estruturas gramaticais que possibilitam sua combinação. Entretanto, sua *competência semântica* é vista em termos de composicionalidade, ou seja, o indivíduo entende o sentido de um todo como uma "composição" ou "montagem", a partir dos sentidos das partes. Por meio de vários exemplos idiomáticos, Fillmore (1979) assegura que é insustentável uma *hipótese forte de composicionalidade* pois não daria conta do processo de significação. Para ele, além de nem todos os indivíduos terem a mesma competência linguística, os idiomatismos, por sua vez, promovem diversidade e diferença no discurso ainda que sejam relativamente congelados; e, por isso, essas expressões devem figurar no centro dos estudos linguísticos. É postulada, então, uma *hipótese fraca de composicionalidade*, ou seja, as partes não dão conta do todo significativo, quando separadas linearmente. Para Fillmore, o significado não reside na forma; o indivíduo tem o poder de alcançá-lo por meio de grandes redes de integração conceptual, que envolvem vários aspectos de nossa corporeidade e de nosso conhecimento cultural e social.

A problemática apresentada pelas EIs é um desafio para muitos pesquisadores, quando levadas em conta as teorias sintática e da semântica. Para alguns, as expressões idiomáticas são definidas como blocos fixos de palavras que possuem um sentido igualmente fixo e distinto do significado composto a partir da soma de suas partes.

Cacciari (1993) sugere três possíveis justificativas para o fato de as primeiras pesquisas apontarem a propriedade não-composicional para as expressões idiomáticas. São elas: (a) as palavras que compõem uma expressão idiomática parecem ser semanticamente vazias e apenas o sentido global da expressão é interpretado; (b) o armazenamento destas expressões na memória é semelhante ao das demais unidades lexicais, ou seja, as expressões idiomáticas estão, possivelmente, contidas no léxico como os substantivos compostos (ou unidades lexicais de múltiplas palavras); e (c) o fato de a não-composicionalidade ser a principal característica que distingue as expressões idiomáticas de outros grupos, como, por exemplo, as expressões metafóricas.

Porém, a partir dos estudos de Fraser (1970), surgiram pesquisas que abordavam o caráter composicional das EIs com base em dois aspectos principais: (1) algumas expressões permitem que a ordem de seus elementos seja alterada, ou seja, permitem a flexibilidade sintática e (2) algumas expressões aceitam o acréscimo de novas palavras, a supressão de partes da sua estrutura ou a substituição de seus elementos, sem que o sentido idiomático seja alterado, ou seja, respeitando a flexibilidade lexical. Esta nova perspectiva passou, então, a atribuir novas características para o grupo de EIs, entre elas, a idiomaticidade e a composicionalidade. Conforme afirmam Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000), há uma natureza composicional do significado implícita, e esses fatores (idiomaticidade e composicionalidade) podem influenciar a compreensão do significado implícito destas expressões.

Um fato a ser considerado é a situação motivacional de seu uso, pois, se num determinado momento, um indivíduo cria uma expressão que utiliza alguma motivação situacional, os vocábulos desta expressão carregam uma forte característica composicional. Já a convencionalidade destas expressões se dá pelo fato do seu sentido figurado ser institucionalizado, ou seja, as EIs são formas de expressão que surgem a partir de uma situação motivacional que dá origem ao seu sentido figurado, e que, ao longo do tempo, se tornam parte do vocabulário de uma determinada língua. Sendo

assim, se a ausência do traço composicional para a formação do sentido figurado das EIs está intimamente relacionada com a opacidade de seu significado, então, pode-se afirmar que quanto maior o grau de opacidade do significado de uma EI, menor será a composicionalidade de seu sentido idiomático.

Autores como Gibbs e Nayak (1989) classificam as EIs em dois grupos distintos: (a) as composicionais (ou decomposicionais) – estão incluídas as expressões cujos componentes possuem referentes figurados que contribuem para a interpretação do significado idiomático de uma expressão como, por exemplo: *spill the beans*. (revelar um segredo) e (b) as não-composicionais - os elementos que compõem a expressão idiomática são semanticamente vazios e parecem não intervir na interpretação do sentido idiomático, como, por exemplo, em *by and large* (em geral), cuja combinação (preposição + conjunção + adjetivo) viola as restrições sintáticas e semânticas da língua, o que impede a interpretação do sentido literal da expressão, restando, apenas, o seu sentido global e idiomático.

Outro trabalho que apresenta conceitos inovadores sobre a composicionalidade das EIs é o artigo de Nunberg et al. intitulado *Idioms* (Nunberg et al., 1994). Nele, os autores analisam várias dimensões da idiomaticidade e sua relação com a teoria gramatical e concluem que o fenômeno da idiomaticidade é fundamentalmente semântico em sua natureza.

Em seu artigo *Compositional Idioms*, Pitt e Katz (2000) argumentam que a intencionalidade do indivíduo e a produtividade lingüística devem ser levadas em consideração quando se analisa uma EI. Portanto, uma teoria adequada deve elucidar as questões relevantes dentro do contexto situacional onde uma expressão é utilizada. Esses autores afirmam que fatores como a composicionalidade, a idiomaticidade, a intencionalidade do usuário da linguagem e a capacidade produtiva de um idioma são fatores muito importantes para uma compreensão adequada do funcionamento das expressões idiomáticas. Pitt e Katz apresentam três características das EIs. Para esses autores as EIs são: 1. **composicionais** - porque seus constituintes contribuem com o seu significado individual para a totalidade do sentido da expressão; 2. **idiomáticas** - porque sua interpretação envolve a atribuição de um sentido outro que não é o fornecido nas entradas lexicais dos dicionários (para cada um dos seus vocábulos) e sua estrutura sintática tem características diversas e 3. **decomposicionais** - porque seus significados possuem partes próprias e específicas que não possuem o sentido literal dos seus constituintes sintáticos.

Isso nos permite traçar uma relação entre a motivação de uma EI com o traço composicional do seu sentido não-literal. Afinal, se o sentido idiomático de uma expressão não é arbitrário, ele deve carregar, então, uma motivação composicional. Além disso, se os elementos de uma expressão não podem ser considerados vazios de significado, então, pode-se inferir que eles carreguem, também, graus de idiomaticidade do seu significado.

E, a partir de outra característica apresentada pelas expressões idiomáticas - a não-literalidade do seu sentido pode-se inferir que, se não é possível compreender adequadamente uma dada expressão a partir da soma do significado de suas partes constituintes, então esta expressão não apresenta um sentido que pode ser interpretado composicionalmente. Pode-se, também, inferir que quanto mais fixa é uma dada expressão, menor é o seu grau de composicionalidade. Além disso, quanto maior for o grau de não-literalidade do seu sentido, menor será a composicionalidade do seu significado. E, por fim, quanto mais opacidade aparece na compreensão de uma expressão, menor será a presença do traço composicional do seu significado.

Desse modo, é possível traçar uma ligação entre a situação motivacional do uso de uma EI e o significado figurado atribuído aos seus constituintes. A motivação que dá origem às EIs faz com que seu sentido figurado apresente, no mínimo, graus de composicionalidade, na medida em que seus vocábulos carregam mais ou menos indícios sobre seu sentido.

Segundo Benczes (2002, p. 20), a analisabilidade e a composicionalidade das EIs apontam para a ideia de que o significado dos constituintes das EIs deve estar relacionado aos conceitos aos quais as EIs se referem. Lakoff (1987, p. 447-448) afirma que as imagens convencionais (imagens mentais que são compartilhadas por uma comunidade cultural) desempenham um ponto crucial na língua, especialmente no caso das EIs. As imagens convencionais não ajudam apenas na formação de novas EIs mas também podem ser usadas para explicar alguma das velhas. Lakoff perguntou para várias pessoas sobre qual imagem elas têm da expressão “*keeping someone at arm’s length*” (manter alguém ao alcance das mãos), e houve um alto grau de sistematicidade dentre as respostas referentes a detalhes de como o braço e a mão são conceptualizados em relação ao corpo ou se a palma da mão está aberta ou não. Esses resultados levaram Lakoff a concluir que um amplo número de significados das EIs não é arbitrário mas motivado. A motivação surge das imagens convencionais e metáforas conceptuais que favorecem um “elo” entre a EI e seu significado.

Ainda temos a classificação dada por Moon (1998, p. 22-23) para as EIs: (a) transparentes (também chamadas de EIs literais), (b) semi-transparentes (ou semi-idiomáticas) ou (c) metáforas opacas (ou EIs puras). Nesse sentido, Moon (1998) afirma que o uso de uma metáfora transparente ajudará o receptor a entendê-la mais facilmente como, por exemplo, a EI (9)

(9) *to talk behind someone's back*

falar pelas costas de alguém.

Uma “metáfora semitransparente” pode não ser entendida pelos falantes de uma língua e, conseqüentemente, pode requerer alguma explicação, como, por exemplo, a EI (10)

(10) *to throw in the towel*

que, por um lado, em seu sentido literal significa “jogar a toalha”, por outro, em seu sentido figurativo, significa “reconhecer a derrota, dar-se por vencido, desistir da luta”.

Literalidade e metaforicidade são temas amplos, de debate constante, motivo pelo qual nos restringimos a certos aspectos dessa discussão, sem, de fato, fechar a questão. Nosso interesse é apresentar aspectos que possibilitem uma maior reflexão no momento das análises de expressões verbais e não-verbais, assim como literais e figurativas, alvos de nosso estudo.

No entanto, algo que resume aquilo que percebemos da inter-relação entre literal vs. figurativo está nas palavras de Kövecses e Szabó (1996, p. 335). Esses autores afirmam que se não fosse o caso do conhecimento tácito das pessoas sobre as EIs ser estruturado por diferentes metáforas conceptuais, haveria muito pouca consistência no entendimento de EIs com significados não literais similares. Isso no remete ao processamento das EIs.

#### 2.2.4 Processamento das EIs.

Diante do exposto, fica claro que o que está em jogo é que o literal e/ou metafórico podem determinar o resultado final de uma interpretação, ocasionando diferentes interpretações e, conseqüentemente, diferentes significados e, portanto, entender uma EI pode ser determinado pelo tipo de processamento que é feito. Chama-se atenção para o erro de a metáfora ser encarada como um fenômeno parasitário, ou seja, o indivíduo interpretar o significado metafórico depois de ter tentado, sem sucesso, encontrar um sentido literal. A presença de linguagem metafórica requereria, assim, maior tempo de processamento. No entanto, alerta Coimbra (1999), isso não se verifica quando o contexto se revela suficiente. Em grande parte dos casos, não se verificam estas duas etapas pois não há uma primeira leitura literal. Para a autora (1999, p. 47-48), em metáforas mortas, expressões idiomáticas e, mesmo, em metáforas vivas<sup>29</sup>, com a ajuda do contexto, identificamos, imediatamente, o sentido metafórico e não passamos por uma leitura literal no processo de compreensão. Em alguns casos, encontramos mesmo o processo inverso: apreendemos primeiro o sentido figurado e depois o literal em função de um determinado contexto. É o caso de algumas charadas, enigmas e certos poemas.

Uma vez que a representação mental das EIs determina consideravelmente como essas EIs são processadas, também a informação que é representada *on-line* frequentemente depende da informação disponível no contexto onde a expressão é processada (VEGA-MORENO, 2005, p. 74). Sendo assim, algumas hipóteses foram apresentadas com relação ao processamento das EIs. Dentre elas, queremos salienta a Hipótese da Metáfora Conceptual que, dentre as visões atuais da representação e processamento das EIs, foi apresentada por Gibbs (1994; GIBBS *et al.*, 1997) e é baseada no trabalho de Lakoff e Johnson (1980). Essa teoria assume que o uso da língua é restringido e motivado por esquemas metafóricos pré-existentes em nossa memória,

---

<sup>29</sup> As metáforas lingüísticas podem ser tradicionalmente classificadas como: “mortas” (dead) e “vivas” (live). A “metáfora morta” não é mais uma metáfora e sim, uma simples expressão sem uso metafórico. Dessa feita, um leitor competente de inglês não compreenderia a expressão familiar “falling in love” (estar apaixonado) como uma metáfora (cf. Black, *apud* Ortony, 1993). Gibbs (1992, p. 485-486) declara que contrário à ideia de metáfora morta, o fato é que, em sua argumentação, as EIs têm interpretações figurativas complexas que não são determinadas arbitrariamente, mas são motivadas por metáforas conceptuais existentes que fornecem a base para muitos de nossos pensamentos cotidianos e raciocínio.

que estão baseados em nossa experiência corporal. Entender uma EI, como (11) é, parcialmente, uma questão de mapeamento de duas metáforas que a motivam.

(11) *spill the beans*

- a. MIND IS A CONTAINER - A MENTE É UM RECIPIENTE
- b. IDEAS ARE PHYSICAL ENTITIES - IDEIAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS.

A Hipótese da Metáfora Conceptual (GIBBS, 1990; LAKOFF, 1980 e 1987) assume que muitas EIs motivadas são baseadas em metáforas conceptuais. Ou seja, as EIs não são meramente metáforas mortas, ao contrário, as metáforas participam ativamente em restringir tanto a interpretação quanto a acessibilidade das expressões idiomáticas, especialmente aquelas que são analisáveis e modificáveis.

Gibbs (1990) também apresenta a Hipótese do Acesso Direto (ou Modelo do Processamento Idiomático - Hipótese de Primeiro o Figurativo) que parte mais radicalmente dos relatos de Bobrow e Bell (1973). Essa hipótese propõe que as EIs devem ser consideradas como itens lexicais dos quais o significado idiomático é recuperado diretamente do léxico mental tão logo a expressão comece a ser lida. Gibbs aponta uma interessante possibilidade que desafia os relatos de Swinney e Cutler (1979). De acordo com essa teoria, a leitura literal não é apenas não prioritária para o idiomático mas ela pode também ser considerada completamente secundária. A linha de pensamento de Gibbs, que é altamente influenciável, é baseada na ideia que a forma linguística da EI não é, em geral, completamente não-motivada (GIBBS, 1992). Essa hipótese sugere que o processamento do sentido idiomático antecede o sentido literal. Para Gibbs, o sentido figurado é interpretado diretamente, como um bloco único, sem que suas partes sejam analisadas individualmente. Portanto, se lermos uma expressão como “estar com a pulga atrás da orelha”, por exemplo, dispensamos qualquer contexto, pois o sentido idiomático já nos é familiar e, portanto, não sentimos necessidade de processar o sentido literal.

Compartilhamos com o que é postulado por Lakoff (1987), ou seja, a analisabilidade e composicionalidade das EIs apontam para a ideia de que o significado dos constituintes das EIs devem estar relacionados aos conceitos aos quais as EIs se referem. Lakoff (1987, p. 447-448) assegura que imagens convencionais (imagens mentais que são compartilhadas por uma comunidade cultural) desempenham um papel crucial na língua, especialmente no caso das EIs. As imagens convencionais não apenas

ajudam na formação de novas EIs mas podem também ser usadas para explicar as já existentes.

Essas questões são discutidas por Benczes (2002, p. 27), ou seja, aparte da metáfora e da metonímia, o entendimento não científico (popular) de domínios particulares compartilhados pela comunidade linguística pode também motivar EIs. O conhecimento convencional – como referido na literatura da Linguística Cognitiva – inclui padrões, informações advindas do cotidiano sobre as propriedades, funcionamento, forma e tamanho da cabeça, por exemplo.

Uma questão que também compartilhamos com Kövecses e Szabó (1996, p. 326), é que a maioria das EIs é baseada em metáforas e metonímias conceptuais e que a motivação sistemática surge de conjuntos de mapeamentos ou correspondências conceptuais que são obtidos das relações entre os domínios fonte e alvo. Ou, em outras palavras, é dizer que o significado geral de muitas EIs (ou seja, aqueles conceitos a que elas se referem) permanece completamente não-motivado a menos que tenhamos em conta a inter-relação entre o significado e nosso sistema conceptual compreendido por meio das metáforas conceptuais. Ou seja, os autores afirmam que o significado de muitas EIs (embora nem todas) dependem de (e são inseparáveis de) um sistema conceptual (metafórico).

No entanto, entendemos que há uma parcela significativa da interpretação das EIs que depende não apenas dos dois domínios (fonte e alvo) provenientes da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) mas que podem ser expandidos para outros tantos espaços mentais, conforme apregoa a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003). Porém, tendo em vista o objetivo dessa seção, discutimos aqui apenas questões voltadas para a contribuição da metáfora e, portanto, dos dois domínios. Nesse sentido, Kövecses e Szabó (1996, p. 332) apresentam uma motivação conceptual para a EI *to spit fire – cuspir fogo* que serve como um eficiente parâmetro para, mais adiante, analisarmos as EIs integrantes de nosso *corpus*:

- significado idiomático especial: estar com muita raiva
- mecanismos cognitivos: metáfora: RAIVA É FOGO (ANGER IS FIRE)
- domínio(s) conceptual(ais): fogo e raiva
- formas linguísticas: cuspir fogo
- seus significados: “cuspir”, “fogo”.

As colocações até aqui feitas mostram as diferentes maneiras pelas quais o indivíduo conhece a si mesmo e o mundo que o envolve, estabelecendo relações entre indivíduo-linguagem verbal e indivíduo-linguagem pictórica para representar o mundo. Nesse sentido, há um lado restritivo que a mente do indivíduo pode lhe impor em uma determinada circunstância e o papel amplo do poder criativo, por outro, diante de uma expressão linguística metafórica que precisa de uma significação não literal. Sendo assim, implica-nos levar em conta, além da linguagem verbal, o poder criativo e indutivo da linguagem não-verbal, motivo pelo qual a próxima seção apresenta questões relacionadas às desconstruções pictóricas e maneiras de serem exploradas.

### **2.3 As desconstruções pictóricas.**

Como já dito anteriormente, há um privilégio do verbal nos estudos da metaforicidade. Por esse motivo, voltamos nossa atenção para o potencial da imagem na expectativa de desvendar o intrincado processo que ela enseja para geração do sentido metafórico mesmo quando este não-verbal esteja expresso em uma DP literal. Portanto, essa seção se destina a apontar para situações onde a imagem tem seu lugar na interpretação e, conseqüentemente, na estrutura interna da rede de integração conceptual para geração do sentido metafórico. O foco está na possível aparência que a metáfora pode ter que não é, ou pelo menos exclusivamente, verbal. A ênfase recai sobre manifestações visuais da metáfora, e, independente da forma que adote, são eventualmente híbridas, ou seja, acompanhadas por palavras, como as de nosso *corpus*.

A DP é apenas uma ilustração, sem um fim outro? Será que sua função é apenas complementar ou ela pode desempenhar um papel fundamental na interpretação do significado de uma EI? Expressar quais os motivos que poderiam nos levar a incluir a DP como fonte de estudo associada com a forma verbal da representação da EI permite ao leitor desse estudo entender a parcela significativa que aplicamos à imagem.

Há, portanto, segundo Forceville (2007), algumas razões pelas quais nos preocupamos com os aspectos visuais da representação metafórica em desconstruções pictóricas e multimodais:

- Uma primeira é que uma teoria abrangente acerca da metáfora não pode ignorar o não-verbal. Forceville (2007) afirma que o paradigma cognitivista insiste que as

metáforas verbais são manifestações mais que reduplicações do pensamento e, desse modo, forçosamente sugerem que do pensamento pode fazer emergir o não-verbal ou metáfora multimodal. Portanto, afirma o autor, o paradigma cognitivista até aqui não dá a devida atenção ao não-verbal. No entanto, as representações do não-verbal ajudariam a substanciar (ou lançar dúvida sobre) elementos do já extensivo corpo de pesquisa baseado em representações verbais da metáfora;

- Uma segunda razão está no fato de o entendimento de uma cultura requerer também atentar para as informações inerentes à forma não-verbal. Para Forceville (2007), a abordagem cognitiva para a metáfora tem – alinhada com sua nomenclatura – primariamente, investigado a relação entre a mente e a língua, e tem tendido a ser preconceituosa em relação àqueles aspectos da metáfora que ajudam a “desnudar” os mecanismos do pensamento. Recentemente, no entanto, mais atenção tem sido dada para a interação entre metáfora e cultura (por exemplo, Gibbs, 1999). A tradição cognitivista da metáfora tem desenvolvido a noção de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) (LAKOFF, 1987, capítulo 4), que reflete como as comunidades fazem sentido de seu meio ambiente e os converte em significado. Novamente há um favorecimento das representações verbais dos MCIs. Examinar, portanto, questões voltadas para a desconstrução pictórica contribui para um melhor entendimento de conhecimento e crenças culturais;
- Uma terceira razão diz respeito ao estudo da metáfora não-verbal oferecer ferramentas para a análise e produção de desconstruções pictóricas. Teorias aplicáveis à imagem, são relativamente escassas, particularmente na área da estática, imagem sem movimento. No entanto, afirma Forceville (2007), o entendimento da metáfora multimodal oferece um campo frutífero de estratégias que se empenham em produzir e interpretar imagens;
- Uma quarta razão diz respeito ao meio ser a mensagem. Para Forceville (2007), as tecnologias de comunicação e a mídia são normalmente tratadas como neutras na expressão de ideias. A asserção, nesse caso, é que as ideias podem ser adequadamente e compreensivamente descritas, interpretadas e acessadas independentemente dos canais usados para produzir essas ideias. O canal de expressão merece atenção em função de seu *status* de sistemas geradores de mensagens que afetam nossos sistemas culturais, simbólicos e cognitivos. Portanto, conclui Forceville, investigar a metáfora não-verbal também nos alerta como uma mudança no meio afetará inevitavelmente seu conteúdo e pode-se afirmar que a declaração de uma manifestação pictórica ou

multimodal da metáfora cognitiva não produzirá a mesma informação e atitudes como uma manifestação puramente verbal da mesma metáfora cognitiva.

Para Forceville (2007, p. 30), outras variáveis que potencialmente afetam a construção e interpretação de metáforas multimodais são o meio cultural ou grupo específico dentro dos quais ocorre a metáfora e a materialidade do veículo comunicador, ou seja, se papel, pedra, cera, página da internet, dentre outros.

Como identificar a metáfora na DP? A metáfora corresponde a transformações na imagem – ou em seu significado – através de relações de similaridade, por exemplo, na imagem de um pimentão na praia, em anúncio de protetor solar, para sugerir a ideia de "ficar vermelho como um pimentão".

Uma visão mais ampliada vem da visão de Forceville (2007, p. 17) quando assegura que assim como na metáfora conceptual, na desconstrução pictórica o fenômeno rotulado de “metáfora” precisa, pelo menos, possuir algumas características: ter dois termos que, no contexto dado, pertencem a diferentes categorias; um desses termos pode ser construído como o alvo “literal” e o outro como a fonte “figurativa”, e um ou mais traços da fonte devem ser mapeados no alvo, que, através desse mapeamento, é transformado. Há dois tipos de modalidades: (a) *monomodal*, ou seja as metáforas cujos dois termos são predominantemente ou exclusivamente expressos em uma mesma modalidade (só imagem, por exemplo) e (b) *multimodal*, ou seja, qualquer tipo de metáfora na qual haja a consciência que dois fenômenos podem ou devem ser entendidos como estando dentro de uma relação de identidade apresentando-se em dois fenômenos diferentes A e B, ambos “presentes” em uma representação, podendo ser processado A como B. O autor se pergunta (2007, p. 25), o que torna uma metáfora multimodal diferente de uma metáfora verbal? Sua argumentação é que as metáforas podem ter manifestações multimodais tanto quanto aquelas monomodais. Um modo específico pode contribuir para a identificação da metáfora assim como ajuda a dar pistas como os traços são mapeados da fonte para o alvo. As metáforas multimodais, afirma o autor, compartilham com as metáforas monomodais da variedade verbal aquilo que as torna metáforas. Em primeiro lugar, os dois fenômenos pertencentes a diferentes categorias são representados de tal forma que são forçados ou convidados a entender e experienciar uma deles em termos do outro, ou mais traços são projetados do último (a fonte) sobre o alvo que é, temporariamente, transformado conceptualmente. A língua é apenas um dos modos que pode tomar parte na metáfora multimodal, há diferenças assim como similaridades entre multimodais e puramente metáforas verbais. Dentre elas

está a natureza metafórica do não-verbal - na metáfora híbrida, a construção das metáforas verbais são auxiliadas por regras da gramática e da semântica. Nas metáforas multimodais, esta consciência de identificação metafórica é guiada por outros significados. A identificação entre dois fenômenos que convergem para um alvo e fonte metafóricos pode servir de gatilho de várias maneiras como, por exemplo, semelhança física. Para Forceville (2007, p 26) isto pode apenas funcionar como gatilho no caso de metáforas monomodais: apenas uma desconstrução pictórica pode se assemelhar a outra representação visual.

Para esse autor (2007, p. 27), a comunicação não-verbal é mais facilmente compreensiva e tem um apelo emocional maior que a comunicação verbal. É claro, afirma o autor, que o indivíduo precisa ter pelo menos algum conhecimento de uma língua para ser capaz de construir e interpretar uma metáfora naquela língua. As metáforas cujas fontes e alvos são guiados no todo ou parcialmente via pistas visuais, podem ser entendidas, por uma audiência não familiarizada com a língua de um país do qual a representação metafórica se origina. Isso não quer dizer, complementa o autor, que as metáforas não-verbais são sempre universalmente compreendidas, e se elas são entendidas, que elas são compreendidas da mesma forma. Afinal, conotações culturais ou nacionais podem afetar a interpretação, como defendido por Kövecses (2005). Em conclusão, Forceville (2007, p. 27) afirma que independentemente de seu grande grau de compreensibilidade, as metáforas convertidas em desconstruções pictóricas têm um impacto mais intenso e um impacto emocional imediato, mais que as verbais.

Um conceito ou objeto pode ser representado através de palavras, mas há uma parte significativa da comunicação humana que é feita via imagens evocando processos cognitivos para sua interpretação. O que selecionamos observar ao interpretar uma DP? Para Forceville (2007a) que traços devem ser selecionados dependerá do contexto local na qual ocorre, guiados pelas intenções do autor. Se certos traços não são explicitamente apresentados pelo autor da DP, vários fatores podem influenciar sua seleção pelos indivíduos, tal como conhecimento individual.

Nesse sentido, as afirmações feitas por Meira (2003, p. 32-33) nos esclarecem alguns pontos em relação à experiência individual do ser humano consigo mesmo, seu corpo e os saberes que ele proporciona. Afinal,

a experiência estética coloca a cognição em permanente desconstrução e reconstrução, pela vulnerabilidade aos acontecimentos, estados de espírito, relações com a cultura, saberes múltiplos vindos do corpo e de abstrações, além do que a mente elabora a partir de paisagens do corpo, do ambiente, da memória e da ficção.

Dessa afirmação, podemos ressaltar aspectos relevantes para o entendimento das DPs: (i) a cognição em permanente desconstrução e reconstrução, pela vulnerabilidade aos acontecimentos, estados de espírito, relações com a cultura, saberes múltiplos vindos do corpo e de abstrações e (ii) a mente elabora a partir de paisagens do corpo, do ambiente, da memória e da ficção. No item (i) podemos perceber a natureza cultural da qual depende uma interpretação da DP. Não é apenas uma “leitura” do não-verbal. Há caminhos a trilhar que levam ao sentido criado pelo autor que espera que esse caminho seja reconstruído pelo indivíduo. A DP também depende, por outro lado, da corporificação, pois a partir de (ii), ou seja, “de paisagens do corpo”, “do ambiente”, “da memória” e da criatividade advinda da “ficção” também é possível se chegar a um sentido apropriado para a DP.

Sendo assim, há uma íntima ligação entre a DP e a metaforicidade. Há autores que têm uma visão clara da relação entre imagem e metaforicidade. Para Furlanetto (2007a), por exemplo, uma metáfora, por vezes, “faz as vezes de uma tela”: ela anima, vivifica, presentifica, mostra enquanto que para Speedling (2004), com o uso da imagem, metáfora, simbolismo e outros recursos retóricos, o ilustrador define as situações e tenta interpretá-las visualmente de uma forma que seja tanto agradável quanto provoque o pensamento.

A metáfora é um foco especialmente apropriado de estudo, porque permite uma representação tanto em textos verbais quanto em textos visuais (não-verbais). A metáfora não é simplesmente a substituição de um conceito ou imagem por outra. Ao invés, ela abrange uma transformação completa entre dois significados originalmente distintos que são “emergidos de forma que um novo significado é efetivado”<sup>30</sup> (EDWARDS, 1997, p. 29). Dessa forma, a metáfora é mais que um dispositivo linguístico; ela é um modo de pensamento e um método de interpretar a realidade. De fato, acredita-se que “os mecanismos subjacentes à metáfora existem na mente independentemente da língua”<sup>31</sup> (EL RAFAIE, 2003, p. 76) e, certamente, é observável que a metáfora visual (ou pictórica)<sup>32</sup> é “às vezes capaz de transmitir uma mensagem

<sup>30</sup> merged so that a new meaning is effected

<sup>31</sup> the mechanisms underlying metaphor exist in the mind independently of language

<sup>32</sup> A linguagem contida na imagem é essencialmente metafórica. Saber ler uma imagem implica atribuir-lhe á foto, novas formas e novos sentidos além daqueles que estão na sua gênese, é o nosso subconsciente e a linguagem dos arquétipos a trabalhar. Uma imagem é aquilo que é. Toda as emoções ou raciocínios que possa suscitar já não pertencem ao âmbito da imagem mas sim ao universo mental de cada um. Embora as imagens mostrem o cenário e os personagens, o movimento, a ação ocorre na cabeça do leitor.

complexa de uma maneira muito mais imediata e condensada que a linguagem”<sup>33</sup> (EL RAFAIE, 2003, p. 87).

Forceville (2007a) defende que as metáforas, independente do meio que apareçam, consistem de dois elementos, um alvo (o tópico ou sujeito da metáfora) e uma fonte (o conceito que é usado para predicar algo sobre o alvo). Tanto o alvo quanto a fonte são parte de, em princípio, redes expandidas infinitamente de fatos (verdadeiros ou não), significados conotados, extensões metonímicas, atitudes, emoções dentre outros e, por esta razão, afirma o autor, é comum se falar sobre alvo e fonte como domínios. Em cada metáfora, pelo menos um, mas frequentemente mais de um traço do domínio fonte é mapeado em um traço correspondente no domínio alvo. Para este autor, as metáforas são instrumentos centrais na cognição e não apenas se manifestam na língua escrita mas também em figuras e sons. O que constitui uma metáfora, no entanto, é parcialmente afetado pelo meio no qual ela ocorre. No caso de metáforas envolvendo um ou mais domínios que são pictoricamente representados, tal(ais) domínio(s) é/são inevitavelmente apresentado(s) em formas altamente concretas, envolvendo formas específicas, texturas e cores, todos desempenhando um papel no mapeamento. Em complemento, a maneira da representação e o material usados podem influenciar a construção da metáfora assim como sua interpretação.

A identidade formal ou semelhança entre dois fenômenos heterogêneos em uma desconstrução pictórica normalmente significam pouco se nós não acreditamos que somos capazes de notá-las. Ou seja, na maioria das vezes, conforme Forceville (2007a), nós analisamos uma metáfora pictórica se e porque nós pensamos que o produtor da representação pretende que façamos isso. A este respeito, as metáforas pictóricas não são diferentes de qualquer outro tipo de comunicação visual. Para Gibbs (1999, p. 4) “muitos aspectos de como nós entendemos a língua falada, interpretamos textos escritos e fazemos sentido de obras de arte, são de certa forma influenciados pela procura por

---

Por exemplo, em histórias em quadrinhos ocorrem algumas metáforas visuais: (i) quando o personagem está nervoso, pode ter alguns símbolos expressando que está falando um palavrão, ou apresenta fumaça saindo da cabeça do personagem, mostrando que está com raiva (ii) quando um personagem está correndo muito rápido, aparecem vários traços paralelos para demonstrar seu deslocamento. Essas metáforas visuais possibilitam a transmissão de situações da história sem a utilização de texto escrito (verbal). Há alguns outros exemplos de metáforas visuais: em geral o Espírito Santo é tido como uma pomba branca, o pacto que Deus fez com o homem através de um arco-íris, Jesus Cristo tido como cordeiro de Deus.

<sup>33</sup> sometimes able to convey a complex message in a much more immediate and condensed fashion than language

intenções comunicativas”<sup>34</sup>. Em resumo, aqueles que veem uma figura, familiar confrontada com uma similaridade saliente ou híbrida entre dois fenômenos X e Y, se perguntará se o produtor da imagem intencionou construir uma metáfora. Nesse sentido, Forceville (2007a) afirma que a familiaridade com a origem e proveniência [da figura] é importante. É possível reconhecer se uma figura é uma propaganda, uma ilustração de um livro, de um manual, um desenho artístico dentre outros. O veículo onde são expressas também pode ser determinante para sua compreensão, para que atinja os objetivos propostos.

Uma afirmação que reforça o fato de as DPs serem fontes ricas para a realização não-linguística da metáfora vem de Kövecses (2005, p. 171). Algo que está presente em nosso estudo e que também é defendido por esse autor refere-se ao fato de as metáforas conceptuais serem frequentemente

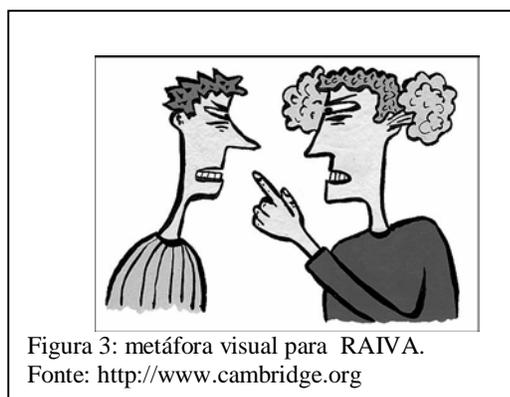


Figura 3: metáfora visual para RAIVA.  
Fonte: <http://www.cambridge.org>

representadas de forma “literal”, ou seja, um homem irado pode ser representado com fumaça saindo de suas orelhas (figura 3) e isso é possível devido à metáfora A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE (ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER). Em geral, uma dada DP apresenta explicitamente um determinado cenário e/ou personagens em uma dada situação. Apesar de estática, a imagem pode expressar movimentos, intenções, expressões faciais. Esse representar de imagens é um campo frutífero para expressões figurativas e dentre elas, pode estar a metáfora. Podem ser citadas como exemplo algumas ocorrências de metáforas visuais: (i) quando o personagem apresentado na DP está nervoso, sua representação pode envolver fumaça saindo de suas orelhas, (ii) quando um personagem está correndo muito rápido, podem aparecer vários traços paralelos de seu corpo ou de seus pés para demonstrar seu deslocamento. Essas metáforas visuais possibilitam a transmissão de significados metafóricos ou não, sem necessariamente a utilização de um texto escrito (verbal).

Nessa mesma linha de raciocínio, apresentamos alguns traços contidos na imagem que podem refletir uma determinada metaforicidade. A linguagem contida nas DPs depende tanto daquilo que é “selecionado” por seu criador quanto de aspectos

<sup>34</sup> Many aspects of how we understand spoken language, interpret written texts, and make sense of artworks, is to a significant extent influenced by the search for communicative intentions.

ligados à sua vivência, além daquilo que é conhecido socialmente e culturalmente. Isso pode condicionar a DP a interpretações diferentes. A DP é resultado seletivo de uma série de opções que o ilustrador faz, de forma consciente ou não, ao representar no papel aquilo que quer expressar. Não se pode ignorar o receptor e a interpretação que fará daquela DP, esse receptor também tem sua forma de analisar o que vê, remeter a experiências passadas, que não coincidem necessariamente com as do ilustrador. Ao receptor cabe reinterpretar as intenções do autor, (re)construir o caminho, que também é induzido por sua experiência cultural e psicológica.

(a) Forceville (2005, p. 75 – 80), analisando algumas imagens que refletem a contida RAIVA na obra *La Zizanie* (GOSCINNY; UDERZO, 1970) apresenta os seguintes sinais pictóricos: a) Olhos saltados/protuberantes - pode apresentar: (i) uma linha extra sob os olhos e (ii) uma ou duas linhas verticais entre os olhos (para indicar o “franzir das sobrancelhas”); b) Olhos firmemente fechados: há linhas sob os olhos e/ou linhas entre eles (“franzidos”); c) Boca totalmente aberta/escancarada; d) Boca firmemente fechada: conota uma raiva não-expressa; e) Rosto avermelhado/rosado; f) Posição das mãos/braços; g) Agitação/tremor: as linhas são usadas muito frequentemente para representar “movimento”; h) Espirais; i) Linhas indicando que algo está saindo da boca; j) Fumaça.

Dentre as ilustrações apresentadas por Forceville (2005) citamos as seguintes.



Figura 4: Senador romano. Sinais de raiva: (1) olhos saltados; (2) boca aberta enfatizada por uma língua rosada); (3) posição da mão/braço (“apontando”); (4) espirais; (5) rosto bravo.  
Fonte: Forceville (2005, p. 78).



Figura 5: Navegador romano. Sinais de raiva: (1) olhos saltados; (2) boca amplamente aberta; (3) linhas saindo da boca; (4) rosto bravo.  
Fonte: Forceville (2005, p. 78)



Figura 6: Gaulês do vilarejo. Sinais de raiva: (1) olhos fechados; (2) boca completamente fechada; (3) espirais; (4) rosto rosado; (5) linhas tortuosas  
Fonte: Forceville (2005, p. 79)

Nesse caso, há uma crítica a ser feita: leva-se em conta os traços apresentados no desenho e apresenta-se justificativa para determinar que se trata de uma emoção como RAIVA, no entanto, ignora-se que pode haver outros conceitos envolvidos como no caso da figura 4, o homem com o dedo apontado pode estar sinalizando não a raiva mas lançando uma maldição para alguém, dando uma ordem de forma severa e espera que seja atendido, dentre outros. A figura 5 poderia indicar que o homem está vomitando já que está no topo do mastro de um navio e o balanço das águas poderia provocar essa reação. Já na figura 6 o homem poderia estar se transformando em um outro ser, em função de uma maldição, por exemplo. Portanto, a argumentação de Forceville fica enfraquecida por desconsiderar esses outros aspectos. É importante perceber que a desconstrução pictórica está estreitamente conectada com a narrativa. De certa forma, a desconstrução pictórica teria de justificar-se isoladamente, por uma espécie de prototipicidade de representação. Além disso, conforme Eco (1991), os signos icônicos têm representações por traços pertinentes, e essas representações são graficamente produzidas a partir de convenções.

Para Kövecses (2005, p. 171), as imagens vão além das metáforas conceptuais convencionais e os mapeamentos que as constituem. A metáfora e a metáfora visual incluem-se dentre os processos que o artista utiliza para conferir sentidos e ampliar o campo de leitura. Os sentidos permitem uma maior flexibilidade, passam pela expansão de significados. A manipulação das imagens enriquece a leitura e possibilita uma ampla variedade de criação de textos, as possibilidades são as mais diversificadas. A metáfora visual relaciona imagens ou formas visuais com elementos próprios de outras linguagens como palavras e sons. Na metáfora há a transposição de um sentido novo para uma palavra. Esse sentido, quando não é meramente ilustrativo, transfere-se para uma forma.

Meira (2003, p. 39) assinala que “a linguagem reduz a imagem a um objeto, e o olho a um sujeito”. As análises da imagem prendem-se a seu percepçionismo e reconhecimento, ao conteúdo da imagem, ao que se metaforiza sobre sua forma”. Em outras palavras, essa interação entre a imagem e o receptor envolve uma variedade de saberes, sentidos e repertórios conceptuais, e um contexto de significação e ressignificação, de construção e desconstrução contínuos. Meira (2003, p. 40) afirma, ainda, que “trabalhar com imagens (...) mobiliza saberes e operações complexas no manuseio da fantasia e de repertórios conceptuais”. A imagem agrega significados, formas e comportamentos cotidianos, de exteriorização de subjetividades e de exercício da criatividade e, portanto,

nossa experiência sensorial. Assim, as representações podem ter significados diferentes para várias pessoas e vai depender de muitos fatores ligados ao contexto social, cultural, econômico, político e até religioso (OLIVEIRA; GAGLIARDI, 2006), assim como do meio em que esta pessoa esta inserida e fundamentalmente de seus hábitos e experiências. O processo de interpretação do signo acontece muito rapidamente, tanto que o indivíduo, às vezes, nem tem a percepção de como captou a mensagem.

Compreender, pois, esse processo possibilita “redimensionar o trabalho cognitivo e reflexivo” (MEIRA, 2003, p. 34). Pareyson (*apud* ECO, 1986) entende que o processo cognitivo configura-se como uma troca contínua entre os estímulos existentes na realidade e as propostas que a pessoa acrescenta, dando-lhe forma. As desconstruções pictóricas, como recortes de uma realidade, atuam como representações que organizam e sintetizam um momento e um pensamento. Enquanto intertextos, dialogam com outros textos verbais e não-verbais, produzindo sentidos capazes de enriquecer ou subverter o fato que evocam.

Como as DPs têm o potencial de evocar o significado, sua compreensão depende da pertinência do autor e do indivíduo na construção e reconstrução do significado. E como texto idiomático, joga com a ambiguidade da linguagem, com o absurdo da situação e até com a incongruência, chegando, às vezes ao *non sense*. Isso obriga o indivíduo a realizar associações, estabelecer relações e realizar inferências para chegar ao sentido proposto pelo produtor.

Para Pina (2006), na análise das DPs, têm papel central: (a) os esquemas imagéticos, (b) as imagens convencionais e (c) a língua.

- (a) Os *esquemas imagéticos* - são estruturas abstratas e genéricas advindas de experiências sensório-motoras, facultadas pelas características da espécie humana. Esses esquemas imagéticos são de natureza cinestésica, pois dizem respeito a muitos aspectos da atividade do ser humano no espaço, tais como: orientação, movimento, equilíbrio, forma dentre outros. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, CONTINENTE/CONTEÚDO, PARTE/TODO, LIGAÇÃO, CENTRO/PERIFERIA, EM CIMA/EMBAIXO, FRENTE/TRÁS, DENTRO/FORA, entre outros.
- (b) As *imagens convencionais*, por sua vez, são imagens mentais ricas em detalhes e partilhadas por todos os membros de uma mesma cultura e por membros de culturas semelhantes. A maioria dos seres humanos tem imagens de xícaras, bem como imagens de ações típicas realizadas com esse objeto, como servir café ou chá, apoiá-la em um pires, segurá-la pela asa para levá-la à boca e assim por diante. Algumas

partes da imagem são estáveis e claras, outras são instáveis e vagas. A imagem da maçã, por exemplo, é estável quanto à forma e à cor vermelha, mas o tamanho é mais variável.

- (c) A *língua* também é considerada uma base de conhecimento que reflete o sistema conceptual e as habilidades cognitivas do ser humano. Além disso, os recursos linguísticos são capazes de promover um enquadre cognitivo (*frame*) adequado para aquilo que se pretende transmitir. As bases de conhecimento são operadas mediante habilidades cognitivas, dentre as quais a mais básica é a comparação, que permite “entender e experienciar um tipo



Figura 7: charge do Dunga.  
Fonte: Jornal O Povo, 17 de Outubro de 2007.

de coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5). Essa habilidade imaginativa denomina-se *metáfora*. Por meio de mapeamentos metafóricos, a conceituação das categorias abstratas fundamenta-se, em grande parte, na nossa experiência concreta cotidiana.

Como exemplo de uma DP, tomamos de empréstimo uma mesclagem entre um personagem real e um outro fictício (figura 7). Nela a pessoa real chamada Dunga (técnico da seleção brasileira de futebol) é fundida com um dos sete anões, personagem da estória da Branca de Neve com o mesmo nome. Isso é praticamente uma anedota gráfica. A DP compõe-se de um jogo visual de ideias contido em uma única ilustração. A DP, nesse caso, combina personagens provenientes de diferentes campos. Coulson (2003) define isso como um enigma para o observador resolver. O desafio é ativar a informação apropriada na resposta para a imagem e pistas verbais, e integrá-las com a estrutura narrativa abstrata. Reconstruir e estruturar o percurso estabelecido por seu autor ao receptor resolver o enigma, e o cartunista atingir seu objetivo.

Outrossim, o criador da DP, na maioria das vezes, oferece ao receptor apenas aquela informação que julga suficiente para reconstituição do percurso. Mas, além disso, uma interpretação “adequada” da DP depende dos receptores terem conhecimento relevante e compartilharem o entendimento sobre estes domínios. Para Coulson (2003), o conhecimento de mapeamentos metafóricos e metonímicos é rotineiramente explorado na compreensão de determinadas imagens, como nos *cartoons* políticos, por exemplo.

Além disso, eles recrutam os processos da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003) conhecidos como *complementação* e *elaboração*. Primeiro, a *complementação* ocorre quando ativamos parte do conhecimento de mundo por meio de pistas dispersas dadas. Segundo esse autor, a *elaboração* é a habilidade de animar modelos ecléticos construídos com pedaços dos domínios incompatíveis. De forma geral, conforme Coulson, podemos afirmar que a função da mesclagem conceptual é projetar as pessoas em novos contextos onde o ponto de vista do cartunista pode ser claramente ilustrado<sup>35</sup>. Entender uma DP é, portanto, testar nossa habilidade para deduzir informações significativas de correspondências parciais, não-sistemáticas em estrutura, e, ainda, explorar características acidentais dos enquadres cognitivos de entrada.

O receptor, portanto, tem participação ativa na formulação dos significados associados às imagens, logo as mensagens decifradas não são inequívocas ou únicas. Imagens são polissêmicas e possibilitam diferentes leituras, de acordo com o repertório simbólico de quem as interpreta e das relações estabelecidas entre os diferentes elementos que as compõem.

## **2.4 Resumo do capítulo.**

Neste capítulo, discutimos a complexidade da linguagem metafórica, a caracterização da idiomatidade e o licenciamento metafórico por meio de DPs.

Quanto à EI, começamos apresentando os conceitos norteadores do idiomatismo. Neles, figuram a (não)composicionalidade que está atrelada à figuratividade ou à literalidade, uma vez que a essência da EI é que a somatória de seus itens não geram o significado, as palavras servem apenas como guias interpretativos. Para entender o que gera a EI são debatidos assuntos ligados à metáfora, inclusive qual o papel da metáfora na formação das EIs. São amplas as discussões envolvendo as EIs, por isso foi necessário um recorte que permitisse sua compreensão. Em sendo assim,

---

<sup>35</sup> Rosas (2002, p. 39) afirma que, quando transmite uma mensagem, o emissor sempre parte do princípio de que o receptor se valerá do contexto para construir sua interpretação. Essa construção não decorre de uma decisão consciente, mas se processa de forma involuntária e contínua. Além disso, o emissor pressupõe que o receptor será capaz de chegar, por inferência, às informações que porventura deixe de fornecer.

selecionamos o conceito de Fernando (1996) e Glucksberg (2001), dentre outros, por evidenciar o *continuum* entre figuratividade e literalidade que torna clara a fragilidade entre a escalaridade literal-figurado e as complexidade das manifestações não linguísticas da metáfora apresentadas por Forceville (2005, 2009). Nesse sentido, Fernando e Flavell, já em 1981, sugeriam que há um *continuum* do totalmente opaco para o totalmente transparente, ou seja, do mais metafórico para o mais literal.

Os conceitos básicos e termos aplicados em Forceville (2005; 2007) serviram como fonte de reflexão nas análises que serão apresentadas no capítulo referente às análises e reflexões. A partir das discussões aqui feitas, assumimos que as DPs não podem ser vistas como representações monolíticas mas, que podem admitir várias formas e, portanto, serem analisadas sob diferentes aspectos, apesar de a conceptualização que mais provavelmente vem à mente é aquela “literal”.

Esses dados dão sustentação às análises. Entender cada uma das modalidades é um primeiro passo em direção à identificação dos mecanismos envolvidos na estrutura interna das redes de integração conceptual e geração do sentido literal/metafórico.

A seguir, veremos como aliamos os princípios até aqui discutidos com a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003), também denominada Teoria da Mesclagem Conceptual ou *Blending*.

### 3 *BLENDING E MEGABLENDING* - TEORIA DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL.

#### 3.1 Considerações iniciais.

Este capítulo centra-se em questões voltadas para a construção de redes de integração conceptual que procuram dar conta da interação entre expressões metafóricas e o relacionamento entre as estruturas dos espaços nos quais as pessoas imaginativamente projetam e constituem elementos que não poderiam ser encontrados nem no domínio fonte nem no domínio alvo (provenientes da Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) de Lakoff e Johnson, 1980). Nossa intenção é dupla: oferecer uma visão geral das possíveis mesclagens através da Teoria da Integração Conceptual (também denominada de Teoria da Mesclagem Conceptual ou *Blending*, doravante TIC) e apresentar, dentre outras coisas, algumas análises que fazem uso desse modelo tanto em expressões verbais (EIs) quanto não-verbais (DPs). Essas análises revelam que da teoria da mesclagem conceptual expandem-se os conceitos para a multimesclagem, uma rede de múltiplas relações e projeções. Muito do que é explorado pelos trabalhos nessa área com a linguagem e o pensamento provém da descoberta de que as informações trazidas para a rede operam em áreas que podem ser consideradas distintas e incomensuráveis.

Uma questão a ser abordada é a de projeção entre as estruturas e, com isso, exemplificaremos os tipos de conexões que nossas mentes tendem a fazer e que tipos de efeitos são produzidos. As projeções conectam os espaços (genérico, *inputs*, mescla) em situações específicas assim como as construções linguísticas. Essas projeções conectam pontos de vista diferentes instaurando um novo ponto de vista. No presente capítulo, demonstramos que as projeções e mapeamentos envolvem uma integração conceptual e os tipos de conexões entre espaços nos permitem usar uma expressão de um domínio cognitivo como desencadeador para se referir a outros domínios. A integração conceptual desempenha um papel significativo em muitas áreas da cognição. A natureza dos mapeamentos entre domínios recebe uma atenção especial. Nosso interesse imediato é apresentar os mapeamentos interespaços e, mesmo assim, de forma sintética, uma vez que a estrutura e os debates em torno deles sempre estarão em pauta.

Percebemos que a estrutura das projeções metafóricas e mapeamentos desempenham um papel central na construção do significado, demonstrando uma capacidade imaginativa extraordinária. Para exemplificar essa capacidade são apresentados casos de mesclagens conceptuais e seus tipos: (i) rede simples; (ii) rede espelho; (iii) rede de escopo único e (iv) rede de escopo duplo e múltiplo, além, é claro, da multimesclagem. Começamos nossa argumentação com questões teóricas da mesclagem para, então, apresentarmos processamentos de integração conceptual e, conseqüentemente, a arquitetura dessas integrações. Um ponto de destaque está na interação da mesclagem conceptual e as DPs com análises feitas por Rohrer (2004) e Bergen (2003), dentre outros.

### **3.2 Mesclagem conceptual e expressões metafóricas.**

Nesta seção, aplicam-se mesclagens conceptuais para diferentes expressões linguísticas, revisitando os aspectos teóricos atinentes à TIC ampliadas para a multimesclagem e seu potencial. Não se trata de uma seção exaustiva, mas de apresentação de tendências que levam à introspecção construída a partir de um conjunto de análises para formação de uma estrutura integrando as concepções e seus recursos na (re)construção da estrutura interna de uma rede conceptual. Procura-se abordar questões relativas ao papel da TIC no processo de (re)construção do significado metafórico para em outro capítulo explorarmos esses fundamentos em análises e, assim, ampliar as possibilidades em decorrência do arcabouço conceptual da Linguística Cognitiva.

Fauconnier é o proponente da Teoria dos Espaços Mentais (doravante TEM), uma teoria cognitiva que influencia a construção do significado, de tal forma que os espaços mentais implicam em mapeamentos dinâmicos constituídos por correspondências abstratas incidentes no pensamento e na linguagem e que se realizam entre elementos e relações em diferentes espaços mentais. Este autor desenvolve esta abordagem em duas obras: *Mental Spaces* ([1985], 1994) e *Mappings in Thought and Language* (1997). *Mental Spaces* explora o fato de não sermos conscientes das construções cognitivas que realizamos, assim como não somos conscientes das operações biológicas de nossos corpos. Para Fauconnier, quando construímos qualquer interpretação, mobilizamos uma enorme quantidade de conhecimento prévio

selecionado implicitamente, pelo contexto, mas também não nos damos conta desse processo. Percebemos apenas a ponta do *iceberg* que é a língua e as palavras que evocam o sentido (essa afirmação é retomada em *Mappings in Thought and Language*); imersos encontram-se todos os recursos cognitivos dos quais precisamos para elaborar sentido e realizar a interpretação. Essa teoria busca verificar como a cognição funciona na sociedade e que conjuntos de relações são utilizados para se estabelecer a mesclagem entre espaços mentais.

Historicamente, a ideia de mesclagem conceptual tem suas raízes na teoria da metáfora. O livro de Fauconnier e Turner (2003) (*The way we think*) sobre a mesclagem conceptual é, em mais de uma forma, descendente do clássico de Lakoff e Johnson (1980). No entanto, a ênfase de Fauconnier e Turner parece ser marcadamente outra: seu livro é menos sobre metáforas e mais sobre mesclagens. O que isso significa? Enquanto que as metáforas são, basicamente, projeções de um domínio fonte para um domínio alvo (estruturas duais), as mesclagens são criaturas gigantes, estendendo-se para, pelo menos, quatro espaços mentais: dois espaços de entrada, correspondendo à fonte e alvo nas metáforas, o espaço genérico, que contém a estrutura mental abstrata subjacente dos espaços de entrada; a mesclagem, onde as entradas são colocadas juntas de forma desenvolver uma estrutura emergente. Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 390) “a mesclagem conceptual não é algo que fazemos em adição a viver no mundo; ele é nossa forma de viver no mundo. Viver no mundo humano é ‘viver na mesclagem’ ou, antes, viver em muitas mesclagens coordenadas”.<sup>36</sup>

Um outro ponto importante se refere ao fato de que, partindo da Teoria dos Espaços Mentais Fauconnier e Turner ampliaram seus estudos resultando na Teoria da Integração Conceptual (TIC) (ou Teoria da Mesclagem Conceptual) com reformulação de alguns de seus pressupostos que fazem emergir um novo enquadre cognitivo. Nesta teoria, a construção do significado envolve dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) o estabelecimento de mapeamentos entre esses espaços mentais. Além disso, as relações de mapeamentos são guiadas pelo contexto local. Portanto, a TIC deriva de duas tradições dentro da Semântica Cognitiva: a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e a TEM. Em termos de sua arquitetura e em termos de sua preocupação central, a TIC está mais intimamente relacionada com a TEM. Isto é devido à sua dependência dos espaços mentais e da construção desses espaços como

---

<sup>36</sup> Blending is not something we do in addition to living in the world; it is our means of living in the world. Living in the human world is ‘living in the blend’ or, rather, living in many coordinated blends.

parte de sua arquitetura. No entanto, a TIC é uma teoria distinta que foi desenvolvida para dar conta de fenômenos que a TEM e a TMC não podiam dar conta adequadamente. O ponto central da TIC é o fato de a construção do significado tipicamente envolver uma integração da estrutura que faz emergir mais que um resumo de suas partes. A TIC foi originalmente desenvolvida para dar conta da estrutura linguística e do papel da linguagem na construção do significado, particularmente dos aspectos “criativos” da construção do significado. No entanto, as pesquisas se aplicam a outros interesses do pensamento e imaginação humanos e em tantas outras áreas da atividade humana. Fauconnier e Turner (2003, p. 6) postulam que “[...] o que está atrás da forma não é uma coisa, mas o poder humano e construir significados”<sup>37</sup>.

Nesse ambiente, a posição assumida por Fauconnier e Turner (1995, p. 3) apresenta-se como expressiva e coerente:

A mesclagem conceptual é uma operação cognitiva geral, operando sobre categorização, o fazer de hipóteses, inferências, e a origem e combinação de construções gramaticais. A mesclagem conceptual pode ser detectado na linguagem diária, expressões idiomáticas, pensamento criativo na matemática, evolução dos modelos sócio-culturais, piadas, propagandas, e outros aspectos do comportamento linguístico e não-linguístico (tradução nossa)<sup>38</sup>.

Essa citação oferece um panorama de como se configura o mecanismo para operação de uma mesclagem conceptual: além da cognição envolvida no processo de mesclagem, estamos diante de categorizações que possibilitam as inferências, primordiais para a mente criativa e construção de espaços que tolerem a veracidade de uma informação, por mais estranha que ela possa parecer. A mesclagem, além disso, engloba o comportamento linguístico, ou seja, as EIs verbais e o não-linguístico, as DPs que acompanham cada uma das EIs.

As inferências são constitutivas desses processos cognitivos da mesclagem conceptual. Na mesclagem conceptual, a cadeia de processos geradores de mesclagens é inconsciente e indefinido, e essa abertura é justificável pelo poder imaginativo da cognição. No entanto, há um ponto em que o processo imaginativo repousa sobre uma interpretação. Para Feltes (2007, p. 179)

---

<sup>37</sup> [...] what is behind form is not a thing at all but rather the human power to construct meanings.

<sup>38</sup> Blending is a general cognitive operation, operating over categorization, the making of hypotheses, inference, and the origin and combining of grammatical constructions. Blending can be detected in everyday language, idioms, creative thought in mathematics, evolution of socio-cultural models, jokes, advertising, and other aspects of linguistic and nonlinguistic behavior.

a Teoria da Relevância [...] não é compatível com o experiencialismo cognitivo ou com a mente corporificada, basicamente pelo fato de se basear em uma mente computacional, modular, não isotrópica, voltada para a derivação de inferência dedutivas não-demonstrativas. Entretanto, trata-se de um modelo que dá conta de dois passos fundamentais dos processos inferenciais: como e quais suposições são pragmaticamente mais plausíveis que outras tantas possíveis. Ou seja, o Princípio de Relevância (Ótima) ainda oferece um dispositivo que opera na base da economia cognitiva.

Portanto, a TIC envolve alguns princípios e dentre eles destacamos o Princípio da Relevância<sup>39</sup> (Sperber e Wilson, 1995), dado que algumas questões sobre o que conta ou não na TIC seria por referência a esse princípio. Partindo do princípio de que o contexto para interpretação de enunciados não é fixado antecipadamente, mas construído juntamente com o processo de interpretação, Sperber e Wilson (1995) propõem uma teoria pragmática de base cognitiva com o objetivo de explicar como os indivíduos fazem uso de suas crenças e atitudes e escolhem algumas suposições em lugar de outras quando interpretam enunciados: a Teoria da Relevância. A Teoria da Relevância dá conta dos processos cognitivos envolvidos na comunicação inferencial humana, ou em outras palavras, explica como o ouvinte reconhece e recupera a interpretação pretendida de um enunciado. A ideia do Princípio de Relevância é a de que o emissor seleciona intencionalmente o enunciado de forma a ser otimamente relevante para o receptor, garantindo assim a seleção de uma interpretação preferencial da informação entre as várias possíveis, mais ou menos acessíveis e compatíveis com tal enunciado. Na visão de Sperber e Wilson, para um enunciado ser otimamente relevante, é necessário recuperar sua representação semântica por um processo automático de decodificação linguística, acrescido de informações contextuais (*inputs* visuais, linguísticos, conhecimento de mundo, ou seja, informações do ambiente cognitivo) a escolha dessas informações baseia-se na consistência com o Princípio da Relevância que garante que em meio a inúmeras informações constantes no ambiente cognitivo de cada indivíduo, compatíveis com o enunciado, que poderiam gerar diversas interpretações, selecionam-se apenas as informações que causam maior número de efeitos contextuais, ou seja, as mais compatíveis.

---

<sup>39</sup> Poderíamos também citar o Princípio da Boa Razão. O princípio básico em que toda a comunicação se baseia é o de que nada se diz se não há razão para dizê-lo. A estrutura da informação apresenta, em geral, um conteúdo implícito e explícito, de tal maneira que é possível ser distinguido aquilo que efetivamente se diz daquilo que se deduz do conteúdo do que foi dito. Conteúdo Implícito, compreende a Ilação, conhecida como sendo aquilo que se pode concluir logicamente de uma declaração; o Pressuposto, como sendo o que é obrigatório para que um enunciado seja verdadeiro; a Expectativa, que se apóia no princípio da “boa razão”, ou seja, sempre que alguma coisa é dita, presume-se que deva haver uma boa razão para dizê-la. Na mensagem visual, composta por texto e ilustração, as imagens se concretizam em denotação e conotação, além da assinatura e logan.

Sperber e Wilson argumentam que além da recuperação pelo ouvinte da informação codificada, a comunicação também envolve processos inferenciais, que ocorrem porque há uma lacuna entre as representações semânticas da sentença e os pensamentos realmente comunicados pelos enunciados.

A Teoria da Relevância tem por objetivo explicar o processo de atribuição de sentido aos enunciados. Assim como o ouvinte presta maior atenção aos estímulos que lhe parecem mais relevantes, o mesmo ocorre ao leitor. Determinadas informações no texto disparam o processo inferencial que levará o leitor a encontrar dentre as inúmeras informações constantes em seu ambiente cognitivo, aquela que lhe dará o maior número de feitos contextuais com o menor esforço de processamento. O ambiente cognitivo total do indivíduo é o conjunto de todos os fatos que ele pode perceber ou inferir, é uma função de seu ambiente físico e de suas habilidades cognitivas (SPERBER, WILSON, 1995, p. 39); ou seja, o conjunto de todos os fatos que são manifestos a ele. Um determinado fenômeno afeta o ambiente cognitivo ao tornar certos fatos manifestos ou mais manifestos. Como resultado, o indivíduo pode mentalmente representar estes fatos como suposições fortes, e talvez os use para derivar mais suposições que não correspondem aos fatos reais, mas que são, no entanto, manifestos a ele também. No entanto, embora essencial para a definição de relevância, a noção de efeitos contextuais modificando o ambiente cognitivo do indivíduo por si só, não é suficiente para sua caracterização; há um segundo fator – o esforço do processamento. Todo processamento de informação exige algum esforço, algum dispêndio de energia mental em nível de atenção, memória e raciocínio. O esforço está numa relação comparativa com os benefícios que são alcançados, os quais, nesse caso, são os efeitos cognitivos. Partindo, então, dessas duas noções – efeito contextual e o esforço de processamento – Sperber e Wilson caracterizam a relevância para um indivíduo, ou seja, um fenômeno será mais relevante para o indivíduo quanto mais amplos forem os efeitos contextuais alcançados e menor for o esforço cognitivo requerido para processá-lo.

Vejamos como se dá o processo interpretativo na seguinte EI e sua DP:

Engolir sapo



Figura 8: DP para “engolir sapo”.

A EI verbal associada aos *inputs* visuais e linguísticos da DP permite a geração da informação. Inicialmente, o *input* visual, os dois personagens, o homem e o sapo, em uma situação onde a cabeça do sapo está na boca do homem, soma do *input* da EI verbal (engolir sapo), levam o leitor a buscar, em seu ambiente cognitivo, informações como: a) sapos não são palatáveis, b) homens não comem sapos, c) o sapo está saindo ou entrando na boca do homem? d) o sapo na boca impede a fala do homem, e) que gosto teria esse sapo e outras tantas informações estivessem presentes na memória do leitor. A DP, nesse caso precisaria ser em várias fotos que permitissem evidenciar se o sapo está entrando ou saindo e se o homem está digerindo de fato o sapo, mastigando, com o intuito de comê-lo.

A EI engolir sapo, em sua forma figurativa, revela que a pessoa está forçada a ficar calada diante de uma situação qualquer, o que é reforçado pelo *input* visual do sapo impedindo a fala do homem por estar posicionado em um local que o impede de se expressar e pela ativação do conhecimento de mundo do leitor. Sabe-se que sapos não são comestíveis. Há ainda outros indícios que podem ser notados pelo leitor, dependendo de sua capacidade inferencial e de suas vivências.

Não dá para perceber pelo *input* visual, pois o rosto do homem, não está completo, se há algum mal-estar ou desaprovação, portanto, a interpretação se dá através da ativação do conhecimento de mundo de quem lê a EI associada a sua DP, que pensa no mal-estar que uma pessoa pode sentir ao ter um sapo em sua boca. A análise dessa EI e sua DP, será analisada mais detalhadamente em capítulo posterior, mas já é possível afirmarmos que a interpretação não é simplesmente “desempacotar” a mensagem. Não basta identificar os signos, é preciso fazer inferências a partir deles. A interpretação é a junção da decodificação linguística e das informações contextuais compatíveis acessadas de acordo com o Princípio da Relevância, que garante que meio a inúmeras informações compatíveis com o enunciado, que poderiam gerar diversas interpretações, somente sejam selecionadas aquelas que causam maior número de feitos contextuais.

A partir dessas concepções e da concepção da mesclagem como uma rede de integração conceptual é proposto um tripé que permite ao indivíduo realizar a mesclagem conceptual, ou seja, os três Is da mente humana: Identidade, Integração e Imaginação, operações humanas universais (FAUCONNIER; TURNER, 2003, p. 6). Há uma forte ligação entre esses três Is, pois, através da Imaginação é possível se perceber a Identidade de pontos, ideias, conceitos, dentre as diversas experiências vivenciadas

pelos seres humanos e a partir dessa Identidade se torna possível mesclar, integrar conceitos que, para todo efeito, são incompatíveis, não há nada de comum entre eles. A Identidade é quem possibilita o reconhecimento de uma certa uniformidade, oposição, diferença e que dependem de um esforço imaginativo.

Nessa linha, Rodrigues-Leite (2008, p. 117) deixa clara a relação entre os três Is: (1) há o papel da Identidade na operação cognitiva de destacar duas entidades da realidade, correcioná-las entre si, delinear os limites de uma relação à outra, para encontrar suas semelhanças e discrepâncias; realiza operações de reconhecimento de identidades, igualdades e diferenças e assim por diante (2) em seguida, opera-se a Integração entre a Identidade de traços semelhantes ou opostos, recorrendo-se a categorias conceptuais, cuja estrutura elaborada fornece restrições operacionais de modo a manter o significado estável (a partir de Modelos Cognitivos Idealizados) e (3) finalmente, a ação da Imaginação recai sobre as operações anteriores, de forma a atender às exigências locais, dinâmicas e contextuais da comunicação, realizando, através de dois ou mais domínios cognitivos, a configuração do sentido pretendido por um emissor.

A Imaginação é fundamental para a Identidade e Integração pois possibilita simulações imaginativas mesmo sem que haja uma motivação externa. A Imaginação opera com sonhos, fantasias, ficções da mesma maneira que o faz com outras construções de sentido. Da Integração emerge um novo conceito que tem características dos anteriores mas com aspectos particulares únicos.

Isso demonstra que há uma alta probabilidade de a Teoria da Mesclagem Conceptual atender nossas expectativas para análise de nosso *corpus* dado que os postulados de Fauconnier e Turner englobam tanto as EIs (expressões linguísticas verbais) quanto o não-linguístico, ou seja, em nosso caso as EIs e suas respectivas desconstruções pictóricas. Kövecses (2005, p. 128-129) afirma que um caso interessante de variação metafórica é o processo de mesclagem conceptual. Para esse autor, a mesclagem conceptual é um processo que vai além das metáforas conceptuais, pois pode dar conta de casos nos quais as pessoas imaginativamente constroem elementos que não podem ser encontrados nem no domínio fonte nem no domínio-alvo. As mesclagens, afirma Kövecses, variam em seu grau de convencionalidade, mas, frequentemente, eles ocorrem em usos criativos individuais da língua e pensamento.

Nos termos de Grady (1997, p. 232), algumas expressões metafóricas parecem não estar baseadas nem em metáforas primárias nem em metáforas compostas,

nem mesmo no tipo de relacionamento de traços compartilhados. O autor julga necessário importar outro modelo – a integração conceptual ou *blending* – um fenômeno envolvendo a criação de uma nova conceptualização por meio da combinação de outras conceptualizações e que envolve um mínimo de quatro espaços. Dois desses espaços correspondem às conceptualizações fonte e alvo na metáfora; há também um “espaço genérico” – que contém uma estrutura esqueleto de ambos os espaços de *input* (ou seja, fonte e alvo, no caso da metáfora) – e um espaço mesclado – que é um espaço rico integrando uma estrutura específica parcial de ambos os espaços de entrada e incorporam elementos de dois espaços distintos. Dito de outra forma, a mesclagem conceptual é uma “ativação” simultânea de duas imagens mentais separadas em um todo integrado, onde as inferências são desenhadas e outro trabalho conceptual é feito; pode envolver a justaposição de dois entendimentos do mundo. A mesclagem conceptual interage com o fenômeno metafórico. O espaço mesclado, segundo Grady (1997, p. 235), poderia ser descrito como a ativação simultânea de duas imagens metafóricas incompatíveis da mesma cena, a justaposição de diferentes aspectos do nosso entendimento do mundo. Ao longo desse estudo, vamos buscar equacionar singularidades e discrepâncias entre TIC e TMC com maior profundidade.

Julgamos, assim, que uma diferença relevante é que o processo de integração conceptual se dá entre *espaços mentais* (TIC) e não entre *domínios* (TMC). Ao contrário dos *domínios* da Teoria da Metáfora Conceptual, que são representações mentais estáveis e gerais, os *espaços mentais* (doravante EM) da Teoria da Integração Conceptual são representações mentais temporárias que os indivíduos constroem quando pensam e falam acerca de uma determinada situação passada, presente ou futura, vivida ou imaginada, que recrutam informação de vários domínios ao mesmo tempo e do contexto e cuja função é responder às necessidades de conceptualização, muitas vezes, novas e mesmo únicas. Um aspecto relevante, nesse sentido, é que os espaços mentais, apesar de sua natureza fugaz e temporária, são construídos na memória de trabalho (curto prazo) e podem também ser armazenados na memória de longo prazo para serem ativados em momento propício. Por outro lado, o processo de integração conceptual envolve, não dois domínios, como na Teoria da Metáfora Conceptual, mas, pelo menos, quatro espaços mentais – daí ser esta nova abordagem também conhecida como Teoria dos “Espaços Múltiplos”, em oposição à teoria dos “dois espaços” da metáfora conceptual.

Assim como os domínios conceptuais da metáfora, os *espaços mentais* são um constructo que têm provado ser extremamente úteis em dar conta de construções e entendimentos que subjazem a expressões linguísticas e permitem a inclusão de uma quantidade significativa de informação.

Em uma analogia apresentada por Silva (2006), a palavra espaço, nesse caso, não significa a extensão indefinida mas um território delimitado, circunscrito. O autor faz uma analogia entre um loteamento de um terreno e a mente humana de tal forma que a mente seria um amplo terreno repleto de lotes delimitados. Nesse vasto terreno loteado, cada espaço mental corresponderia a um lote do terreno. O autor aponta algumas outras características, ou seja, esses espaços mentais são formados momentaneamente para fins de uso localizado, são fugazes. Uma metáfora que é usada para caracterizá-los é a da *bolha de sabão*. Formam-se apenas no momento em que se está falando ou pensando e depois se desfazem. Outro fator relevante, apontado pelo autor, é que os EMs são constituídos de dados e informações que vão sendo adquiridos ao longo da vida com as experiências vivenciadas por cada indivíduo. A cada nova circunstância eles são criados e se desfazem como bolhas de sabão, sempre de acordo com a necessidade de uso do momento, autorizando e garantindo a coerência do que se pensa e do que se diz/lê.

Embora diferentes espaços possam conter informações incompatíveis sobre os mesmos elementos, cada espaço individual contém uma representação que é logicamente coerente e, há elementos com contrapartes em outros espaços, envolvendo mapeamentos entre esses elementos e relações em espaços diferentes. Este princípio permite aos indivíduos se referirem a um elemento em um espaço descrevendo seu contraparte em um espaço mental relacionado.

Nos termos de Coulson e Oakley (2000, p. 176), uma teoria da Semântica Cognitiva, a Teoria dos Espaços Mentais situa o significado das representações mentais dos indivíduos, e constroi estruturas linguísticas como pistas que servem de ponto para os indivíduos organizarem elementos na estrutura referencial.

A Teoria da Integração Conceptual agrega ao entendimento da metáfora aquilo que a metáfora conceptual deixa em aberto, ou seja, a metáfora envolve não apenas a ativação de dois domínios, não apenas correspondências, mas também uma espécie de mesclagem que permite uma projeção de material desses dois domínios (tanto do espaço fonte quanto do espaço alvo) na mesclagem (alguns autores usam o termo amálgama ou fusão) e, conseqüentemente, na estrutura emergente (inferências) ao

invés de ocorrer como na Teoria da Metáfora Conceptual em que é possível apenas uma projeção direcional simples da fonte para o alvo. Tomando como base Kövecses (2002, p. 232-233), que se ancora na análise de Fauconnier e Turner, apresentamos essas projeções (figura 9):

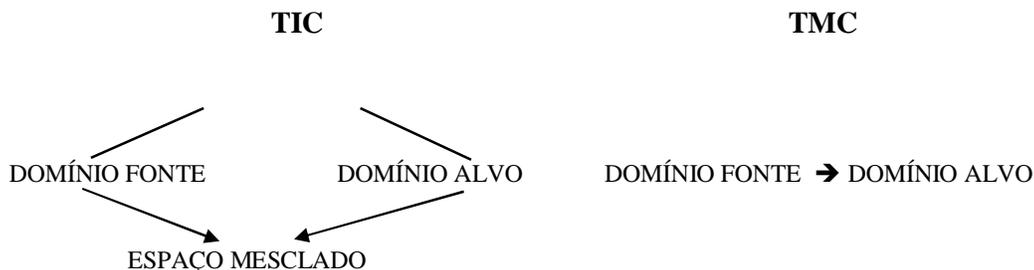


Figura 9: *blending* e metáfora.  
 Fonte: Kövecses (2002, p. 233)

A figura mostra que em algumas mesclagens conceptuais, os domínios fonte e alvo podem ambos projetar elementos no espaço mesclado. Para Kövecses (2003, p. 232), o modelo de espaços múltiplos oferece muitas vantagens: (1) podemos fazer análises prévias mais precisas da metáfora; (2) podemos propiciar uma análise mais refinada de textos literários e (3) podemos manipular melhor certos problemas que surgem em contextos referentes à análise da metáfora.

O autor cita um exemplo típico de como se dá as projeções da fonte no alvo na seguinte expressão (12):

(12) *Steam was coming out of his ears.*

O vapor estava saindo de suas orelhas.

Na fonte, afirma o autor, há um recipiente com um líquido quente em seu interior, que produz vapor quando aquecido. No alvo, há uma pessoa que está ficando cada vez mais com raiva, mostrando sinais de perda de controle como resultado de uma causa continuada. Mas há também um espaço mesclado de uma pessoa com raiva com vapor saindo de sua orelha (como apresentado na figura 2 anteriormente). Esta mesclagem é resultado da projeção tanto da fonte quanto do alvo: o vapor vem da fonte, enquanto a cabeça de uma pessoa com orelhas vem do alvo. Não há vapor no alvo e não há cabeça com orelhas na fonte. Mas eles são fundidos em um espaço conceptual – a mesclagem.

Essa expressão emerge da metáfora A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE (ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER) e das seguintes correspondências:

- o calor do fluído → raiva;
- o recipiente → o corpo da pessoa com raiva;
- a alta intensidade de calor → a alta intensidade de raiva;
- os sinais físicos do perigo potencial do fluído quente → os sinais comportamentais do perigo potencial da raiva;
- manter o fluído dentro do recipiente → controlar a raiva.

Sendo assim, os espaços genéricos compartilhados nos permitem estabelecer contrapartes, ou mapeamentos, como mostra a figura 10:

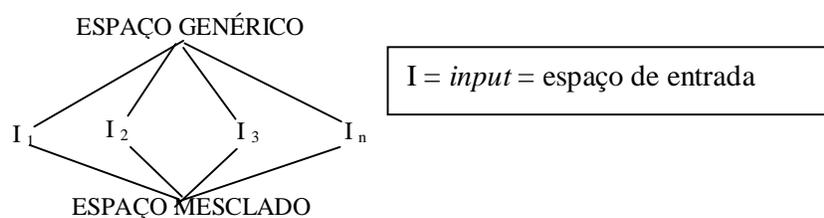


Figura 10: mesclagem entre espaços.  
Fonte: Kövecses (2002, p. 232)

O que chama atenção nesse tipo de análise é o fato de que se admite a participação da TMC na composição da mescla.

Segundo Fauconnier e Turner (1994b), a metáfora é um dos fenômenos que dá origem a espaços mesclados (chamado por Coimbra (1999, p. 65) de espaço amálgama), uma vez que apresenta as características apropriadas:

- projeção parcial de espaços de entrada;
- estrutura emergente na mesclagem;
- estrutura de correspondências entre os espaços de entrada;
- projeção de elementos de um domínio fonte;
- a mesclagem (amálgama) não é usualmente percebida conscientemente, mas pode ser salientada;
- tarefa cognitiva específica da construção da mesclagem (personificação, p.ex.).

Uma análise que se enseje como representativa da expressão linguística metafórica envolve uma ordem complexa das características sócio-culturais que são vistos não como estáticos, mas, sim, como dinâmicos, em um *continuum*. Disso decorre um exemplo (13) que é apresentado por Coimbra (1999, p. 65-66, retirado de

Fauconnier e Turner (1994a)). Nele, a metáfora deixa evidente o envolvimento entre os vários espaços mentais:

(13) Ele é um autêntico peixe.

Ou seja, ao se perceber a natureza metafórica dessa expressão temos, para a autora, o espaço fonte que inclui PEIXE e ÁGUA. O espaço genérico, mais abstrato, projetado a partir deste espaço fonte, engloba a informação de que há um agente que se move excelentemente na água. Esse espaço genérico autoriza projeções de espaços alvo específicos, como em “O meu cão é um verdadeiro peixe” ou “Este limpador de tanques é um peixe perfeito”. No caso de “Ele é um autêntico peixe”, o agente do espaço genérico é projetado em um ser humano no espaço alvo. O espaço mesclado tem a estrutura esquemática do espaço genérico bem como mais informação da fonte e do alvo.

No espaço mesclado, todas as coisas que se movem eficientemente na água são peixes, incluindo os peixes reais. Isto pode parecer confuso, mas ser um verdadeiro peixe na mesclagem não é a mesma coisa que ser um verdadeiro peixe na fonte ou no alvo. Segundo Coimbra (1999), isto levanta um ponto importante: o que é verdadeiro, o que é possível, o que é real, tudo depende do espaço em relação ao qual estas questões são colocadas.

Uma nova categoria provisória foi construída no espaço mesclado, para fins locais. Ela toma forma, como é de esperar, a partir da fonte, e, por isso, chama-se “peixe”. No espaço mesclado construído a partir de “Ele é um autêntico peixe” ou “O meu cão é um verdadeiro peixe”, algo/alguém pode ser simultaneamente um ser humano e um peixe ou um cão e um peixe. Essa categorização é estritamente limitada à mesclagem não se estendendo a outros espaços. Nesse sentido, então, é local e temporária, serve a um certo propósito específico. Em última análise, os peixes continuam a ser peixes e os cães continuam a ser cães. Isso demonstra a utilidade da aplicação deste modelo na interpretação da linguagem metafórica.

A TIC envolve algumas maneiras de realizar as integrações entre os espaços. A seguir, retomamos os possíveis tipos de integração conceptual apresentados por Fauconnier e Turner (2003) e discutidos por Kövecses (2005).

### 3.2.1 Tipos de integração conceptual.

O que apresentamos nessa seção já é contemplado pela literatura e em trabalhos desenvolvidos à partir da TIC, motivo pelo qual faremos uma explanação sintética que atenda nossa expectativa por entender as trilhas e caminhos geradores do sentido. Buscamos reconhecer o que há de positivo nessa teoria mas, além disso, verificar se é possível apontar para alguma incompletude e/ou lacuna deixada pelos referidos autores. A priori, entendemos que, a rede de integração conceptual precisa ser mais detalhada de maneira a levar a uma melhor compreensão das fases pelas quais ela passa, as projeções/mapeamentos decorrentes da estrutura da rede e, por esse motivo, temos o objetivo de descrever essa estrutura interna. Afinal, Fauconnier e Turner apresentam sua teoria já na fase de aplicação sem demonstrar como, de fato, chegou àqueles diagramas. Em nosso estudo, pretendemos exatamente dar conta desses aspectos, como um raios-X da estrutura/arquitetura de uma mesclagem conceptual, de forma a contribuir para fortalecer a tessitura interna de uma mesclagem conceptual e isso levar à compreensão mais ampla de qual ou quais são essas trilhas percorridas para a geração do sentido metafórico, nessa relação interespaçial/interdominial.

Há formas simples e transparentes de produzir mesclagens assim como há diferentes formas de mesclagens que podem ser consideradas protótipos de integração conceptual. Fauconnier e Turner (2003, p. 119-135) enumeram quatro tipos principais: (a) redes simples, (b) redes espelho, (c) redes de escopo único e (d) redes de escopo duplo e múltiplo. Fauconnier e Turner recorrem a formas diagramáticas para representar o processo de imaginação dos indivíduos e integração de identidades na mesclagem conceptual e isso é a essência de nossas observações e a forma como trataremos nossas análises e reflexões por entendermos que tornam mais claro o entendimento das mesclagens e facilita sua exemplificação.

Essas redes fazem parte de uma variedade de redes de integração conceptual consideradas dentro de um *continuum* com diversidade no grau de complexidade. Antes mesmo de apresentarmos os tipos de redes é essencial deixarmos claro que “uma rede de integração conceptual é construída dinamicamente por um período de tempo, o qual pode ser muito pequeno (como na compreensão de uma piada) ou muito longo (como na

emergência de um novo conceito científico, como números complexos, ao longo de vários séculos)” (FAUCONNIER e TURNER, 1998, p. 280).<sup>40</sup>

- a) **Redes simples** - Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 121), nas redes simples é difícil notar que haja muitos espaços mentais e processos cognitivos em funcionamento. O que acontece na criação desta mesclagem é algo conceptualmente simples: os papéis no *enquadre cognitivo* são preenchidos por elementos individuais no outro espaço de entrada. Este é um processo automático e não consciente. Isso porque não notamos que temos uma mesclagem na qual os espaços de entrada são fundidos. Este é o motivo pelo qual as redes simples são tidas como composicionais. Fauconnier e Turner (2003, p. 276) afirmam que: (i) através da projeção seletiva, as expressões aplicadas ao *input* podem ser projetadas para serem aplicadas a contrapartes na mesclagem. Dessa forma, as mesclagens utilizam palavras já existentes com a finalidade de expressar novos significados que emergem na mesclagem e (ii) as combinações das entradas podem ser apropriadas para identificar a estrutura na mesclagem mesmo se estas combinações forem inapropriadas para os *inputs*. As frases podem ser gramaticais mas sem significado e podem, então, se tornarem gramaticais e com significado na mesclagem. E complementam (2003, p. 277) afirmando que

A operação cognitiva da mesclagem conceptual não está restrita à linguagem. Mas uma mente que pode mesclar e que também conhece a língua, inevitavelmente desenvolverá múltiplos significados para as palavras através da mesclagem. Se as palavras aparecem em *inputs* elas podem ser projetadas como quaisquer outros elementos daquele *input*<sup>41</sup>.

- b) **Redes espelho** - De acordo com Fauconnier e Turner (2003, p. 122-126), nas redes espelho há um único *enquadre cognitivo* que estrutura todos os outros espaços: as entradas, o espaço genérico, e o mesclado. Este *enquadre cognitivo* não precisa ser exatamente o mesmo em todos os espaços, mas ele deve ser similarmente suficiente. Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 41) um mapeamento parcial entre espaços conecta contrapartes nos espaços mentais de entrada. O ponto mais geral nisso é: a integração conceptual pode envolver espaços que são estruturados entre vários

---

<sup>40</sup> A conceptual integration network is constructed dynamically over a period of time, which may be very short (as in the understanding of a joke) or very long (as in the emergence of a new scientific concept, like complex numbers, over several centuries).

<sup>41</sup> The cognitive operation of conceptual blending is not restricted to language. But a mind that can blend and that also knows language will inevitably develop multiple meanings for words through blending. If words show up in inputs, they can be projected like any other elements of that input

espaços. Projetando elementos e relações na mesclagem, chega-se a um *enquadre cognitivo* na mesclagem que é novo relativo aos enquadres cognitivos nos espaços de entrada. Esta é outra forma do pensamento criativo e não envolve a metáfora. Para esses autores, a criatividade não requer necessariamente um pensamento metafórico.

- c) **Redes de escopo único** - Fauconnier e Turner (2003, p. 126-131) afirmam que na Teoria de Integração Conceptual, a metáfora conceptual é um dos mecanismos possíveis. O rótulo rede de escopo único se origina do fato de a rede ter um espaço mesclado cuja estrutura deriva de um dos espaços de entrada. Os dois espaços de entrada correspondem à fonte e alvo na TMC. Na teoria da mesclagem, é o domínio fonte (uma das entradas) que estrutura a mesclagem.

d) **Redes de escopo duplo e múltiplo**

Nesse tipo de rede nos detemos mais tempo em função de ser ele a base para nossos estudos. Segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 131-135), nas redes de escopo duplo, o domínio alvo desempenha um papel igualmente importante na contribuição da estrutura do *enquadre cognitivo* da mesclagem. Partes seletivas de ambos os domínios fonte e alvo modelam a estrutura do *enquadre cognitivo* emergente da mesclagem. O autor ilustra isso com um exemplo: ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER (A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE), e apresenta a seguinte frase: “Deus, ele estava tão louco que eu podia ver a fumaça saindo de suas orelhas”<sup>42</sup>. Segundo Kövecses, essa é uma nova elaboração da metáfora ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER. Nessa metáfora, um elemento da fonte é mesclado com um elemento do alvo. Não há orelhas na fonte e não há fumaça no alvo, mas na mesclagem ambos estão presentes ao mesmo tempo como *fumaça saindo das orelhas*. Um *enquadre cognitivo* é criado com fumaça e orelhas, o que é novo em relação tanto ao domínio fonte quanto ao domínio alvo. Segundo o autor, o que acontece aqui é que a cabeça de uma pessoa com raiva se torna o recipiente na fonte, e a fumaça é vista como saindo das orelhas (e não por meio dos orifícios do recipiente). Esta é uma fusão conceptual de certos elementos tanto da fonte

---

<sup>42</sup> *God, he was so mad I could see the smoke coming out of his ears.*

quanto do alvo na mesclagem. A mesclagem vai além de instâncias dos papéis do *enquadre cognitivo* existente na fonte com os participantes no *enquadre cognitivo* alvo, como foi visto nas redes de escopo único. Nesse caso, há uma ampla criatividade das mesclagens com novas conceptualizações de outras velhas. Como resultado, temos a metáfora INTENSITY IS HEAT (INTENSIDADE É CALOR), que poderia indicar um crescimento na intensidade na raiva de uma pessoa.

Apresentamos a seguir, um diagrama referente à esta situação, proposto por Dirven e Ibáñez (2008).

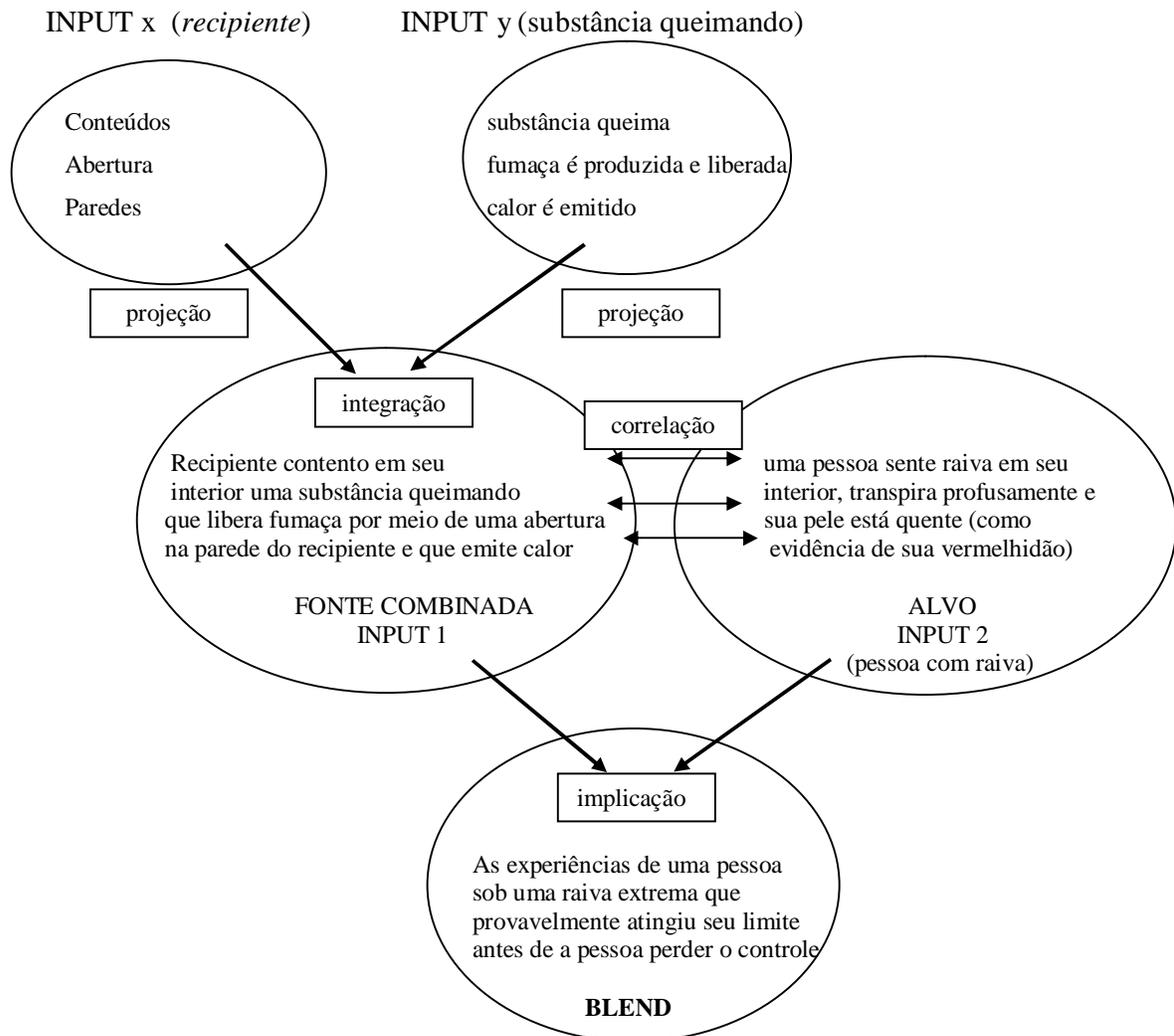


Figura 11: A raiva - fumaça saindo das orelhas.  
Fonte: Dirven e Ibáñez (2008)

As redes são construídas em múltiplas combinações. Uma mesclagem é utilizada como *input* que, combinado com outros *inputs*, dá origem a uma nova mesclagem, e assim sucessivamente. Não há limites para as várias combinações e

recombinações, caracterizando a multimesclagem. Quem determina o limite das combinações é o potencial criativo da mente humana. A multimesclagem fica na memória operacional ou memória de trabalho (curta). A multimesclagem é um espaço provisório (como uma bolha de sabão) e depois passa para a memória de curta duração. A mesclagem conceptual não é algo seqüencial. Uma imagem que poderia representar isso é várias bolhas de são formadas (temporárias e provisoriamente).

Com relação às redes de escopo múltiplo, Fauconnier e Turner (2003, p. 292) asseguram que muitas redes têm não apenas dois mas muitos espaços de entrada. Ele cita um dos célebres exemplos de uma rede de múltiplo escopo: *Grim Reaper* (literalmente, O Ceifador Severo) – o símbolo da morte, representada como um esqueleto encapuzado segurando uma foice. Essa rede contém múltiplos espaços de entrada: o espaço de colheita, o da morte humana, o de matar, e o da tautologia causal, ou seja, são três *inputs* relacionados a três agentes: (1) um CEIFADOR, que usa uma foice para cortar plantas, (2) um MATADOR, que assassina suas vítimas e (3) a MORTE, que trás a morte de um indivíduo. Esse terceiro agente não é humano, é um agente abstrato e é, em si, uma mesclagem metafórica. Há uma personificação da morte.

As correspondências são as seguintes:

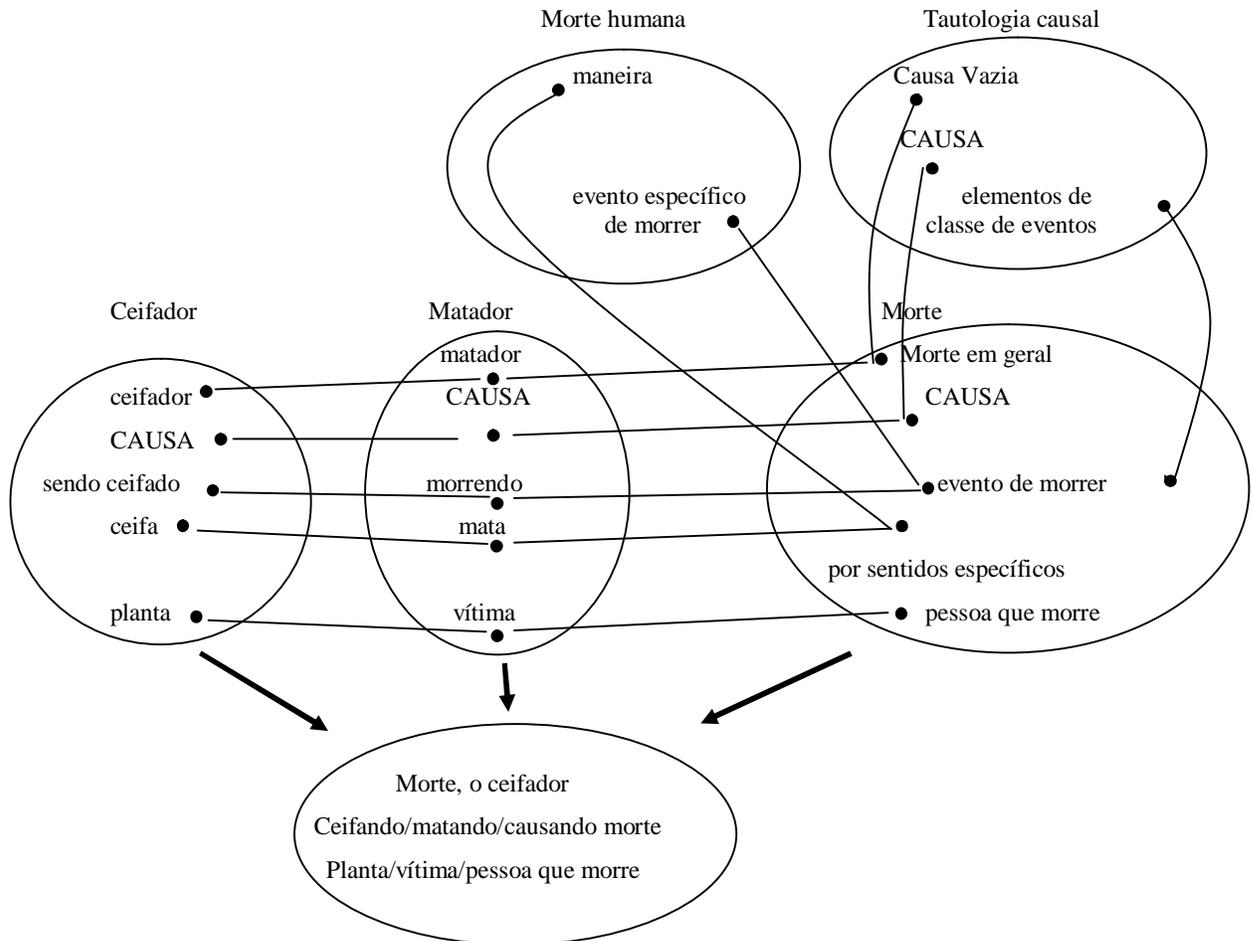
Ceifador → morte em geral

A planta → a pessoa que morre.

O ato de cortar → o evento de morrer

Ceifar → causar a morte

Essas correspondências podem ser representadas por um diagrama (figura 12).



**Mesclagem: Death - The Grim Reaper (Morte – o Ceifador Severo)**

Figura 12: Morte - O Ceifador Severo (*Death: the Grim Reaper*)  
 Fonte: Fauconnier e Turner (2003, p. 292)

Este é um caso de personificação. Lakoff (1994, p. 231), ao estudar uma variedade de poemas, em inglês, sobre a morte, concluiu que ela era personificada em um número relativamente pequeno de formas: motoristas, cocheiros, ceifadores e destruidores ou oponentes em uma luta ou jogo. Lakoff então se pergunta: (a) Por que essas formas? e (b) Por que a morte não é personificada como um professor ou um carpinteiro ou um vendedor de sorvetes? Estudando a personificação em geral, ele concluiu que os modelos acessados são: eventos (como a morte) que são entendidos em termos de ações por algum agente (um ceifador). É este agente que é personificado. Se levarmos em conta a metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES ou A MORTE É PARTIDA, as partidas são eventos. Se entendermos este evento como uma ação da parte de um agente causal – alguém que é causa ou ajuda a causar a partida, então suscita figuras como motoristas, cocheiros e assim por diante. Se considerarmos a metáfora PESSOAS SÃO PLANTAS, e

plantas assim como homens vivem e morrem e, se vemos esse evento como uma ação causal da parte de algum agente, esse agente é o ceifador.

Assim, a morte é personificada como um matador e mesclada com o espaço de ceifar. Quando isso acontece, a morte é integrada com o *Reaper* (ceifador) e a ação de matar com ceifar, a vítima com a planta, e o instrumento usado pelo matador com a foice que é usada pelo ceifador. Kövecses (2002, p. 229) afirma que essa personificação da morte assume duas metáforas conceptuais PESSOAS SÃO PLANTAS (PEOPLE ARE PLANTS) e EVENTOS SÃO AÇÕES (EVENTS ARE ACTIONS). A metáfora PESSOAS SÃO PLANTAS inclui mapeamentos: as plantas são pessoas; o ciclo de vida das plantas é o ciclo de vida dos seres humanos; o crescimento das plantas é o desenvolvimento e progresso que as pessoas fazem em suas vidas, e assim por diante. A metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES é uma metáfora de nível genérico que é usada para conceptualizar eventos como ações. Na metáfora PESSOAS SÃO PLANTAS, as plantas correspondem a pessoas que podem ser cortadas por um ceifador com uma foice. A morte é um evento e este evento pode ser conceptualizado como uma ação via metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES. A ação particular em termos da qual o ceifador é conceptualizado está cortando pessoas com uma foice ou simplesmente aparecendo diante das pessoas que estão para morrer. Em outras palavras, afirma Kövecses (2002, p. 229), temos dois domínios de entrada, a morte e as plantas, que são metaforicamente relacionados como alvo e fonte. O ceifador severo (*Grim Reaper*) não pertence a qualquer um dos domínios fonte ou alvo, mas ao espaço mesclado entre os dois. Kövecses se pergunta: Por que ele não emerge de nenhum dos domínios de entrada? E responde com o seguinte:

- O ceifador não pode residir no domínio alvo porque não há plantas e ceifadores no domínio de morte. A morte é um evento no curso de pessoas que morrem de doenças e acidentes, não por causa de doenças e injúrias infligidas pelos ceifadores;
- O ceifador não reside no espaço fonte de ceifar e colher plantas até porque os traços do ceifador são incompatíveis com nosso estereótipo de ceifar e colher;
- Há muitos ceifadores e eles são intercambiáveis, mas há apenas um *Grim Reaper* que é definido. Isso explica o uso do artigo definido *the* na expressão *The Grim Reaper*;
- Os ceifadores são mortais, mas o *Grim Reaper* é imortal; ele é o mesmo *Grim Reaper* que “cortou” nossos ancestrais e que nos “cortará”;
- Os ceifadores estereotipados usam suas foices para ceifar, enquanto o *Grim Reaper* não necessariamente o faz; ele pode trazer a morte meramente pelo aparecimento diante de nós;

- Os ceifadores estereotipados trabalham por longos intervalos e usam roupas apropriadas para o trabalho. O *Grim Reaper*, por outro lado, atua apenas uma vez (traz a morte) e se veste apropriadamente como se fosse repousar;
- Os ceifadores tipicamente fazem seu trabalho por ceifar o campo inteiro indiscriminadamente, não prestando atenção à existência apenas em determinadas plantas. Em contraste, o *Grim Reaper* vem para uma pessoa específica em um momento específico,
- Finalmente, nós não pensamos normalmente em ceifadores como severos, mas pensamos na morte e a causa da morte como severos. Novamente, o espaço fonte tem conotações que são incompatíveis com aquelas do alvo.

A conclusão que chega Kövecses (2002, p. 230) é que isto serve para demonstrar que os elementos que são mesclados não emergem nem das fontes nem dos alvos mas de uma mesclagem conceptual no sentido literal de mesclagem. Um ponto geral aqui é que os espaços mesclados não são necessariamente projeções de contrapartes fonte e alvo no espaço mesclado; os espaços mesclados podem envolver novos elementos que não são simples combinações de elementos na fonte e no alvo. Sendo assim, afirma o autor, o *Grim Reaper* como um esqueleto vestido em um roupão encapuzado e que segura uma foice apenas existe no espaço mesclado. O ceifador na fonte corresponde à causa do evento de morte, e não ao esqueleto no alvo. O esqueleto está relacionado à causa de morte metonimicamente no alvo, na qual a causa da morte produz esqueletos. Na mesclagem, o *Grim Reaper* é uma combinação da causa da morte e o esqueleto do alvo, assim como o ceifador da fonte, mas o ceifador e o esqueleto não são contrapartes fonte e alvo

Para finalizar esta seção citamos o que foi dito pelo autor acerca da expressão *The Grim Reaper*, tecendo considerações sobre a associação entre mesclagem e metáfora,

[...] mesclagem e metáfora são, dentre outras, operações cognitivas básicas da mente. Elas podem produzir uma enorme variedade no pensamento humano. [...] Embora estes exemplos sejam produzidos por processos cognitivos universais, os produtos dos processos mostram variação. O *Grim Reaper* pode existir apenas em uma civilização que tem o Cristianismo como crença religiosa dominante. [...] Os processos cognitivos universais de usar a metáfora e a mesclagem em formas criativas estão disponíveis para todos os falantes em todas as culturas, mas não são utilizados no mesmo grau<sup>43</sup>. (KÖVECSES, 2005, p. 282)

<sup>43</sup> [...] blending and metaphor are, together with others, basic cognitive operations of the mind. They can produce enormous variety in human thought. [...] Although these examples are produced by universal

A criação das redes de integração conceptual está intimamente ligada aos espaços mentais, mais especificamente aos mapeamentos/projeções entre esses espaços pois eles são extremamente relevantes na construção imaginativa de uma rede, revelando sua estrutura interna em diagramações. Mas, é preciso ressaltar que os mapeamentos/projeções entre espaços não devem ser encaradas como algo óbvio mas reflexo do poder criativo da mente humana. As redes podem se combinar indefinidamente, caracterizando, assim, a multimesclagem, com várias redes convergindo para a geração do significado.

### 3.3 Multimesclagens (*megablend* ou *blends* múltiplos).

Uma vez delineadas as características da mesclagem conceptual, passamos a tratar da multimesclagem, que nos dará suporte para explicar como está estruturada internamente a rede de integração conceptual, ou seja, os mecanismos cognitivos que operam na composição da mesclagem dando origem ao significado.

Como vimos, ao longo desse estudo, há uma ampliação constante do modelo, ou seja, parte-se da metáfora que envolve dois domínios conceptuais (fonte e alvo), passa-se para a integração conceptual que envolve pelo menos quatro espaços: dois espaços de entrada, um espaço genérico e um espaço mesclado - essa é a configuração mínima para chegarmos à multimesclagem. Fauconnier e Turner (2003, p. 279) apresentam um esquema dinâmico de mesclagens múltiplas que engloba um maior número de espaços mentais que podem ser aplicados repetidamente, seus *outputs* se tornando *inputs* para outras mesclagens (o diagrama anterior, do *Grim Reaper*, é uma expressão de multimesclagem). Apesar dessa expansão, continuam sendo mantidos os mapeamentos interespaços entre *inputs*, projeção seletiva e espaços genéricos. Mas, nesse caso, não são necessariamente espaços genéricos únicos para uma rede de mesclagens múltiplas. Ao invés, muitos *inputs* são projetados em paralelo, ou eles são projetados sucessivamente para mesclagens intermediárias, que servem como *inputs* para outras mesclagens.

---

cognitive processes, the products of the processes show variation. The Grim Reaper can only exist in a civilization that has Christianity as the dominant religious belief [...] The universal cognitive processes of using metaphor and blending in creative ways are available to all speakers in all cultures, but they are not put to use to the same degree (KÖVECSSES, 2005, p. 282).

Para Fauconnier e Turner (2003, p. 277)

Os seres humanos se deparam com um problema fundamental : os sistemas conceptuais são vastos e ricos e sem um fim definido, mas os sistemas linguísticos, embora notáveis, são relativamente poucos. Como pode um sistema linguístico ser usado para transmitir os produtos dos sistemas conceptuais, e como podem estes produtos encontrarem expressão na linguagem, dada a surpreendente não combinação em seus respectivos infinitos? [...] Se as formas da língua tivessem que representar significados completos e invariáveis, a língua poderia comunicar muito pouco. A solução evolucionária para este problema é ter sistemas de formas para a construção de significados que vão além de qualquer coisa como a forma em si<sup>44</sup>.

Para exemplificar e tornar mais clara essa estrutura, é apresentado pelos autores (2003, p. 279) o título de uma reportagem: “Drácula e seus pacientes” (*Dracula and his patients*), retirado de um editorial de um jornal sobre Clinton – o Presidente dos Estados Unidos, durante a reforma do sistema de saúde dos americanos e o que recuperamos:

O que o presidente Clinton fez, bravamente e brilhantemente, eu acho, foi apostar que o repertório de atores da indústria dos cuidados com a saúde assustou os Americanos de forma tão ruim que nós estamos dispostos a aceitar qualquer coisa, incluindo taxas mais altas do que continuar sendo extras em um melodrama médico que se assemelha a nada além de um filme do “Drácula” sem fim, onde o conde sempre vence, até a última gota.. A multidão de Dráculas gritará “medicina socializada” e se queixarão que não estarão aptos para conseguir seu próprio médico (tradução nossa)<sup>45</sup>.

Como o leitor dessa reportagem a interpretaria? Segundo Fauconnier e Turner, há duas redes de mesclagem conceptual, cada uma contendo espaços de entrada conectados por um mapeamento metafórico. Na primeira rede, um espaço de entrada é a indústria da saúde, os profissionais (médicos, administradores de hospital, agentes de seguro da saúde) e o público alvo (pacientes/usuários). O outro espaço de entrada retira sua estrutura do filme do Drácula e contrasta com seus atores (que têm empregos estáveis, bom salário) com “figurantes” (que têm a piedade dos produtores, não tem proteção e são explorados). A segunda rede de mesclagem conceptual também tem

---

<sup>44</sup> Human beings face a fundamental problem: Conceptual systems are vast and rich and open-ended, but linguistic systems, however impressive, are relatively quite thin. How can a linguistic system be used to convey the products of conceptual systems, and how these products find expression in language, given the stark mismatch in their respective infinities? If forms of language had to represent complete and invariant meanings, language could communicate very little. The evolutionary solution to this problem is to have systems of forms prompt for the construction of meanings that go far beyond anything like the form itself.

<sup>45</sup> What President Clinton did, bravely and brilliantly, I think, was to gamble that the repertory actors of the health care industry have frightened Americans so badly that we are willing to accept anything, including higher taxes, rather than to continue being extras in a medical melodrama that resembles nothing so much as an endless “Dracula” movie where the count always wins, right up to the last drop... The Dracula crowd will scream “socialized medicine” and moan that you won’t be able to pick your own doctor. (FAUCONNIER; TURNER, 2003, p. 280)

espaços de entrada da indústria do sistema de saúde. Seus outros espaços de entrada envolvem uma história de terror convencional, aquela do Conde Drácula, o Vampiro, que suga o sangue das vítimas. No espaço mesclado, os profissionais de saúde são vampiros e os pacientes são suas vítimas. Esses vampiros que cuidam da saúde extraem dinheiro/sangue de suas vítimas/pacientes.

Ambas as redes de mesclagem conceptual têm mapeamentos metafóricos interespaços e, claramente, as duas metáforas são diferentes e poderiam ser usadas independentemente. Em uma delas, os médicos e os vampiros, e em outra eles são atores de um filme. Essas duas redes de integração metafóricas compartilham um espaço de entrada: a indústria dos cuidados com a saúde. Adicionalmente, os outros dois espaços de entrada (a atuação dos personagens e o Drácula, o Vampiro, cada um deles em uma das redes) têm um mapeamento natural e convencional entre os espaços: a história do Conde Drácula é frequentemente contada nos filmes, onde há atores e figurantes que desempenham os papéis do Drácula e suas vítimas. O mapeamento natural liga atores aos personagens. O mapeamento interespaços do Drama<sup>46</sup> não é metafórico.

A frase “os atores do sistema de saúde” auxilia na construção de uma rede de integração contribuindo com as entradas que são os espaços do FILME e dos CUIDADOS COM A SAÚDE. Inicialmente, o leitor se dá conta do “medo dos americanos” e isso é incluído na mesclagem conceptual, mas sua relação com outros elementos fica indeterminada até que é apresentado o elemento Drácula. Há outro espaço, com a história de terror de Drácula que tem um mapeamento metafórico interespaço com a indústria da saúde e um mapeamento natural do Drama para o espaço do filme. O espaço referente ao Drácula funciona também como um espaço de entrada para a mesclagem, no qual se encontram médicos/atores/vampiros retirando dinheiro/privilégios/sangue dos pacientes/figurantes/vitimas. Com três espaços mutuamente conectados, ou seja, o filme, o conteúdo do filme e os cuidados com a saúde, formam a estrutura contraparte como segue:

---

<sup>46</sup> Performances dramáticas são *blends* deliberados de uma pessoa viva com uma identidade. Elas nos dão uma pessoa viva em um input e uma outra pessoa viva, um ator, em outro. O personagem pode ser inteiramente fictício, mas há ainda um espaço, o fictício, no qual aquela pessoa está viva. No *blend* a pessoa fala e se move como o ator e está onde o ator está, mas o ator em sua performance tenta aceitar as projeções dos personagem, e então modifica sua linguagem, aparência, atitudes e gestos. Para o expectador, o corpo vivo percebido, se movendo e falando é uma âncora. (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 266)

PARTICIPANTES DO FILME	CONTEÚDO DO FILME	CUIDADOS COM SAÚDE
Atores	vampiros/Drácula	profissionais da saúde
Figurantes	vítimas	público

Nessa estrutura, os figurantes são mapeados em vítimas; os papéis desempenhados em atores. Todos os três espaços herdam traços que são projetados seletivamente para o espaço mesclado. Um grupo é aquele com medo, eles são os pacientes, e têm seu sangue sugado de várias formas. O outro grupo (o conde Drácula) consiste de atores/vampiros/exploradores.

Uma diagramação nos permite uma visão mais ampla desse fenômeno e será dessa forma que vamos expor nossas análises no capítulo final. Fauconnier e Turner (2003, p. 282) nos indicam que, para efeito de mesclagem conceitual, chamamos a mescla de B e os três espaços de entrada de M, V e H (filme, vampiros e saúde, respectivamente). Na configuração da rede mostrada na figura 13 (FAUCCONNIER; TURNER, 2003, p. 283) a seguir, as linhas pontilhadas representam os mapeamentos interespaços e as linhas sólidas indicam a projeção seletiva para a mesclagem.

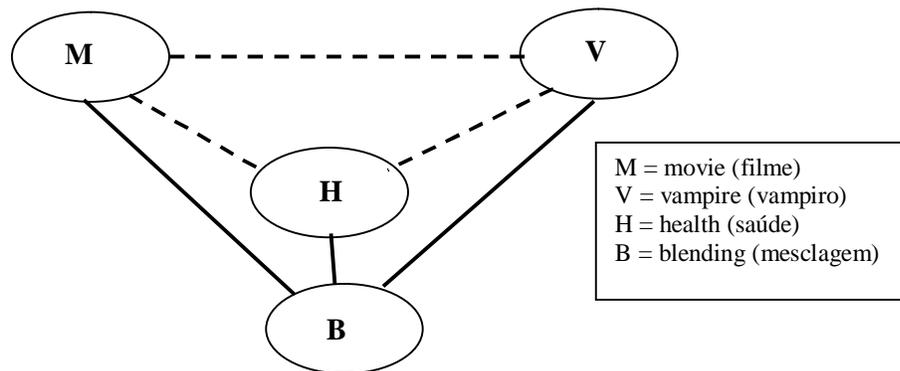


Figura 13: multimesclagem.  
 Fonte: Fauconnier e Turner (2003, p. 283).

Esta configuração tem três mapeamentos interespaços e, portanto, podemos ter três espaços genéricos distintos. Informalmente, a estrutura esquemática  $G_{VH}$  comum a V e a H é o esquema opressor/vítima.  $G_{MH}$  comum a M e H, tem um esquema de *status* social: proeminente/importante/essencial vs. baixo status/sem importância/dispensável. O espaço genérico  $G_{MV}$ , liga os atores reais aos personagens que eles representam. Os dois espaços genéricos  $G_{VH}$  e  $G_{MH}$  que conduzem às metáforas são congruentes. Embora distintas, elas podem ser vistas como subcasos de um G genérico mais esquemático da forma mais poder/pouco ou nenhum poder. Isso devido

ao ajuste de V e H por um lado e M e H por outro, G automaticamente ajusta V e M, mas isto é um produto da rede complexa de integração.

Uma diagramação mais ampla e completa da estrutura interna da rede de integração é configurada como mostrado na figura 14 a seguir.

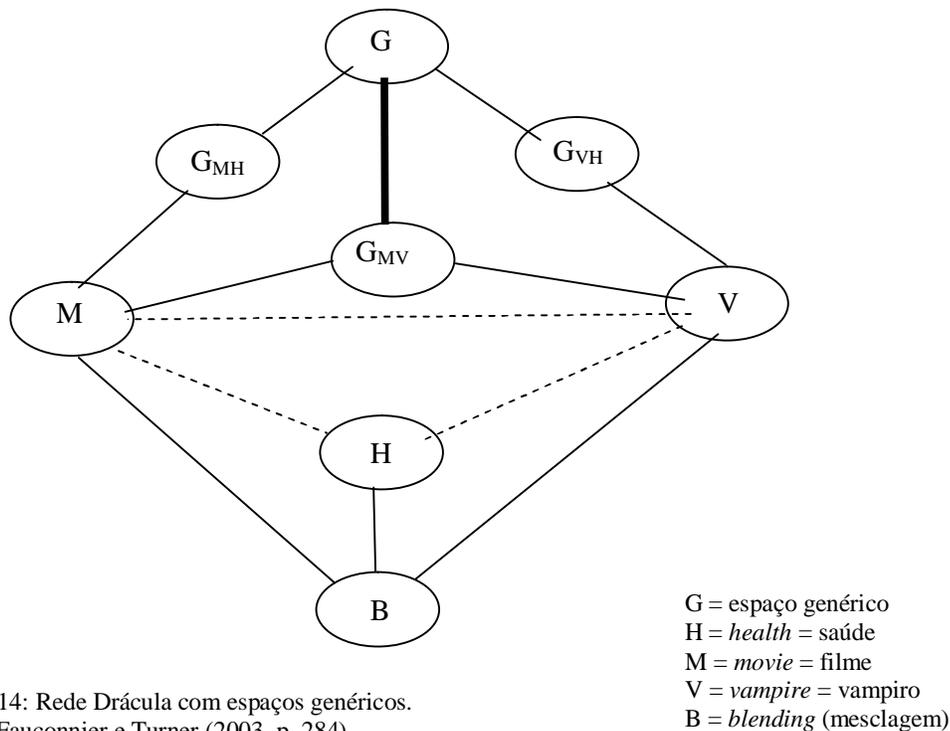


Figura 14: Rede Drácula com espaços genéricos.  
Fonte: Fauconnier e Turner (2003, p. 284).

A função dessa rede em particular é estruturar H (*health* - saúde). O escritor do jornal cita apenas o sistema de saúde, não comentando acerca dos filmes de vampiro ou a indústria de filmes. No entanto, Drácula e seus pacientes salientam traços dos espaços genéricos não encontrados previamente. Embora a rede inclua um único espaço genérico G altamente esquemático, que se ajusta a outros espaços, como os espaços genéricos mais específicos  $G_{MH}$  e  $G_{VH}$  que especificam os mapeamentos relevantes interespaços (o espaço genérico  $G_{MV}$ , que especifica o mapeamento entre filme e vampiro ou  $G_{MH}$  que mapeia filme em saúde). Na medida em que a rede se desenvolve, os vários espaços genéricos vão se alinhando. Fauconnier e Turner (2003, p 283) afirmam que, através de  $G_{MV}$  os figurantes se tornam contrapartes de vítimas. Há um espaço genérico que leva em conta a exploração cruel de agentes contra os figurantes. Mas esse espaço genérico faz alguns ajustes uma vez que a crueldade não é uma parte padrão de  $G_{MH}$ : os atores podem ser indiferentes aos figurantes mas não são tipicamente vistos como cruéis com eles.  $G_{MH}$  é dramaticamente reconstruído no interesse de atingir

B (mesclagem). As múltiplas mesclagens, então, revelam a possibilidade de elaborar a organização dos espaços genéricos.

Uma outra forma de apresentar esse mesmo diagrama poderia ser a seguinte (figura 15):

Filmes de horror

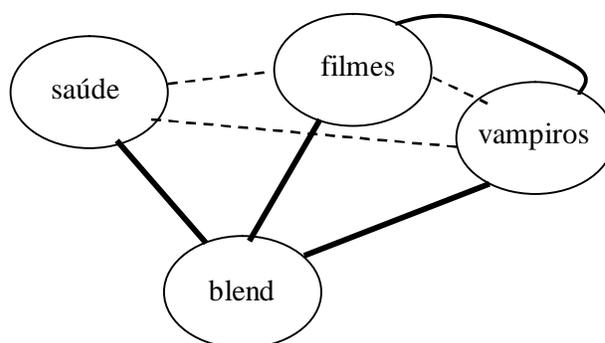


Figura 15: rede de integração para “Drácula e seus pacientes”.  
Fonte: Fauconnier e Turner (2003, p. 303).

Para Fauconnier e Turner (2003, p. 288) não é surpresa que uma rede de integração que contenha muitas redes de integração menores apresente oportunidades para a integração conceitual. Chegar a esta estrutura global genérica é uma conquista imaginativa que requer trabalho com várias partes da rede, sendo que todos os espaços mesclados individuais compartilham alguma estrutura: em cada uma delas, estados são locais, e há uma mudança de um estado/local para outro. Essa estrutura é, portanto, um espaço genérico único, chamado de *G*, para todos os espaços mesclados e para o *megablend*.

No entanto, há possibilidade de criação de um maior número de mesclagens para o título do jornal do que os apresentados anteriormente. Por exemplo, poderia ainda ser observado que Drácula e seus pacientes têm outra mesclagem envolvendo políticos e apostas, isso implica que há possibilidade de derivar os espaços genéricos nas redes de integração. Afinal, “um espaço mesclado é um espaço mental e podemos sempre fazer uma versão mais abstrata de um espaço mental”<sup>47</sup> (FAUCCONNIER; TURNER, 2003, p. 297).

Essas diagramações apresentam possíveis percursos entre aquilo que é “lido”, “ouvido” ou “visto” e seu produto “final” – a significação. Falta-nos apresentar a

<sup>47</sup> A blended space is a mental space, and we can always make a more abstract version of a mental space.

motivação para essas relações e projeções, o que nos permitirá entender a união entre cognição e linguagem (visual ou verbal). Isso é o que pretendemos fazer no capítulo final, levando em conta a natureza dessas relações e o modo como o homem dá sentido ao mundo em que vive, fazendo emergir sentido a tudo que o envolve.

Nessa seção frisamos que a mesclagem conceptual dá conta de muitas expressões, mesmo as que contenham elementos incongruentes/incompatíveis mas, ainda assim, nos concentramos apenas no aspecto verbal. A TIC insere-se como uma linha de pesquisa que exerce um papel relevante, por fazer a justaposição com concepções abstratas e não-corporificadas, concentrando-se nos aspectos criativos da mente humana. Falta-nos apresentar a aplicação da TIC em casos que incluam as DPs, ou seja, na linguagem não-verbal, mesma que essas sejam híbridas, ou seja, imagem + palavras e literais.

### **3.4 A mesclagem conceptual e a desconstrução pictórica - arquitetura das integrações metafóricas.**

Nessa seção, o foco de interesse está concentrado na estreita relação entre as integrações metafóricas e a produção de sentido através de DPs e isso possibilita a apresentação de um modelo que dê conta desses mecanismos geradores do sentido metafórico. Durante toda exposição, temos em conta a mente corporificada, de tal forma que a estrutura da significação emerge da relação criativa do corpo-mente-ambiente. Nesse âmbito, a união linguagem verbal e linguagem visual estão baseadas na experiência do indivíduo com o mundo, motivo pelo qual procuramos deixar evidente uma orquestração harmoniosa entre o papel da mesclagem conceptual em relação à DP. O intuito é imbricar a DP em um contexto cognitivo e experiencial tendo a mesclagem conceptual como dispositivo para a geração do sentido metafórico.

Para Fauconnier e Turner (2002, p.154), em geral, as integrações metafóricas são tipicamente de escopo simples ou de escopo duplo. Elas envolvem diferentes projeções e construções de sentido. Mas as diferenças na construção imaginativa de sentido são uma coisa e a forma da língua e os esquemas de mapeamentos são outras. Para os autores, as formas da língua que levam intuitivamente aos sentidos literais podem também nos levar intuitivamente a sentidos metafóricos que parecem pertencer a

tipos radicalmente diferentes de pensamento. Sendo assim, os autores afirmam que veem a gramática como um conjunto de coisas prontas para nos guiar quase precisamente em nosso uso de operações mentais imaginativas. A gramática indica um tipo de caminho. Mas o que acontece no caminho depende do que especificamente é encontrado e das operações imaginativas conduzidas ao longo desse caminho. Os resultados podem, subjetivamente, serem vistos como ocupando domínios de pensamento diferentes, mesmo quando estamos inconscientemente executando os mesmos esquemas de mapeamento. Se isso é válido para uma representação verbal também pode ter efeito na representação não-verbal (pictórica).

Deixamos claro que, em momento algum, se pretende fechar questão mas, ao contrário, abrir caminhos reflexivos e aproveitar daqueles dispositivos que se façam úteis para nossas análises e construção dos diagramas representativos da significação. Trata-se de um empreendimento que possibilite leituras das ideias centrais com incursões em análises já empreendidas por outros autores. Aparentemente há uma pigmentação de ideias mas uma leitura atenta revela as conexões entre os tópicos abordados em torno do eixo central – a desconstrução pictórica.

A mesclagem conceptual envolve o papel que os enquadres cognitivos e modelos culturais desempenham em estruturar nossas ações, reações, e interações em um mundo constantemente em mudança. Portanto, ainda que as implicações sociais das afirmações feitas nas desconstruções pictóricas sejam passíveis de mudanças, o conteúdo da estrutura emergente das mesclagens continua importante, na medida em que a EI “corporifica” valores que convidam o indivíduo a construir um *enquadre cognitivo* particular de um evento atual<sup>48</sup>.

Em relação ao entendimento em uma DP, Marin-Arrese (2005) afirma que ele é resultante da mudança cognitiva de uma representação mental para outra representação, e o conflito resultante ou discordante entre esses dois contextos imaginados, e compreende a satisfação mental de ter resolvido um enigma.

Bergen (2005, p. 1) afirma que é possível analisar as DPs e seu papel por meio de três mecanismos cognitivos: (a) mesclagem conceptual - (FAUCONNIER; TURNER, 2003)<sup>49</sup>; (b) metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980;

---

<sup>48</sup> Lakoff (1987, p. 272) afirma que o campo visual é entendido como um recipiente, ou seja, as coisas entram e saem do foco visual.

<sup>49</sup> Esses autores veem o *blending* como uma operação cognitiva geral, operando sobre categorização, fazendo hipóteses, inferências, e a origem e combinação de combinações gramaticais. O *blending* pode ser detectado na linguagem do cotidiano, expressões idiomáticas, pensamento criativo na matemática,

KÖVECSES, 2002) e (c) modelos culturais. Desses mecanismos concentramos nossa atenção nos dois primeiros, sem ignorar a importância dos modelos culturais que estão diretamente envolvidos nos dois primeiros. As DPs oferecem um meio de expressão por meio de um formato visual que pode incluir imagens, palavras ou ambas. Outro aspecto é que a DP é uma fonte independente que possibilita observar o uso criativo de mecanismos cognitivos tais como integração conceptual e a metáfora conceptual. Para demonstrar isso, Bergen dá como exemplo um *cartoon* feito por Benjamin Franklin em 1754 (figura 16), que apresenta uma cobra seccionada e cada secção com o nome de uma colônia americana. O *cartoon* vem acompanhado da seguinte frase (14)

(14) *join, or die.*

unir, ou morrer.

Como é possível entender esse *cartoon* via mesclagem? Para Bergen (2005), as colônias americanas são representadas por segmentos desconexos de uma cobra, o que implica dizer que uma cobra não pode funcionar como um organismo, mais especificamente, não pode permanecer viva, sem todas suas partes intactas. Sendo assim, as colônias são incapazes de funcionar ou continuar a existir como entidades políticas sem permanecerem juntas para formar uma organização coerente. Esse raciocínio inferencial, diz o autor, pode ser analisado como resultado de um entendimento metafórico das colônias como organismos por meio da metáfora (15)

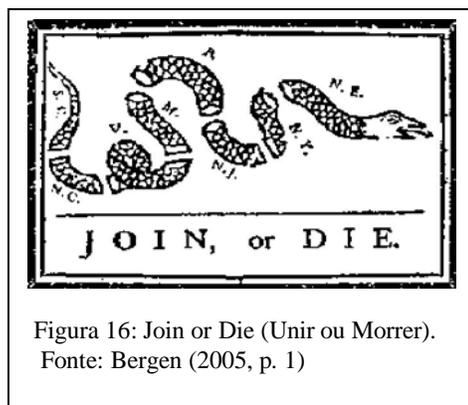


Figura 16: Join or Die (Unir ou Morrer).  
Fonte: Bergen (2005, p. 1)

(15) ORGANIZATION ARE ORGANISMS.

ORGANIZAÇÕES SÃO ORGANISMOS.

onde, nesse caso, um tipo particular de organismo, uma cobra, e suas partes, são mapeadas no conjunto de organizações particulares representadas, tais como Virginia, New York e assim por diante.

As DPs são, segundo o ponto de vista de Bergen (2005, p. 2), um tipo de fonte para uma análise Linguística Cognitiva. Elas fazem uso de muitos dos mesmos mecanismos que todos usamos no dia-a-dia e o ilustrador pode utilizar esses mecanismos através de metáforas. Isso, permite-nos comparar as formas como diferentes mecanismos cognitivos são usados na língua e em *cartoons* e, dessa forma, podem ser usados para estudar a variação de como os mecanismos cognitivos são aplicados para expressar uma mensagem em particular e servem como bases para comparação com expressões linguísticas de mesmo conteúdo.

Para complementar o exemplo anterior, escolhemos um outro exemplo apresentado por Coulson (2005): um *cartoon* denominado “*Off the Leash*” (fora de controle) criado por W. B. Park que apresenta alguns porcos se alimentando sem parar. Um dos porcos, no entanto, levanta sua cabeça, como se endereçando ao fazendeiro e diz: “*Garçon*”.

De acordo com Coulson (2005), esse *cartoon* compara o fazendeiro a um garçom em um restaurante francês e a natureza da correspondência entre uma comida francesa e o comedor compulsivo. Nesse caso, há uma mescla na qual os elementos e relações são construídas de uma combinação de dois enquadres cognitivos que compartilham alguma estrutura abstrata.

No caso do *cartoon* em questão, sua compreensão pode ser atribuída à justaposição do cenário de porcos se alimentando associado com fazer refeições em um restaurante francês. No entanto, não é qualquer combinação desses enquadres cognitivos que resulta em um efeito mesclado. Tanto o conteúdo do enunciado quanto a forma como ele é desenvolvido pode afetar seu significado. No processamento desse *cartoon* há o reconhecimento da incongruência, e sua subsequente resolução via adoção de outro conjunto de suposições.

Na interpretação de uma DP estão envolvidos, dentre outras coisas, os *inputs* contidos em diferentes espaços mentais, cada um estruturado pelos modelos cognitivos de um domínio relevante. Por exemplo, no *cartoon* dos porcos, o cartunista está evocando uma analogia entre aspectos do domínio dos restaurantes humanos e o domínios dos chiqueiros.

Segundo Coulson (2000), embora nosso conhecimento sobre restaurantes e chiqueiros seja amplo, a estrutura conceptual ativada no espaço mental é apenas um subconjunto da totalidade de nosso conhecimento desses domínios. No *cartoon*, o

espaço chiqueiro é estruturado por elementos como o porco, a comida, e por um *enquadre cognitivo* que representa o relacionamento entre eles.

Enquanto os modelos cognitivos estabelecidos no espaço mental representam apenas um subconjunto de um conhecimento de uma pessoa sobre um domínio particular, sua operação é restringida pelo conhecimento daquele domínio e pela informação daquele domínio que pode ser recrutado para propósitos inferenciais.

Sendo assim, um componente significativo da integração conceptual é o mapeamento, ou seja, uma correspondência abstrata entre elementos ou relações em diferentes espaços mentais. Por exemplo, a relação entre um fazendeiro alimentando porcos em um cocho e um garçom servindo um cliente em uma mesa implica em mapeamentos entre o fazendeiro e o garçom, o porco e o cliente, e o cocho e a mesa, bem como a relação entre o alimentar e o servir. Mapeamentos entre elementos e relações em diferentes espaços são representados em (16), onde cada coluna representa um espaço mental, e cada linha representa tanto um elemento quanto uma relação naquele espaço (COULSON, 2005). Os mapeamentos ocorrem entre os elementos e relações na mesma linha.

(16)	<b>Restaurante</b>	<b>Chiqueiro</b>
	garçom	fazendeiro
	cliente	porco
	comida	comida
	mesa	cocho
	serve	alimenta
	(garçom, cliente, comida, mesa)	(fazendeiro, porco, comida, cocho)

O cartunista não está apenas chamando atenção para a analogia entre restaurantes e chiqueiros, mas também incorporando um aspecto de comportamento associado a restaurantes (chamar o garçom com um grito) dentro de uma representação do evento chiqueiro. O *cartoon* em questão representa uma mesclagem conceptual estruturada por domínios múltiplos.

A rede de integração conceptual para a mesclagem restaurante/chiqueiro é apresentada em (17)

(17) <b>Restaurante</b>	<b>Mesclagem</b>	<b>Chiqueiro</b>
garçom	fazendeiro/garçom	fazendeiro
cliente	porco/cliente	porco
comida	(porco) comida	comida
mesa	cocho	cocho
serve	serve	alimenta
(garçom,	(fazendeiro/garçom	(fazendeiro,
Cliente,comida,	porco/cliente,	porco, comida,
mesa)	(porco) comida,	cocho)
Restaurante	cocho)	chiqueiro

O espaço mesclado evocado pelo *cartoon* recruta a estrutura conceptual tanto do domínio restaurante quanto de chiqueiro, e desenvolve uma nova estrutura. No *cartoon* representado no espaço mesclado, o fazendeiro assume o papel de um garçom e o porco o papel de cliente. Além disso, ao contrário de porcos normais em um chiqueiro, o porco/cliente no espaço mesclado pode, aparentemente, falar. Esta propriedade emergente do porco/cliente surge por causa do conhecimento prévio sobre clientes no domínio restaurante, que foi requerido para animar a cena do chiqueiro representada no espaço mesclado.

Embora o conceito da mesclagem conceptual tenha sido motivado pelo desejo de explicar exemplos criativos que demandam a construção de modelos cognitivos híbridos (como no caso do *cartoon* chiqueiro/restaurante), os processos que subjazem a esses fenômenos são de fato amplamente utilizados em todo tipo de fenômenos cognitivos e linguísticos.

Outro autor que contribuiu para o entendimento da relação entre

DP e mesclagem conceptual é Rohrer (2004). Esse autor defende que apesar da relevância da Teoria da Metáfora Conceptual, com domínio-alvo e domínio-fonte, a Teoria de Integração Conceptual faz uso de um processo de construção do significado que representa melhor a complexa discussão de como tais exemplos funcionam, podendo ter mais espaços mentais ao invés de apenas os dois domínios conceptuais da metáfora (bidimensionalidade). Outro argumento em defesa da TIC é que os espaços

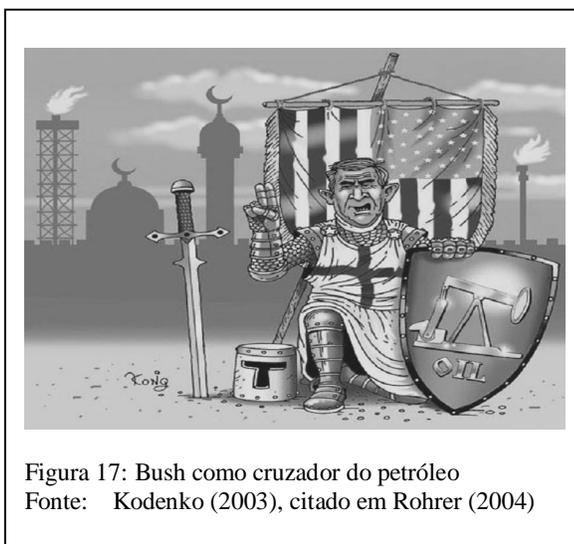


Figura 17: Bush como cruzador do petróleo  
Fonte: Kodenko (2003), citado em Rohrer (2004)

mentais são construtos conceptuais altamente flexíveis e fluidos que são rapidamente construídos e descartados durante a construção do significado *on-line*. Vejamos um exemplo apresentado por Rohrer (2004) do *cartoon* da figura 17.

Segundo esse autor, esta imagem refere-se ao fato de após o ataque às Torres Gêmeas em 11 de Setembro de 2001, o presidente Bush ter chamado o povo para uma “cruzada” contra o terrorismo. Para Rohrer, este *cartoon* representa o fato de a guerra do Iraque ser motivada tanto por interesses religiosos quanto por suas reservas de petróleo.

Rohrer afirma que muitos dos elementos do *cartoon* vieram do domínio das Cruzadas – o cavaleiro de armaduras, a túnica com a cruz vermelha (a insígnia da França nas Cruzadas), a bandeira dos Estados Unidos exposta como no padrão medieval, o capacete e a espada. Outros vêm explicitamente da situação geopolítica corrente – embora o rosto da Cruzada seja o de Bush, seu escudo carrega a insígnia de um poço de petróleo e a palavra “OIL”, e o fundo contém torres de petróleo e refinarias. Há um elemento comum a ambas as situações: o fundo contém as torres de mesquitas e minaretes, característicos das cidades do Mediterrâneo Oriental. O que está ausente é qualquer justificativa para a guerra do Iraque, as armas de destruição em massa e isto não é mapeado em seu diagrama visual de mesclagem (figura 18) e, segundo o mesmo, ilustra o princípios de projeção seletiva na mesclagem. O autor assegura que nem todos os espaços de entrada são projetados na mesclagem, embora a maioria seja.

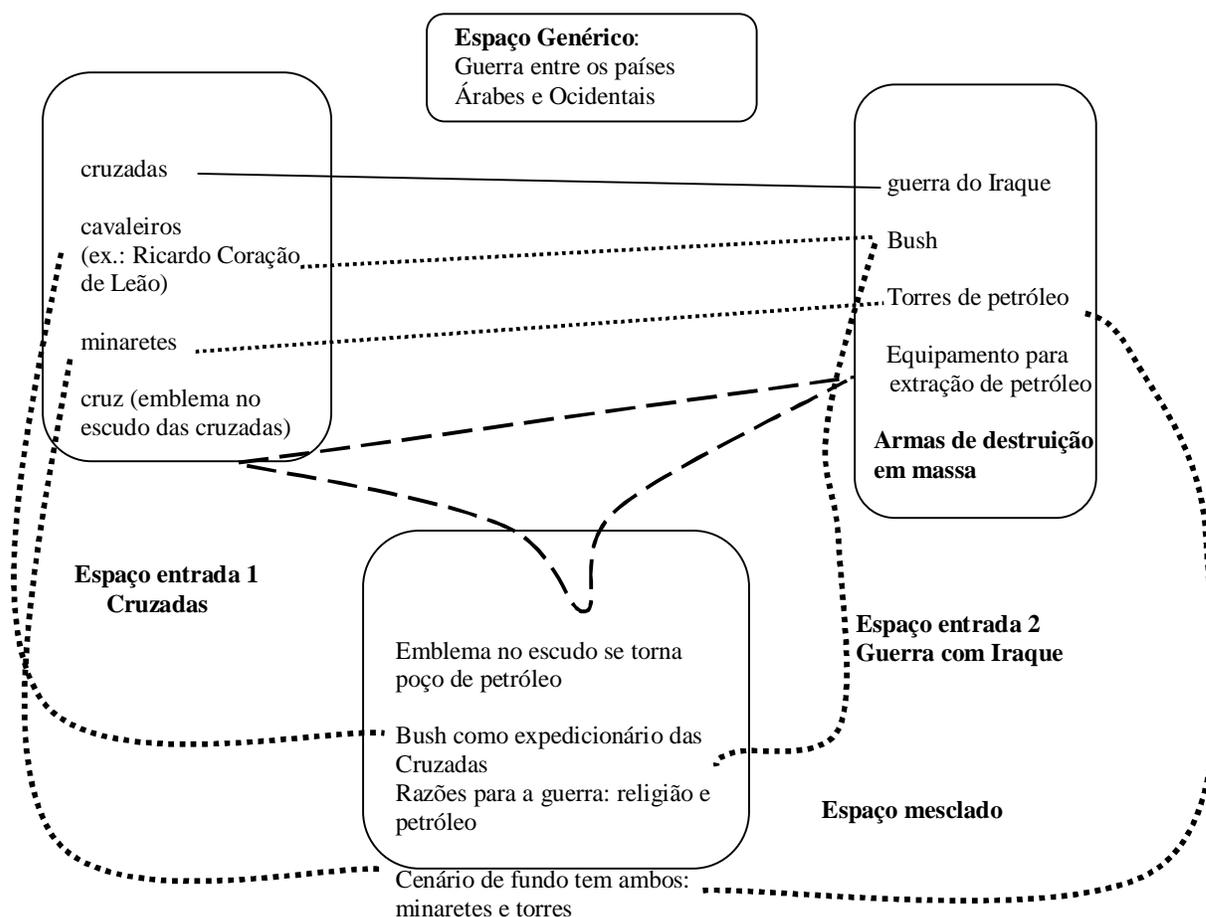


Figura 18: Diagrama da mesclagem de Bush como Cruzador do Petróleo.  
Fonte: Rohrer (2004)

Explicando o diagrama, Rohrer afirma que as linhas pontilhadas indicam o mapeamento transformativo entre a cruz como emblema no escudo e o poço de petróleo, enquanto pontos menores indicam os mapeamentos metafóricos necessários para mapear Bush como um cavaleiro medieval e produzir uma mesclagem das torres e minaretes.

O autor traz à tona o fato de os princípios da teoria da mesclagem de projeção seletiva, serem crucialmente importantes para os processos cognitivos usados no entendimento dos *cartoons*. Na projeção seletiva, afirma o autor, são apresentados apenas alguns dos mapeamentos possíveis entre os espaços, deixando aberta a possibilidade de o observador completar esse mapeamento. Dessa forma, argumenta Rohrer, o cartunista convida o indivíduo a fazer interpretações particulares, por esse motivo é que certos mapeamentos permanecem incompletos.

Como foi possível demonstrar pelos estudos anteriores, as DPs oferecem uma forma significativa de expressão através de um formato visual que pode incluir imagem, palavras ou ambas. Elas refletem uma fonte independente de vidência do uso criativo de mecanismos cognitivos tal como a integração conceptual e a metáfora conceptual. As DPs são, assim, uma fonte segura para análise linguística cognitiva. Elas fazem uso de muitos dos mesmos mecanismos que usamos no cotidiano em diferentes modalidades e são úteis para confirmar a natureza não-linguística desses mecanismos cognitivos. E, como elas refletem questões do cotidiano, torna possível compará-las diretamente com vários mecanismos cognitivos que são usados na língua e nas DPs.

Há, no entanto, algumas questões pertinentes ao estudo dos mecanismos linguísticos cognitivos nas DPs. Primeiro, o fato de as DPs se apropriarem de perspectivas variadas torna difícil dissociar a mensagem que elas desejam expressar das ferramentas usadas para isso. Em outras palavras, se os ilustradores usam diferentes mecanismos cognitivos para expressar diferentes mensagens, é frequentemente difícil determinar se as diferenças nas DPs são devido às diferentes mensagens ou se elas são simplesmente diferentes formas de expressar a mesma informação. Uma segunda questão diz respeito ao fato de os ilustradores serem de várias áreas de atuação e isso poder tornar difícil comparar os mecanismos linguísticos cognitivos em livros relacionados às EIs com aqueles de outros gêneros ou meios visuais.

### **3.5 Aproximação das teorias: Metáfora Conceptual (TMC) e Integração Conceptual (TIC)**

Essa seção se propõe a sintetizar aquilo que possibilita o uso das duas teorias (Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC e Teoria da Integração Conceptual, doravante TIC) sem que isso se torne um conflito. Isso propicia uma análise mais rica e abrangente. Mas, o que há de semelhante entre estas duas teorias? É possível uma aproximação entre elas? Qualquer teoria adequada do sistema conceptual humano deve dar conta da maneira em que se fundamentam, estruturam, se relacionam entre si e se definem os conceitos. Até este momento, temos apresentado a estruturação e as relações entre conceitos ligados às EIs e DPs, assim como a TMC e a TIC isoladamente. Temos afirmado que uma parte significativa de nosso sistema conceptual está estruturado

metaforicamente e procuramos delinear o que isso significa. Portanto, antes de passarmos para a análise em si e explorarmos as implicações desses pontos de vista procuramos apresentar uma estratégia importante para esse estudo por fazermos: observar no que se assemelham e no que diferem a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e a Metáfora da Integração Conceptual (TIC), teorias que assumimos serem complementares e adequadas para dar conta dos caminhos que são trilhados para geração do sentido figurativo em EIs e DPs. Nessa seção, comparamos e contrastamos essas duas teorias sob a ótica cognitiva, procurando delimitar os processos de se obter acesso ao significado e, como consequência, buscar equacionar suas singularidades e realçar suas similaridades. Em uma outra seção apresentamos uma análise feita por Bergen em DPs utilizando tanto a TMC quanto a TIC.

De antemão, assumimos que o entendimento da idiomaticidade passa tanto por questões ligadas à Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) quanto de outra teoria do âmbito da Linguística Cognitiva proposta por Fauconnier e Turner (2003) - a Teoria da Integração Conceptual (também denominada de Teoria da Mesclagem Conceptual ou *Blending*), não como alternativa à teoria iniciada por Lakoff e Johnson, mas antes como complemento desta e visando a uma ligação da metáfora a outros fenômenos de natureza conceptual: a integração conceptual.

Quando a TIC foi inicialmente formulada, seus proponentes (Fauconnier e Turner) argumentaram que ela representava uma alternativa para a TMC. No entanto, há fortes razões para acreditar que a TIC e a TMC são mais complementares do que apenas teorias que competem entre si.

A estrutura proposta por Fauconnier e Turner (1994, 1998) procura explicar muitos dos mesmos dados linguísticos e unificar a análise da metáfora com a análise de uma variedade de outros fenômenos linguísticos e conceptuais. A estrutura proposta por esses autores é denominada de *blending* (mesclagem) ou *conceptual blending* (mesclagem conceptual).

As correlações entre as duas teorias se dão sob dois aspectos: (a) o aspecto das divergências relacionadas ao amplo espectro das teorias e (b) o aspecto das convergências em que se assume uma visão complementar. Assim, não há dúvida de que essa complementaridade possibilita um modelo investigativo, promovendo um diálogo entre ambas, constituindo-se o núcleo das mesclagens conceptuais para a qual convergemos.

### 3.5.1 TMC e a TIC: teorias que se complementam..

Essa seção se destina à descrição dos espectros dessas duas teorias que se inter cruzam, se fundem, se complementam ou se antagonizam.

Reassumimos que a TIC complementa e amplia os postulados da TMC. Há dois momentos distintos e complementares: (a) da TIC os espaços mentais, de pouca duração, herdaram sua estrutura de domínios cognitivos mais estáveis. O modelo de quatro espaços tem seu foco na habilidade de combinar elementos de conceptualizações familiares em outros novos e significativos (GRADY; OAKLEY; COULSON, 1999) e (b) na análise pela TMC no nível dos mapeamentos interespaços, assim capturando apenas os modelos convencionais da conceptualização metafórica.

Ao contrário da TMC, na TIC a projeção não é unidirecional; o material é projetado tanto da fonte quanto do alvo para o espaço mesclado. Assim, aqueles elementos que não têm contrapartes no outro espaço de entrada podem também ser projetados para o espaço mesclado. Essa característica da mesclagem conceptual dá conta da habilidade do indivíduo em recrutar mais significados da metáfora que seria possível por meramente um pareamento de elementos da fonte para aqueles no domínio alvo. Além disso, uma mesclagem conceptual pode servir de *input* para tantas outras mesclagens conceptuais.

Vejamos alguns aspectos da TMC que são compartilhados com a TIC na concepção de Grady, Oakley e Coulson, (1999, p. 101):

- a) ambas as abordagens tratam a metáfora como um fenômeno conceptual mais que um fenômeno puramente linguístico;
- b) ambas envolvem uma projeção sistemática da língua, uma estrutura imagética e inferencial entre domínios conceptuais;
- c) ambas propõem restrições destas projeções.
- d) Nem toda expressão é metafórica assim como nem toda mesclagem conceptual é interpretada como metafórica. Há certos requisitos dentro da rede de espaços mentais que precisam ser preenchidos para dar à interpretação da mesclagem conceptual um ar metafórico;

No entanto, também há importantes diferenças entre as abordagens. Essas diferenças não distanciam as duas teorias, ao contrário, elas se complementam:

- a) a TMC pressupõe relacionamentos entre pares de representações mentais, enquanto a TIC permite mais que dois;
- b) a TMC definiu a metáfora como um fenômeno estritamente direcional, enquanto a TIC não;
- c) enquanto as análises da TMC estão tipicamente de acordo com relacionamentos conceptuais entrincheirados (e as formas na qual elas podem ser elaboradas), a pesquisa na TIC frequentemente está centralizada em conceptualizações novas, originais que podem ter vida curta;
- d) Outro aspecto é o número e a natureza das representações mentais. Para a TMC, a metáfora consiste em uma projeção ontológica e estrutural entre dois domínios cognitivos. Na teoria da mesclagem conceptual, por seu lado, as unidades básicas da organização cognitiva são os espaços mentais;
- e) Espaços vs. domínios – as metáforas conceptuais traçam mapeamentos (e domínios) arquivados na memória de longo prazo. Esses mapeamentos entre domínios que são estruturas de conhecimento são altamente estáveis. Em contraste, a TIC faz uso de espaços mentais que são dinâmicos e temporários, construídos *on line* durante o discurso<sup>50</sup>;
- f) Uma diferença importante entre as duas teorias é que, enquanto a TIC oferece uma estrutura emergente, a TMC não, esta se prende a um modelo de dois domínios.

Se no *continuum* literal  $\leftrightarrow$  metafórico o literal ganha relevância sobre o metafórico, há possibilidade de isso, associado ao desconhecimento do significado da EI, levar a essa ou aquela interpretação. Sendo assim, podemos pressupor que nem toda EI é interpretada *on-line* metaforicamente, como afirmado por autores como Gibbs (1992) ou Coimbra (1999). Seria *on-line* diante de situações que permitissem isso, como um conhecimento prévio, contexto adequado e assim por diante. Isso é alvo de nossa

---

<sup>50</sup> Segundo Cacciari et. al. (2006) as EIs são muito difundidas na língua, mas o processo subjacente de sua compreensão *on-line* ainda é controverso. Para aqueles que adotam os modelos “lexicais”, as EIs são unidades lexicais multipalavras acessadas como tal do léxico mental. Seu significado é aprendido pela recuperação direta da memória e não elaborada via processamento lingüístico. A natureza rápida da recuperação do significado idiomático, freqüentemente mais rápido que as sentenças literais correspondentes, é explicado por analogia com uma “corrida de cavalos” entre uma análise composicional, que requer um tempo de reação mais longo, e a recuperação mais rápida de seu significado figurativo global. A Hipótese da Configuração postula que os significados idiomáticos estão associados com configurações formadas pelas mesmas palavras ativadas durante a compreensão das sentenças literais. Normalmente, o reconhecimento da natureza idiomática depende de uma parte específica da EI que pode ser logo identificável. O ponto no qual é identificada como idiomática deveria determinar o quão rápido é ativado o significado idiomático.

atenção e discutido ao longo desse estudo dado que é um tema de recorrente debate e merece ser destacado. Diante disso, passamos a observar aspectos ligados a conceitos que restringem e classificam aquilo que entendemos como EI.

Identificar os dois domínios da TMC e os diferentes espaços da TIC em cada uma das modalidades (verbal e não-verbal) propicia uma análise mais abrangente. A metáfora visual passa a contar, dessa maneira, com a mesclagem conceptual para que muitos dos aspectos criativos/imaginativos sejam contemplados durante sua interpretação e a geração do sentido se torna, assim, mais evidente.

Não é possível ignorar o fato de, conforme afirmam Grady, Oakley e Coulson (1999), as duas abordagens serem complementares, em particular, os relacionamentos entre os domínios identificados pela TMC formatam e restringem os processos mais complexos da mesclagem conceptual.

Grady (2005, p. 1596), por sua vez, afirma que a fim de que uma conceptualização metafórica surja deve haver uma correspondência entre elementos em duas representações conceptuais distintas (tais como as imagens mentais de uma face e um dia ensolarado, respectivamente). Grady examina a natureza dessas conexões, que a TIC denomina de conexões contrapartes. Para esse autor, dentre outras teorias, a TIC normalmente trata as metáforas como mapeamentos analógicos. Ou seja, a associação entre os dois conceitos é frequentemente dito refletir traços compartilhados que alinham os dois.

O autor explicita como se dá esses mapeamentos e associações entre conceitos na geração do sentido, utilizando uma metáfora na qual uma bochecha é comparada a uma cereja vermelha. Para geração do sentido, Grady (2005) assume que precisamos considerar como o conceito metafórico (ou seja, a fonte, nesse caso cerejas) é evocado. Presumivelmente, afirma o autor, nós primeiro pensamos em bochechas (o conceito literal que nós temos inicialmente diz respeito ao também chamado alvo). As bochechas vermelhas, dentre outras coisas, remetem-nos à imagem de cerejas. Podemos usar a terminologia da Teoria da Integração Conceptual para descrever em maiores detalhes qual lembrança deve emergir e qual a natureza da ligação entre os dois conceitos.

Apesar de a interpretação ser *on-line*, em um primeiro momento, buscamos identificar os dois domínios da TMC e, conjuntamente, ampliar isso para buscar outras informações que vão além desses dois domínios através da TIC.

Uma vez dentro da estrutura da mesclagem conceptual, afirma Grady (2005, p. 1597), os objetos do pensamento se tornam conteúdo dos espaços mentais. Em um estágio inicial, a concepção figurativa de bochechas envolve um único espaço mental: o *espaço alvo* contendo uma representação da face. Mas a imagem de uma forma pequena, circular e vermelha, dentro do espaço FACE, pode evocar outras representações, no caso um *espaço fonte*, as CEREJAS. Em relação à TIC, o elo cognitivo entre a cor relevante e os elementos de forma em cada espaço constitui as conexões contrapartes entre BOCHECHAS e CEREJAS. Esses espaços são combinados, produzindo uma conceptualização mesclada de bochechas como cerejas.

No entanto, nem toda mesclagem conceptual é interpretado como metafórico. Há certos requisitos dentro da rede de espaços mentais que precisam ser preenchidos para dar à interpretação da mesclagem conceptual um aspecto metafórico. Grady, Oakley e Coulson (1999) mencionam os seguintes:

- (a) *fusão* – o significado que contrapartes proeminentes dos espaços de entrada projetam para um único elemento no espaço mesclado. A fonte e o alvo devem ser incompatíveis. O conhecimento crítico de um dado domínio conceptual tem que ser temporariamente suprimido;
- (b) *projeção assimétrica* – alguns aspectos salientes de nosso conhecimento do alvo não são projetados para a mescla e vice-versa, alguma estrutura saliente no espaços mesclado é impedida de voltar para os espaços de entrada.

Até aqui temos observado aspectos ligados à metáfora assim como a mesclagem conceptual e sua influência na geração de uma EI. Ambas desempenham um papel fundamental no entendimento dos mecanismos envolvidos na geração do sentido. Uma vez traçado um paralelo entre as duas teorias, centramos nossa atenção em seus princípios constitutivos, assim como divergências e convergências, vamos delimitar ainda mais o foco tratando de análises de expressões linguísticas verbais em uma seção e uma seção híbrida com desconstruções pictóricas (não-verbais) e expressões verbais sem perder de vistas a aproximação entre as duas teorias. Portanto, nas seções seguintes, retomamos essas duas teorias, buscando pontos convergentes e, mais que isso, exemplificando sua aplicação na análise de expressões linguísticas verbais e de desconstruções pictóricas.

### 3.5.2 TMC e TIC na análise de expressões linguísticas verbais.

Vamos ampliar essas noções oferecendo outros exemplos de expressões linguísticas metafóricas, sempre tendo em conta essa aproximação entre a TMC e a TIC. Em um primeiro momento, centramos nossa atenção nas análises de expressões linguísticas verbais.

Um fato que fica evidente quando buscamos identificar pontos de convergência/divergência entre a TMC e a TIC é que a primeira se utiliza de elementos projetados de domínios enquanto a segunda de espaços mentais. Esse é um aspecto relevante quando se trata da identificação dos mecanismos que geram o sentido metafórico.

Na estrutura da TMC, de acordo com Grady, Oakley e Coulson (1999, p. 102), as metáforas são analisadas como relacionamentos estáveis e sistemáticos entre os domínios conceptuais. Na expressão linguística metafórica (18):

(18) *The committee has kept me in the **dark** about this matter.*

O comitê me manteve no **escuro** sobre esta questão.

a linguagem e a estrutura conceptual do domínio-fonte de visão é usado para representar a situação no domínio-alvo do conhecimento e entendimento. A faculdade da linguagem se insere em uma arquitetura e, com isso, se torna mais ampla e interage com as possíveis representações fornecidas pela linguagem baseada na corporificação sensório-motora da mente humana. Os elementos particulares dos domínios fonte e alvo, segundo Turner e Fauconnier (2003), são representados por meio de uma combinação entre a linguagem fonte (*in the dark* – no escuro) e a metáfora conceptual relevante, um mapeamento – presumivelmente como uma estrutura de conhecimento na memória de longo prazo – que nos diz como os elementos, nos dois domínios, se alinham uns com os outros. Essas asserções deixam claro que, nessa metáfora, as estruturas de conhecimento que dizem respeito à visão foram colocadas em correspondência com as estruturas referentes ao conhecimento e consciência. Porque o mapeamento é imbuído de princípios, a ignorância é associada com a escuridão assim como outras condições que impedem a visão.

Já na TIC, em contraste, a unidade básica da organização cognitiva não é o domínio mas o espaço mental (FAUCONNIER, 1994 [1985]), uma estrutura representacional temporária que os indivíduos constroem quando pensando ou falando sobre uma situação percebida, imaginada, passado, presente ou futura. Os espaços mentais, afirmam os autores, não são equivalentes a domínios, mas vão além, eles dependem deles: os espaços representam cenários particulares nos quais são estruturados pelos domínios dados. A Teoria dos Espaços Mentais foi desenvolvida como reação às visões tradicionais do significado; os espaços mentais são os operadores do processamento cognitivo. Esses espaços são construídos por elementos estruturados pelo enquadre cognitivo e estão interconectados, o que possibilita alterações conforme o discurso. Por isso, é possível afirmar que são flexíveis, linguisticamente motivados e contextualmente configurados. Os espaços mentais não são representações da realidade ou de mundos possíveis. Enquanto esta representação apela para nosso conhecimento da experiência visual, a estrutura recrutada é apenas um pequeno subconjunto do conhecimento daquele domínio. O *insight* fundamental nessa teoria é que os espaços mentais dividem o significado em regiões conceptuais distintas. Os espaços mentais são regiões do espaço conceptual que contêm tipos específicos de informação. Os EM são instanciados por construtores de espaço (*space builders*), que são unidades linguísticas que tanto propiciam a construção de um novo espaço mental quanto servem de ponte entre os espaços mentais construídos previamente e os que serão construídos. Os construtores de espaços podem ser expressões como as EIs e suas respectivas DPs.

Em relação ao exemplo (18), Grady, Oakley e Coulson (1999, p. 11) permitem-nos entender que a rede de conexões que constituem uma mesclagem depende, primeiro, do estabelecimento de elos entre os espaços de entrada. Estas relações contrapartes guiam a construção da mesclagem. As contrapartes interespaciais podem estar relacionados um com o outro em uma variedade de formas. Por exemplo, no caso de “manter-se no escuro por um comitê”, o relacionamento contraparte entre a pessoa (em um *input*) que está na escuridão e a pessoa que é mantida desinformada (em outro *input*) está baseada na Identidade (um dos três Is da mesclagem). O mesmo indivíduo é representado em cada um dos espaços de entrada, e essas duas representações são, quase naturalmente, ligadas de tal forma que ajudam a guiar a construção da mesclagem e, conseqüentemente, da geração do sentido.

Fauconnier e Turner (2003, p. 470-471) dão um exemplo que explora a questão dos domínios vs. espaços mentais (19):

(19) *If Clinton were the Titanic, the iceberg would sink.*

Se Clinton fosse o Titanic, o *iceberg* é que teria afundado.

Esta frase circulou em Washington durante o mês de fevereiro de 1998, quando o filme “Titanic” era popular e o presidente Clinton parecia estar sobrevivendo politicamente de um escândalo sexual.

Em uma entrevista concedida a Coscarelli (2005, p. 292), Fauconnier deixa claro que, as piadas são seus exemplos favoritos. Fauconnier não considera o exemplo (19) simples ou elementar para explicar os espaços mentais, pois ele envolve elementos contrafactuais e metáforas. É uma piada sobre o presidente Bill Clinton, sobre como ele pôde ter tido sua popularidade aumentada apesar de ter sido atacado pelos mais variados tipos de inimigos. Pensava-se que Clinton estaria em apuros, mas, na realidade, o que aconteceu foi que ele se tornou cada vez mais popular. Então, naquele momento, as pessoas costumavam dizer que “se Clinton fosse o Titanic, o *iceberg* é que teria afundado”. Clinton foi então comparado ao Titanic; e o Titanic, quando era o Clinton, era tão forte que, ao chocar-se com o *iceberg*, este é que afundaria, contrariando assim as leis da física. Para a compreensão dessa piada, afirma Fauconnier, temos que abrir um espaço mental do *iceberg* e do Titanic, no qual nós sabemos o que é o Titanic: um navio enorme que afundou. Temos que construir também um outro espaço mental com o conhecimento que temos sobre o Clinton e sobre todos os ataques que ele sofreu. A partir desses dois espaços mentais, temos que construir um terceiro. Agora temos uma espécie de Clinton-Titanic tão forte que é capaz de afundar um *iceberg*.

Nessa mesma entrevista, Fauconnier deixa claro como devemos entender o espaço genérico - um dos espaços da mesclagem conceptual. Isso é relevante nesse momento pois temos intenção de trabalhar mesclagens conceptuais variadas que tenham um espaço genérico comum. Para Fauconnier, uma das coisas que a Teoria da Mesclagem Conceptual tipicamente inclui quando construímos redes é que há partes em comum do *input* que irão se mesclar. O que isso quer dizer é que espaços genéricos contêm coisas que são comuns aos *inputs*. No exemplo do Clinton, o espaço genérico é muito esquemático porque tem a ver com algum tipo de colisão em um sentido abstrato, que poderia ser concreto no caso de dois objetos – a colisão do Titanic com o *iceberg*. Poderia também ser social, como no caso de pessoas tentarem o *impeachment* do presidente, e assim por diante. Contudo, nesse exemplo, o espaço genérico é realmente

muito abstrato, que nem chega a ser um *frame* identificável. O espaço genérico não se relaciona tanto com *frames* em geral quanto se relaciona com o *input*. O espaço genérico é normalmente um pouco menos específico que o *input*. Algumas vezes ele é muito menos específico, já que carrega o que há de comum entre os *inputs*.

Portanto, nesta expressão a mesclagem tem dois espaços mentais de entrada – um com o Titanic e outro com o presidente Clinton. Segundo Fauconnier e Turner (2003), há um mapeamento parcial interespaços entre esses *inputs*: Clinton é o contraparte do Titanic e o escândalo é o contraparte do *iceberg*. Há um espaço mesclado no qual Clinton é o Titanic e o escândalo é o *iceberg*. Essa mesclagem retira muito de sua estrutura de *enquadre cognitivo* do espaço de entrada do Titanic – tem uma viagem de navio com um destino e o itinerário do navio em direção a algo enorme na água – mas ele retira uma estrutura causal crucial e uma estrutura de forma e evento do cenário de Clinton – Clinton não está arruinado mas ainda sobrevive. Há um espaço genérico que tem uma estrutura a ser aplicada a ambos os *inputs*: uma entidade que está envolvida em uma atividade e é motivada por algum propósito encontra outra entidade que sofre uma ameaça extrema por aquela atividade. No espaço genérico, o resultado desse encontro não é especificado.

Para Fauconnier e Turner (2003, p. 470), o mapeamento interespaços entre os *inputs* é metafórico, com o cenário Titanic como fonte e o cenário Clinton como alvo, mas a mesclagem tem estrutura que não vem da fonte, de fato são contrários à fonte e em alguns casos impossíveis para a fonte, e a inferência central da metáfora não pode ser projetada dessa fonte. Se Clinton é o Titanic e o escândalo é o *iceberg* e nós projetamos inferências da fonte, então Clinton deve perder a presidência. Mas a inferência contrária é alguém que é construído: Clinton não terá nenhuma dificuldade política. A mesclagem tem uma estrutura emergente: o Titanic não é afundável de fato, e é possível que o gelo afunde, não meramente fique submerso. A estrutura que emerge é o fato de navios poderem afundar *icebergs* quando, segundo as leis da física, isso não seria possível, dado que *icebergs*, por serem mais leves que a água, não afundam. No entanto, no espaço mesclado a estrutura emergente permite que o *iceberg* afunde. Disso decorre que é possível manipular essa estrutura, mesmo sendo considerada impossível. Todas essas inferências são projetadas no espaço mesclado, ou seja, o Titanic ainda está em curso, e o *iceberg* afundou e, com isso, concluímos que Clinton está se saindo muito bem: ainda é o presidente e não sofreu o *impeachment*. Um aspecto relevante é que, ao

imaginar, ainda que sejam coisas fantásticas como esse exemplo do *iceberg*, nós podemos utilizar sistemas de inferências a fim de projetá-las.

Nós temos que ser capazes de conectar elementos entre os espaços mentais, ainda que esses elementos sejam completamente diferentes em termos de suas propriedades. Em relação aos três Is (Identidade, Integração e Imaginação), já mencionados anteriormente, Fauconnier defende, em entrevista concedida a Coscarelli (2005, p. 296-297), que, no exemplo do Clinton (19), é preciso que o indivíduo seja capaz de conectar o Titanic e o Clinton, identificando esses dois elementos, o indivíduo e o navio, mesmo não havendo nenhuma analogia de qualquer natureza entre eles. Esse é um produto da atividade mental humana e de nossa Imaginação. Para que tenhamos Clinton-Titanic afundando o *iceberg*, temos que imaginar uma cena fantástica. A imaginação está na raiz da maior parte das coisas que fazemos: contar histórias, da ficção, da produção de filmes, as idéias, e assim por diante. A peça central dessa faculdade da imaginação dos homens, segundo Fauconnier, é a capacidade para a integração conceptual avançada, e as mesclagens conceptuais de duplo escopo, em particular, são um dos motores da imaginação. O mundo é diferente porque a partir das integrações que fazemos, acabamos por mudá-lo em vários sentidos.

Não é controverso que casos como o exemplo de Clinton e o Titanic envolvem uma metáfora básica (20) e sua projeção:

(20) PURPOSEFUL ACTIVITY IS TRAVELLING ALONG A PATH TOWARD A DESTINATION (UMA ATIVIDADE RESOLUTA É VIAJAR AO LONGO DE UM CAMINHO EM DIREÇÃO A UM DESTINO)

Projeção: o viajante é projetado para o agente, e atingir o destino é projetado em atingir o objetivo, e assim por diante.

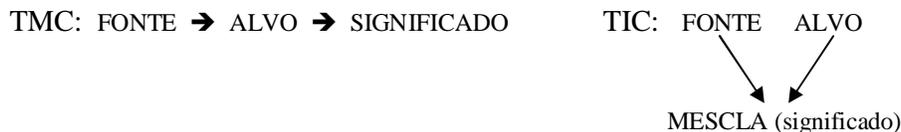
Mas esta metáfora não pode por si só produzir as inferências complexas acima. É no espaço mesclado que nós construímos o cenário contrafactual complexo no qual o Titanic afunda o *iceberg*, e é este cenário que projeta para o *input* da política e sociedade para oferecer as inferências apropriadas.

Enquanto a análise na TMC envolve mapeamentos entre precisamente duas estruturas conceptuais a TIC tipicamente faz uso de um modelo de quatro espaços. Esses espaços incluem dois espaços de entrada (*inputs*) (que no caso metafórico, são associados com a fonte e o alvo da TMC), mais um espaço genérico, representando a estrutura conceptual que é compartilhada por ambos os *inputs*, e o espaço mesclado,

onde o material dos *inputs* se combina, interage. No caso do exemplo “O comitê me manteve no **escuro** sobre esta questão”, a TIC incluiria os seguintes espaços: um espaço de entrada estruturado no domínio da visão, no qual a pessoa (A) é envolvida pela escuridão, outro espaço de entrada, estruturado pelo domínio da atividade intelectual, no qual um comitê negou informação a um indivíduo (A’), um mapeamento entre esses espaços, especificando que A e A’ são tomados como uma mesma pessoa, que a inabilidade para ver corresponde à inconsciência e assim por diante; um espaço genérico contendo o material compartilhado que duas entradas têm em comum (aproximadamente, uma pessoa que não tem acesso a um estímulo em particular); e um espaço mesclado, no qual um comitê mantém um indivíduo no escuro.

Coulson e Oakley (2000) afirmam que é importante notar que no modelo dos quatro espaços (TIC) o material é projetado tanto dos espaços fonte quanto alvo para a mesclagem. Esse arranjo contrasta com a projeção simples e unidirecional proposta pela TMC, na qual os mapeamentos são da fonte para o alvo.

Sendo assim, estamos diante de projeções que têm naturezas diferentes mas que convergem de forma complementar para um determinado significado:



Nesse caso, mantêm-se os dois domínios (fonte e alvo), no entanto, mudam os mecanismos que geram a significação. Na TMC, as informações são projetadas da fonte para o alvo enquanto na TIC as informações contidas na fonte e no alvo são projetados para a mescla.

Em relação à construção dessa integração, Fauconnier (2001), afirma que sua essência é construir uma competição parcial entre espaços mentais de entrada e projetar seletivamente dessas entradas para um novo espaço mental “mesclado” que, então, dinamicamente, desenvolve uma estrutura emergente, conforme figura 19. Além disso, a capacidade da TIC para mesclagem conceptual complexa (integração de duplo-escopo) é a capacidade crucial que o pensamento e a linguagem precisam (Fauconnier, 2001, p. 1).

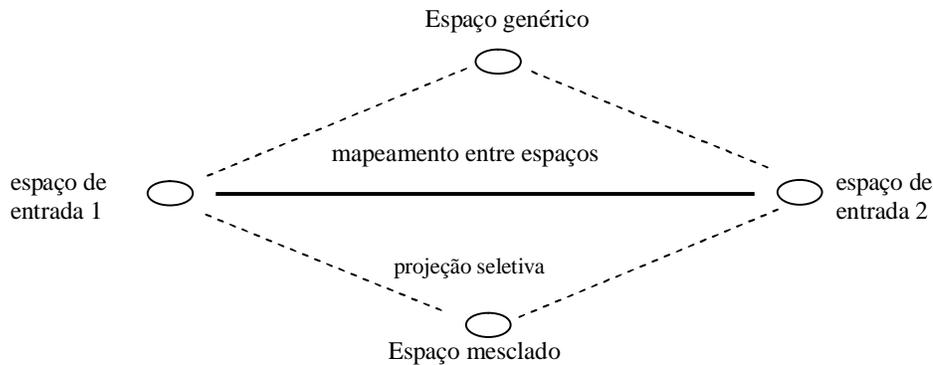


Figura 19: Integração Conceptual.  
Fonte – Fauconnier, 2001, p. 3.

Este diagrama está mais completo em Fauconnier (2003, p. 46), que apresenta a estrutura emergente (o quadrado dentro do círculo no espaço mesclado) (figura 20).

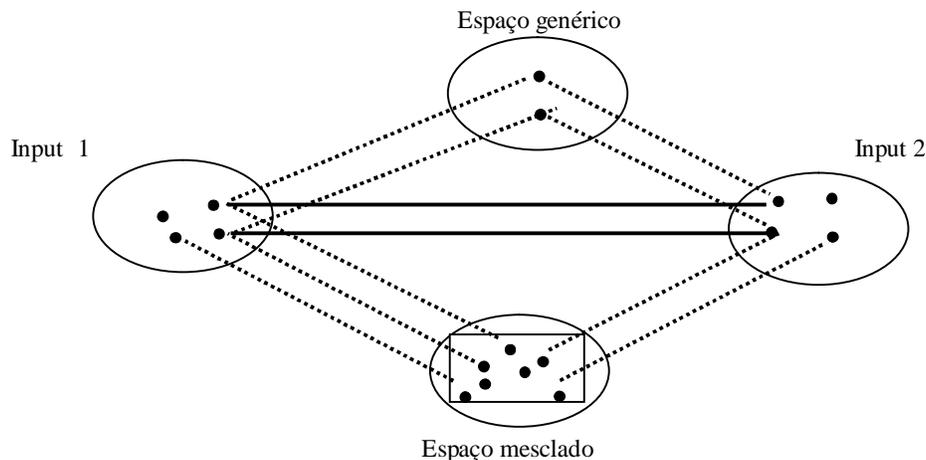


Figura 20: Diagrama básico do modelo de mesclagem conceptual.  
Fonte: Fauconnier e Turner (2003, p. 46)

Segundo Fauconnier (2001, p. 2), a maioria de nossos pensamentos, mesmo nas circunstâncias mais simples, é inacreditavelmente complexa mas completamente inconsciente.

Percebemos, na figura 23, a ocorrência de uma rede mínima representada por quatro círculos distribuídos hierarquicamente: espaço genérico, espaços de entrada 1 e 2 e espaço mesclado:

- O *espaço genérico* contém uma espécie de categoria geral capaz de englobar as características compartilhadas pelos outros espaços;
- Os *espaços de entrada (inputs)* 1 e 2 são dois espaços intermediários entre os quais a mente humana cria identidades possíveis.

- O *espaço mesclado* é o espaço resultante das projeções/mapeamentos seletivas(os) decorrentes dos demais espaços mentais de entrada. Esse espaço é constituído das heranças dos outros espaços e contém uma estrutura emergente.

O espaço mesclado, segundo Fauconnier e Turner (2003, p. 41), e o espaço genérico estão relacionados: o espaço mesclado contém a estrutura genérica capturada no espaço genérico mas também contém estrutura específica, e eles podem conter estrutura que é impossível para os *inputs*.

Lembramos que a representação diagramática não é a coisa representada e que é passível de manipulação de tal forma que um refinamento permita que se combinem novos elementos, produzindo outras tantas operações complexas. Um dado relevante advindo dessa teoria envolve a existência de “espaços intermédios” (*middle spaces*). Esses espaços possibilitam a elaboração e/ou transformação daquilo que é projetado. No espaço mesclado está a estrutura nova, produto de projeção conceptual e, portanto, não se encontra nos espaços de entrada. Segundo Fauconnier e Turner (1996), a projeção conceptual é um processo cognitivo responsável por certos fenômenos como a categorização, formulação de hipóteses, mecanismos inferenciais, dentre outros e essa integração conceptual pode formar novos conceitos de forma local.

Oakley (2005, p. 3) acentua que na integração conceptual os conceitos se tornam conectados ou ligados na memória. Alternativamente, os traços ou elementos originalmente associados com um conceito, ao serem adicionados na memória, geram um conceito diferente. Sendo assim, um conceito inteiramente novo é construído combinando elementos similares de cada um dos conceitos dos espaços de entrada. De acordo com Oakley (2005, p. 5), os processos de mesclagem conceptual se desenvolvem via estabelecimento e exploração dos mapeamentos, a ativação do conhecimento prévio e, frequentemente, envolve o uso da imagem e simulação mental.

Uma das motivações principais para a TIC, segundo seus proponentes, é que o modelo de quatro espaços pode dar conta de fenômenos que não são explicitamente guiados por mecanismos do modelo de dois domínios.

Kövecses (2005, p. 267-270) nos dá um exemplo clássico (21) de como se dá os processos cognitivos metafóricos através de uma metáfora muito difundida quando se trata de explorar aspectos ligados à mesclagem conceptual:

(21) *This surgeon is a butcher.*

Este cirurgião é um açougueiro.

O autor afirma que, obviamente, não se está literalmente identificando o cirurgião com um açougueiro. Sendo assim, a sentença deve expressar um significado figurativo. A análise cognitiva de Kövecses de (21) é a seguinte: temos dois domínios - a palavra *surgeon* (cirurgião) evoca o domínio *surgery* (cirurgia), e a palavra *butcher* (açougueiro) evoca o domínio de *butchery* (matadouro), com o seguinte mapeamento (22) entre os dois (KÖVECSES, 2005 p. 268):

- (22) o açougueiro → o cirurgião  
 ferramenta usada: cutelo → ferramenta usada: bisturi  
 o animal (carcaça) → o ser humano  
 mercadoria → o paciente  
 abatedouro → sala de cirurgia  
 o objetivo de servir carne → o objetivo de curar  
 o significado de açougueiro → o significado de cirurgião

Nos termos de Kövecses (2005, p. 268), se não é possível fazer um mapeamento a partir da incompetência do cirurgião e do açougueiro, como se dar conta de que as sentenças dizem que o cirurgião é incompetente? Sua resposta é que a teoria da integração conceptual, de Fauconnier e Turner (2003), oferece uma solução, que poderia ser da seguinte forma:

- Há dois espaços de entrada: açougueiro e cirurgião. Há um conjunto de mapeamentos que caracterizam o relacionamento entre os dois.
- Há um espaço genérico no qual uma pessoa em um trabalho aplica uma ferramenta em um corpo com um determinado propósito. Os dois espaços de entrada compartilham esta estrutura.
- Há também um espaço de mesclagem. A mesclagem recruta alguma estrutura de ambas as fontes de entrada e da entrada alvo. Ela recruta do alvo: o cirurgião, o paciente, alguma ferramenta, a sala de operação, o objetivo de cura. Da fonte de entrada, ele elícita: o papel do açougueiro e o significado de matadouro.
- Assim, na mesclagem há um cirurgião no papel de um açougueiro que usa uma ferramenta e o significado de matadouro para o propósito de curar um paciente. Isso leva à interpretação que o cirurgião é incompetente. Um cirurgião não pode fazer um bom serviço tentando curar um paciente humano usando o sentido de matadouro. Um

cirurgião que faz isso pode realizar apenas um trabalho não efetivo, não profissional e, assim, incompetente.

Para demonstrar esses mapeamentos e essas projeções, Kövecses (2005, p. 269) apresenta um diagrama baseado em Grady et al. (1999) – figura 21, de forma mais simplificada:

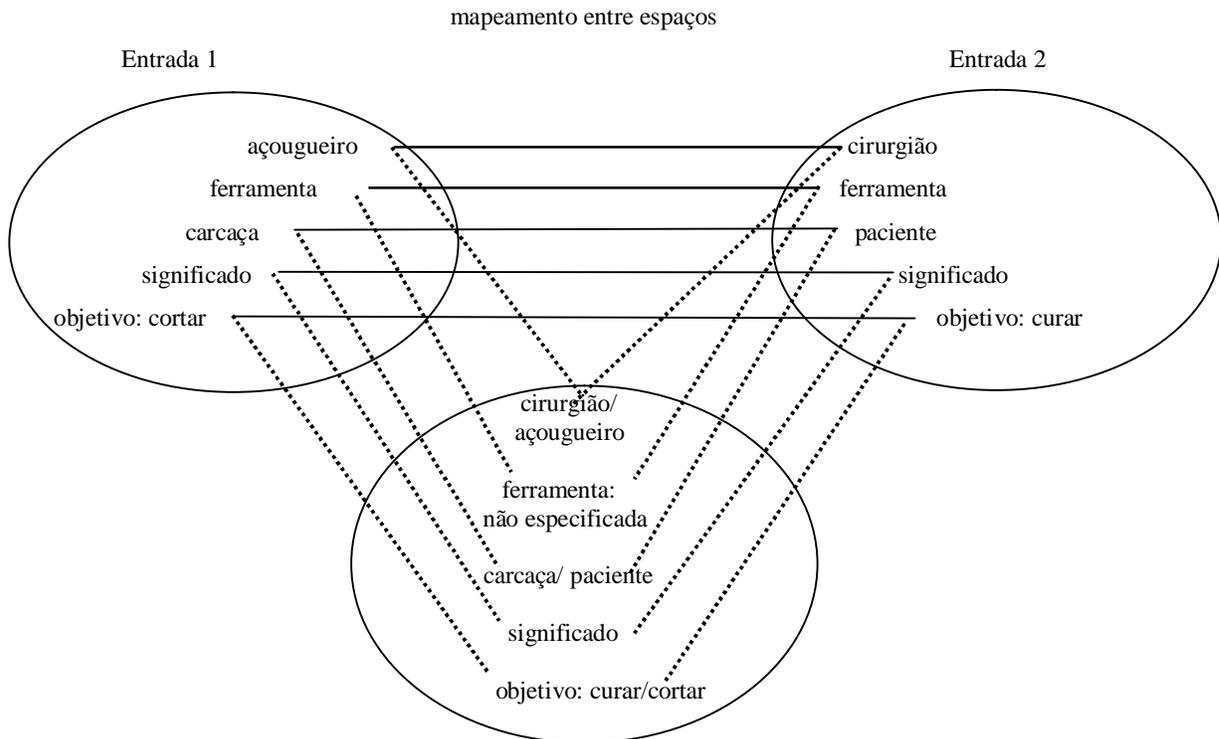


Figura 21: Mesclagem: O cirurgião é um açougueiro.  
Fonte: Kövecses (2005, p. 269).

Para Grady et. al (1999, p. 103), a mesclagem conceptual dá conta da inferência de incompetência da seguinte maneira: primeiro, a mesclagem herda alguma estrutura de cada um dos *inputs*. Do espaço de *input* alvo, estruturado pelo domínio de cirurgia, ele herda tais elementos como identidade de uma pessoa em particular sendo operada, a identidade de outro indivíduo que está operando e, talvez, detalhes da sala de cirurgia. Do espaço *input* fonte, que se vale do domínio de açougue, ele herda o papel de “açougueiro” e atividades associadas. Os dois espaços *inputs* compartilham alguma estrutura, representada no espaço genérico, no qual uma pessoa usa um instrumento afiado para realizar um procedimento em outro ser. Na figura anterior (23), as linhas sólidas representam as correspondências entre espaços que constituem o mapeamento entre os espaços de *input*, as linhas tracejadas representam as projeções entre os espaços, e as linhas pontilhadas entre o papel do cirurgião no *input* 1 e o papel do

açougueiro na mesclagem, representam o fato que o açougueiro na mesclagem está associado com o cirurgião no espaço alvo.

Vemos que, apesar de a mesclagem conceptual possibilitar uma multiplicidade de *inputs*, continua se trabalhando com os dois domínios projetados da TMC. A TMC contribui inicialmente com os dois espaços (fonte e alvo). Aparenta que, dependendo da expressão que está sendo analisada, a TMC tem uma limitação por se tratar de um modelo bidimensional, mas na complementaridade oferecida pela TIC torna a análise mais abrangente. Tem-se à disposição os domínios da análise das metáforas das quais emergem as expressões linguísticas metafóricas (como em “este médico é um açougueiro”) e a fusão com os vários espaços da TIC. A TMC assim, é parte integrante da TIC. É por esse motivo que se entende que a TMC isolada não dá conta da geração do sentido inferido da asserção de incompetência.

Cada um dos espaços pode gerar novos *inputs*, ou novos conceitos associados projetados por cada um dos itens lexicais da expressão. Ou seja, os mapeamentos são realizados por mais elementos que apenas aqueles projetados pelos domínios fonte e alvo, assim como a inferência que é um componente importante do processo de integração conceptual e se dá na estrutura emergente do espaço mesclado.

Na mesclagem conceptual referente à expressão “este cirurgião é um açougueiro” participam alguns elementos dos espaços de entrada (*inputs*):

- (a) daquele que é OPERADO – qual o diagnóstico, qual a experiência anterior com cirurgias, o medo da própria cirurgia e da morte, a cura, dentre outros;
- (b) do CIRURGIÃO - instrumentos, sala de cirurgia, roupas usadas durante a cirurgia, os assistentes do cirurgião (instrumentadores, anestesista, dentre outros), equipamentos (bisturi, injeções, respirador, controlador de batimentos cardíacos, dentre outros), especialidades do cirurgião (cirurgião plástico, cirurgião dentista);
- (c) espaços referentes ao AÇOUGUEIRO - a carne vendida no açougue, o tratador da carne, os corte especiais, os instrumentos utilizados (cutelo, facas variadas dentre outros), a bancada onde é tratada a carne, o frigorífico com carnes penduradas, a eficiência do açougueiro.

Além desses espaços, a criatividade humana projeta outros elementos de outros espaços como a ética profissional nos dois casos, interesse em oferecer o melhor para seus clientes/pacientes, a higiene dos profissionais. Há, então, necessidade da estrutura emergente para que seja dada conta da inferência.

Temos, ainda, o espaço genérico e o espaço mesclado. Há uma combinação de espaços, cada um contribuindo com elementos de forma seletiva. Só aqueles elementos necessários para gerar a significação tomam parte da mescla. Como o processo é inconsciente e automático, esse é um processamento que só permite ver o resultado. Então, tudo aquilo que está na memória de curto e longo prazo, experiências vividas, o contexto no qual uma expressão linguística é apresentada, contribuem para geração do sentido. Há uma justaposição de todos os elementos desde o espaço genérico trilhando por caminhos que conduzem à mesclagem. Ou seja, há uma série de projeções e mapeamentos transespaciais.

Justapõem-se, em um primeiro momento, os mecanismos de ambas as teorias – os dois domínios da TMC com os *inputs* da TIC, essas construções e os enquadres cognitivos são fundamentalmente cognitivo-pragmáticos na medida em que aquele que interpreta uma EI utiliza seu conhecimento prévio e que o possibilita fundir esses conhecimentos na geração do sentido. Algumas vezes, elementos advindos de espaços aparentemente incompatíveis podem ser fundamentais se fundidos para gerar o sentido.

Os diagramas, em geral, apresentados por Fauconnier e Turner assim como por outros autores como Grady, Oakley e Coulson (1999) ou Coulson e Oakley (2000) demonstram como são e quais são as informações projetadas de cada um dos *inputs*, mas nos aparenta que ainda falta um olhar mais aproximado desses mecanismos de maneira a compreender como se dá a geração do sentido. Nossa expectativa é que ao término de nosso trabalho, tenhamos oferecido mesmo que um vislumbre acerca desses mecanismos.

O que nos resulta dessa síntese sobre a aproximação entre a TMC e a TIC até aqui exposta é que podemos recorrer a uma análise linguística que considere os processos mentais de integração que aparecem nas EIs como resultado de uma realidade híbrida/mesclada. A Teoria da Integração Conceptual nos dá os instrumentos para analisar a dimensão cognitiva das expressões linguísticas apresentadas como EIs.

### 3.5.3 TMC e TIC na análise de desconstruções pictóricas.

A discussão acerca dos limites do sentido metafórico na linguagem é um fato muito recorrente nos estudos de Linguística Cognitiva, sendo tratado em várias publicações e eventos da área. Mesmo que muitas conclusões tenham surgido a partir desses debates, ainda resta muita controvérsia no que se refere à compreensão do processamento cognitivo da linguagem quando se envolvem os aspectos verbais, assim como no uso de DPs para representação de expressões linguísticas metafóricas. Nessa seção busca-se retomar a questão no âmbito das duas teorias de nosso estudo (TMC/TIC), aplicando-as em algumas construções linguísticas e outras pictóricas, na tentativa de oferecer uma possibilidade de melhor visualização da fronteira entre o verbal e o não-verbal. Ainda que os resultados de tal análise não sejam definitivos, eles apontam para a idéia de que as duas teorias são, de fato, complementares e auxiliam nas análises.

Um dos grandes méritos da teoria da mesclagem conceptual é tratar-se de um modelo não-fechado, susceptível ao estabelecimento de infinitas relações conceptuais em uma extensa rede de espaços mentais. O que vai, porém, estabelecer o caráter metafórico de uma determinada expressão é o grau de entrincheiramento que a mesma tiver apresentado em um certo contexto verbal ou não-verbal. Dessa forma, um processamento cognitivo pode se dar por caminhos que os correspondentes *inputs* jamais seguem ou seguiriam, de tal forma que o indivíduo não necessariamente deve ter vivido a experiência para que ele associe à expressão o sentido que tem.

Ao interagirmos com o mundo a nossa volta, o fazemos levando em conta as nossas percepções mais básicas, ou seja, as sensório-motoras, que, normalmente, provêm do aprendizado que adquirimos de forma natural a partir das nossas interações com o meio físico e social. Nas relações com o meio físico, o nosso corpo é a referência para as imagens que formarão os nossos conceitos mais elementares e nos levarão à categorização através da linguagem, preparando nossa bagagem mental e cultural.

Independente das particularidades e inevitáveis dificuldades heurísticas envolvidas na escolha por uma teoria que dê conta de duas modalidades diferentes e complementares, há necessidade de que, por natureza, essas teorias englobem a complementaridade pretendida. Afinal, estamos trabalhando com representações estáticas do significado (ou seja, não há áudio, nem vídeo envolvidos), em forma de

imagem ou de forma escrita, e que propõem um significado pré-estabelecido tanto das EIs verbais quanto das DPs criadas pelos ilustradores. Nessa DP, já se espera, de antemão, que determinada expressão linguística gere um significado específico, o que lhe confere um caráter de existência prévia, mas como na interpretação está implícita uma (re)construção, a interpretação dos sentidos está sujeita a ampliações.

As teorias (TMC/TIC) se aplicam às duas modalidades (verbal e não-verbal). De fato, dada a natureza autônoma do significado pictórico em relação a regras e convenções, ambas as modalidades colocam sob uma nova luz o objeto metaforizado. A metáfora verbal ilumina aquilo que metaforiza por comparação com outra coisa e a metáfora pictórica segue essa direção comparando o objeto metaforizado a outra coisa. A metáfora verbal utiliza apenas as palavras como guia interpretativo e essas palavras podem ter um caráter polissêmico levando, assim, a diferentes interpretações, já na metáfora pictórica a outra coisa é a própria representação visual, embora seu criador tenha que escolher com que objetos, entidades deve materializar a representação. Pode ocorrer de a DP, como um todo, ser metaforizada como um dos elementos da metáfora. Assim, toda metáfora poderia ser resumida a um formato conceptual “A é B”, sendo que a metáfora verbal é apenas uma das diversas possibilidades de manifestação do fenômeno, o que oferece uma amplitude capaz de atender ao conceito de metáfora pictórica.

A metáfora pictórica A é B pode estabelecer-se de forma visual ou associada ao textual, construindo mentalmente relações inexistentes no mundo exterior. Tais analogias servem para explicitar o caráter de algo ou de alguém. A metáfora pictórica A é B substitui parte de uma imagem por outra ou parte de outra, mantendo perfeitamente identificáveis no todo os dois elementos, não os fundindo (A é B), nem confundindo.

Não há novidade, também, no fato de que uma metáfora, mesmo sendo convencional, pode se realizar em contextos extremamente criativos como na DP, tornando-se um produto linguístico inteiramente novo. Mesmo porque o significado não reside apenas nas palavras, mas é certo que estas evocam sistemas conceptuais. Dependendo do contexto e das imagens associadas, a metáfora passa a ter uma outra roupagem e evoca na mente do receptor um esquema mais amplo que pode levar a outras propriedades de um mesmo domínio.

Entendemos, observando as análises de Bergen (2005), que a metáfora pictórica é uma manifestação plástico-icônica de uma declaração metafórica baseada em

um conceito metafórico do tipo “A é B”, dotada de *inputs* verbais e/ou não verbais, onde pelo menos um desses *inputs* esteja configurado visualmente, podendo o outro se manifestar também visualmente, verbalmente ou nem mesmo existir, sendo recuperável pelo contexto e, conseqüentemente, pela rede de integração conceptual (via multimesclagem). Nesse sentido, os *inputs* devem projetar determinadas propriedades e associações para o espaço mesclado, ou via TMC, o domínio fonte projeta elementos no domínio alvo.

Pelas análises apresentadas por esse autor, é possível estabelecermos alguns pressupostos. Dentre eles, o de que a imagem pode ter um caráter polissêmico, possuindo uma cadeia flutuante de significados que permite ao receptor escolher alguns e outros não. Dessa forma, a função de ancoragem atribuída ao texto também será de extrema utilidade, contribuindo na identificação da forma como a representação visual repercute sobre a representação verbal e vice-versa. Isso não quer dizer que a interpretação de toda imagem esteja presa à fixação do verbal para sua construção de sentido, mas que no contexto de uma DP este conceito parece-nos aplicável.

A metáfora, de modo geral, é importante para a construção de conhecimentos do mundo e para a criação de novos significados. A metáfora pictórica amplia essa importância porque permite ao não visível ser o aqui e agora, oferecendo uma forma que não lhe é própria. Dessa maneira, a metáfora [pictórica] sugere um sentido e permite aos objetos se transformarem e serem portadores de um excedente de significado.

Há formas de construção do significado que emergem na interação *on line* e nela vão sendo negociadas, ajustadas. Isso permite observar o significado de forma *dinâmica*, ou seja, como construção e articulação entre experiências, habilidades, conhecimentos e processos, incluindo as formas durante a interação. Isso nos impulsiona a uma proposta de descrever os processos cognitivos envolvidos na geração do significado, de modo a construir um modelo semântico responsável por representar diagramaticamente a progressão das interações conceptuais e mesclagens conceptuais cognitivamente motivadas. Com isso, é possível defender que não se observa para o item linguístico e o seu significado uma relação atributiva, mas sim se propõe, para a linguagem, o papel que Fauconnier (1994[1985]) define como sendo o de *guia para a consecução do significado*, e assim também o é considerada a DP. Assim, o significado, em ambas as representações, dá espaço para uma *construção subjetiva* cujo sentido só se concretiza em um universo intermodal.

Da fusão das duas teorias (TMC e TIC) emerge um dispositivo cognitivo que reconhece a realidade da integração conceptual com o significado visto de forma dinâmica e *on line*. Isso ocorre porque a mesclagem, mesmo fundada no mesmo processo que alicerça a metáfora (a projeção interdominial), manipula elementos presentes na memória de trabalho no *continuum* da comunicação, e por isso se vincula a ações criativas e emergentes. Isso gera diferentes interpretações, relacionadas às condições de cada construção linguística.

Um outro ponto que levamos em consideração é alicerçado naquilo que é defendido por Fauconnier e Sweetser (1996, p. 8-9 ), ou seja, a linguagem nos permite falar não só sobre o que é, mas também sobre o que poderia ser, o que será, do que se espera, do que se acredita, de hipóteses, do que é visualmente esperado, do que aconteceu, do que deveria ter acontecido, dentre outros. Sendo assim, dependendo do propósito que temos em mente, fazemos referência a diversos fatos. Isso se reflete tanto na linguagem verbal quanto na linguagem pictórica, na medida em que ambas exigem que espaços mentais sejam construídos, estruturados e ligados a partir de um contexto seja ele via expressão linguística verbal seja pelo não-verbal, pois, afinal, ambos são motivados pela sua intenção ao se comunicar. O efeito é criar uma rede de espaços que possibilitem a construção do significado.

Mesmo em se tratando de duas modalidades distintas (verbal e não-verbal), dois construtos teóricos são pertinentes ao modelo: as noções de domínios e projeções. O princípio nuclear da cognição humana corresponde à projeção entre domínios, operando produção, fracionamento de informação, transferência e processamento do sentido (Salomão, 1998, p. 82 ). Esses domínios podem ser alterados ou elaborados nas construções em processo. Os domínios estão mais intimamente ligados à TMC. Temos, no entanto, projeções provenientes do processamento cognitivo via Espaços Mentais, que são dinâmicos e produzidos a partir da expressão linguística que os evocam e dos contextos que se configuram. Essas projeções têm como função construir e interligar domínios, projetar parte de um domínio em outro e assim por diante.

Nessa perspectiva, as expressões linguísticas *per si* não são portadoras de significados, mas funcionam como ativadores de espaços (guias interpretativos) e são uma espécie de condutores para a construção da significação. Entretanto, não consideramos que apenas as expressões linguísticas funcionam como ativadores de espaço – as DP também têm essa potencialidade.

Em uma breve análise da figura 22, partimos da idéia de que o que ativa os processos de construção de significado que levam à idéia de que há uma metáfora envolvida na DP é a expressão “acordar um gigante adormecido”, que, no contexto, aparece metaforizada a partir do que se compreende através dos conceitos GUERRA/TERRORISMO. A metáfora então seria O TERRORISMO É UM GIGANTE ADORMECIDO, uma metáfora envolvendo o GIGANTE como algo inesperado, ruim, destruidor, de consequências desagradáveis, capaz de alterar profundamente um estado de coisas. Assim, tem-se o processo de metáfora que, a partir do domínio-fonte GIGANTE ADORMECIDO, projeta-se informações para um domínio-alvo TERRORISMO em que se guardam as suas propriedades destrutivas, mas se abstraem, por exemplo, o material de como se dá o terrorismo.

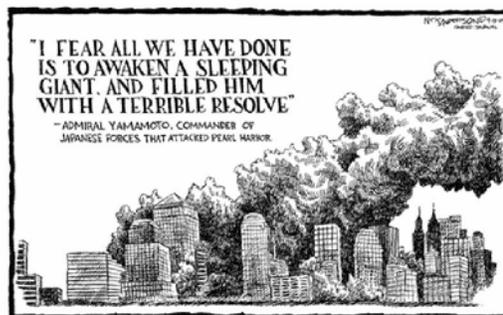


Figura 22: ataque às Torres Gêmeas.  
Fonte: Bergen (2005).

A trajetória linguística do *World Trade Center* começou em silêncio. Nenhum país se responsabilizou pelos acontecimentos de 11 de Setembro. Mas, os Estados Unidos asseguraram que eles tinham um “inimigo sem cara” que personificava o “mal”. E contra esse mal, o país se lançou em uma guerra.

A partir desse enquadramento metaforizado, há a participação de um novo processo, agora de mesclagem, em que figuram alguns *inputs*. Nesse processo, que vai integrar essa concepção de GIGANTE ADORMECIDO àquela que conhecemos relativamente, mesclam-se conceitos para a produção do significado referente ao ataque às Torres Gêmeas que foi capaz de causar destruição. Essa mescla é possibilitada pela existência de um espaço genérico em que se observam aspectos comuns aos dois conceitos. Insistimos que nem todos os elementos participam das projeções tanto da expressão verbal quanto da DP assim como estejam também no espaço mesclado.

A fusão das duas teorias (TMC/TIC) se faz necessária uma vez que a metáfora por si só não é suficiente para dar conta da compreensão total da EI em junção

com a DP. Assim, a partir da verificação dos processos cognitivos motivados pelo *input* verbal e não-verbal, entrevemos como é possível ao indivíduo recuperar o significado previamente pensado pelo criador da DP. Ou seja, o leitor da DP deve construir o enquadramento cognitivo que melhor se ajuste às determinações definidas pelo criador da DP e os processos cognitivos por ele evocados.

Na manhã de 11 de Setembro, aviões de linha comercial chocaram-se contra as Torres Gêmeas, na cidade de Nova York e o prédio do Pentágono, na cidade de Washington, D.C. Aquele evento foi primeiramente descrito como um ato de “terror” e/ou “crime” e depois se tornou um ‘ato de guerra’. Centrando nossa atenção nas metáforas que poderiam estar envolvidas na desconstrução pictórica e verbal desse evento temos EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA, assim como há outras metáforas do domínio de TERRORISMO que interagem com essa última metáfora como, por exemplo, TERRORISMO É CRIME ou mesmo NAÇÃO É UMA PESSOA. Essa última metáfora é um recurso linguístico de extrema relevância em conflitos internacionais onde a guerra se faz presente. O país é visto como uma *pessoa* e, conseqüentemente, as pessoas se engajam ou não em relações sociais, em casa, ou dentro de uma comunidade mundial. O seu território passa ser o lar, e têm à sua volta, dentre outras coisas, vizinhos, amigos, inimigos. Isso proporciona ao leitor da metáfora o sentimento de que é justo lutar contra o inimigo que invade a sua casa e lhe tira o direito de liberdade. Portanto, uma interpretação possível é que o mal que se faz, não é dirigido a um país, mas sim, a uma pessoa, a um ser humano.

Uma outra metáfora que evoca a imagem dos prédios de pé poderia ser FICAR DE PÉ É AGIR MORALMENTE. Uma vez que a “nação – pessoa” se “levanta” contra o “inimigo”, ela está agindo moralmente. O *mal*, o *inimigo* deve ser vencido pelo *bem*. Portanto, ao eliminarmos o inimigo, estamos colaborando para que ele não ameace aqueles mais fracos. E contra o *inimigo*, não se questiona o seu extermínio. O *bem* tem que vencer o *mal*. Percebe-se que as metáforas, em situações de terrorismo ou de “guerra”, se proliferam para atender às necessidades de respaldar o ataque ao inimigo e, portanto, podemos assegurar que a metáfora tem uma influência cultural a ser considerada e desempenha uma função relevante ao criar significados que possam ser compartilhados por muitos.

Ao realizar essas operações, a mente humana aciona e integra, simultânea e inevitavelmente, espaços mentais diversos, projetando-os sempre em um e único espaço imagético em que se configura o sentido. De acordo com a Teoria da Integração

Conceptual, ao fazer isso, durante o processamento discursivo, o indivíduo realiza a operação de integração conceptual, constituindo uma rede conceptual integrada.

Portanto, diante da associação DP e EI, é possível uma ampla variedade de análises. Dentre elas destacam-se as possibilitadas pela TMC e a TIC. Em uma dada expressão e sua respectiva DP, podemos nos apropriar dos princípios da metáfora conceptual e/ou da mesclagem conceptual ou mesmo das duas de forma integrada, criando uma arena adequada para geração do sentido metafórico através da plasticidade das imagens. Isso, conseqüentemente, se torna uma questão central de nosso modelo, uma vez que possibilita projeções em outros domínios da experiência, determinando sua configuração, tratando a informação como procedente de propriedades pré-existentes nesse ambiente contextual.

Bergen (2005, p. 6), apresenta algumas outras possibilidades em que são abordadas as duas teorias em questão. A análise feita pela TMC busca na imagem uma metáfora da qual possa emergir aquela representação. Se for referente a uma metáfora também estão envolvidos os dois domínios fonte e alvo. O cenário e os participantes da cena auxiliam na interpretação. Há toda uma linguagem visual envolvida. A legenda que acompanha a figura 22: “Eu temo que tudo o que fizemos foi acordar um gigante adormecido e incomodá-lo com uma terrível decisão” poderia envolver uma metáfora do tipo O TERRORISMO É UM GIGANTE ADORMECIDO. Na imagem não há nenhum gigante expresso literalmente mas a Torres Gêmeas em chamas, portanto, nem tudo que é usado pelos dois domínios dá conta do que o criador quer expressar.

A seguir, apresentamos estudos feitos por Bergen (2005) em *cartoons* referentes ao ataque das Torres Gêmeas em 11 de Setembro em Nova York. Bergen afirma que a mesclagem conceptual é significativa nas interpretações em DPs. Com a finalidade de exemplificar como as mesclagens podem ser expressas nessa modalidade, Bergen utiliza dois eventos relacionados aos ataques a *Pearl Harbor* e *World Trade Center* como *inputs* mostrados na figura 23 a seguir.

Para esse autor, há uma uniformidade entre as DPs: muitas delas transmitem uma mesma mensagem usando mecanismos similares, dentre os quais estão os seguintes: a linguagem de um *input* e uma imagem de outro (figura 22); justaposição de duas imagens; fusão da linguagem de dois *inputs* (figura 23) e fusão de imagens de dois *inputs* (figura 24)

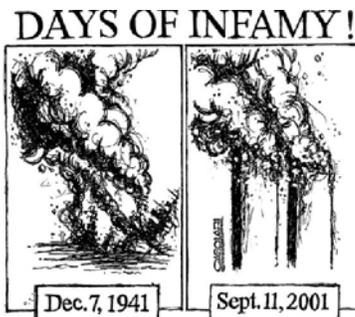


Figura 23: *Cartoon*: justaposição de duas imagens  
Fonte: Bergen (2005)

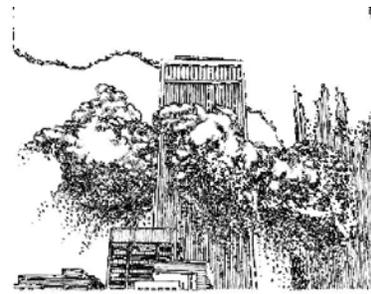


Figura 24: *Cartoon*: fusão de imagem de dois *inputs*  
Fonte: Bergen (2005)

Assim como nas mesclagens em expressões linguísticas, as mesclagens em DPs podem apresentar propriedades emergentes, propriedades que não são retiradas de nenhum dos *inputs* (espaços de entrada) ou dos dois domínios (fonte e alvo), mas antes são específicas da mesclagem em si. Tomando por base a figura 25, podemos perceber muitos elementos emergentes. Primeiro, ao mesmo tempo em que o *cartoon* apresenta os protagonistas do ataque de 11 de Setembro que são conhecidos, o avião é identificado com um ponto de interrogação em sua cauda, e não com um círculo vermelho representando o Japão ou o nome de alguma companhia aérea comercial.



Figure 25: Mesclagem entre Pearl Harbor e as torres do World Trade Center.  
Fonte: Bergen (2005)

Segundo, o avião está intacto, como no bombardeio em *Pearl Harbor* mas isso não está de acordo com nenhum dos *inputs*. Alguém no avião está gritando “Terror! Terror! Terror!”, ao invés de “Tora! Tora! Tora!” que era o que os japoneses usaram para iniciar o ataque. É claro, afirma Bergen, que uma vez que não há um avião correspondente deixando a cena no *input* do *World Trade Center*, isto deve ser uma propriedade emergente da mesclagem. Uma última propriedade emergente da mesclagem é a representação que apresenta prédios intactos, sendo afundados e com fumaça saindo deles. Enquanto tanto os navios que afundaram em *Pearl Harbor* quanto

as torres do *World Trade Center* sofreram significantes estragos antes do colapso, na figura 25 podemos ver uma imagem de duas torres intactas afundando diagonalmente. Muito provavelmente, afirma Bergen, o cartunista estava tentando estabelecer uma correspondência entre o navio afundando e a queda das torres, e ao fazer isso pictoricamente interpretou as torres como as torrinhas de navios e outras estruturas do convés de um navio afundando.

Com essas asserções em mente podemos fazer algumas pressuposições acerca das duas teorias (mesclagem conceptual e metáfora). A mesclagem e a metáfora podem interagir de várias formas, como afirma Grady et al. (1999). Na combinação entre a expressão linguística e visual da mesclagem e da metáfora, o desdobramento permite estes processos serem combinados com maior liberdade. Isto ocorre, em parte, devido à materialização em imagens dos domínios fonte metafóricos, que podem ser manipulados.

Como exemplo da complexidade de tal combinação mesclagem-metáfora, Bergen nos convida a considerar o *cartoon* da figura 26. Nessa imagem, afirma o autor, a nação é representada através da metáfora NATION IS A PERSON (A NAÇÃO É UMA PESSOA) como um severo Tio Sam.



Figure 26: combinação mesclagem-metáfora.  
Fonte: Bergen (2005).

A metáfora A NAÇÃO É UMA PESSOA pode combinar com o cenário de contos de fada de tal forma que dentro da comunidade das nações, um estado age como vilão enquanto outro como a vítima, e pode potencialmente haver um herói. Há escalas morais entre as várias nações, que quando desequilibradas devem ser corrigidas, se possível. Mas, além disto, a nação-pessoa é também mesclada junto com o *World Trade Center*, como indicado claramente pela fumaça saindo do seu chapéu. Uma vez que o elemento que é mesclado com a *World Trade Center* não é apenas a nação mas também uma pessoa metafórica, a rede resulta em que a fumaça tem uma função tanto literal de fumaça, indicando uma mesclagem como também uma indicação de raiva metafórica

por parte da nação através da metáfora ANGER IS HEAT (RAIVA É CALOR, LAKOFF, 1987). Além disso, uma vez que vemos que a nação-pessoa-torre tem um ar de determinação, sabemos que o resultado final nesta mesclagem não será como a queda da torre no espaço de entrada do *World Trade Center*.

A combinação da Teoria da Metáfora Conceptual com a Teoria da Integração Conceptual nesse *cartoon* é muito complexa, uma vez que mencionar outras complicações aparentes, tais como o uso de *Pearl Harbor* - 11 de Setembro através da legenda ou da possibilidade que o Tio Sam esteja também representando cidadãos individuais. Enquanto uma mensagem tal como esta poderia possivelmente ser transmitida usando apenas a linguagem, esta tarefa se torna muito mais desafiadora através das DPs.

Bergen apresenta os benefícios do uso desses mecanismos (TMC e TIC), uma vez que tornam as interpretações mais acessíveis e suas mensagens mais tangíveis, dado que objetos abstratos se materializam em mais concretos, como a nação ou a guerra que se materializam em domínios mais concretos visíveis e reconhecíveis através do uso da metáfora conceptual e da mesclagem conceptual. Ao interpretar essas representações em termos das duas teorias (TMC e TIC), temos a possibilidade de inseri-las dentro do contexto de um enquadre cognitivo conhecido e a mesclagem conceptual, junto com outros cenários conhecidos, possibilitar a base para analogias e comparações.

### **3.6 Na trilha da geração do sentido metafórico/literal.**

O processamento cognitivo que envolve teorias como a TIC e a TMC não é de fácil tratamento pois no curso de sua análise pode-se perder algum fio condutor, algum elemento de cada espaço, motivo pelo qual procuramos ser o mais autênticos e responsáveis no trato com essas questões. Operar com a TIC e com a TMC implica diferentes graus de detalhamento, dar o devido relevo a certos aspectos. Iniciamos com a base – a expressão linguística – pois é dela que parte toda análise, seja ela representada de forma verbal ou não-verbal. Enfatizamos que a DP não é tratada aqui como uma simples ilustração ou como meramente uma forma menor de representar a expressão linguística escrita, mas tem seu devido valor na inter-relação entre as duas

modalidades (verbal e não-verbal). As duas modalidades são colocadas em um mesmo nível de importância e pretendemos dar a mesma atenção a ambas, até porque aquilo que é projetado de uma ou de outra é que poderá resultar no efeito mesclado que estamos buscando descrever. Uma ou outra modalidade se vista isoladamente levaria a outras interpretações ou mesmo outros tipos de análises.

### 3.6.1 A expressão linguística como guia do sentido.

A interpretação das EIs e suas respectivas DPs exige mecanismos complexos do pensamento. Há que se observar aspectos como a representação de certas expressões linguísticas metafóricas em forma de imagens ou de palavras e seu uso para expressar conceitos. Por vezes há um hibridismo dessas duas modalidades de tal forma que as imagens são coerentes com as palavras. O processamento é automático, inconsciente. Diante da experiência do indivíduo pode haver casos de um *continuum* em termos de expressões “mais fáceis” e outras “menos fáceis” de serem integradas conceptualmente. O indivíduo pode ter, por exemplo, domínio sobre os princípios gramaticais que conduzem à ordenação dos elementos linguísticos, mas para seu entendimento tem que, por vezes, transgredir, modificar o sentido literal das palavras/DPs e, em decorrência dessas alterações, consegue dar ênfase às ideias contidas nas EIs. Tendo em vista o sentido gerado pela EI, o indivíduo cria<sup>51</sup> novos conceitos, utilizando suas experiências comuns do dia-a-dia, com seu próprio corpo e outras tantas que não fazem parte de seu cotidiano mas que têm que ser encaradas, atento aos significados dos termos para garantir a unidade e harmonia de sentidos. Afinal, por meio da linguagem, o indivíduo busca expressar e compreender as situações que se apresentam. Há, no entanto, a não-composicionalidade das EIs, ou seja, não é a somatória dos itens lexicais individuais da expressão que resultarão na significação metafórica e isso leva o indivíduo para um campo abstrato da linguagem.

---

<sup>51</sup> Lakoff e Johnson (1999, prefácio, p. xiv) afirmam que o pensamento é imaginativo, naqueles conceitos que não estão diretamente baseados na experiência, os indivíduos empregam a metáfora, metonímia e imagem mental – todos estes vão além do sentido literal ou representação da realidade externa. É esta capacidade imaginativa que permite o pensamento abstrato e leva a mente além daquilo que podemos ver e sentir. Os mesmos autores (p. xv) afirmam que na visão experiencialista, a razão é tornada possível pelo corpo – que inclui raciocínio abstrato e criativo, assim como raciocinar sobre coisas concretas. Nesse sentido o raciocínio humano emerge da natureza do organismo e tudo aquilo que contribui para sua experiência individual e coletiva.

A compreensão da expressão ocorre na mente criativa do indivíduo, uma rede ampla e complexa de interações toma lugar. Estabelecem-se relações entre conceitos que têm contextos mentais compartilhados ou não. Apregoa-se que a EI em si não tem significado (não é composicional), sendo esta produto da integração entre os dados textuais e o conhecimento prévio do indivíduo, dentre outras coisas. Envolve habilidades cognitivas para relacionar o nível linguístico apresentado na EI e integrá-lo com os dados da memória nessa rede complexa. Afinal, conforme Fauconnier e Turner (1999, p. x e xviii), a linguagem não realiza por si a construção cognitiva, mas oferece pistas mínimas, porém suficientes para localizar os conhecimentos e princípios apropriados a cada situação.

No entanto, não há como ignorar que os itens lexicais que compõem as EIs orientam (ou guiam, são indutores, nos termos de FAUCONNIER; TURNER, 2003) a interpretação apesar de sua aparente não-composicionalidade, ou seja, não é a soma dos constituintes da EI que leva ao sentido. A base para essa afirmação está naquilo que é dito por Fauconnier e Turner (1994, p. xxii), ou seja, a linguagem não porta sentido, mas o guia. Uma vez que decidimos atuar através da Linguística Cognitiva, guardamos em mente seus princípios, ou seja, as formas linguísticas são instrumentos ativadores construtores de significados que estão dentro da mente humana.

A construção do significado é tratada, portanto, como processo que é fundamentalmente conceptual por natureza. Dessa perspectiva, as expressões trabalham como instruções parciais para a construção de domínios conceptuais complexos, mas temporários, como resultado de uma interpretação. Esses domínios que são chamados de espaços mentais, são ligados uns aos outros de várias maneiras, permitindo aos indivíduos acessarem de volta os espaços mentais construídos antes na troca linguística. Nesta perspectiva, o significado não é uma propriedade das expressões individuais, nem simplesmente uma questão de sua interpretação relativa ao mundo externo. Ao invés, o significado emerge de um processo dinâmico da construção do significado, que é chamado de conceptualização (EVANS; GREEN, 2007, p. 363). A noção de espaço mental (FAUCONNIER; TURNER, 1997) indica que a linguagem guia a construção do significado diretamente no contexto. Além disso, porque a construção do significado é vista como um processo fundamentalmente conceptual, essa abordagem também leva em conta os processos cognitivos gerais e princípios que contribuem para a construção do significado. Em particular, a construção do significado conta com alguns dos mecanismos da projeção conceptual como a metáfora.

Nossa posição está a composicionalidade parcial das EIS, ou seja, depende da motivação situacional e do contexto onde são empregadas. Caso mudem os constituintes da EI muda a significação, ou seja, as palavras são outras, os objetos de partida são outros e, portanto, são outras as significações (“engolir sapo” não é o mesmo que “engolir mosca”, por exemplo).

No processo de emergência da expressão metafórica haveria situações, instanciações e eventos (não-metafóricos) que forneceriam dados de *input* para o estabelecimento das relações entre o evento e a expressão figurada, possibilitando sua aplicação em diferentes EIs. As palavras, nesse processo, serviriam como guias. Coimbra (1999, p. 47-48) afirma que nas EIs, com a ajuda do contexto, identificamos, imediatamente, o sentido metafórico e não passamos por uma leitura literal se para isso não houver motivo. O processamento da EI é diretamente figurativo (+ abstrato), nem sempre passando pela literalidade. Mas, diante de uma EI não circulante na comunidade, ou desconhecida pelo indivíduo, é possível que a literalidade seja predominante.

Nesse sentido, Fauconnier e Turner (2003, p. 166-167), ao enfatizar que uma mesma expressão pode ter diferentes possíveis interpretações, argumentam que devemos ter o cuidado de notar que a gramática forma pares com os mapeamentos, e que a mesma forma gramatical pode estar pareada com mais de um tipo de mapeamento. As palavras, assim, auxiliam-nos no uso de diferentes mapeamentos apesar de encontrarmos expressões que são ambíguas. Os autores dão como exemplo a expressão “o fogo do amor” (*the fire of love*) que, segundo os mesmos, poderia ser lida como o amor ser metaforicamente o fogo, ou o fogo ser o contraparte metafórico de algo relacionado com o amor, tal como a paixão sexual ou angústia. A fonte da diferença, argumentam os autores, está nas leituras, então, provindas de diferentes mapeamentos associados com a mesma forma da língua. A imaginação tem uma ampla latitude em recrutar, projetar e mesclar o conhecimento anterior do indivíduo, contextos, e memórias com a finalidade de desenvolver o significado com base em mapeamentos em particular e a escolha de elementos provindos de domínios e contrapartes. Para esses autores, o mapeamento em si determina a latitude na seleção dos elementos dos domínios e contrapartes e, portanto, na escolha dos elementos que farão parte do mapeamento e, de acordo com essas escolhas, podemos formar mesclagens conceptuais. Os mapeamentos não apenas nos “guiam” para as escolhas mas, a imaginação tem uma função fundamental nessas escolhas. No entanto, Fauconnier e Turner (2003, p. 167-

168) se questionam se “esta liberdade de imaginação significa que pode ocorrer qualquer coisa?” E respondem afirmando que

ao contrário, encontrar uma ou duas de tais integrações vai além do potencial infinito de conexões permitidas pelo mundo e é extremamente difícil e aleatória. Há muitas diferentes influências naquelas conexões que serão feitas e que resultarão em redes que sejam satisfatórias [...] Em qualquer teoria sobre significado, a ativação não ocorre de forma livre. A existência de *frames*, conhecimentos, experiências, cenários e memórias não ocorrem livremente. A facilidade de ativação e o grau de entrenchamento, impõem por si mesmas muitas e fortes restrições na imaginação e o uso da língua.<sup>52</sup>

Nas palavras desses autores (2003, p. 168) “o poder do pensamento – seja racional ou bizarro, emocional ou prático - reside na mesma operação mental básica”<sup>53</sup>. As diferentes redes, criadas na multimesclagem, oferecem possibilidades de composição indefinida e ainda possibilitam um processamento *on-line* que mantêm ativas as conexões entre as partes da rede, o que garante um sentido de globalidade. A multimesclagem e suas conexões operam dentro dos limites da memória de trabalho (memória de curto prazo). Sendo assim, tanto na multimesclagem quanto nos Espaços Mentais a combinação de elementos é momentânea e própria para aquela situação em particular. Em outra situação, a significação e os termos usados seriam outros, dependendo da finalidade a que se propõem.

Os significados dados pelos indivíduos às expressões são incomparavelmente mais ricos que as formas da linguagem. Para Rodrigues-Leite (2008, p. 100)

o significado é natural e experiencial e se constrói a partir de nossas interações físicas com o ambiente, não sendo nem exclusiva nem prioritariamente linguístico. O significado não é, portanto, arbitrário já que deriva dos esquemas sensório-motores. São nossas ações no mundo que permitem aprender esquemas imagéticos de base, os quais configuram o significado de nossas expressões linguísticas.

Apesar das inúmeras formas que a linguagem possa assumir ainda são menores que a quantidade infinita de situações oferecidas por um mundo físico mental no qual vivemos e vivenciamos nossas experiências (FAUCONNIER; TURNER, 2003,

<sup>52</sup> On the contrary, finding one or two such integrations out of the potential infinity of connections afforded by the world is extremely difficult and anything but random. There are several different influences on what connections will be made and what resulting networks will be satisfactory [...] In any theory of meaning, activation does not come for free. The existence of frames, knowledge, experience, scenarios, and memories does not come for free. Ease of activation and degree on entrenchment by themselves impose very strong constraints on the imagination and the use of language.

<sup>53</sup> The power of thought – whether rational or whimsical, emotional or practical – lies in the same basic mental operation.

p. 178). Para esses autores, uma simples frase como “minha vaca marrom” (*my cow brown*) envolve muitas possibilidades (tipos e raças de pessoas, raça de vacas, graduação da cor marrom, dentre outros), que podem ser aplicadas nas projeções assim como seus diferentes usos como: irônico, categórico, metafórico. No entanto, observando o que é dito por Fauconnier e Turner, achamos óbvio que o significado da construção resultante poderia aplicar-se a todos os diferentes domínios, mas, aplicá-los requer operações cognitivas complexas. Essas construções gramaticais simples nos permitem uma integração conceptual complexa que oferece espaços de entrada (*inputs*) com a forma correspondente da linguagem. São, então, mesclados em uma rede com outros *inputs* que tipicamente contêm uma cadeia de eventos não integrados e relativamente difusos.

Para a visão cognitivista, a linguagem, contrariando a expectativa geral, não é um reflexo da realidade, ou seja, não falamos daquilo que é “verdadeiro” mas daquilo que pensamos sê-lo, assim como o desejamos. De acordo com essa visão, a realidade externa existe mas a forma na qual nós representamos mentalmente o mundo é a função da experiência corporificada. Sendo assim, a construção do significado não procede da combinação de sentenças com estados de ligação definidos objetivamente, mas com base nas expressões linguísticas que ativam processos conceptuais altamente complexos. Assim, a construção do significado está baseada no conhecimento prévio e de mundo.

O papel onde são impressas as EIs e suas respectivas DPs virtualiza nosso pensamento que depois é reinterpretado por outra pessoa, afinal, segundo Fauconnier (1998, p. 62), a linguagem não está ligada diretamente com o mundo real ou metafísico; no meio ocorre um extenso processo de construção mental, que não reproduz nem as situações-alvo do mundo real nem as expressões linguísticas responsáveis por organizá-lo. As expressões linguísticas não têm significado próprio, elas podem ser vistas como guias que carregam certos tipos de construção mental. Para demonstrar isso, Fauconnier (1994, p. 14) exemplifica com o seguinte enunciado emitido por uma babá: “Se eu fosse seu pai, eu te bateria”. Para esse autor, são no mínimo três as interpretações possíveis para esse enunciado: (a) o pai é severo – a interpretação leva ao pai como severo, a babá não bate na criança mas se o pai estivesse ali ele teria feito isso; (b) o pai é permissivo – a babá está criticando o pai, o pai deveria bater no filho e por achar que não fará ela o considera permissivo e (c) alusão ao papel de pai - a babá julga que para ter autoridade é preciso ser o pai da criança e bater no filho. Nesse sentido, é possível perceber que há

um outro nível em busca do significado que vai além da expressão linguística e isto ocorre no nível cognitivo envolvendo domínios interconectados, ou seja, espaços mentais, na medida em que sua natureza é de ser diferente de mundos possíveis, em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais. Para Fauconnier (1994, p. 17), as expressões linguísticas vão tipicamente estabelecer novos espaços, elementos dentro deles, e relações entre os elementos, as formas linguísticas são guias para a construção de domínios interconectados. Isso nos leva a refletir sobre a relevância de cada um dos termos lexicais da EI e aquilo que evocam e os significados criativos que emergem, guiados pela imaginação.

No entanto, lembramos que essas discussões acerca dos constituintes de uma expressão ou de sua gramática e de sua utilidade como guia interpretativo estão sendo feitas brevemente apenas para ressaltar certas questões ligadas ao que há de cognitivo na geração da figuratividade/literalidade que usam palavras como “guias interpretativos”. Não é o foco de nossa pesquisa apenas a análise gramatical ou a composição dos constituintes de uma frase. Na verdade, estamos preocupados em desvendar a estrutura interna envolvida nos mecanismos geradores do significado metafórico via metáforas conceptuais e mesclagens conceptuais e suas possíveis diagramações exclusivamente em EIs e DPS.

Por enquanto, voltamos nossa atenção apenas para a expressão verbal, ainda temos que fazer a inter-relação com a DP que, no caso de nosso *corpus*, é totalmente literal. Em uma das possíveis interpretações da DP para “engolir sapo”, por exemplo, o sapo está de fato dentro da boca do ser humano, impedindo sua fala. Fazendo uma inter-relação entre o figurativo expresso na EI com o literal representado na DP, deve emergir a geração do sentido o abstrato no ato interpretativo. Cada modalidade (verbal e não-verbal) opera com dois domínios e, então, o abstrato que condiciona a metáfora (em ambas as representações) fruto da TMC é projetado na mesclagem.

O que condiciona o resultado final da mesclagem está no fato de cada domínio ter seus acarretamentos, suas projeções seletivas. Esses domínios englobam cenários múltiplos restringidos pelos armazenamentos contidos na memória de cada indivíduo. Não se pode afirmar que um domínio como “sapo”, por exemplo, sempre evocará os mesmos conceitos ou quando comparados entre pessoas diferentes, haja sempre um entendimento comum entre elas. Há questões históricas e culturais, assim como experiências corporificadas, conhecimento de mundo, dentre outros, que não são

coletivos ou partilhados igualmente por todos os usuários de uma mesma língua. Disso surge uma questão que diz respeito aos dois domínios. Eles são os mesmos em ambas representações (verbal e não-verbal)? Como estamos diante de uma expressão multimodal (verbal e de uma não-verbal), cada uma contém suas especificidades e ainda assim podem conter domínios não conflitantes. O visual, por sua natureza, pode ampliar esse sentido “literal”, e isso pode restringir a interpretação se o indivíduo não tem conhecimento figurativo da EI.

As teorias-base de nosso estudo (TMC e TIC) nos permitem entender esse percurso expressão → compreensão. Voltando para aquilo que é defendido por Grady, Oakley e Coulson, (1999, p. 101) podemos alicerçar alguns conceitos:

- (i) *ambas as abordagens tratam a metáfora como um fenômeno conceptual mais que um fenômeno puramente linguístico* → as palavras serviriam, então, como guias interpretativos para levar o indivíduo a interpretá-las. Afinal, antes de chegar a compreender algo o indivíduo deve ler esse algo. Por mais que as palavras ou a soma delas não conduza ao resultado final, ou seja, o sentido, ainda precisam existir para que o indivíduo possa ser levado a interpretá-las e chegue ao senso comum, ou seja, o significado imposto pelo uso da comunidade onde circula a EI;
- (ii) *ambas envolvem uma projeção sistemática da língua, uma estrutura imagética e inferencial entre domínios conceptuais* → nesse caso podem ser dois ou mais domínios. Podem ser projetados os dois domínios da TMC e ampliá-los para outros tantos, dependendo do que será recrutado para gerar a significação;
- (iii) *ambas propõem restrições dessas projeções* → vemos essas restrições como sendo impostas pelo poder interpretativo do indivíduo assim como pelo fato de a expressão linguística não autorizar todas e quaisquer interpretações, há um sentido comum para que a comunicação ocorra. Por outro lado, as projeções são sempre seletivas (se seletivas, a própria seleção daquilo que deve compor o quadro de *inputs* para que seja gerado o significado fica restrito ao que julga o indivíduo ser suficiente para a compreensão ou aquilo que ele possui como informação) e retiradas dos espaços mentais (memória de curto prazo - nesses espaços estão armazenados todos os conceitos adquiridos ao longo da experiência do indivíduo, e julgamos importante salientar que estão inclusive as experiências da corporificação – a união mente-corpo-mundo).

No entanto, segundo os mesmos autores, também são notadas duas importantes diferenças (mas não conflitantes) entre as abordagens, o que possibilita uma

complementação entre as teorias. Afinal, se fossem totalmente congruentes não haveria complementaridade, as diferenças permitem utilizar de um o que falta na outra:

- (i) *a TMC pressupõe relacionamentos entre pares de representações mentais* → é o que apresentaremos ao longo das análises e discussões, ou seja, partindo da TMC, entendemos que estamos, inicialmente, apenas com dois domínios, para depois nos determos naquilo que é proposto pela TIC que permite mais que dois (nesse caso, a mesclagem conceptual dará conta da expansão para além dos dois domínios). Quanto aos “pares de representações mentais”, temos em mente que os espaços mentais não são equivalentes a domínios, mas vão além. Os espaços representam cenários particulares estruturados pelos domínios. Coulson e Oakley (2000) afirmam que é importante notar que no modelo dos quatro espaços (TIC) o material é projetado tanto dos espaços fonte quanto alvo para a mesclagem. Esse arranjo contrasta com a projeção simples e unidirecional proposta pela TMC, na qual os mapeamentos são da fonte para o alvo;
- (ii) *Outro aspecto é o número e a natureza das representações mentais.* Para a TMC, a metáfora consiste em uma projeção entre dois domínios cognitivos. Na teoria da mesclagem conceptual, por seu lado, as unidades básicas da organização cognitiva são os espaços mentais → esse é o motivo pelo qual recrutamos a TMC, para, então, podermos ampliar seus conceitos para utilização da TIC.

Quanto à DP temos que retomar o que foi dito por Grady (2005, p. 1597), no que diz respeito à estrutura da mesclagem conceptual, os objetos do pensamento em um dado momento, tal como uma imagem mental, serem entendidos como sendo conteúdo dos espaços mentais – representações mentais ativas consistindo de “pacotes” de informação. Se a EI pressupõe uma imagem mental e a DP é uma imagem visual que suscita uma imagem mental, não vemos conflito entre elas. O conflito aparente (a incongruência) poderia estar apenas no fato de o resultado interpretativo da EI ser mais metafórico enquanto a DP ser mais literal mas, como a TIC opera com conceitos aparentemente contraditórios, isso também não se torna um problema. O interessante é como a linguagem organiza os espaços mentais, criando intertextos, recrutando vários conceitos aparentemente irreconciliáveis. Nesse sentido, é possível postular uma inter-relação TMC/TIC, associando os pressupostos das duas teorias para explicar a geração do sentido pois ambas tratam de constructos teóricos da metáfora e sua abrangência. A

linguagem evidencia como organizamos o mundo, no entanto, a língua sozinha não dá conta de toda complexidade, ela é facetada.

Afinal, retomar o que já foi dito anteriormente por Gibbs e O'Brien (1990, p. 50-82) nesse momento é significativo pois ressalta certos aspectos importantes para nossa análise:

- (i) há fortes imagens mentais associadas a frases idiomáticas e essas imagens são evocadas por metáforas conceptuais que indicam transparência de informação de um domínio fonte para um domínio alvo → aqui estamos diante da TMC com seus dois domínios;
- (ii) as metáforas conceptuais motivam o significado figurado das expressões idiomáticas → isso nos autoriza a utilizar a TMC e ampliá-la para a TIC;
- (iii) as imagens mentais são parecidas ou iguais quando o significado figurado de duas expressões for igual, mesmo que haja diferença na forma de superfície. Ex.: *spill the beans* e *let the cat out of the bag*. → se isso ocorre entre duas EIs verbais é possível ocorrer também de forma intermodal entre uma EI verbal e sua DP não verbal, afinal ambas retratam a mesma EI, apenas apresentadas em modalidades diferentes.

Apesar de nossas análises e discussões envolverem a geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas respectivas DPs, a natureza de nosso *corpus* não pode falar por toda a cognição humana, há outras abrangências/interpretações. Afinal, agir no mundo é mapear. A realidade constroi. Analisar a cognição humana é ver onde as coisas se dão. Apoiamo-nos novamente naquilo que é dito por Gibbs e O'Brien (1990, p. 64), ou seja, o mais importante é que qualquer relacionamento entre os significados literais e figurativos não deve ser visto como uma simples correlação entre os significados das palavras, mas uma interação entre dois domínios conceptuais diferentes onde um domínio está sendo estruturado em termos de outro. Apenas, como estamos operando com a mesclagem conceptual, nossos domínios não se restringem a dois mas a espaços mentais em maior número ou quase ilimitado, dado que construímos e (re)construímos constantemente significados em função da fluidez da utilização dos espaços mentais<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Como já afirmado anteriormente, Fauconnier e Turner (2003) defendem que os espaços mentais não são equivalentes a domínios, mas vão além, eles dependem deles. Os espaços mentais representam cenários particulares estruturados pelos domínios.

## 3.6.2 Refletindo sobre um modelo para geração do sentido.

Tendo em mente que uma EI “é uma entidade que tanto tem contrapartes literais ou, pelo menos, constituintes individuais que são literais, embora a expressão como um todo não pudesse ser interpretada literalmente” (Grant e Bauer, 2004, p. 40), nesta seção, voltamos nossa atenção para a inter-relação EI e DP, levando em conta que uma EI pode ser compreendida metafórica ou literalmente e, para isso, é relevante o papel que a experiência sociocultural e histórica assim como o conhecimento prévio e experiências corporais, dentre outros, desempenham na compreensão da metafóricidade/literalidade das EIs. Em um primeiro momento, que servirá como base estrutural para compreensão das mesclagens conceptuais, utilizamos os pressupostos da TMC e seus dois domínios, procurando identificar como se dá a relação entre o metafórico (figurativo) e o não-metafórico (literal) nas inter-relações do verbal e do não-verbal. O movimento poderia ser representado da seguinte forma (figura 27):

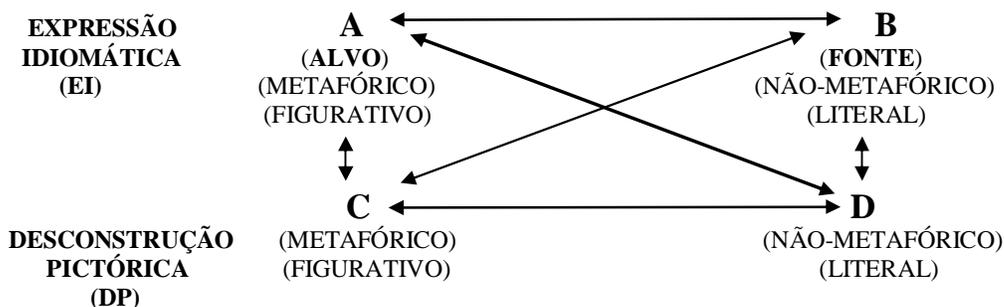


Figura 27: conexões literal-metafórico via TMC.

Assim, temos alguns possíveis percursos e, conseqüentemente, diferentes interpretações que são base para todas as EIs de nosso *corpus*:



Esse diagrama, com apenas dois domínios (fonte e alvo, como ocorre na Teoria da Metáfora Conceptual), leva-nos a supor que a não-metaforicidade

(literalidade) ou metaforicidade de uma expressão linguística quando em inter-relação com a potencialidade metafórica ou literal das desconstruções pictóricas, pode fazer emergir um mecanismo que dependa da Teoria da Mesclagem Conceptual (que pode abranger dois ou mais espaços mentais).

Os elementos projetados de cada domínio/espaço<sup>55</sup> das EIs são fundamentalmente baseados em aspectos culturalmente dependentes. É o caso, por exemplo, da EI “engolir sapo” (que significa calar-se e, literalmente, na DP um sapo na boca pode, de fato, impedir a fala). Nesse caso, se a EI é compreendida figurativamente e a DP literalmente na inter-relação metafórico vs. literal, estamos diante de uma incongruência entre o figurativo expresso pela EI (metafórico) e o literal expresso pela DP.

Assumimos que certos aspectos da realidade funcionam como base para metáforas que licenciam expressões idiomáticas como as que compõem nosso *corpus*. Afinal, os componentes que integram os domínios/espaços das EIs verbais são, em geral, compreendidos metaforicamente, fazem parte do nosso dia-a-dia, e como tal servem de base para a geração de imagens convencionalizadas culturalmente, geração de pensamento e linguagem metafóricos mas, em contrapartida, na DP, a imagem é totalmente literal, o que causa uma incongruência entre o literal/metafórico. Dependendo do leitor e sua vivência, é possível admitirmos que mesmo a DP tendo um foco totalmente literal, uma vez que vem acompanhada de uma EI verbal metafórica, é possível que a interpretação que tenha um viés metafórico arquivado na memória e que propicie o significado figurativo.

Diante da figura 27 percebemos a possibilidade de ocorrer os seguintes mapeamentos/projeções interdominiais:

- i. um mapeamento entre o domínio-fonte/*input* da EI, MAIS LITERAL e, portanto, MENOS METAFÓRICO com o altamente FIGURATIVO da DP, ou seja, sua contraparte MAIS ABSTRATA (MAIS METAFÓRICA);
- ii. um mapeamento entre o domínio-alvo/*input* da EI que é MAIS ABSTRATO (menos LITERAL) e, portanto, MAIS METAFÓRICO com o LITERAL da DP, ou seja, sua contraparte MAIS LITERAL (MENOS METAFÓRICA);

---

<sup>55</sup> Sempre que utilizamos essas denominações domínio/espaço, estamos trabalhando com o diálogo entre as duas teorias, sendo que o uso do termo domínio refere-se à TMC enquanto espaço à TIC.

- iii. um mapeamento entre o domínio-alvo da EI que é MAIS CONCRETO e, portanto, MENOS METAFÓRICO com o LITERAL da DP, ou seja, sua contraparte MAIS CONCRETA (MENOS METAFÓRICA);
- iv. um mapeamento entre o domínio-fonte da EI que é MAIS ABSTRATO e, portanto, MAIS METAFÓRICO com o FIGURATIVO da DP, ou seja, sua contraparte MAIS ABSTRATA (MAIS METAFÓRICA);

Além disso, não se pode esquecer os dois domínios que são projetados de cada uma das modalidades, ou seja, o domínio fonte e o domínio alvo.

Nosso *corpus* se concentra no item (ii) pois estamos considerando a possibilidade de a EI ser compreendida figurativamente e enquanto a DP mais literal (há um jogo do ilustrador em busca da desconstrução da metafóricidade contida na EI e, sendo assim, o sapo de fato está na boca do indivíduo e prestes a ser engolido). É claro, que não podemos deixar de lado as demais opções pois a mente criativa pode evocar uma variedade de combinações na geração do sentido.

Em busca de um sentido figurativo e/ou literal das EIs, é necessário que se leve em conta que as palavras, como dito por Fauconnier e Turner (2003), servem como guias interpretativos e, sendo assim, isso pode sugerir a presença de um certo grau de composicionalidade nas EIs, ou seja, os itens lexicais contribuem, de sua maneira, para geração do sentido. Dessa forma, na EI “engolir sapo”, por exemplo, “engolir” e “sapo” contribuem conceptualmente para a geração do sentido. Aqueles que nunca ouviram essa EI podem depender de cada item da EI para tentar compor seu significado. E nesse caso, se levarmos em conta apenas a somatória das palavras não conseguiríamos chegar à conclusão de sua significação. Certamente, precisaríamos de outras ferramentas associadas, como, por exemplo, o conhecimento prévio da EI. Por outro lado, quando entendidas figurativamente não é “engolir” nem “sapo” que estão em jogo mas algo metafórico, a submissão a alguém, o calar e, portanto, nesse caso o significado da expressão como um todo está armazenado na memória de quem já manteve contato anteriormente com essas EI e se torna não-composicional.

Essas asserções são um primeiro passo em direção à confirmação ou refutação de nossa hipótese básica de que a multimesclagem, complementada pela Teoria da Metáfora Conceptual, permite a geração de um sentido, derivado das projeções tanto das EIs quanto de suas respectivas DPs, assim como das hipóteses secundárias, ou seja, (i) a estrutura interna da rede de integração conceptual envolve

uma projeção seletiva e sucessiva de mesclagens conceptuais das quais participam elementos figurados e literais; (ii) as DPs, vistas isoladamente, como ilustração literal e, dependendo das escolhas para sua composição visual, nem representam a idiomaticidade nem a literalidade, a não ser que estejam acompanhadas de sua expressão verbal (a EI) e (iii) a diagramação da estrutura interna da rede de integração conceptual permite perceber que a EI nem sempre é processada *on-line*, dado que depende daquilo que é projetado de cada uma das modalidades (verbal e não-verbal), assim como do contexto ou do pré-conhecimento do indivíduo.

A motivação para muitos dos mapeamentos está no fato de os conceitos/*inputs* compartilharem uma propriedade similar social e culturalmente definida. No diagrama a seguir podemos perceber a participação dos elementos metafóricos e literais na estruturação da mescla e, conseqüentemente, da geração do sentido.

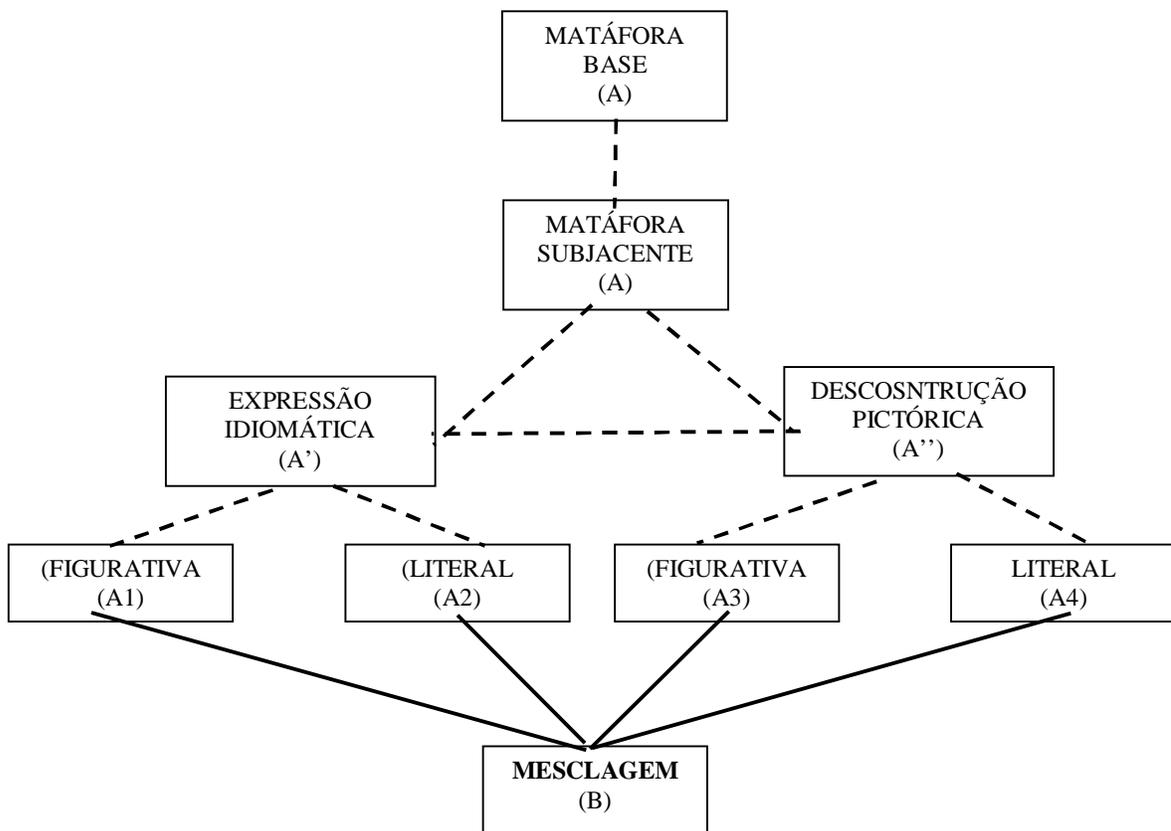


Figura 28: mapeamentos – projeção entre domínios literais/figurativos.

Por essa rede, observamos que os mecanismos para geração da *mescla conceptual* e, conseqüentemente do sentido metafórico ou literal, estão submetidos ao

processamento das EIs e das DPs. Se os processamentos/projeções forem apenas literais ( $A' \leftrightarrow A2 \leftrightarrow B \leftrightarrow A4 \leftrightarrow A''$ ) ou somente metafóricos ( $A' \leftrightarrow A1 \leftrightarrow B \leftrightarrow A3 \leftrightarrow A''$ ) o poder da mesclagem conceptual para gerar a mesclagem (B) pode encontrar situações congruentes. Já se o processamento for, por exemplo,  $A' \leftrightarrow A1 \leftrightarrow B \leftrightarrow A''$ . A4 temos uma situação incongruente e isso pode determinar o resultado final e em ambas as situações o resultado é a significação.

Há ocorrência de projeções seletivas, dado que nem todos os elementos dos *inputs* são aproveitados. Ao contrário, apenas subconjuntos relevantes de cada *input* são levados em conta. Busca-se uma associação de elementos em comum para qualquer um dos dois domínios/*inputs* alvo e fonte, portanto, deve existir um mecanismo para ativação de subconjuntos desses elementos que sejam relevantes para sua interpretação no contexto apresentado.

No caso de nosso *corpus*, as EIs assim como as DPs aparecem em um ambiente descontextualizado. O que possivelmente impõe uma contextualização é a pretensão de seus autores em delimitar um certo universo cômico nas obras, como por exemplo, no Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas fica claro que o intuito é apresentar algo literal: *expressões idiomáticas* que são metafóricas e suas representações literais de forma pictórica. Na obra de Fernandes (2001) isso também fica evidenciado, pois além das desconstruções pictóricas há traduções para a língua inglesa, de forma totalmente literal, sem levar em conta questões culturais, a língua de chegada.. Portanto, quando afirmamos que não há contexto queremos dizer que não há uma situação apresentada que demonstre como aquelas EIs seriam utilizadas e em que sentido esperado.

Ao analisar o diagrama anterior, supõe-se que, para geração da mescla e, conseqüentemente, do significado, dois tipos de elementos são incluídos: (a) aqueles que são comuns aos dois domínios/espacos e (b) aqueles que não o são. Um problema é aproximar elementos de dois domínios/espacos onde não haja nada (ou quase nada) de elementos relevantes na equação da similaridade percebida. Há, ainda, uma questão de assimetria. Para Glucksberg (2001, p. 32) as metáforas não são apenas assimétricas, elas não são reversíveis. Por exemplo, no caso da expressão “o cirurgião é um açougueiro” não se pode mudar a ordem (O açougueiro é um cirurgião) pois essa mudança implica em um entendimento de outro aspecto metafórico.

Mais uma vez estamos diante do paradoxo literal/metafórico. Para Glucksberg (2001, p. 38) as comparações literais sempre envolvem dois objetos no

mesmo nível de abstração: eles tipicamente pertencem à mesma categoria - as comparações literais podem ser entendidas por fundir os conceitos comparados em uma categoria comum. Por exemplo, o termo bomba-relógio pode servir para se referir a dois níveis diferentes de abstração: (1) em um primeiro, concreto/literal, ele se refere a um dispositivo explosivo que pode explodir a qualquer momento; (2) em um segundo, ela se refere à categoria abstrata/figurativa que tem as propriedades essenciais de bombas-relógio – que elas causam prejuízo em algum momento futuro.

A incongruência entre as projeções e as duas modalidades (verbal e não-verbal) pode evidenciar a necessidade da mesclagem conceptual dado que ela provê uma (re)construção nesse “jogo” de fusões seletivas. Supondo que o processamento das EIs dependa dos elementos aparentemente incongruentes, a mesclagem conceptual está apto a trabalhar com incompatibilidades, com o irreal, com o que é imaginado criativamente, portanto, a mesclagem conceptual viria em apoio para complementar as informações que só os dois domínios das EIs não são capazes de dar conta. Por esse motivo, a fusão das duas teorias (TMC e TIC), como ações complementares, pode ser útil na determinação do(s) possível(eis) mecanismo(s) que dá(ão) origem à significação estabelecendo como se dá a estrutura interna.

Afinal, da TMC são projetados os dois domínios (fonte e alvo) para a mesclagem e os demais espaços são gerados como é sugerido pela TIC. Assim, ao invés apenas da unidirecionalidade dos dois domínios temos informações projetadas de outros espaços.

No entanto, além das duas teorias em questão, devemos observar alguns outros aspectos relevantes:

- (1) compreender o que vem a ser a expressão linguística (EL) - ou seja, que se trata de uma expressão idiomática e qual seu significado; saber que “engolir sapo”, por exemplo, pode significar “aceitar calado”, se figurativa ou “diferir um anfíbio” se literal e isso está diretamente ligado à base experiencial do indivíduo. Mas, caso seu significado seja desconhecido, então é possível que prevaleça o sentido literal e não o figurativo – nesse caso, o processamento metafórico das EIs dá lugar a expressões sem sentido idiomático e entra em questão o processamento *on-line* ser sempre idiomático. Há casos, no entanto, em que o significado é de fato literal mesmo em uma EI que, aparentemente, seja idiomática como “engolir sapo”;
- (2) compreender o que quer transmitir a desconstrução pictórica – a significação dos traços, objetos usados, parte do corpo humano, o animal que está presente na

imagem (sapo, cabrito) e assim por diante, se há alguma conexão com algo aceitável, real, se tem relação com algo já armazenado no conhecimento prévio – o entendimento pode ser literal ou figurativo. Da DP também são projetados elementos que compõem a rede de integração conceptual ou dos dois domínios da TMC;

(3) fazer uma inter-relação entre os dois processamentos (literal vs. metafórico). É possível, que nessa inter-relação ocorra as seguintes interpretações:

- (a) a DP literal e a EI figurativa.
- (b) a DP literal e a EI literal.
- (c) a DP figurativa e a EI literal.
- (d) a DP figurativa e a EI figurativa.

Essas interpretações dão margem para o entendimento de algumas das possíveis estruturas internas da rede de integração conceptual e exploram tanto as projeções metafóricas quanto as literais. Com isso, é possível observar que nem toda mesclagem é metafórica por natureza.

Entender como se dão as projeções ajuda na formação da rede de integração conceptual. Temos em mente que, aprisionar o pensamento humano em um diagrama como se fora uma tomografia do cérebro é impossível, mas é aceitável pensarmos em termos de possibilidades. Por exemplo, para a EI “engolir sapo”, haveria possibilidade de alguns conceitos estarem envolvidos, sejam eles referentes à sua categoria, seja em relação aos vários tipos de cores e tamanhos, assim como se serve para ser alimento ou se é venenoso. O item lexical “sapo” pode evocar tantos conceitos quantos estiverem à disposição na memória do indivíduo. Abaixo citamos um exemplo, com seis nódulos (escolha aleatória), sendo que cada nódulo envolve um conceito diferente:

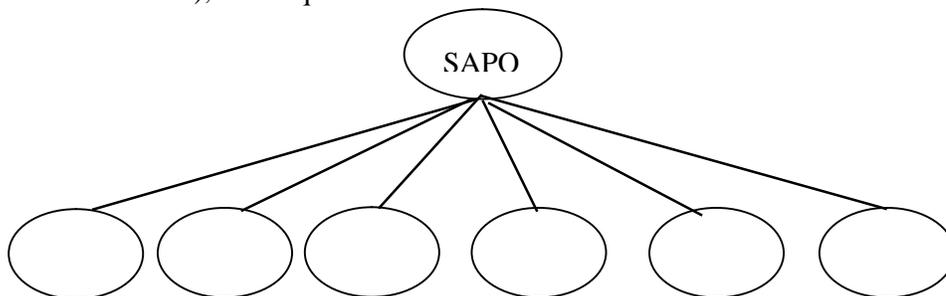


figura 29: projeções do conceito SAPO.

Quais desses nódulos entram na composição para geração do significado é uma incógnita. O indivíduo pode recrutar tantos quantos forem necessários para a

compreensão. Se ele já tiver armazenado em sua memória o significado figurativo da EI o trabalho será mais fácil. Temos, por outro lado, a DP, que também projeta diferentes conceitos, contribuindo para a mesclagem, com outros tantos nódulos. Dessas projeções das duas modalidades, surgem conceitos que são congruentes (parcial ou totalmente) e outros que são incongruentes.

A título de exemplificação, suponhamos uma situação na qual tanto a EI verbal quanto a DP apresentem projeções literais (L) e/ou figurativas (F). Poderíamos simular um diagrama que representasse essa intrincada rede mostrando como são tecidos os elos de ligação entre os *inputs*/domínios conceptuais. Dessa inter-relação entre projeções literais e figurativas surge o seguinte diagrama:

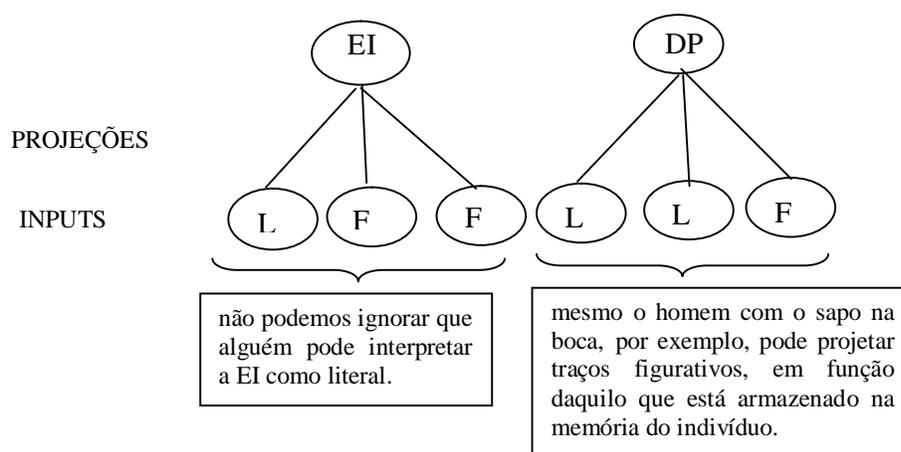


Figura 30: inter-relação entre literal e figurativo.

Considerando que nosso *corpus* envolve tanto EIs verbais quanto DPs (não-verbais), cada modalidade participa da rede com suas projeções individuais, mas há um momento em que essas projeções são intercambiáveis e ambas as redes participam conjuntamente na geração do sentido, criando uma fusão ou justaposição dos elementos oriundos das diferentes projeções envolvidas na geração do sentido. É como se cada modalidade permitisse a criação de “bolhas de sabão”, temporárias e momentâneas, úteis para aquela situação específica. Algumas dessas “bolhas” que são congruentes entre si se fundem, recebem colaboração daquelas que não são congruentes e formam uma grande “bolha” (a mescla), também temporária, para uma situação específica de geração de significado. Se pretendermos simular como isso é possível temos que nos voltar para a representação diagramática que envolva: (1) apenas a EI verbal; (2) apenas

a DP ou (3) a fusão da EI (verbal) com a DP (não-verbal) configurando um hibridismo. Desse emaranhado de redes, surge o que é denominado de multimesclagem.

O conhecimento adquirido e acumulado ao longo da vivência do ser humano e a experiência com seu corpo, o auxilia a fazer as fusões (mesclagens). Acreditamos que, além disso, as situações nas quais os indivíduos estão envolvidos servem de *input* para a geração das mesclas. Afinal, as mesclas são temporárias e fugazes.

Se nem todos os elementos de um determinado espaço são projetados, ou seja, se há uma seleção daquilo que é relevante para a geração do significado, assim também a fusão pode ser relativa à congruência que pode ser parcial, total ou pode haver casos em que não há nenhuma congruência (incongruência), como veremos nos casos a seguir.

(i) A congruência parcial nas projeções das EIs e das DPs.

Ao projetar elementos de cada uma das representações (ou modalidades), é possível que, por exemplo, dois deles sejam congruentes (ou seja, participam igualmente de ambas as representações) e outros incongruentes. A congruência pode estar ligada ao literal e, nesse caso, o sentido da EI é congruente com a imagem da DP também literal, ou a congruência pode envolver projeções metafóricas de ambas as modalidades e isso determinar que o significado seja metafórico. Se considerada literal, a EI “engolir sapo” representa de fato alguém digerindo esse animal. Portanto, se há uma congruência literal, não há participação da MB e da MS na geração do sentido. Nos casos em que a DP é compreendida literalmente, o fato de estar associada com uma EI (se considerada figurativa) pode levar, possivelmente, o indivíduo a recuperar traços metafóricos da DP. Isso pode ser demonstrado da seguinte maneira:

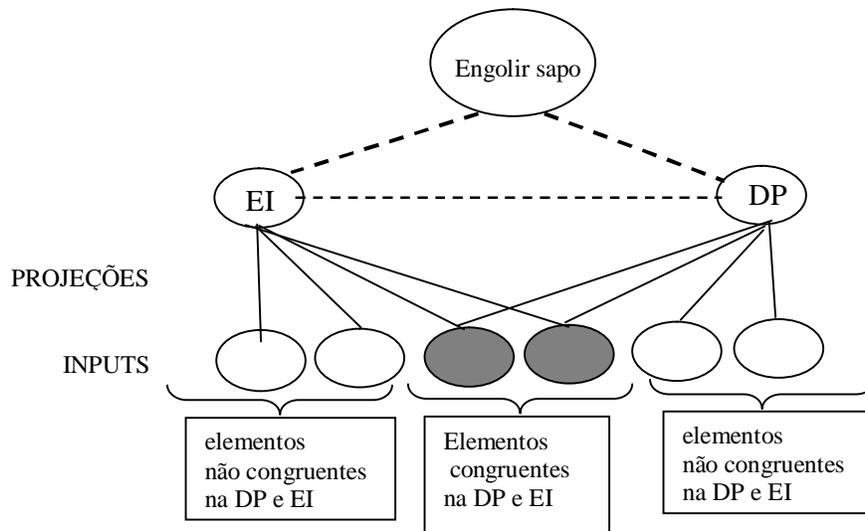


Figura 31: A congruência parcial nas projeções das EIs e das DPs.

Na figura anterior, apenas dois elementos estariam presentes em ambas as projeções. Isso é só uma das possibilidades de representação por meio de um diagrama. Poderiam ser incluídos outros elementos, o que definiria qual sentido emergiria na mescla. Esses dois elementos permitiriam a compreensão literal ou figurativa, dependendo de quais projeções fossem selecionadas.

Os círculos (nódulos) não sugerem entidades indivisíveis, ao contrário, há relações entre os conceitos e os sentidos que se dão por meio de um padrão de relacionamento do qual o conceito participa. Assim, o sentido metafórico consiste de subconjuntos de projeções construídas à partir de um certo número de elementos. Os conceitos referentes à EI na figura anterior estão “expandidos” em seis nódulos, cada um deles representando um mapeamento metafórico. O número de nódulos foi escolhido de forma aleatória para demonstrar a participação de cada elemento que representasse um possível *input* para a geração da mescla. Sob a representação da EI, cada um desses elementos recebe uma ativação via sua projeção.

Uma vez que um espaço mental tenha sido selecionado, é ligado a outros tantos espaços mentais estabelecidos pela expressão analisada. Um desses espaços é a base: o espaço que permanece acessível para a construção de um novo espaço mental, como na rede anteriormente elaborada. Conforme a interpretação se estabelece, os espaços se expandem dentro de uma rede com alguns nódulos projetados. A expressão e o contexto situacional induzem à criação de elos de ligação resultantes dos espaços que são criados. A base é o espaço no topo da rede. Os círculos representam nódulos

(espaços mentais) e as linhas indicam ligações entre os espaços. Elementos dentro de diferentes espaços mentais podem ser recrutados e instituírem mapeamentos. O espaço-base (genérico na rede) oferece informações que são compartilhadas por mais de um nódulo (há conceitos que são polissêmicos e há uma projeção seletiva daquele conceito relevante para um fim específico).

Apesar de a figura anterior ter apenas dois *inputs* congruentes (EI/DP), isso não sinaliza que as demais não possam colaborar na construção do sentido metafórico, dado que o espaço a ser utilizado pode ser determinado por fatores individuais. Há uma colaboração e uma competição entre os conceitos que participam da mescla, o que caracteriza uma projeção seletiva.

As simulações de redes até aqui apresentadas procuram ilustrar como a TMC e a TIC dão conta da construção do significado metafórico/literal emergindo das expressões linguísticas e suas respectivas DPs. Lembramos que a geração da mesclagem conceptual pode ser evocada pela linguagem e afetada pelas formas linguísticas assim como pela imagem associada. No entanto, a operação da mesclagem em si, como outros processos cognitivos que subjazem à Semântica Cognitiva, podem ser pensados como independentes da língua - é possível ser utilizada essa abordagem em expressões não-linguísticas (não-verbais). É certo que a interpretação da DP é facilitada pela EI verbal na medida em que alguém dependa das expressões linguísticas. No entanto, a mesclagem é atingida pela estrutura de integração conceptual que está atrelada tanto à imagem quanto à EI que a acompanha e ambas ativam domínios conceptuais. Também há uma projeção seletiva, ou seja, apenas certos aspectos da imagem e da expressão linguística são selecionados para geração do sentido metafórico. Kövecses (2005, p. 171) afirma que em casos como o da metáfora A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, as ilustrações sempre são literais: fumaça aparece saindo da orelha do personagem, por exemplo.

Portanto, na congruência parcial temos:

- projeções de elementos figurativos/literais da DP;
- projeções de elementos figurativos/literais da EI verbal;
- predominância = um ou outro (contexto ajuda a dirimir dúvidas);
- os poucos elementos congruentes podem, possivelmente, ser capazes de ativar o figurativo da DP e a significação ser figurativa como resultado dessas projeções;

- há exigência do processamento via MB e MS para que a interpretação seja considerada figurativa. No caso de compreensão literal essas projeções são seletivamente ignoradas;
- a congruência parcial implica em predominância do literal ou do metafórico. Ser congruente parcialmente não significa que seja sempre figurativa. Depende de que projeções são feitas de cada uma das modalidades. Das várias possibilidades de projeções, apenas algumas são congruentes e outras não, por esse motivo são parcialmente congruentes.

Vejamos como isso funciona em relação à mesclagem conceptual:

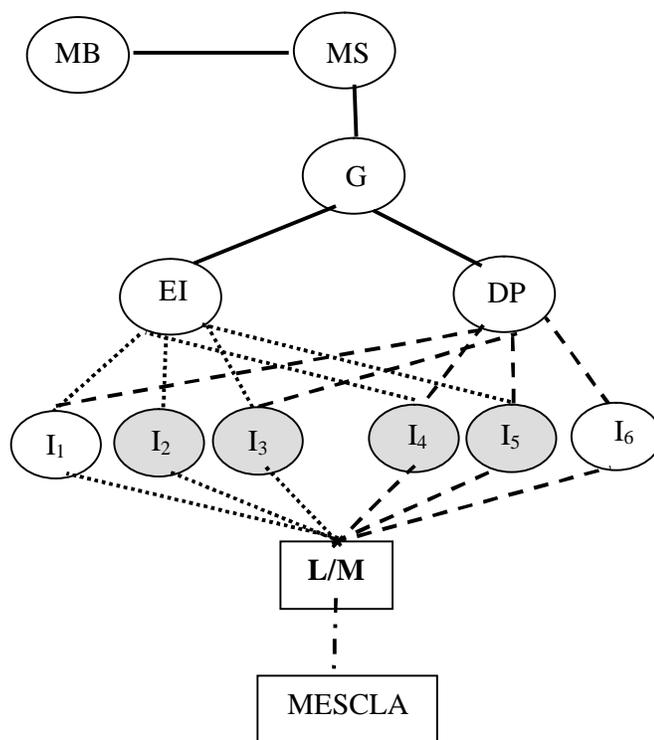


Figura 32: mesclagem para a congruência parcial das EIs e das DPs.

Legenda: ————— projeções da MB e MS comuns às duas modalidades  
 ..... projeções da EI verbal  
 - - - - - projeções da DP  
 - . - . - . projeções filtradas por L/M

Através do diagrama é possível admitirmos que, considerando a idiomaticidade percebida pelo leitor na DP, temos a MB e a MS comuns a ambas as modalidades. Só há congruência dos *inputs* I<sub>1</sub> I<sub>3</sub> I<sub>4</sub> I<sub>5</sub>. Os *inputs* I<sub>2</sub> e I<sub>6</sub> não são congruentes, mas isso não os impede de participar da geração do sentido na mescla. Afinal, ser congruente não é declaração de que a mescla é possível, o poder criativo do ser humano o ajuda a projetar coisas que poderiam ser consideradas “irreais ou

impossíveis” e isso pode não encontrar congruência em nenhuma das duas modalidades. Se a compreensão tem a participação das metáforas base e subjacente, supõe-se que há possibilidade de a compreensão ser processada metaforicamente de forma *on-line*, ou seja, é possível que o indivíduo já tenha tido contato com essa EI anteriormente e armazenado sua significação na memória e se o contexto permitir a mesma significação isso facilita o trabalho cognitivo. No entanto, a ocorrência da congruência não determina que o significado sempre será processado metaforicamente. Pode ocorrer casos em que a congruência é totalmente literal e, portanto, a significação será literal. Para que a projeção seja parcial são levadas em conta situações onde: (a) as projeções da DP são literais e da EI figurativas e (b) as projeções da DP são figurativas e da EI literais, cada uma contribuindo seletivamente para a geração do sentido.

(ii) a congruência total das projeções.

Nesse tipo de congruência temos algumas situações, dentre elas: (a) a congruência totalmente literal e (b) a congruência totalmente figurativa. O fato de ser totalmente congruente não implica que será metafórica. A falta de compreensão por parte do indivíduo assim como a falta de contexto podem determinar o significado literal da EI. Ou, mesmo diante da literalidade da DP, é possível se recuperar traços metafóricos da mesma e isso, em conexão com a metaforicidade da EI verbal tornar as projeções congruentes totalmente figurativas. Sendo assim,

- se a congruência for totalmente literal não há ocorrência das metáforas base e subjacente, dado que não há nenhuma figuratividade envolvida no processamento. Os espaços genéricos, nesse caso, podem ser independentes – cada representação tem o seu espaço genérico ou um único espaço genérico para ambas as modalidades;
- se a congruência for totalmente figurativa/idiomática – ambas as modalidades têm as mesmas MB e MS e, conseqüentemente, o espaço genérico pode ser único para as duas representações.

Um diagrama pode nos ajudar a visualizar essa situação:

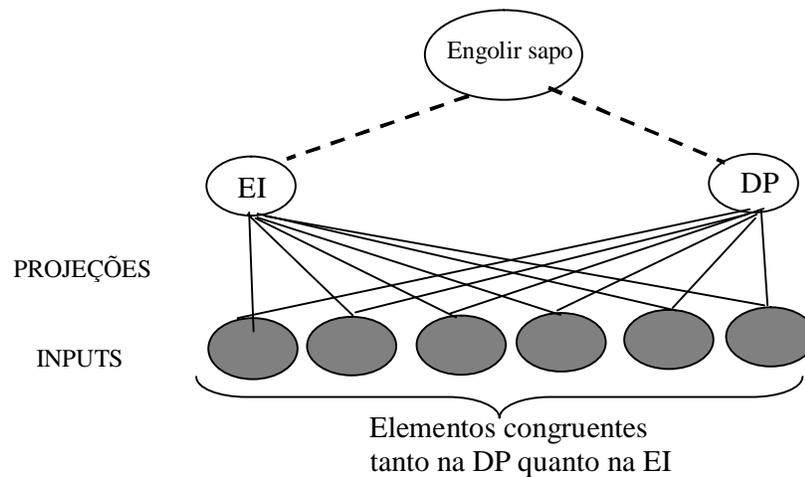


Figura 33: A congruência total das projeções.

Nesse caso, há um inter cruzamento de todas as projeções, situações nas quais temos uma EI verbal e outra não-verbal e, ambas são compreendidas metaforicamente ou literalmente. As duas modalidades de representação se complementam sem exigir que se faça um conjunto maior de inferências. Todos os conceitos são os mesmos evocados das duas modalidades, o que pode ser uma situação difícil de ocorrer, pois uma imagem por mais literal que seja, desde que se refira a uma EI, pode levar a conceitos que visualmente remetem a outros que não os da EI verbal e uma EI verbal também pode evocar um sentido polissêmico dependendo do conhecimento prévio do indivíduo, do contexto, das experiências e assim por diante. Temos que admitir que há uma certa dificuldade em aceitar a ocorrência de projeções totalmente congruentes dado que cada modalidade pode levar a tantos espaços mentais e sempre haverá um ou outro que foge àquilo que é visto ou lido. Mas também temos que admitir que esse tipo de congruência facilita muito o trabalho do indivíduo no momento da compreensão de uma EI com sua DP.

Vejamos como poderíamos tentar representar essa situação (uma congruência totalmente figurativa ou totalmente literal):

(a) totalmente figurativa.

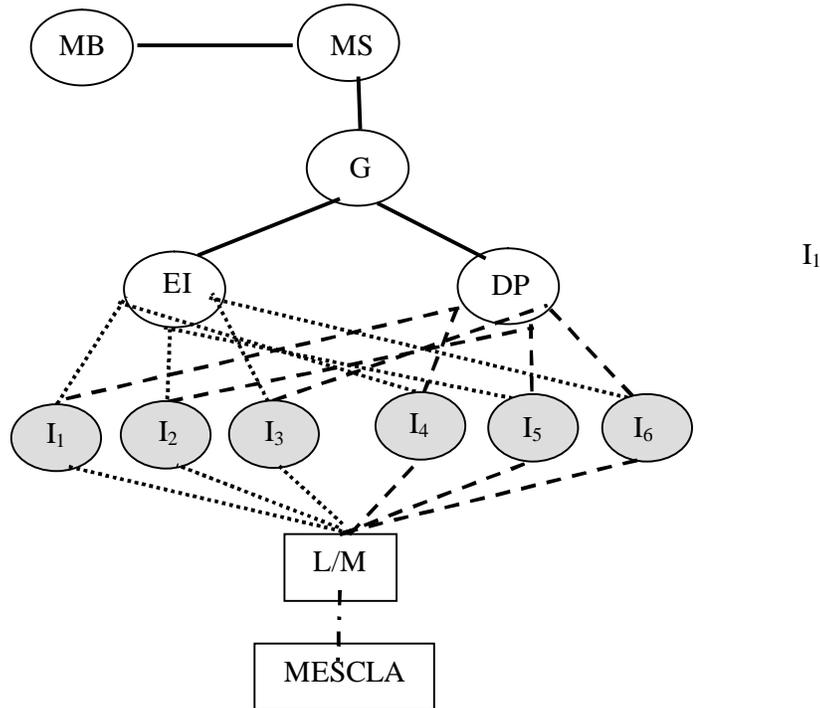


Figura 34: a congruência totalmente figurativa das projeções.

Nesse caso, o resultado (a mescla) sugere que a EI “engolir sapo” tem como significação o figurativo: “aceitar calado”.

(b) totalmente literal

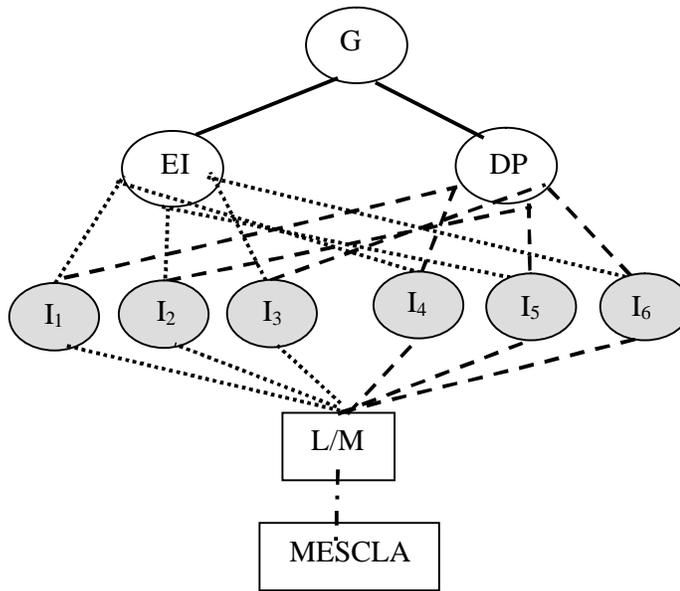


Figura 35: a congruência totalmente literal das projeções.

Nesse caso, a mescla da mesma expressão “engolir sapo” tem significação literal: alguém digerindo um sapo.

(iii) A incongruência nas projeções.

Em um terceiro momento, teríamos uma situação na qual tanto a DP quanto a EI têm elementos totalmente distintos, tornando-as incongruentes e isso pode comprometer a significação, dado que não há projeções congruentes na fusão. O que talvez facilitaria a compreensão, nesse caso, seria a mesclagem conceptual que pode dar conta do irreal, daquilo que é criado. O diagrama para isso seria o seguinte:

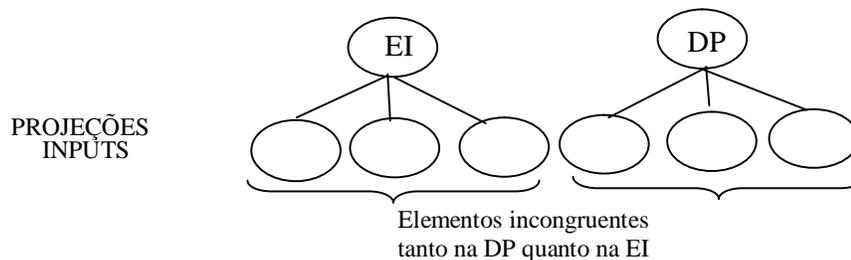


Figura 36: incongruência nas projeções.

Na incongruência temos:

- o espaço genérico não é o mesmo para as duas modalidades;
- as projeções não são as mesmas;
- o resultado (a significação) de cada modalidade é totalmente diferente, caracterizando que não há convergência de um significado. Há uma competição entre os *inputs* pela seleção, aqueles conceitos mais apropriados para a geração do sentido são selecionados e usados;
- se há incongruência total, a mescla entre as duas modalidades não se realiza pois não há nenhum elemento que seja convergente entre elas, permanecendo cada modalidade com suas projeções e significações. Não ocorre uma inter-relação entre elas. Seria o caso de uma ilustração qualquer que não condiz em nada com o texto que a acompanha, esse tipo de ilustração é meramente para ocupar espaço na página de um livro, por exemplo, sem conexão com aquilo que é dito pelo autor do texto.

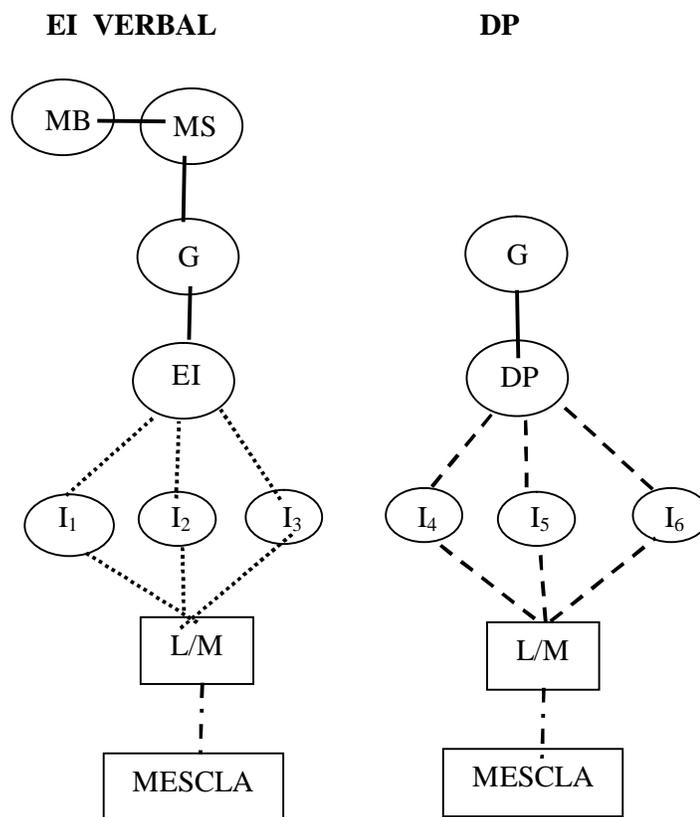


Figura 37: mesclagem: a incongruência das projeções.

Percebe-se, nesse diagrama, que nenhum elemento presente nas projeções é congruente. É possível ser encontrada uma situação na qual uma EI figurativa, se opõe a

uma DP literal. Temos, nesse caso, duas modalidades que operam distintamente. E, portanto, não há uma mesclagem das duas modalidades, apenas de cada uma individualmente. É necessário se buscar informações no conhecimento de mundo, nas experiências vividas para conseguir fazer certas inferências a ponto de ser possível gerar o sentido metafórico pretendido. Pode também ser o caso de o ilustrador ter feito escolhas incorretas para elaborar a DP e, dessa forma, ela se tornar apenas um adorno sem função. A DP não condiz com a EI que a acompanha. Vejamos, a seguir, essas possibilidades diagramadas e suas implicações nas análises das EIs e DPs do *corpus* desta pesquisa.

A congruência é um fator importante na geração do sentido. Se tomarmos como exemplo as EIs “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra” (geradas pela mesma metáfora subjacente: ACEITAR É ENGOLIR, perceberemos, pela figura a seguir, que há espaços mentais congruentes entre elas, assim como espaços incongruentes e isso ainda torna possível a formação de diferentes sentidos metafóricos, ou seja, uma mesma metáfora subjacente dá origem a duas EIs com sentidos próprios, fato motivado pela força das projeções selecionadas para construção do significado.

(A) Metáfora ACEITAR É ENGOLIR

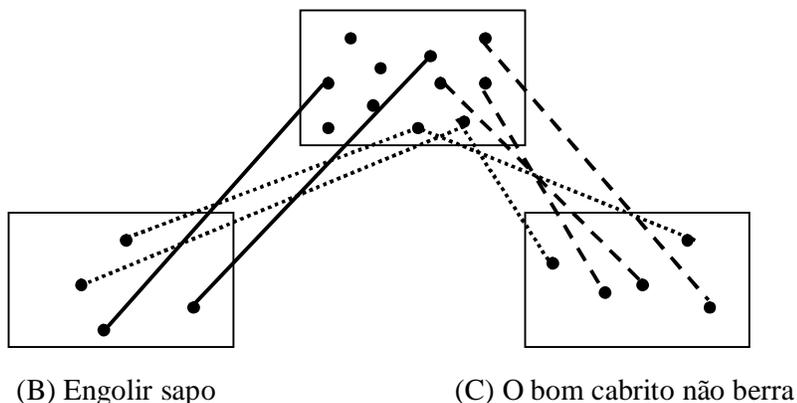


Figura 38: projeções seletivas.

Percebe-se que (A) é referente à metáfora que autoriza as EIs e contém vários espaços mentais (cada ponto representando um espaço diferente), armazenados na memória ao longo da vida do indivíduo e de suas experiências corpóreas, com o meio onde vive. Em (A) ainda restam espaços que não foram projetados. Há espaços de (A) congruentes em ambas as EIs (B) e (C) e espaços que só estão presentes em (C).

Isso torna a mente criativa e os espaços fugazes, usados temporariamente para construção do sentido metafórico, instanciados por uma mesma metáfora.

Ao procurar entender a EI, o indivíduo recruta alguns espaços mentais, como as “bolhas de sabão” para aquele momento da compreensão da EI. Mas, nota-se que nem tudo que está contido em (A) é projetado. Há espaços que são projetados para as duas EIs (B e C) e espaços independentes. Os diferentes elementos projetados fundem-se em um único significado no espaço mesclado e, sendo assim, a mescla contém uma estrutura que vai além daquelas encontradas nos espaços de entrada. Na mescla acontece o redesenho do enquadre cognitivo além do desenvolvimento de novas estruturas inferenciais e isso se configura como um processo cognitivo que atende às necessidades imediatas na construção do sentido metafórico, instanciado por uma mesma metáfora.

Não é possível reconstruir esse caminho passo-a-passo mas tentamos demonstrar como imaginamos que se dê essas mesclagens na (re)construção que demonstre a estruturação das múltiplas fusões que ocorrem na mente humana:

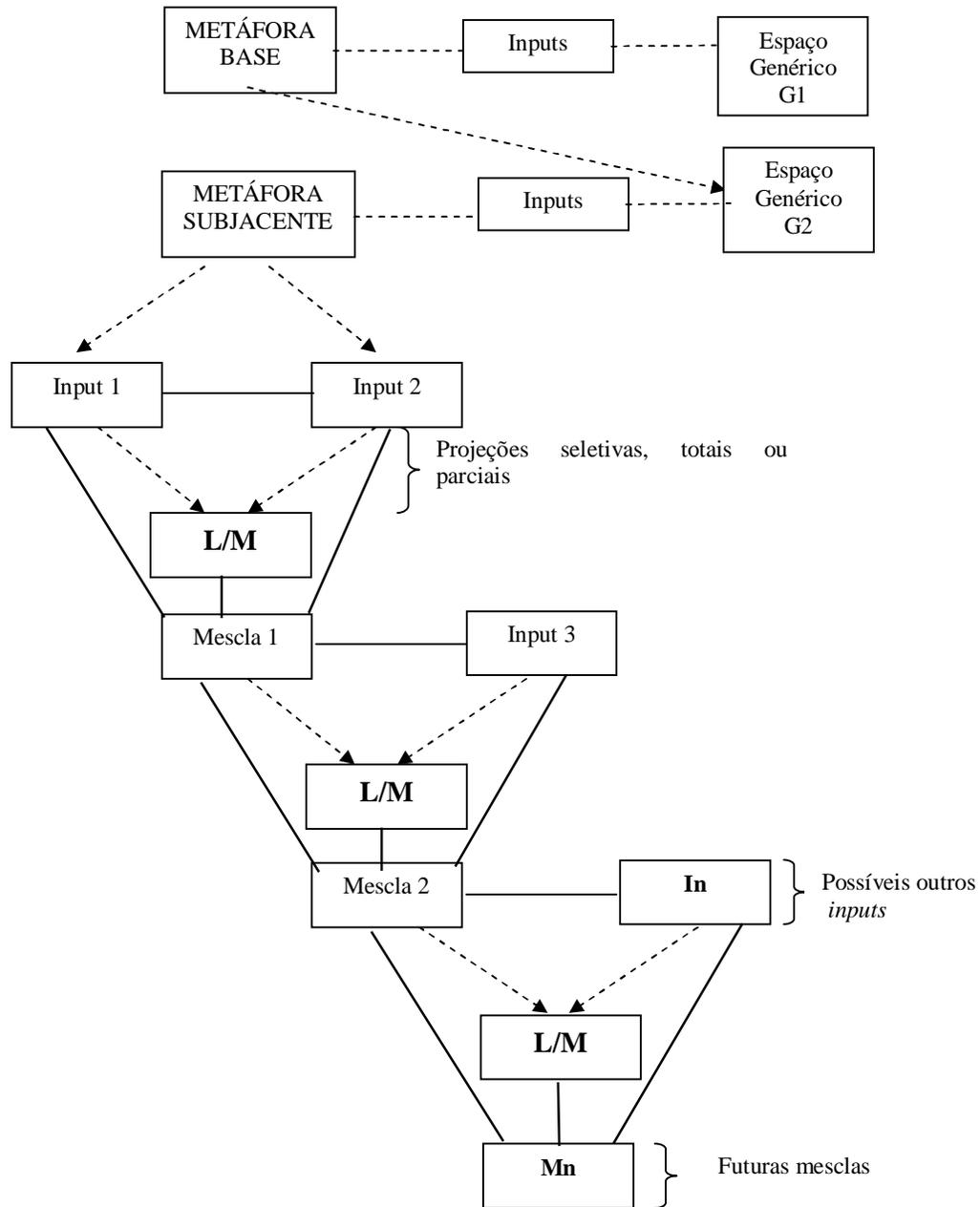


Figura 39: multimesclagem - projeções seletivas entre os espaços de entrada.

In = número ilimitado de possíveis entradas    G = espaço genérico  
 Mn - número ilimitado de possíveis mesclas  
 P = projeções  
 L/M = L - literal; M - metafórico

Vemos que cada metáfora (base e subjacente) tem um espaço genérico com seus respectivos *inputs*. A metáfora base é instanciada a partir das projeções seletivas. A partir das projeções seletivas, a metáfora base é experiencial e se constitui ontologicamente na interação do sujeito com o corpo e a mente. A metáfora base, por

sua vez, serve de *input* para instanciar a metáfora subjacente que, por sua vez, serve de *input* para instanciação das representações verbais e não-verbais e assim indefinidamente, segundo a mente criativa. Temos que reforçar o fato de que a mesclagem não ocorre de forma seqüencial, primeiro uma coisa depois outra. São formadas “bolhas de sabão” momentâneas e específicas para aquela situação. Todas estão ali disponíveis para formação da rede, sem uma ordem ou prioridade.

Das projeções advindas tanto da EI “engolir sapo”, por exemplo, quanto de sua DP, teríamos a seguinte mesclagem:

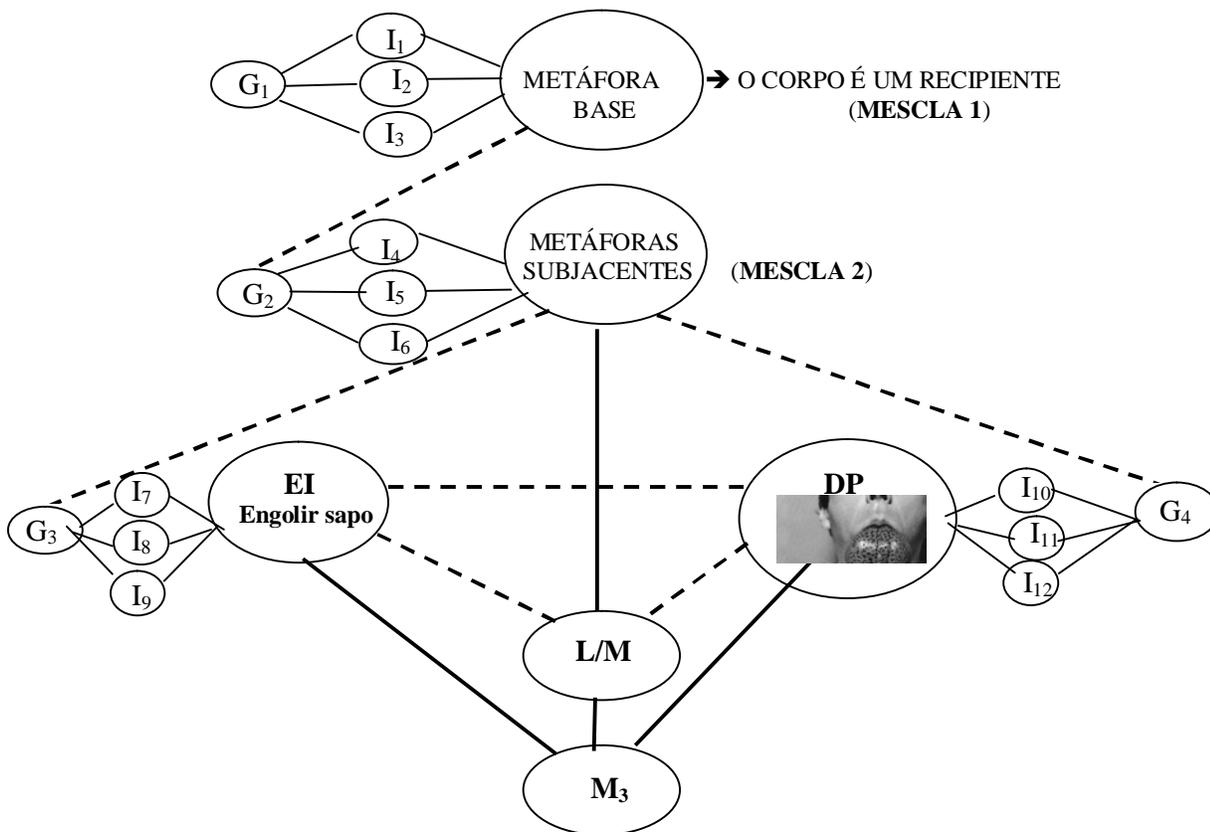


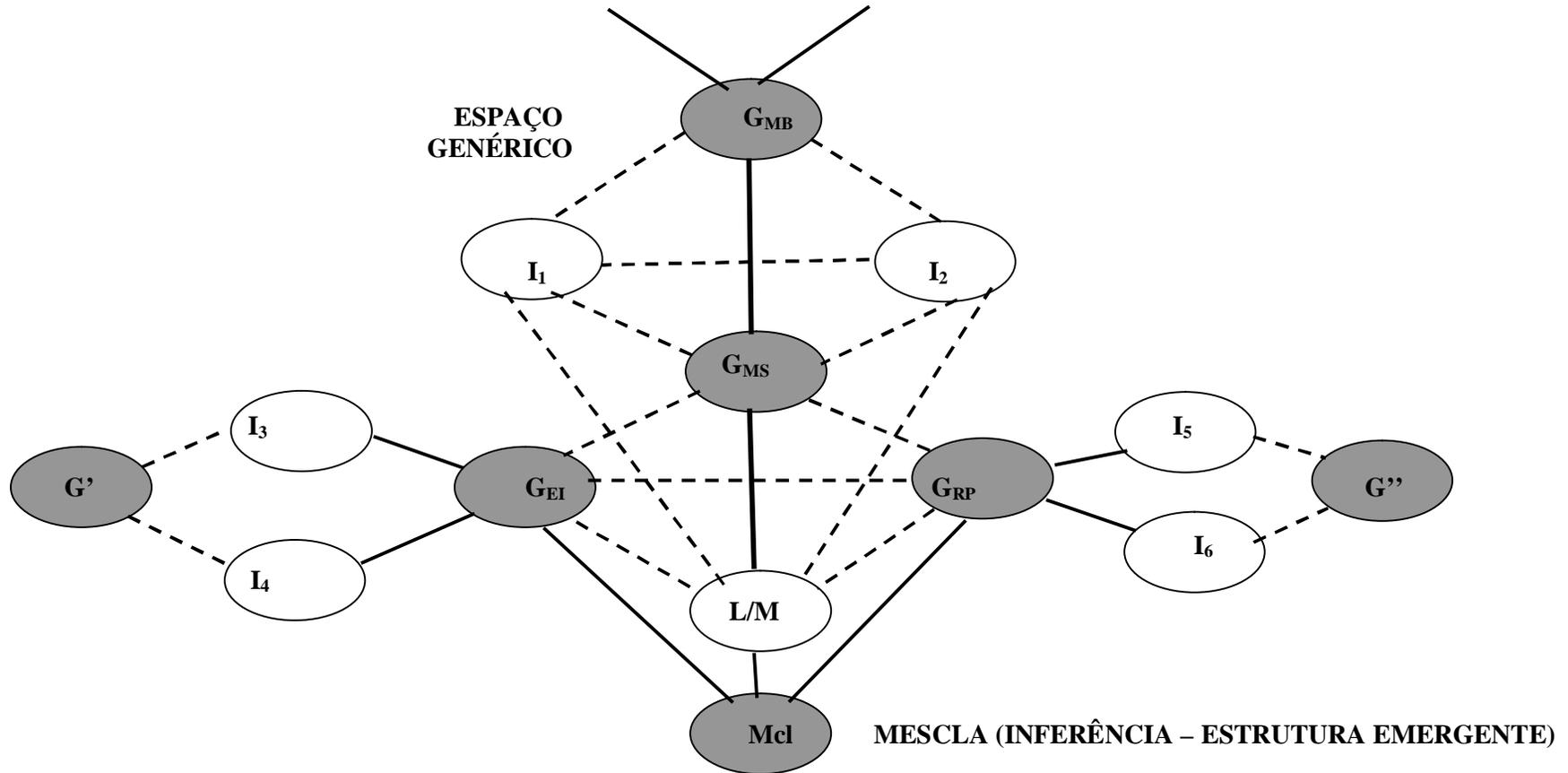
Figura 40: multimesclagem – diagrama da rede cognitiva  
Fonte: adaptado de Fauconnier e Turner (2003, p. 283)

Na figura anterior, tanto a EI quanto a DP podem ser entendidas literal ou metaforicamente. As linhas tracejadas referem-se às projeções entre os *inputs* enquanto a linha contínua evidencia as conexões entre as entradas e suas projeções na elaboração da mesclagem.

Temos que deixar claro que ambas as modalidades (verbal e não-verbal) são manifestações de uma mesma EI. A mescla herda de cada uma das estruturas (EI e DP), uma inter-relação literal/metafórica que, possivelmente, nas ligações neurais está ali

engramada. Afinal, é possível termos ao mesmo tempo em nossa memória o literal e o figurativo caminhando em paralelo. De acordo com a necessidade (o contexto) nos apropriamos de uma determinada interpretação.

O diagrama a seguir torna mais ampla a visualização dos caminhos trilhados na geração do sentido metafórico/literal das EIs e das DPs (lembramos que é apenas uma forma de tentar “capturar” aquilo que ocorre na memória, mesmo sabendo que essa é uma tarefa difícil):



Linhas tracejadas = representam os mapeamentos entre os espaços  
 Linhas sólidas = indicam a projeção seletiva para a mesclagem  
 L/M = literal/metafórico  
 I = input  
 G = espaços genéricos    Mcl = mesclagem conceptual

EI = expressões idiomáticas  
 DP = desconstrução pictórica  
 MB = metáfora base  
 MS = metáfora subjacente

Figura 41: mecanismos que geram a mesclagem conceptual.

Podemos notar nesse modelo que temos mais de um espaço genérico – G,  $G_{MB}$ ,  $G_{MS}$ ,  $G'$ ,  $G_{EI}$ ,  $G''$ ,  $G_{DP}$  sendo;

G = espaço genérico que dá origem à metáfora-base que licencia as expressões linguísticas. Esse espaço poderia ser resultado de outras mesclagens anteriores;

$G_{MB}$  = espaço genérico da MB, resultado das projeções dos inputs  $I_1$  e  $I_2$ , ou seja, o espaço mesclado que, por sua vez, servirá como espaço genérico para a expressão idiomática ( $G_{EI}$ ) e para a desconstrução pictórica ( $G_{DP}$ );

$G_{MS}$  = (ACEITAR É ENGOLIR, por exemplo) espaço genérico da MS, resultante das projeções advindas da metáfora base (O CORPO É UM RECIPIENTE);

$G'$  = espaço genérico para a expressão idiomática ( $G_{EI}$ );

$G_{EI}$  = espaço genérico da EI resultado das projeções dos inputs  $I_3$  e  $I_4$ , ou seja, o espaço mesclado que, por sua vez, servirá como um dos espaços de entrada para o espaço mesclado M;

$G''$  = espaço genérico para a desconstrução pictórica  $G_{DP}$ ;

$G_{DP}$  = espaço genérico da DP, resultado das projeções dos inputs  $I_5$  e  $I_6$ , ou seja, o espaço mesclado que, por sua vez, servirá como um dos espaços de entrada para o espaço mesclado M.

A incongruência literal/metafórico também é contemplada (L/M contém L = literal e M = metafórico). Essa rede de conexões é aparentemente complexa, mas a mente humana é complexa e tem capacidade de dar conta de interpretar sentidos metafóricos. O contexto no qual se encontram as duas modalidades assim como o veículo que as transmite pode ser de grande valia no apoio ao processamento tanto do literal quanto do figurativo.

Os *inputs* apresentados não são necessariamente os únicos, poderiam ser representados por  $I_n$ , ou seja, uma variedade de entradas, dependendo da necessidade de criação do mesclagem conceptual. O resultado mesclado para a compreensão de uma EI pode exigir mais de um *input*, ou seja, vai além dos dois domínios (fonte e alvo) da Teoria da Metáfora Conceptual. Podemos afirmar que os *inputs* são frutos de diferentes espaços, apesar de um determinado espaço ser ativado isoladamente quando necessário. A informação projetada migra dos espaços de entrada para a mescla e se fundem dando forma ao significado. No entanto, podem manter informações de cada um dos espaços, tornando identificáveis suas características. A mescla, portanto, tem características que são suas, mas que são herdadas da composição com outras.

Uma analogia que reflete adequadamente esses entrelaçamentos na rede que dão origem à multimesclagem é o de uma árvore genealógica. O filho (a mescla) é fruto de uma mãe (*input 1*) e de um pai (*input 2*). Apesar de o filho herdar características tanto da mãe quanto do pai (uma mistura, uma combinação e recombinação de informações genéticas de cada participante do processo), ele é um outro ser, já não é mais nem a mãe nem o pai. A mescla (o filho) não é apenas resultado da combinação genética da mãe e do pai, anterior a eles existe a família de ambos, com características herdadas de outros anteriores que herdaram de outros e assim por diante. Formam uma rede ampla de combinações.

Cada uma dessas combinações pode dar origem a um sentido diferente. Qual caminho será trilhado? Isso depende de cada indivíduo. Isso é o que possibilita a intercomunicação e inter-relação entre os indivíduos. Esse foi o instrumento utilizado pelos cartunistas de nosso *corpus* para “brincar” com o jogo literal (imagem) e figurado (expressão linguística).

Entendemos que uma compreensão da EI e de sua respectiva DP depende de inúmeros fatores, dentre eles estão o indivíduo e suas especificidades, as construções e reconstruções para obter a geração do sentido metafórico. Parece-nos que quando os entendimentos da EI e DP são congruentes, ou seja, ambos são literais ou ambos são figurativos não haveria comprometimento interpretativo, uma vez que uma modalidade apóia a outra na compreensão, sem incongruências.

A partir das redes apresentadas, percebemos que a afirmação que a EI é sempre compreendida *on-line* metaforicamente sem passar pelo sentido literal é questionável. O que pode determinar esse processamento *on-line* é o tipo de projeção que é feita. A congruência ou incongruência de cada uma das modalidades definirá qual sentido será gerado: figurativo ou literal e isso implicará diretamente na compreensão da EI. Portanto, o processamento *on-line* metafórico está condicionado às projeções seletivas sucessivas que estruturam a rede de integração conceptual. Nesse emaranhado de “fios” pode-se tecer alguns significados diferentes: cada combinação de projeções delinea um “desenho” cognitivo.

Dessas colocações ressalta-se uma característica das redes: nem todos os traços de diferentes nódulos são incluídos nas projeções, apenas aqueles subconjuntos relevantes são selecionados. Por conta do número de traços que podem ser atribuídos em comum para qualquer dos objetos ser ilimitado, qualquer teoria de mesclagem conceptual deve levar em conta esses subconjuntos de traços que são relevantes em um

dado contexto. Em nosso *corpus*, os tipos de traços relevantes que são incluídos nas projeções são aqueles comuns às duas representações (verbais e não-verbais). Uma vez que os traços são selecionados, eles são projetados.

A estruturação das redes pode encontrar algumas dificuldades quando as projeções metafóricas são representadas visualmente de forma literal dado que esta sempre envolve objetos no mesmo nível de abstração – um sapo é um sapo, engolir é engolir, literalmente, e, nesse caso, ambos se tornam pertencentes à mesma categoria. Assim, também, o indivíduo pode ser levado há dois níveis diferentes de abstração: concreto vs. abstrato. No nível concreto o sapo, por exemplo, tem características próprias enquanto no nível abstrato pode se referir a propriedades essenciais desse animal que não pré-existem necessariamente.

Assumimos que, para estruturação das redes e projeções, os conceitos podem ser influenciados por sua estrutura conceptual e, nesse caso, a metáfora desempenha um papel importante na organização do conceito abstrato (metafórico). A representação do conceito abstrato não é metafórico per se. A metáfora tem um papel causal na estruturação dos conceitos abstratos mas não é uma condição *sine qua non* de sua representação conceptual. A língua influencia o pensamento oferecendo distinções semânticas e categorias que as pessoas usam para perceber e raciocinar sobre objetos e eventos no mundo. Sendo assim, a metáfora transcende suas manifestações linguísticas para influenciar a coerência metafórica das EIs em certos domínios linguísticos e esse conhecimento permite o entendimento das EIs. As pessoas podem espontaneamente construir mapeamentos conceptuais para entender as expressões metafóricas. Afinal, segundo Salomão (1999), muitas mesclas já se tornaram fossilizadas ou entrincheiradas com seu uso, isto é, são compartilhadas por muitos indivíduos falantes de uma mesma língua.

### **3.7 Resumo do capítulo.**

Além de sua alta potencialidade no trato com expressões linguísticas verbais, o que fica evidente na exposição feita neste capítulo é o relevante papel da mesclagem na geração do sentido metafórico quando se trata de análise da modalidade não-verbal da linguagem. A linguagem, como pudemos ver, não se expressa apenas por meios

verbais e isso é um traço que remete à necessidade de entendermos que apesar de haver uma multiplicidade e níveis diferenciados de análise, que podem ser aplicados a diferentes modalidades, há possibilidade de uma ação interativa conciliadora de duas formas diferentes de representação que estabelece uma espécie de “diálogo” permitindo uma reflexão acerca de sua arquitetura. Mesmo havendo aprofundamento nas teorias aqui apresentadas, entendemos que há a necessidade de estudos ainda mais verticais, para que se possa demonstrar mais amplamente como essas duas modalidades se complementam.

Tratamos de uma DP que também envolve a cognição humana, que, por sua vez, está ligada à experiência corpórea. Nas DPs, a interpretação pode ser construída e reconstruída segundo diferentes pessoas e propósitos observando-se os comportamentos verbais e não-verbais das expressões linguísticas. Observa-se, por seu turno, que as DPs possuem estruturas conceptuais significativas que possibilitam projetar certos domínios conceptuais da experiência corpórea e formas de operar no ambiente. O papel dos fatores cognitivos ganha relevância nas estratégias de processamento para a interpretação das EIs tomando diferentes domínios de mesma natureza (DP/DP) ou de natureza diversa (DP - não-verba/EI – verbal) integrando diferentes tipos de informação.

A integração conceptual é uma operação cognitiva básica. As redes de integração envolvem espaços de entrada, espaços genéricos e espaços mesclados. Há um mapeamento interespaços de conexões entre espaços de entrada e projeções seletivas dessas entradas para a mesclagem. Os *inputs* possibilitam a projeção para as mesclagens. Nesse capítulo, foram oferecidas análises de construções gramaticais usadas para evocar a integração conceptual e a forma como essas construções podem ser analisadas e disso emergir as integrações conceptuais. Foram analisados os mecanismos de integração e a construção do significado. A construção de multimesclagens produz novas construções a cada mesclagem. A multimesclagem é um modelo de projeções múltiplas. Sua essência é que o indivíduo é levado a formar um espaço mesclado. A partir de novas informações, os espaços de entrada são reinterpretados e cria-se um espaço aparentemente contraditório, o espaço mesclado e, sucessivamente, outros tantos espaços mesclados. Nesse momento, é possível afirmar que a integração conceptual interage com atividades cognitivas como a metáfora, por exemplo. Além disso, esse capítulo apresentou evidência para uma operação cognitiva, integração conceptual com construção de redes de espaços conectados – *inputs*, genérico e mesclados. A construção de tais redes depende geralmente de estabelecimento de mapeamentos

interespaços do tipo comumente estudado em teorias da metáfora. Mas, o fenômeno da metáfora é apenas um subconjunto do âmbito do fenômeno da integração conceptual. Os traços salientes de tais redes é a construção de um espaço mesclado que desenvolve uma estrutura emergente e faz ligações por toda a rede relacionando uma ideia a outra. As projeções em uma rede podem ocorrer em diferentes formas e em diferentes direções não necessariamente de forma unidirecional como na Teoria da Metáfora Conceptual. O resultado é uma imagem global que explora uma concepção da construção do significado e expõe visualmente, através de diagramações, as estruturas internas das redes de integração conceptual.

Apresentamos também, nesse capítulo, as possíveis aproximações entre as duas teorias base de nossa pesquisa: a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Integração Conceptual (ou Teoria da Mesclagem Conceptual). À partir da estrutura proposta por Fauconnier e Turner (1994; 1998), Grady, Oakley e Coulson (1999) são apresentados alguns aspectos compartilhados pelas duas teorias como, por exemplo, domínios vs. espaços mentais, exemplificado através da expressão “Se Clinton fosse o Titanic, o *iceberg* afundaria” de Turner e Fauconnier (2003), e dois domínios vs. quatro espaços. Um segundo exemplo, segundo a ótica de Kövecses (2005), é o caso da expressão “Este cirurgião é um açougueiro” de forma a demonstrar a eficácia do modelo em dar conta dos processos cognitivos metafóricos, e, conseqüentemente, dar conta da geração do significado. Um recurso utilizado foi a diagramação. Percebe-se que, quando se trata de *blending* ou *megablending*, faz-se necessário o uso de diagramas para evidenciar como ocorre o processamento através da rede de integração entre os espaços.

Até aqui temos descrito o caráter dos conceitos definidos metaforicamente. Esses conceitos podem ser entendidos através dessas duas teorias. A estruturação metafórica dos conceitos se reflete na linguagem usada nas EIs e DPs. A TMC apregoa que as partes do conceito que são usadas para sua estrutura formam o figurativo de nossa linguagem, tendo o unidirecional como pressuposto, ou seja um domínio se projeta em um outro, sendo um mais concreto e outro mais abstrato e, conseqüentemente, os significados obtidos são figurativos. Já a TIC expande a relação entre esses conceitos, de dois domínios para tantos outros quanto a imaginação permitir.

Cada uma das expressões metafóricas (verbais ou não-verbais) faz uso de uma rede mais ampla de relações em contextos que permitem as construções de redes de expressões metafóricas novas baseadas e nas informações ainda não utilizadas. As duas teorias nos parecem adequadas o bastante em dois sentidos. Em primeiro lugar, nos

parece ter sentido o que se refere às metáforas e suas estruturações. Em segundo lugar, as teorias se distinguem mas não se enfrentam, antes são complementares, existem acepções que são cobertas por ambas. Diferentes teorias podem estruturar aspectos distintos de um conceito e ainda serem complementares. A TIC expande aquilo apresentado pela TMC e com isso, favorece o entendimento de nosso sistema conceptual, dado que há muitos conceitos que são importante para nosso entendimento da realidade que nos cerca ou que não estão tão claramente delimitados em nossa experiência (como as ideias, emoções) e, portanto, se torna necessário que as capturemos por meio de outros conceitos que entendemos com maior precisão. Segundo Lakoff e Johnson (1980a, p. 156) esta necessidade conduz à definição metafórica em nosso sistema conceptual.

Destacamos ser importante distinguir quais são os postulados de cada uma dessas teorias pois elas podem refletir conceitos metafóricos que estruturam nossas ações e pensamentos e apresentar estudos como os de Bergen (2005). Um resumo disso é que nosso sistema conceptual está em grande parte estruturado metaforicamente, ou seja, a maioria dos conceitos é entendida parcialmente em termos de outros conceitos (LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 96). É com isso em mente que o que nos preocupa primariamente é a forma com que as pessoas entendem suas experiências, uma vez que a linguagem nos proporciona informações que podem conduzir a princípios gerais da compreensão e que implicam em sistemas conceptuais mais que palavras ou conceitos individuais. Esses princípios são de natureza metafórica e supomos que as duas teorias abordadas nesse capítulo são capazes de dar conta desse fenômeno.

Por esse capítulo podemos adiantar que na DP está presente uma relação semântica entre o que é representado na imagem e sua significação assim como entre a EI verbal e a DP. Há casos em que há uma relação de congruência entre o que é apresentado na DP e a EI verbal, que denominamos de congruência intermodal pelo fato de articular duas modalidades: as linguagens verbal e visual. A diferença de natureza pode definir uma maior ou menor contribuição nas projeções e formação da rede que resulta na mesclagem conceptual. A congruência nem sempre é uma congruência absoluta, em razão das diferenças entre as linguagens verbal e pictórica. Por isso, pode dar lugar à incongruência entre o literal apresentado na DP e o figurativo da EI verbal, de tal maneira que a DP tenha uma maneira própria de identificar a parcela literal da EI e usar disso para expressar sua representação e ainda leva em conta as diferenças das duas linguagens. Diante disso, é possível afirmarmos que a DP não é simplesmente um

caso de ilustração complementar da expressão verbal, ao contrário, ela contribui para a incongruência e conseqüente reflexão do leitor abrindo um amplo leque de possibilidades interpretativas.

A seguir, buscamos mostrar como os princípios discutidos nos capítulos anteriores podem ser aplicáveis na compreensão da geração da figuratividade e do sentido em EIs e DPs e possível aplicação do modelo proposto. Os procedimentos metodológicos e análises dos dados investigados propiciam reflexões que culminam na estrutura interna das redes de integração conceptual e, conseqüentemente, em considerações aceitáveis mas também ampliáveis.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: NA TRILHA DA GERAÇÃO DO SENTIDO.

### 4.1 Considerações iniciais.

Esse capítulo pressupõe a aplicação daquilo que foi apresentado nos capítulos anteriores, resultando em reflexões e generalizações importantes para evidenciar os mecanismos geradores do sentido em EIs e suas respectivas DPs. Para atingirmos nosso objetivo, tomamos como base a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980; 1999) e da Teoria da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2003). A inter-relação de duas teorias complementares possibilitou a representação diagramática de conceitos metafóricos assim como observar a estrutura interna das redes de integração conceptual daqueles mecanismos utilizados para dar sentido às manifestações verbais e não-verbais. Para tecermos considerações sobre mesclagens conceptuais e desconstruções pictóricas, temos que levar em conta aspectos como a experiência pessoal e coletiva dos indivíduos, assim como a cultura na qual estão inseridos e suas experiências corporais. Há questões sócio-histórico-culturais que determinam a forma como compreendemos a realidade e muitas dessas experiências se mostram como formas de conceptualização compartilhada entre os homens.

Ao utilizarmos a Teoria da Metáfora Conceptual aliada à Teoria da Mesclagem Conceptual, deparamo-nos com três condições: (a) a condição congruente, ou seja, as informações advindas tanto das DPs quanto das EIs se inter cruzam nas projeções – os *inputs* que dão origem às expressões idiomáticas estão consistentes entre si; (b) a condição parcialmente congruente – as informações advindas de cada modalidade, seja DPs ou EIs, cada qual com um status relativo, contribuem parcialmente para geração do significado e se complementam e (c) a condição incongruente, ou seja, a mesclagem conceptual resulta da incongruência entre o mapeamento das expressões linguísticas e do mapeamento das desconstruções pictóricas, culminando no mapeamento ou correspondências entre os domínios conceptuais das expressões linguísticas e os domínios da desconstrução pictórica. A congruência é caracterizada pelo processamento figurativo/figurativo e/ou literal/literal da EI com a DP enquanto que a incongruência figurativo/literal, e isso é parte

significativa dos mecanismos envolvidos na geração do sentido, seja ele metafórico ou não, assim como tem uma relação direta com as hipóteses por nós levantadas. Nesse caso, a mescla é uma etapa crucial em nossa pesquisa. O redesenho apresentado pela mesclagem é a chave para a resolução de nossas questões de pesquisa.

#### **4.2 A escolha pelo caminho a trilhar: aspectos metodológicos.**

Iniciamos o presente percurso com o tema de nossa investigação: a geração do sentido metafórico/literal em EIs e DPs e, como delimitação do tema, um estudo descritivo do percurso gerativo do sentido em expressões idiomáticas e suas DPs licenciadas pela metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE, que, por sua vez, culmina na emergência de metáforas tais como ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS e geram as expressões linguísticas nas obras de Fernandes (2001): (a) engolir sapo, (b) o bom cabrito não berra, (c) não ter papas na língua e Zocchio e Ballardin (1999): só falam abobrinhas. Nesse momento, é interessante ressaltarmos que na obra de Fernandes (1981) as DPs são expressas através de desenhos em preto e branco enquanto na obra de Zocchio e Ballardin (1999) as DPs são fotografias, também em preto e branco. Apesar de sabermos que há uma distinção na apreensão da realidade dependendo da escolha por uma dessas formas e do meio em que são veiculadas, não estamos interessados nessa discussão uma vez que, para efeito de análise, consideramos ambas como apenas imagens/ilustrações ou, para padronizarmos a terminologia, as DPs, sem considerarmos as diferenças advindas de sua natureza (foto ou desenho).

As questões que nos levaram à investigação do tema foram: (i) Quais são os mecanismos envolvidos na geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas DPs? (ii) Qual é o papel da metáfora/mesclagem conceptual na geração do sentido metafórico/literal entre as duas modalidades (EI verbal e DP não-verbal)? e (iii) Qual é o papel das projeções congruentes e não congruentes de cada uma das modalidades na geração do sentido metafórico/literal?

Para responder a esses questionamentos tínhamos como objetivo geral descrever os mecanismos envolvidos nas estruturas internas da rede de integração conceptual responsáveis pela geração do sentido metafórico, em Língua Portuguesa, das EIs e suas DPs e como objetivos específicos: (i) descrever e propor um modelo que

revele a arquitetura interna da rede de integração conceptual envolvida nos processos de geração do sentido entre as duas modalidades (verbal e não-verbal) e (ii) descrever como processos de figuratividade e/ou literalidade participam nas modalidades verbal e não-verbal e interferem na geração do significado e (iii) propor um modelo que revele a estrutura interna do percurso gerativo do sentido das EIS e suas DPs nas redes de integração conceptual. Para realizarmos nossos objetivos, foi fundamental a Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier e Turner (2002) juntamente com a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980, 1999) por assumirmos que, além de serem complementares, possibilitam a descrição dos mecanismos cognitivos geradores da figuratividade/literalidade e do sentido na inter-relação DPs e EIs. Esperamos, por meio dessas escolhas, trilhar um caminho significativo para a comunidade científica e colaborar para os estudos ligados à figuratividade/literalidade.

Partimos da seguinte hipótese básica: a multimesclagem, complementada pela Teoria da Metáfora Conceptual, permite a geração de um sentido, derivado das projeções tanto das EIs quanto de suas respectivas DPs. E, como hipóteses secundárias, temos: (i) a estrutura interna da rede de integração conceptual envolve uma projeção seletiva e sucessiva de mesclagens conceptuais das quais participam elementos figurados e literais; (ii) as DPs, vistas isoladamente, como ilustração literal e, dependendo das escolhas para sua composição visual, nem representam a idiomaticidade nem a literalidade, a não ser que estejam acompanhadas de sua expressão verbal (a EI) e (iii) a diagramação da estrutura interna da rede de integração conceptual permite perceber que a EI nem sempre é processada *on-line*, dado que depende daquilo que é projetado de cada uma das modalidades (verbal e não-verbal), assim como do contexto ou do pré-conhecimento de seu leitor.

### **4.3 Método de abordagem.**

Para esta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa e exploratória, considerando que, a partir da exemplificação através da diagramação dos mapeamentos e projeções metafóricas, foi-nos possível analisar o *corpus* e isso nos permitiu chegar a reflexões e generalizações em conformidade com as questões de pesquisa, objetivos e

hipóteses formuladas em busca da compreensão, por meio da descrição, da arquitetura interna dos mecanismos que geram o sentido metafórico das EIs e suas respectivas DPs.

#### 4.3.1 Da constituição do *corpus*.

##### 4.3.1.1 Da seleção das obras.

Selecionamos duas obras que representassem as duas modalidades investigadas (verbal e não-verbal): 1) A vaca foi pro brejo = *The cow went to the swamp* de Fernandes (1981) e 2) Pequeno Dicionário Ilustrado de Expressões Idiomáticas, de Zocchio e Ballardin (1999). Essas EIs e DPs possibilitaram a investigação acerca das mesclagens conceituais, permitindo uma compreensão mais detalhada desse processo cognitivo e, conseqüentemente, da geração do sentido metafórico/literal. Isso nos deu uma indicação de que a complementaridade entre a Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Integração Conceptual ajudaria a compreendê-las melhor. Nesse sentido, há uma metateorização daquilo já apresentado e uma expansão de conceitos com perspectivas a apoiar as análises e ampliação das possibilidades de entendimento da interpretação das EIs seja verbais ou não-verbais.

##### 4.3.1.2 Da delimitação do *corpus*.

Para a composição do *corpus* desta pesquisa, seguimos criteriosamente alguns passos. O primeiro passo na direção da seleção das EIs foi a identificação do número de EIs com desconstruções pictóricas na obra de Fernandes (2001). Estávamos diante de um universo de 634 expressões idiomáticas envolvendo vários domínios. Em se tratando de um universo muito amplo e diversificado, selecionamos as EIs que tivessem desconstruções pictóricas. Portanto, de 634 expressões passamos a apenas 48 delas. Na obra de Zocchio e Ballardin (1999) todas as 50 EIs são acompanhadas de desconstruções pictóricas. Inicialmente, portanto, o *corpus* fora constituído por 98 EIs, distribuídas da seguinte maneira: 48 em Fernandes (2001) e 50 em Ballardin e Zocchio

(1999). Ressaltamos que há apenas uma desconstrução pictórica que pode ser encontrada em ambas: “pagar o pato”.

Com a categorização ficou evidente a necessidade de um refinamento ainda maior do *corpus* pois necessitávamos que as EIs escolhidas compartilhassem conceitos metafóricos também. Após análise das 98 EIs e suas respectivas DPs, selecionamos quatro delas que tinham em comum a metáfora base O CORPO É UM RECIPIENTE e outras duas metáforas subjacentes ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS que envolvessem os conceitos ACEITAR CALADO e EXPRESSAR IDEIAS tendo no ALIMENTO um conceito que, metaforizado, autoriza as EIs. Sendo assim, o *corpus* desse estudo concentra-se da seguinte forma:

**METÁFORA BASE: O CORPO É UM RECIPIENTE** (KÖVECSES, 1990, p. 145; LAKOFF, 1980)

THE BODY IS A CONTAINER

a) **METÁFORA 1: ACEITAR É ENGOLIR** (GRADY, 1997, p. 294)

ACQUIESCING IS SWALLOWING

- Engolir sapo
- O bom cabrito não berra

b) **METÁFORA 2: IDEIAS SÃO ALIMENTOS** (LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 85; GRADY, 1997, p. 75, KÖVECSES, 2002, p. 73)

IDEAS ARE FOOD

- Não ter papas na língua
- Só falam abobrinhas

É conveniente, também, apresentarmos as respectivas desconstruções pictóricas para uma melhor visualização do objeto investigado:

(A) ACEITAR É ENGOLIR

(i) Engolir sapo (figura 42)



Figura 42: DP - Engolir sapo  
Fonte: Ballardín e Zocchio, 1999, p. 14

(ii) O Bom cabrito não berra (figura 43)



Figura 43: DP - O Bom cabrito não berra  
Fonte: Fernandes, 2001, p. 87

## (B) IDEIAS SÃO ALIMENTOS

(iii) Não ter papas na língua (figura 44)



Figura 44: Não ter papas na língua  
Fonte: Fernandes, 2001, p. 85

(vi) Só falam abobrinhas (figura 45)

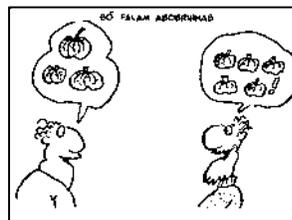


Figura 45: Só falam abobrinhas.  
Fonte: Fernandes, 2001, p. 105

Uma das coisas que fica evidente é que em todas as DPs está presente a figura do homem. Sendo assim, podemos considerar que um dos domínios (ou espaços) da mescla presente na geração das EIs licenciadas é o ser humano e seu comportamento. Entendemos que as metáforas geram matrizes conceptuais que alicerçam modelos culturais que operam no pensamento. Essas são, portanto, estruturas de natureza cultural e cognitiva, geradoras tanto de representações culturalmente específicas de aspectos do mundo como de representações universalmente compartilhadas.

As expressões idiomáticas do nosso *corpus* nos chamaram atenção pela originalidade na criação das desconstruções pictóricas, e por abordarem um determinado sentimento do ser humano. A resignação, ficar calado diante de alguma situação vexatória ou mesmo, não conter seus impulsos, expondo seus sentimentos. Aparentemente são situações antagônicas, mas que estão dentro de um mesmo universo:

calar ou expressar-se diante de uma determinada situação. O aceitar calado é representado pelas EIs “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra” enquanto que o de expressar ideias pelas EIs “não ter papas na língua” e “só falam abobrinhas”.

#### 4.3.1.3 Da identificação do sentido metafórico nas EIs e DPs.

Os fundamentos teóricos nos quais baseamos nossa pesquisa são, por um lado, aqueles descritos na Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003) apoiados em postulados da Teoria da Metáfora Conceptual e da corporificação (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999). Com essa escolha, buscamos explicar fenômenos da linguagem metafórica e suas desconstruções pictóricas a partir das regularidades comuns observadas na relação entre conceitos subjacentes à linguagem verbal e não-verbal (DPs).

As expressões selecionadas foram categorizadas conforme os conceitos a elas subjacentes. Para identificação dos mecanismos geradores do significado, foram seguidas cinco etapas. As etapas processuais aqui adotadas tomaram como base aquelas descritas em Farias e Marcuschi (2006). A partir daí, foi-nos possível construir os diagramas para a exemplificação das estruturas internas envolvidas nos mecanismos responsáveis pela geração da metaforicidade das EIs:

**Primeira etapa** - identificação da ideia metafórica subjacente às expressões idiomáticas (STEEN, 1999). Isso implica em definir o que entendemos por metáfora e a natureza desta operação. Como afirmado por Steen, identificar uma expressão como metafórica não é o mesmo que identificar a metáfora que subjaz. A ideia metafórica é responsável pela compreensão de um domínio por meio de outro, ou seja, ao se falar de “não ter papas na língua” (FERNANDES, 2001, p. 85), o indivíduo compreenderá que se trata de “falar com franqueza, sem reserva, doa a quem doer” e não de “farinha cozida em água ou leite”. Tal significado, como se sabe, não é algo intrínseco à língua, mas resulta de processos cognitivos de natureza sócio-cultural, construídos a partir da ação coletiva do homem no seu meio. Por isso, buscamos estabelecer o significado de cada uma das EIs em português, conscientes de que o indivíduo é um construtor de significados influenciado por suas

circunstâncias, iniciamos um processo de busca dos elementos para compreensão das EIs, em dicionários gerais como o Novo Aurélio (FERREIRA, 1975) e outros específicos de EIs em língua inglesa, os quais amparariam a compreensão das EIs ao longo de toda tese, como Oxford *Advanced Learner's Dictionary* (HORNBY, 2000), Dicionário de Expressões idiomáticas da Língua Inglesa (SCHAMBIL; SCHAMBIL, 2002) e Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas (GOMES, 2003). Além disso, amparamo-nos em um dicionário eletrônico (HOUAISS – [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss)) pela facilidade de acesso e informações ali contidas.

**Segunda etapa** – identificação dos domínios conceptuais pertinentes em todas as EIs.

Como dito anteriormente, o pensamento humano é, em grande parte, metafórico. Sendo assim, as EIs constituem parte significativa do repertório linguístico. Essa parte do repertório é constituída de expressões linguísticas metafóricas, resultantes da conexão entre domínios conceptuais. A conexão dá-se por meio de correspondências ou mapeamentos de elementos constitutivos desses domínios (espaços) que geram acarretamentos metafóricos e metonímicos manifestos nas DPs. Portanto, desvendar quais sejam as metáforas base e subjacentes que licenciam as EIs e DPs assim como os domínios envolvidos é um passo importante em direção à geração do significado, dado que estamos trabalhando com duas teorias complementares: a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Integração Conceptual.

**Terceira etapa** – identificação dos mapeamentos e projeções entre os domínios - há

correspondências conceptuais básicas e essenciais ou mapeamentos entre elementos que integram os domínios fonte e alvo. Os domínios fonte frequentemente mapeiam ideias no alvo além das correspondências básicas. Esses mapeamentos adicionais são chamados de acarretamentos (*entailments*) ou inferências. As projeções e mapeamentos fazem emergir a mesclagem conceptual e, conseqüentemente, a multimesclagem (rede múltipla de projeções). Como nosso embasamento teórico se concentra nos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Integração Conceptual, as projeções que conectam os espaços torna possível montar uma ampla rede de interligações.

**Quarta etapa** – estabelecimento dos processos metafóricos e/ou literais envolvidos na geração do sentido metafórico. Há uma inter-relação entre aquilo que é expresso pela DP e pela EI, sendo assim, identificar que processos estão presentes na criação da DP pode determinar que projeções podem emergir e isso pode restringir a significação.

**Quinta etapa** – elaboração de diagramas que exemplifiquem a estrutura interna das mesclagens conceptuais resultantes tanto de cada uma das EIs, quanto de cada uma das DPs e, conseqüentemente, a representação do percurso da geração da mesclagem entre as EIs e as DPs surgirá nesta etapa. No entanto, diagramar a mesclagem conceptual é meramente uma questão de formalizar e representar o processo do pensamento para efeito de clareza – o diagrama não é a mesclagem apenas tão certamente quanto um mapa não é um território fechado, podendo ser incluídos novos *inputs* da vida real. Detalhes adicionais podem ser incluídos de acordo com a experiência compartilhada<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Como dito antes, mesmo que se formalize em forma diagramática um processo específico de interpretação, ainda assim não haveria como capturar os elementos que participaram da construção. Como ter acesso aos elementos desse processo? Tudo o que se pode propor na TIC é um “modelo idealizado”, simplificado do que poderia ser o caso, ou seja, uma espécie de esquematismo, pois o tratamento de operações cognitivas envolvendo integração conceptual não é fácil de ser descrito em seus detalhes.

## 5 ANÁLISES, APLICAÇÕES E REFLEXÕES.

Um passo importante em direção à busca pela geração da mesclagem conceptual e, conseqüentemente, do sentido metafórico em EIs foi identificar de quais metáforas derivavam as EIs de forma que pudéssemos agrupá-las conforme conceitos a elas subjacentes, como proposto na segunda etapa da identificação da metáfora quando da constituição do *corpus*.

O diagrama abaixo mostra de forma esquemática a árvore na qual se distribuem as metáforas e suas expressões metafóricas:

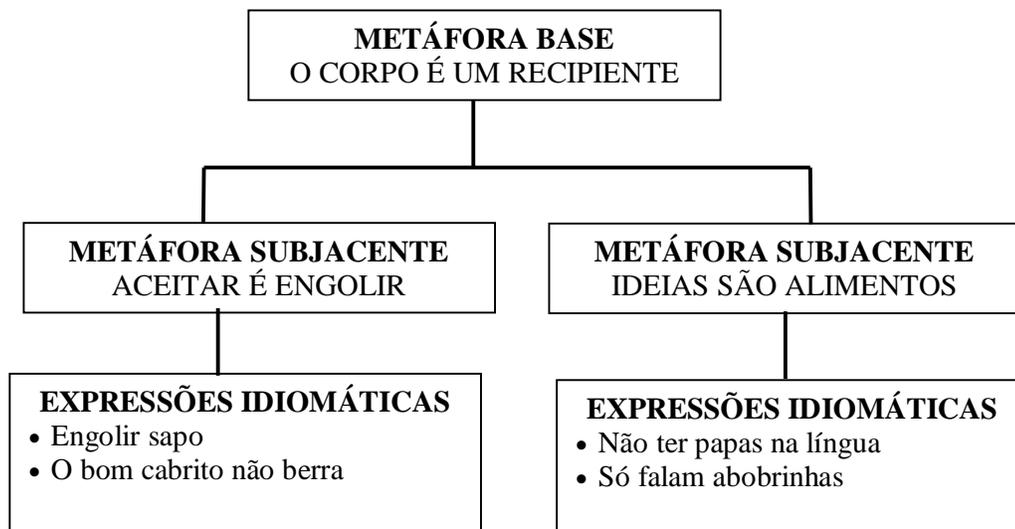


Figura 46: A metáfora-base e as metáforas subjacentes.

Há necessidade de limitarmos uma origem para essa análise dado que, pelo que pudemos perceber anteriormente, é possível uma (re)construção constante de sentidos metafóricos/literais<sup>57</sup> em função da criatividade da mente humana. Sendo assim, estabelecermos qual é a metáfora base e as respectivas metáforas subjacentes das quais partimos e que geraram as EIs se tornou altamente relevante.

Portanto, temos o seguinte: uma **METÁFORA BASE** – O CORPO É UM RECIPIENTE (KÖVECSES, 1990, p. 145; LAKOFF, 1980) que dá origem a duas **METÁFORAS SUBJACENTES**: (i) ACEITAR É ENGOLIR (GRADY, 1997, p. 294) e (ii)

<sup>57</sup> A rede de integração para o sentido literal pode ser limitada, a não ser que algo literal passe a ser encarado como figurativo como, supostamente, ocorreu com a evolução das EIs. Em um dado momento histórico podem ter sido literais e o uso ao longo do tempo determinou sua idiomatidade.

IDEIAS SÃO ALIMENTOS (LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 85; GRADY, 1997, p. 75, KÖVECSES, 2002, p. 73) que, por sua vez, licenciam as quatro EIs de nosso *corpus*. Sendo o corpo um *recipiente* ele tem um interior, uma fronteira que mantém seu conteúdo nesse interior e uma face exterior.

A abordagem cognitiva da metáfora provê uma explicação para o fato de que uma metáfora conceptual básica possa manifestar-se em variações de expressões de diferentes organizações linguísticas. Como pode ser visto pelo diagrama da figura 54, a metáfora base O CORPO É UM RECIPIENTE tem duas metáforas subjacentes: ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS que são realizadas por diferentes expressões com diferentes significados. Em outras palavras, a cognição, com base na metáfora conceptual, é relativamente independente da forma como ela é expressa gramaticalmente na língua: todas essas diferentes expressões linguísticas, pode-se dizer, relacionam-se à mesma conceptualização de uma situação em cada uma das metáforas subjacentes e, portanto, sua estrutura gramatical individual tem um efeito no processamento metafórico: as expressões linguísticas podem ser conectadas à metáfora conceptual através de um procedimento abstrato.

Outro ponto relevante é que diferentes expressões linguísticas metafóricas contendo diferentes itens lexicais podem ser derivadas de uma mesma metáfora conceptual e ainda assim seus significados individuais incorporarem realizações lexicais distintas da mesma ideia básica.

Como nosso *corpus* envolve uma rede complexa de entrelaçamentos de informações, supomos que a multimesclagem apresentada por Fauconnier e Turner (2003) dá conta dessa complexidade. No entanto, para fins de atender nossa necessidade de análise, nós o refinamos para evidenciar o fenômeno em questão. Para um ajuste complementar, consideramos a Teoria da Metáfora Conceptual apresentada por Lakoff e Johnson (1980, 1999). Além disso, buscamos em *sites* alguns usos das EIs, como forma de exemplificar, e isso pode ser alvo de uma futura pesquisa, comprovando se a cognição precisa de um determinado contexto.

A metáfora base O CORPO É UM RECIPIENTE é o ponto de partida de nossa investigação. Nos termos de Kövecses (1990, p. 152), a metáfora do RECIPIENTE nos permite mais que apenas dar sentido a certas expressões linguísticas, ou seja, o corpo humano não é um mero veículo para os pensamentos. Há uma íntima conexão entre o

corpo e como analisamos uma pessoa. Como afirma Gibbs (2006, p. 14), “um corpo não é apenas algo que temos, ele é algo que somos”<sup>58</sup>.

Por meio das experiências corpóreas é promovido um complexo conjunto de identidades. As pessoas podem falar sobre si mesmas e sobre outros de diferentes formas, usando uma variedade de conceitos metafóricos que emergem da variedade de suas experiências corporais no mundo físico/social e seu mundo interior (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Esses conceitos metafóricos expressam mapeamentos mentais pelos quais o conhecimento de um dado espaço é estruturado e entendido pela informação de um espaço não similar. Em muitos casos, esses conceitos refletem diferentes tipos de correlações corporificadas incluindo a correlação entre o sentido de auto-controle e o controle do recipiente e isso depende de auto-conceitos, modelados pelas ações corporais do dia-a-dia<sup>59</sup>.

Da metáfora do RECIPIENTE subjazem os conceitos metafóricos relacionados a nosso entendimento da ação linguística. Poderíamos citar algumas formas de informações serem sentidas por nossos corpos, seja de forma tátil, visual, olfativa e assim por diante. Assim também podemos considerar a boca, assim como a mente humana, experienciados como portas de entrada/saída do RECIPIENTE, de tal forma que quando o RECIPIENTE está ABERTO (ou seja, a boca/mente está aberta) uma ação linguística é possível e quando está FECHADO, há apenas o silêncio. Por esse motivo, a boca não é a única porta de entrada; há uma barreira não física – os pensamentos, como exemplificado por um trecho de uma música “o pensamento me parece uma coisa a toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar”. A mente humana é uma “porta” sem fronteiras tanto que, muitas vezes, elaboramos ideias absurdas não exteriorizadas ou refletimos sobre o que lemos, ouvimos ou vemos sem emitirmos nenhuma palavra.

Em geral, os recursos linguísticos são capazes de promover um enquadre adequado para transmitir significados, mediante habilidades cognitivas que permitem entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5), ou seja, metaforicamente: um fenômeno conceptual de mapeamento interdomínios que envolve diferentes domínios da experiência. Diferentes expressões linguísticas podem instanciar uma mesma metáfora conceptual. Na metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE temos essas portas de entrada e saída do recipiente que, dentre outras

---

<sup>58</sup> A body is not just something that we own, it is something that we are.

<sup>59</sup> Segundo Gibbs (1999) a interação entre as experiências corporais comuns e experiências culturais variadas determinam a extensão para a qual as metáforas conceptuais são universais ou culturalmente definidas por crenças e valores culturais diferentes.

coisas, permitem o contato do interior do corpo humano com o exterior. Pressupõe-se que a compreensão humana opere através de estruturas decorrentes de interação do corpo com o meio ambiente, tais como a experiência perceptiva. A expressão com estrutura corporificada procura refletir o conceito de “corporificação” e, desse modo, como afirma Johnson (1987, p. xxxviii)

como animais temos corpos conectados ao mundo natural, tal como nossa consciência e racionalidade são atreladas à nossa orientação e interação dentro e com nosso meio. Nossa corporificação é essencial para o que nós somos, o que significamos e para nossa habilidade para elaborar inferências racionais e sermos criativos.<sup>60</sup>

Disso decorre que o conceito de metáfora que nós utilizamos é o proposto por Lakoff e Johnson (1980): uma visão de caráter cognitivo da mesma, a metáfora é vista como um processo e não o resultado de uma transferência. Afinal, como afirmado por Johnson (1987), a mente organiza nossos pensamentos e nossas ações por meio das estruturas relacionadas a nosso corpo. Em outras palavras, nossa mente é corporificada e a forma na qual nós concebemos a realidade estrutura nossa percepção é determinada pela corporalidade. A noção de *recipiente* ganha, assim, uma característica significativa para o estudo que propomos: está intimamente conectada com a primeira percepção de um ser humano como tal. Essa experiência envolve o fato de diariamente experienciarmos nossos corpos como *recipientes*, dado que estamos contidos em locais como prédios, veículos, assim como ingerirmos e expelirmos alimentos sólidos e líquidos. Por essa razão, o esquema RECIPIENTE pode ser aplicado a muitos diferentes aspectos da realidade, incluindo os abstratos tais como estados e atividades (JOHNSON, 1987).

Tendo essas perspectivas em mente, seguimos uma determinada ordem de análises, aplicações e reflexões. Inicialmente, dado que apresentamos anteriormente evidências da metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE, voltamos aqui nossa atenção para a metáfora subjacente ACEITAR É ENGOLIR. Para, em seguida, determo-nos em cada uma das EIs geradas por essa metáfora: “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra”.

---

<sup>60</sup> [...] as animals we have bodies connected to the natural world, such that our consciousness and rationality are tied to our bodily orientation and interactions in and with our environment. Our embodiment is essential to what we are, to what meaning is, and to our ability to draw inferences and to be creative.

## 5.1 ACEITAR É ENGOLIR.

Inicialmente, circunscrevemo-nos dentro da TMC para dela retirarmos algumas reflexões que ampliem nosso poder de análise pela TIC. O aspecto estrutural conceptual metafórico das EIs consiste de um conjunto de correspondências entre os domínios que regem a geração do sentido metafórico. Essas correspondências podem ser esquematizadas entre o domínio de FALAR (expressar ideias) e o domínio de ACEITAR. Segundo Dalvi (2007), o CALAR, pode levar a alguns acarretamentos significativos que têm relação com o ACEITAR:

- Calar com o sentido de rendição;
- De ficar incomunicável;
- Concordar, embora forçosamente, com algo e por isso se calar (ou seja, não há mais o que ser dito diante das evidências expostas);
- Calar ou seja, não querer ou não poder responder ao questionamento proposto) e então permitir que se entenda que concorda com o que foi expresso pelo seu interlocutor (ecoando, assim, o famoso e perverso ditado: “Quem cala, consente.”);
- Dito de outra forma: tanto podemos ler que o sujeito concorda e por isso se cala, quanto podemos ler que o sujeito concorda porque se cala;

Mas há, ainda, outra leitura: a etimológica. A etimologia de “aceitar” é latina: lat. *accépto, as, ávi, átum, áre* 'ter o hábito de receber, acolher, aceitar', frequentativo de *accipère* 'tomar, receber, perceber, ouvir, escutar, saber, conceber, compreender dentre outros.'; ver <sup>1</sup>*cap-*; f.hist. 1325 *aceptado*, sXV *aceitar*, sXV *aceptar*, sXV *açear*. Disso emerge uma outra possibilidade de leitura: se o sujeito “aceita”, é porque vive em harmonia ou quer viver em harmonia: aceitar é a via da pacificação. Só se concorda porque se quer manter a paz instaurada, embora possa haver uma outra opinião, uma outra forma de encarar a questão. Aceitar é um modo de anuir, permitir, conceder – pensando tendenciosamente, é um modo de ser também hipócrita (pois “aceitar” deveria ser sinônimo de decidir proveniente da “parte mais íntima de um ser”). A acepção de “aceitar” é que ou aquele que demonstra uma coisa, quando sente ou pensa outra, que dissimula sua verdadeira personalidade e afeta, quase sempre por motivos interesseiros ou por medo de assumir sua verdadeira natureza, qualidades ou sentimentos que não possui; fingido, falso, simulado.

De acordo com o mesmo autor (2007), são possíveis algumas outras leituras para CALAR:

- “não falar; manter-se em silêncio”, que parece ser o significado mais vulgarmente atribuído ao verbo em questão. O sentido de se manter em silêncio interessa para a compreensão da EI, pois, diante da fala de seu interlocutor, o sujeito não tem o que dizer: nada mais pode ou deve ser dito. No entanto, calar, aí, deve chamar a nossa atenção por ser um ato de vontade, uma escolha.
- além de significar “não falar; manter-se em silêncio”, significa ainda: “deixar de pronunciar(-se), de comunicar(-se), de expressar(-se); tornar(-se) extinto; acabar(-se), findar(-se); não divulgar, não transmitir ou não revelar informações, conhecimentos e assim por diante.; impedir a manifestação de ou não manifestar(-se); não deixar ter ou não ter voz ativa, influência, preponderância; conter(-se), reprimir(-se); impedir (alguém) de reclamar, de manifestar insatisfação, de reivindicar; oprimir, coagir”;

Esses acarretamentos ventilam leituras possíveis do termo CALAR que podem estar inseridos nas projeções seletivas da metáfora para as expressões linguísticas metafóricas (idiomáticas).

Os mapeamentos entre os domínios metafóricos desempenham um papel determinante na análise das EIs. Além desses, o conhecimento compartilhado exerce um papel importante na criação dos efeitos relacionados à construção do sentido metafórico. Esses poderiam ser ditos como sendo alguns dos mecanismos que possibilitam a geração das mesclagens conceptuais entre as EIs e as DPs.

Para evidenciar aspectos relevantes da metáfora ACEITAR É ENGOLIR (ACQUIESCING IS SWALLOWING) baseamo-nos, fundamentalmente, nas colocações feitas por Grady.<sup>61</sup> Esse autor (1997, p. 82), ao analisar essa metáfora, afirma que há evidência de que um certo número de mapeamentos distintos subjazem a certas expressões. Se todo mapeamento metafórico deve ter uma motivação, então distintos mapeamentos implicam em motivações distintas para estes mapeamentos e estas motivações envolvem aspectos particulares da experiência humana (como comer, por exemplo) e

---

<sup>61</sup> Partimos da metáfora subjacente ACEITAR É ENGOLIR mas poderíamos ir além, entendemos que “engolir sapo” pode significar mais que aceita simplesmente, pode ser aceitar com dificuldade. Portanto, por envolver a ideia de ACEITAR É COLOCAR PARA DENTRO. Já para a EI “o bom cabrito não berra” o processo para ligá-la à metáfora conceptual seria mais longo: se ACEITAR É COLOCAR PARA DENTRO, então, QUEM ACEITA NÃO RECLAMA, NÃO ACEITAR É COLOCAR PARA FORA (ex.: cuspir, vomitar, e assim por diante). Deve-se aceitar (par “o bom cabrito não berra”) então NÃO BERRAR É ACEITAR. Porém, em que medida a expressão pode-se acarretar metaforicamente ENGOLIR é uma questão para posteriores averiguações.

nós podemos perceber quais são as experiências que estão associadas com as conceptualizações. Para esse autor, o significado metafórico de *engolir* tem uma forte motivação na experiência. Engolir mapeia não apenas o ato de aceitar uma determinada proposição em um sentido intelectual, mas também em outras situações onde aceitar uma certa situação está em questão. Nesse último sentido, ACEITAR consiste de decidir não resistir a uma situação (este mesmo processo – a decisão de não resistir, a mudança do pensamento de alguém para acomodar uma nova circunstância – pode também acompanhar o ato de pegar um objeto que nos é oferecido). Este tipo de cena serve de base para uma outra metáfora para “aceitar” ilustrada na expressão “eu não posso aceitar isto” – assim como para a etimologia de aceitar, que deriva do latim relacionado a uma transferência física.

Para Grady (1997), o ato de ENGOLIR sugere duas explicações: (1) pode haver um caso em que nós tipicamente engolimos inconscientemente, exceto em casos onde haja alguma questão sobre se faremos ou não isso, ou em casos onde é difícil por alguma razão. Na maioria das vezes, engolir é um componente automático de comer e, portanto, não está correlacionado com qualquer outro conceito ou experiência em particular e (2) o segundo tipo de explicação, o lado semântico de engolir está relacionado ao conceito alvo para a metáfora, a noção alvo de aceitação mental se refere a circunstâncias indesejáveis. Antes mesmo de engolir nós mastigamos o alimento até que se reduza a um tamanho possível de ser engolido. Ao engolir, nós integramos, aceitamos; engolir significa incorporar. Durante todo o tempo em que algo fica em nossa boca ainda podemos colocá-lo para fora. Mas, depois de engolir algo não é fácil expulsar o indesejável. Há coisas que julgamos difíceis de engolir, no entanto, na vida não é raro engolirmos coisas que não gostaríamos.

Muitos verbos são utilizados no sentido metafórico. Quando dizemos que determinada pessoa “é difícil de engolir”, por exemplo, não estamos pensando na possibilidade de realmente “engolir” (mastigar, decompor e engolir) essa pessoa. Associamos o ato de engolir (ingerir algo, colocar algo para dentro) ao ato de aceitar, suportar, aguentar, em suma, conviver. Nesse caso, as palavras assumem um sentido metafórico. No entanto, existem expressões inteiras que têm sentido metafórico, como no caso das EIs analisadas nesse artigo: “o bom cabrito não berra” e “engolir sapo”, por exemplo. Sendo assim, é possível se perceber que a metáfora se afasta do raciocínio lógico, objetivo e, portanto, a associação depende da subjetividade de quem a usa,

estabelecendo uma outra lógica, a lógica da criatividade, associando o literal ao figurativo (metafórico).

Assumindo que haja uma experiência básica mental de decidir não resistir a uma situação desagradável, então engolir pode ser um conceito fonte que é mapeado nessa experiência por conta daquelas situações onde há uma questão de resistir ao engolir. Em outras palavras, afirma Grady (1997, p. 85), o fato que pode haver uma correlação saliente na experiência entre engolir e decidir não resistir não necessariamente implica que haja uma correlação saliente entre engolir e mudança satisfatória de eventos.

Para Ruiz (2007, p. 477), a metáfora ACEITAR É ENGOLIR provém do fato de que quando recebemos um *input* cognitivo, ele é metaforicamente colocado em nosso corpo, como se ele fosse engolido ou digerido.

Nas duas EIs subjacentes à metáfora ACEITAR É ENGOLIR em estudo (*engolir sapo e o bom cabrito não berra*), a tensão semântica é composta de duas partes: (1) uma expressão linguística que pode ser usada figurativamente ou literalmente e (2) uma desconstrução pictórica usada literalmente.

Ainda sob o ponto de vista de Grady (1997), seria necessária uma correlação metafórica (literal vs. não literal) entre as expressões linguísticas e suas DPs para a construção do sentido metafórico. Não podemos esquecer que há um conhecimento peculiar das entidades constitutivas de cada domínio para que se entenda a EI. Podemos citar, como exemplo, o conhecimento de entidades constitutivas SAPO no domínio-fonte e o conhecimento da entidade constitutiva ENGOLIR, no domínio-alvo. Disso, as correlações referem-se ao conhecimento depreendido quando as entidades constitutivas de cada domínio são postas em correlação, para serem projetados somente os conceitos adequados à construção do sentido. Nesse ponto, estamos nos remetendo à mesclagem conceptual, e seus *inputs* necessários para efetivar a mesclagem conceptual e nela, a estrutura emergente que dá a possibilidade de inferência. E aí podemos verificar a correlação metafórica entre as entidades SAPO e ENGOLIR, surgida a partir do conhecimento compartilhado de que ambos não são compatíveis. Ao engolir, espera-se que seja algo palatável, que tenha um sabor aceitável, se traga algum benefício ao corpo, dentre outras coisas. Portanto, “*engolir sapo*”, leva a algo intragável, algo indesejável, que não se quer nem se espera passar por. Não está compatível com aquilo que se diz possível de se engolir. Essa quebra de expectativa e sua relação com a imagem que apresenta exatamente aquilo que não se esperaria poder levar à construção

do sentido metafórico, pois foi projetada uma significação na contradição entre a expressão linguística e a sua desconstrução pictórica, em detrimento à outras que poderiam também se adequar à construção do sentido.

Segundo Grady (1997, p. 294), na metáfora ACEITAR É ENGOLIR temos como domínio-fonte ENGOLIR e como domínio-alvo ACEITAR. O mapeamento resultante das correlações, ou seja, a correlação entre um ato físico de engolir e a decisão de não resistir ao objeto, constitui-se da seguinte forma: no domínio-fonte temos as ações relacionadas a engolir, as causas provenientes de engolir algo bom ou ruim, ou seja, poderíamos, pela Teoria da Mesclagem Conceptual chamar isso de *input* 1. Já no domínio-alvo SAPO temos o aspecto asqueroso do animal, sua pele pegajosa, o fato de não ser um alimento para humanos (apesar de sabermos que se come rãs, mas o sapo não é uma iguaria, pelo menos no nosso universo cultural), um alimento nada fácil de ser ingerido por isso é evitado, dentre outras características; nesse caso chamaríamos de *input* 2 na mesclagem conceptual. Portanto, a correlação entre SAPO e ENGOLIR metaforicamente indica um outro sentido que não aquele de engolir como: 1. passar da boca para o estômago; deglutir; 2. devorar, consumir, mas é aceitável como: 1. aceitar como verdadeiro, acreditar em; 2. sofrer em segredo, ou sem protesto; dissimular. No caso de ACEITAR É ENGOLIR a tensão semântica se manifesta entre a expressão literal e a metafórica, podendo a partir disso serem construídos os sentidos metafóricos. O termo engolir da expressão linguística é o mesmo engolir da metáfora que a licencia.

Há uma ampla evidência linguística para CALAR. No entanto, nem todos eles são necessariamente verbais por natureza. Pode haver uma inter-relação entre a expressão linguística (verbal) e a DP (não-verbal), guardadas as devidas proporções de elementos que cada um tem em relação àquilo que pretendem gerar enquanto sentido. Um exemplo típico disso está no fato de uma DP poder representar a pessoa ou objetos de uma maneira que é mais ou menos imediatamente evidente. Os elementos que compõem a DP, por exemplo, representam aquilo que representam graças a uma relação metonímica e metafórica que têm com estes referentes. Desse modo, marcas de pegadas na areia, por exemplo, poderiam representar a pessoa que as deixou; a fumaça é um forte indício de fogo e assim por diante. Há uma forte ligação entre aquilo que é convencionalizado, não-natural entre os elementos componentes da DP e o que representam. Certamente que, nessa tentativa de compreender a DP, há possibilidade de ocorrer casos em que um ou mais elementos da DP podem ser entendidos

ambiguamente. Ou seja, um elemento específico contido na DP pode ou não ser um membro prototípico de sua categoria e isso levar a múltiplas interpretações.

As DPs de nosso estudo podem conter esse aspecto, uma vez que elas fazem uso da língua (verbal), contêm símbolos, dado que descrevem objetos familiares em um estilo realístico, contêm ícones e, frequentemente, uma figura descreve um elemento que, metaforicamente, sugere o que ela representa.

Segundo Kennedy, (1982, p. 600)

pode haver dispositivos pictóricos que são metafóricos mas que não têm um equivalente claro na língua. Para estes dispositivos é sugerido o termo “runa pictórica” (...) Uma runa pictórica é um dispositivo gráfico usado em uma figura que é uma modificação da descrição literal de um objeto, fazendo algum aspecto do objeto se tornar fácil de descrever, aquele aspecto do objeto frequentemente sendo difícil para a descrição literal para transmitir.<sup>62</sup>

Temos, então, as expressões idiomáticas - as expressões licenciadas pela metáfora ACEITAR É ENGOLIR: a) Engolir sapo e b) O bom cabrito não berra. O que há de comum entre elas? Qual é o ponto de união que as faz estarem enquadradas como derivando da mesma metáfora? Um dos pontos está contido na própria metáfora base (O CORPO É UM RECIPIENTE), outra está na metáfora subjacente (ACEITAR É ENGOLIR), com o homem sendo, de alguma forma, proibido de se manifestar ou, ao contrário, “*não tendo papas na língua*” e falando tudo o que vem à sua cabeça.

Uma vez apresentadas as considerações acerca da metáfora ACEITAR É ENGOLIR, resta-nos analisar as EIs “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra”, o que fazemos de forma sucinta nas seções seguintes, dado que os mecanismos geradores já foram amplamente apresentados. Reforçamos que as análises das EIs e DPs são exemplificações que permitem alterações, ampliações, uma vez que cada indivíduo pode formar uma rede particular, levando em conta suas experiências pessoais e conhecimento prévio, cultural, experiências corpóreas, dentre outras.

Passemos, então, para a análise de cada uma das EIs geradas pela metáfora ACEITAR É ENGOLIR.

---

<sup>62</sup> There may be pictorial devices which are metaphoric but which have no clear equivalent in language. For these devices the term “pictorial rune” is suggested. (...) A pictorial rune is a graphic device used in a picture which is a modification of the literal depiction of an object, making some aspect of the object become easy to depict, that aspect of the object often being difficult for the literal depiction to convey.

### 5.1.1 Engolir sapo.

É de extrema importância salientarmos que as reflexões que aqui aplicamos e exemplificamos através de um modelo servem apenas de base e argumento também para as demais EIs do *corpus*, portanto, seria redundante sua repetição na análise de cada uma das EIs, dado que nosso objetivo é descrever e propor um modelo que revele a estrutura interna dos mecanismos que participam da geração do sentido. Certamente que cada EI tem suas especificidades lexicais e de significação, mas o processo pelo qual são identificadas as trilhas que levam ao sentido é o mesmo.

Nosso leitor compreenderá que é praticamente impossível, e nem é nossa intenção, dar conta de tudo o que poderia ser produzido pela mente humana, motivo pelo qual nossas exemplificações seguem uma rede mínima de interações conceptuais, de modo a demonstrar a aplicação do modelo que aqui é proposto. É o caso de em pesquisas futuras aplicar esse modelo experimentalmente e verificar aquilo que pode ser aprimorado e sua eficácia no entendimento de quais mecanismos estão presentes na mente humana no momento da geração do sentido ao ler um determinada EI associada com sua ilustração.

Por ora, nos atemos a apresentar, mesmo que minimamente, alguns exemplos de uso da EI “engolir sapo”:

Exemplo 1: ***Não é hora de engolir sapo! Expressar opiniões previne estresse e depressão*** - "Muitas vezes, em situações do dia-a-dia, engolimos alguns sapos e muitos brejos. É comum o indivíduo deixar de falar o que pensa para não prolongar uma conversa ou evitar uma discussão. Ele ainda pode sentir medo de não ser aceito pelo grupo. (Karin Sato – disponível em <http://portal.cjf.jus.br/cjf/news/nao-e-hora-de-engolir-sapo-expressar-opinioes>).

Exemplo 2: ***Chega de engolir sapo!*** - *Relações financeiras devem ser sempre deixadas às claras* (Daniel Balaban Disponível em <http://revistatpm.uol.com.br/revista/79/bazar/cheга-de-engolir-sapo.html>).

Exemplo 3: ***A indigesta arte de engolir sapos*** - *Quem não já “engoliu sapo” na vida, durante a trajetória profissional? Certamente devem existir gargantas e estômagos virgens nessa área, creio. Em compensação, devem existir os engolidores diários e contumazes do batráquio – já tão condicionados que não abrem mão da sua dose diária... Haja estômago! Há uma premissa organizacional que garante que suas chances de ter um emprego estável são proporcionais à sua capacidade de exercer com magnanimidade e*

*estoicismo (ou seja, sem reclamar) a tal arte.* (Floriano Serra – disponível em: [http://carreiras.empregos.com.br/comunidades/rh/colunistas/210703-floriano\\_engolir\\_sapos.shtm](http://carreiras.empregos.com.br/comunidades/rh/colunistas/210703-floriano_engolir_sapos.shtm))

Percebe-se que, em todos os três exemplos, a EI é usada em seu sentido figurado, com o significado de “aceitar calado”. No exemplo 1: “*É comum o indivíduo deixar de falar o que pensa para não prolongar uma conversa ou evitar uma discussão*” o sentido está claro, na medida em que o indivíduo deixa de falar o que pensa. No exemplo 2 o “deixar às claras” corresponde a não calar e, portanto, não engolir sapo. No exemplo 3: “*A indigesta arte de engolir sapos*” aborda a mesma significação. Percebe-se, com esses exemplos, que o contexto auxilia o leitor assim como seu conhecimento prévio. Caso o leitor desconhecesse a EI poderia ser levado ao entendimento literal pois seria possível uma “arte de engolir sapos”, já que esse anfíbio não é parte da culinária dos brasileiros (sabe-se que comem rã e não sapos). Por esse motivo, nossa análise inclui, quando as EIs são compreendidas metaforicamente, as metáforas base e subjacente, suas respectivas EIs e DPs e, concomitantemente, apresentarmos como imaginamos serem as possíveis estruturas internas das arquiteturas diagramáticas das mesclagens conceptuais e as projeções/mapeamentos que traçam o percurso desde a MB até a mesclagem referente à EI ou mesmo quando não há influência metafórica na composição da mescla, por haver uma compreensão literal totalmente congruente envolvida no processamento.

Na medida em que consideramos as EIs desse *corpus* como composicionais (ou, pelo menos, parcialmente composicionais), onde os itens participantes da EI contribuem individualmente com projeções, conceitos que possibilitam a geração do sentido levamos em conta aquilo que é afirmado por Fauconnier e Turner (2003, p. 154) que

[...] a gramática é um conjunto de pontos para nos guiar precisamente em nosso uso das operações mentais imaginativas. A gramática indica o tipo de caminho. Mas o que acontece naquele caminho depende do que especificamente é encontrado e das operações imaginativas conduzidas ao longo do caminho. Os resultados podem, subjetivamente, ocupar diferentes domínios do pensamento, mesmo embora nós sejamos estejamos inconscientemente carregando os mesmos esquemas de mapeamentos<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> [...] grammar is a set of prompts for guiding us quite precisely in our use of imaginative mental operations. The grammar indicates a kind of path. But what ultimately happens on that path depends on what specifically is encountered and on the imaginative operations conducted along the way. The results may subjectively seem to occupy different realms of thought, even though we are unconsciously carrying out the same mapping schemes.

e ainda levamos em conta as dimensões da composicionalidade apresentadas por Glucksberg (2001, p. 73).

Nesse sentido, vale a pena observarmos que a EI com cada um de seus diferentes constituintes pode nos remeter a diferentes significados, dado que pensar sobre questões ligadas à idiomaticidade implica, como fator primordial, conhecer o objeto de estudo, tanto com relação a seu papel no sistema linguístico quanto com relação a seu significado. É necessário, portanto, como primeiro passo, identificá-la na língua como sendo uma EI e não uma expressão similar ou próxima desta, algo que tenha sido consagrado pela tradição cultural do grupo linguístico em que ela é usada, tornando seu significado estável e quem confere esta estabilidade é o povo e sua história linguística e cultural. Por exemplo, “procurar uma agulha no chão” tem apenas um sentido literal, ao passo que a EI “procurar uma agulha no palheiro” é figurativa, cristalizada e convencionalizada com o sentido metafórico de “procurar algo difícil de ser encontrado” e isto envolve um pensamento metafórico. É o indivíduo somado ao grupo que permite uma certa estabilidade ao significado da EI, por estar na memória coletiva, seja individual ou social.

Há uma certa inflexibilidade na construção das EIs. Elas tipicamente aparecem em um número limitado de estruturas sintáticas ou construções, caracterizadas pela rigidez sintática e semântica. A substituição de algum termo por outros em uma EI é impraticável. Se ao invés de “engolir sapo” tivéssemos “engolir boi”, ou “engolir elefante”, ou “engolir mosquito” o sentido gerado seria outro. Sendo assim, o termo lexical usado para construir a EI nos guia na elaboração das redes de integração conceptual e auxiliam na condução dos caminhos que levam à mesclagem..

Como afirmamos anteriormente que a TMC complementa a TIC e contribui com os dois domínios na geração do sentido, apresentamos, a seguir, uma maneira diagramática de entendermos as intrincadas combinações que são possíveis quando diante de uma EI e sua respectiva DP:

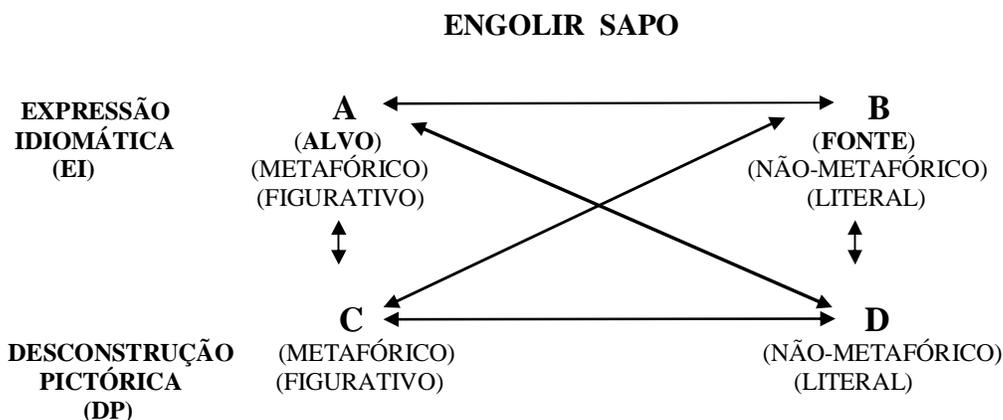


Figura 47: conexões literal-metafórico para “engolir sapo”.

O diagrama nos faz pensar em alguns possíveis percursos para geração do sentido e, conseqüentemente, diferentes interpretações. São eles:

A ↔ D = incongruência	}	sentido LITERAL ou METAFÓRICO
B ↔ C = incongruência		
C ↔ D = incongruência		
A ↔ C = congruentes – sentido LITERAL		
B ↔ D = congruentes – sentido METAFÓRICO		

Essas projeções interdominiais são expressões da TMC e seus dois domínios. Esses domínios são projetados para o espaço mesclado. Percebe-se que há espaços congruentes e incongruentes. Não devemos esquecer que o irreal, o criativo tem uma participação importante na geração da mesclagem.

Para entendermos a mensagem contida na DP, precisamos recorrer ao conhecimento prévio. Como o ilustrador desconstrói a metaforicidade contida na EI e reliteraliza a imagem, essa se torna “irreal” levando ao cômico pretendido pelo autor. Dessa maneira, o sapo é um sapo, engolir é digerir literalmente. Da associação com a EI verbal é que pode surgir a metaforicidade e isso remeter a “engolir algo indesejável”. Isso é inferido a partir de todas as informações que se tem e aquelas que são projetadas para a construção do sentido metafórico. Isso depende de o indivíduo ter uma mente criativa o suficiente para imaginar tantas interpretações quantas conseguir. Afinal, para Fauconnier e Turner (2003, p. 146), os produtos da integração conceptual são sempre imaginativos e criativos. Como já dito anteriormente, a identificação da metáfora é necessariamente, mas não suficientemente, dependente da presença explícita de

elementos da metáfora na DP como a identificação dos dois domínios (fonte e alvo). Fauconnier e Turner (2003) afirmam que “[...] as palavras e os padrões nos quais estas se encaixam são gatilhos para a imaginação. Elas são indutores que usamos para tentar conseguirmos ativar algo do que conhecemos e trabalhar nisso criativamente para chegar a um significado [...]”<sup>64</sup>.

Sua compreensão tanto pode ser direcionada para o literal como para o metafórico, dependendo das escolhas que são feitas e das projeções que compõem parte da rede. A rede a seguir exemplifica alguns dos caminhos e sua estruturação.

---

<sup>64</sup> [...] words and the patterns into which words fit are triggers to the imagination. They are prompts we use to try to get one another to call up some of what we know and to work on it creatively to arrive at a meaning [...]

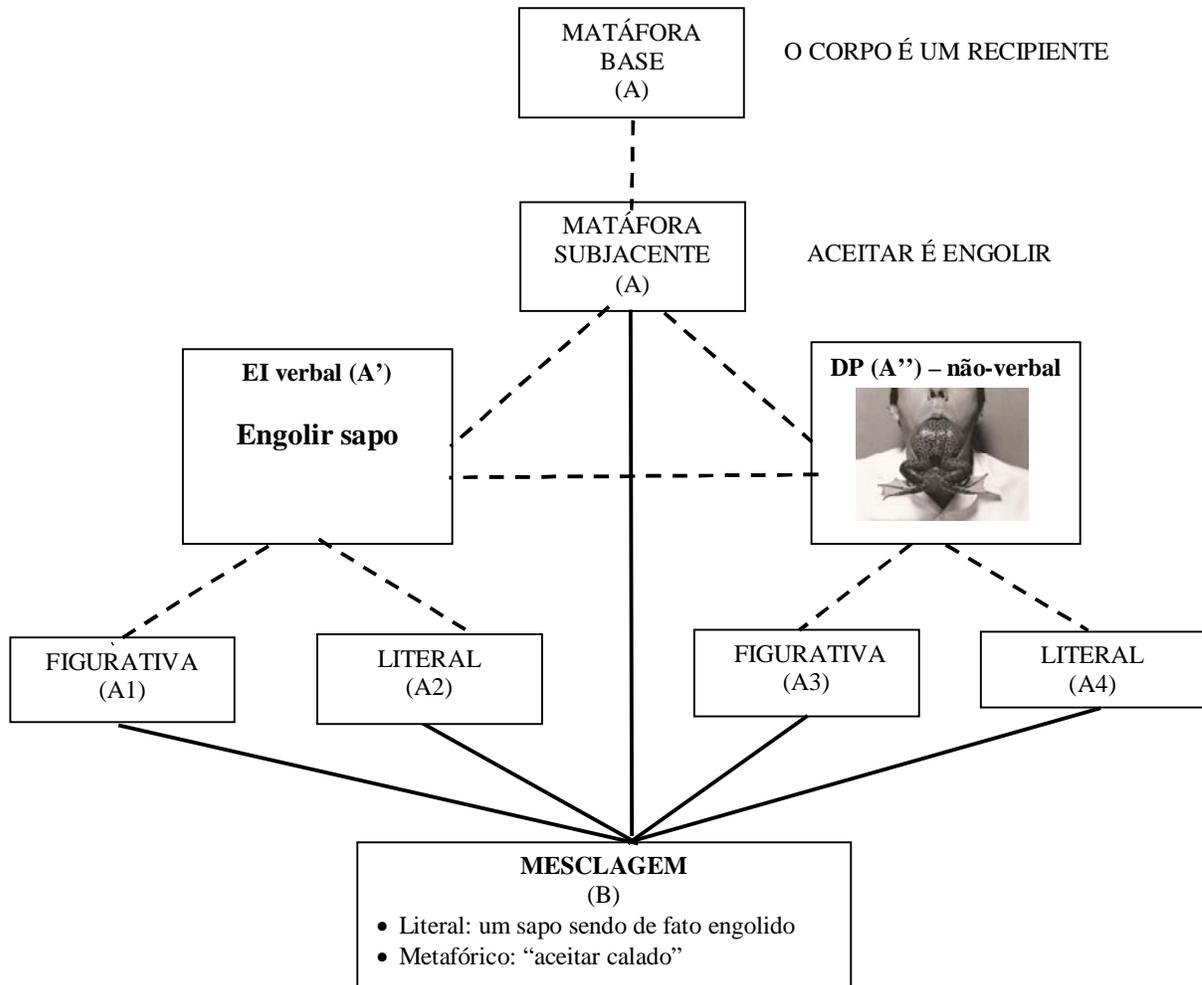


Figura 48: Engolir sapo – mapeamentos/projeções entre domínios literais/figurativos.

As várias combinações possíveis resultam em diferentes significações. Que caminho será seguido é uma questão individual. Cada indivíduo, utilizando aquilo que possui de conhecimento prévio, experiências corporais vivenciadas, contexto, dentre outras coisas, pode determinar e auxiliar a ser traçado um caminho específico, contribuindo para formação do significado. Aqui estamos diante de uma questão relacionada a (in)congruências no encaminhamento da rede.

Nos termos de Glucksberg e Keysar (1994, p. 402) há casos em que a frase leva a uma interpretação literal como em “nenhum homem é uma ilha”. Os indivíduos, presumivelmente, já sabem que nenhum ser humano é uma massa de terra cercada por água. Sendo assim, um dos passos no reconhecimento da metaforicidade/literalidade é entender que o significado de uma sentença é aceitável naquele contexto. Há um determinado significado que sempre é gerado antes de outros. Entender, portanto, uma

EI como literal envolve tanto seu processamento assim como verificar sua plausibilidade no contexto apresentado. Quando o significado não é plausível no contexto, o indivíduo deve decidir por um significado alternativo. O problema, em geral, consiste no fato de uma mesma expressão poder transmitir muitos significados simultaneamente, com gatilhos que desencadeiam o literal ou gatilhos que levam ao metafórico. Os autores dão um exemplo: “Sam é um porco” que tanto pode apenas descrever o caráter de Sam quanto o fato de ele não ser convidado para um jantar. Disso decorre implicações importantes de como entendemos algo metaforicamente. A EI “bater as botas”, por exemplo, pode ser entendida *on-line* de forma metafórica em função da familiaridade, sugerindo que um significado literal é secundário. Mas, há um outro caso como alguém chegando em casa e sua esposa dizendo “bata as botas antes de entrar” e isso tem um significado literal, pois a esposa não está solicitando que ele morra antes de entrar mas que limpe as botas que supostamente estão sujas com barro ou outra coisa qualquer. Isso quem pode determinar é o contexto. De acordo com Glucksberg e Keysar (1994, p. 403) as pessoas “simplesmente não podem ignorar os significados metafóricos mesmo quando o significado literal é tudo que precisam na situação”<sup>65</sup>. Outro aspecto diz respeito ao *continuum* entre o totalmente literal e o totalmente metafórico. Dependendo em qual ponto o indivíduo localiza o significado (mais próximo do literal ou do metafórico) pode influenciar na geração do significado.

As experiências distintas ENGOLIR e SAPO são do conhecimento do ser humano e não são correlacionais, ou seja, o sapo não gera atração para ser “engolido”; o que geraria esse desejo seria um alimento de sabor agradável ou um remédio não agradável mas necessário. Nesse caso, o sapo gera repulsa e caso tenha que ser engolido isso ocorre contra a vontade. A sensação de sabor, nessa expressão, não é positiva. Os atributos atrelados ao anfíbio são inerentes a algo repulsivo, que tem suas funções na natureza mas para o homem brasileiro não é visto como alimento. Podemos dizer que a metáfora ACEITAR É ENGOLIR licencia “engolir sapo” tanto verbal como não-verbalmente, apesar de a sensação de engolir sapo não estar atrelada à experiência gustativa comum. O sentido, assim, é gerado no percurso realizado pelas projeções. As palavras induzem, mas é o trabalho cognitivo nas redes de integração conceptual, com seus domínios diferentes que guiam a geração do sentido metafórico.

---

<sup>65</sup> They simply cannot ignore metaphorical meanings when the literal meaning is all they need in the situation.

Para Morgan (1994, p. 130) algumas EIs são ambíguas. A expressão “bater as botas”, por exemplo, é uma EI tendo como um segundo significado literal “morrer”, assim, “João bateu as botas” é ambíguo. Os indivíduos podem explorar este tipo de ambiguidade de forma criativa para geração do sentido.

A identificação da posição do significado no *continuum* entre o figurativo e o literal exige reflexão sobre alguns aspectos:

- (a) a competição entre os conceitos – haveria um status maior de algum conceito sobre outros;
- (b) as projeções formam um conjunto de correlações entre os conceitos;
- (c) há um subconjunto de projeções – somente os relevantes são selecionados;
- (d) há uma contribuição do irreal, do imaginativo;
- (e) há uma contribuição complementar entre a TIC e a TMC, isolada e conjuntamente.

Há, de certa forma, um certo *status* – só aqueles conceitos relevantes para composição da mescla são ativados, os demais são descartados ou não-aproveitados, criando uma competição interna na estrutura da rede de integração conceptual. Dessa forma, há padrões cognitivos que têm impacto na gramática e têm reflexo na seleção metafórica/literal retirada do *continuum*. Afinal, como defendido por Lakoff (1994, p. 203) a metáfora é um “mapeamento interdominial no sistema conceptual”<sup>66</sup> e o termo expressão metafórica se refere à expressão linguística (uma palavra ou frase) que é uma realização de tais mapeamentos interdominiais. Entender como conceptualizamos ENGOLIR e SAPO na realização linguística “engolir sapo” permite-nos entender o sistema de metáforas conceptuais. Uma suposição que é um desafio para nosso estudo é a tradicional divisão entre o literal e o figurativo. Para Lakoff (1994, p. 204), por definição, a palavra “literal” tem tradicionalmente sido usada com um ou mais conjuntos de suposições. Cada mapeamento tem correspondências entre domínios conceptuais e define as correspondências entre as inferências. Quando um mapeamento é ativado pode ser aplicado a uma nova estrutura do domínio fonte que caracteriza uma estrutura do domínio alvo. Os mapeamentos podem ou não ser aplicados aos domínios fonte e alvo. Um outro aspecto é que um dado item lexical que é convencional no domínio fonte nem sempre é convencional no domínio alvo. Assim, itens lexicais diferentes ativam mapeamentos metafóricos distintos.

---

<sup>66</sup> A cross-domain mapping in the conceptual system.

Baseados em Kövecses (2002, p. 202) e Kövecses e Szabó (1996, p. 332) apresentamos, inicialmente a motivação conceptual para a EI “*engolir sapo*”, ou seja

Significado idiomático = “aceitar calado”.

Significado literal: digerir um sapo (o animal anfíbio)

Mecanismo cognitivo = metáfora: ACEITAR É ENGOLIR

Domínios conceptuais: ENGOLIR e SAPO

Forma linguística = engolir sapo

Forma pictórica =



Significado das formas = “engolir” e “sapo”

Para a identificação e seleção dos sentidos, foi-nos importante a consulta a dicionários, sem que isso seja uma restrição para a criatividade de cada indivíduo.. Portanto, um passo sugestivo em direção à geração do sentido metafórico/literal é observarmos, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, alguns dos possíveis sentidos que os termos da EI poderiam nos remeter. ENGOLIR, por exemplo, remete-nos a: (1) fazer deslocar (bolo alimentar) da boca para o estômago; deglutir (Ex.: sem fome, engoliu lentamente o pedaço de pão); (2) devorar avidamente, sem mastigar; tragar (Ex.: engoliu a sopa rapidamente, para não dar a ninguém); (3) arrastar em sorvedouro; fazer desaparecer; sorver (Ex.: o furacão engoliu várias casas); (4) gastar rapidamente; consumir, desbaratar (Ex.: os herdeiros engoliram o legado em menos de um ano); (5) Derivação sentido figurado: sofrer em silêncio; ocultar, suportar (Ex.: e. lamentações, lágrimas); (6) Derivação sentido figurado: ser forçado a aturar; tolerar (Ex.: ela engoliu o desaforo, contrariada); (7) Derivação sentido figurado: não ligar para, não fazer caso de (Ex.: e. insultos); (8) Derivação sentido figurado: fazer encurtar; diminuir (Ex.: o carro possante engolia as distâncias rapidamente); (9) Derivação sentido figurado: deixar de proferir (palavra, frase etc.); reprimir (Ex.: engoliu a série de improperios em respeito às senhoras presentes); (10) Derivação sentido figurado: crer na veracidade de; acreditar (Ex.: engoliu tranquilamente todas as desculpas do empregado); (11) Uso tabuísmo: praticar passivamente a pederastia; (12) Regionalismo Nordeste do Brasil: atingir certa altura (Ex.: a água da lagoa engolia até o joelho); (13) apropriar-se de; tomar (Ex.: populares cercaram o caminhão acidentado e engoliram a carga); (14) Rubrica futebol: sofrer (o goleiro) [um gol]. Já o termo SAPO remete-nos a: (1) Rubrica herpetologia: designação comum aos anfíbios anuros em

geral, e em particular aos anfíbios terrestres do gênero *Bufo*, da família dos bufonídeos, de pele rugosa e seca; (2) Regionalismo Sul do Brasil: pessoa que observa um jogo; peru, mirão; (3) Regionalismo Brasil. Uso informal: fiscal incógnito de bonde; (4) Rubrica veterinária, Regionalismo Brasil: inflamação dos pés de vários animais, espécie do casco do cavalo.

Cada conceito evoca projeções distintas e, dependendo da escolha seletiva, pode gerar um sentido completamente diferente (literal ou metafórico). Para não incorrerem no erro de sugerir qualquer conceito, nos atemos naqueles apresentados anteriormente pelo dicionário. Isso não significa que são os únicos possíveis, pois a criatividade humana vai muito além da formalidade dos dicionários.

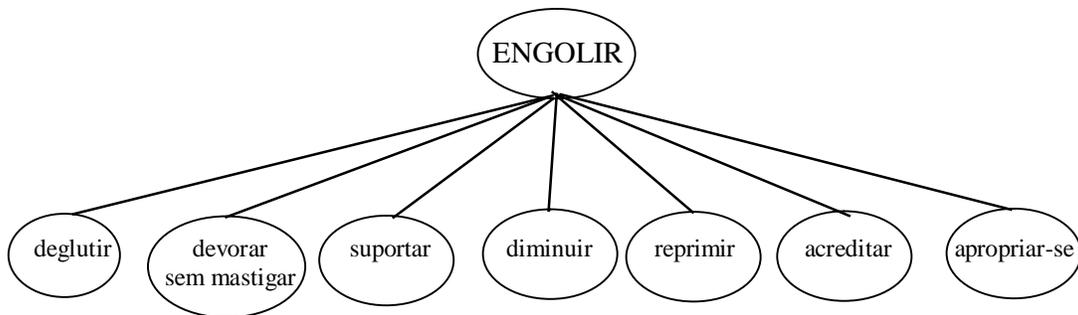


figura 49: projeções do conceito ENGOLIR

Nem todos os conceitos serão selecionados, só aqueles que, de fato, contribuirão para a formação da mesclagem. Se a interpretação for literal, podem estar envolvidos: deglutir, devorar; se figurativo: suportar, reprimir e outros tantos aqui não apresentados. O certo é que a projeção define a significação. Esse é um dos motivos pelos quais defendemos o processamento da EI como composicional (ou parcialmente composicional) pois cada item pode ser decomposto. Por outro lado, levamos em conta que o conhecimento prévio pode ajudar a EI a ser processada *on-line* figurativamente, só não podemos afirmar que sempre isso acontecerá. Essas projeções nos ajudam a investigar como o item lexical participa da formação da mescla e, conseqüentemente, da geração do sentido.

Para o termo “sapo”, podem ser evocados os seguintes conceitos:

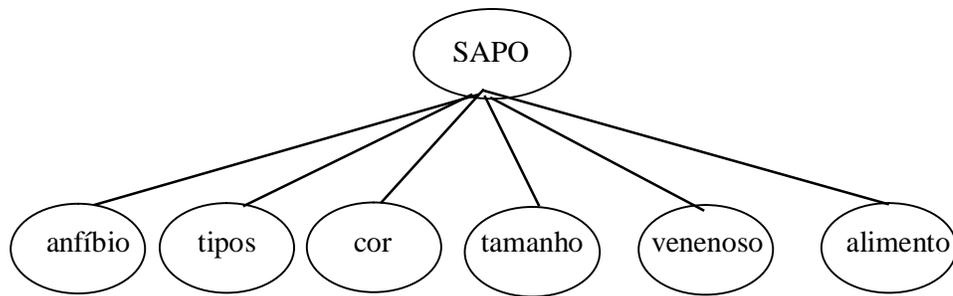


figura 50: projeções do conceito SAPO.

Há, portanto, diferentes formas de produzir a mesclagem com as redes de integração conceptual ao longo do *continuum*, representando um sistema complexo de operações cognitivas. As mesclagens conceptuais não são simplesmente mapeamentos entre dois domínios ou espaços mas casos onde espaços de entrada contribuem com algum material conceptual para o espaço mesclado e um espaço genérico, em um modelo denominado de rede.

Os conceitos ENGOLIR e SAPO compartilham certos traços que motivam o mapeamento entre eles. Uma entidade em particular é mapeada em outra entidade com a qual ela compartilha certos traços. As rotas de projeções entre os conceitos podem seguir em mais de uma direção.

Para Gibbs (2006, p. 120) quando entendemos conceitos abstratos metafóricamente, dois grupos de neurônios são ativados ao mesmo tempo. Quando pensamos sobre um conceito abstrato em conexão com certos eventos, atividades e estados. Similarmente, quando pensamos acerca de quantidades abstratas como preços, os neurônios que correspondem à quantidade e aquilo que correspondem à verticalidade são coativados no cérebro. Em resumo, afirma Gibbs, as metáforas conceptuais são conjuntos de neurônios em diferentes partes do cérebro conectados por circuitos neurais. Os conjuntos de neurônios localizados em diferentes partes do cérebro são os domínios fonte alvo e circuitos neurais físicos que os conectam são os mapeamentos. Isso nos permite entender a metáfora como estruturas físicas (ou seja, neurais) no cérebro. O pareamento de domínios fonte e alvo permite emergir as expressões linguísticas metafóricas derivadas dos dois domínios conceptuais sendo conectados. A EI “engolir sapo” é um exemplo da emergência da metáfora ACEITAR É ENGOLIR. A fusão do domínio fonte com o alvo resulta na mesclagem que, por sua vez, são materiais conceptuais novos com relação a ambos os domínios. Ambos os conceitos são integrados conceptualmente.

Cada nódulo pode dar origem a um significado literal ou metafórico. Essas projeções seletivas, quando utilizadas na mesclagem conceptual, favorecem a elaboração dos *inputs* e, conseqüentemente, da mesclagem. Como já dito antes, nem todos são aproveitados, apenas aqueles que, de alguma forma, contribuem na geração do sentido.

Na expressão: “Engolir sapo”, pressupõe-se que “SAPO” se aplica à classe de coisas que são animais, anfíbios, pegajosas e assim por diante. “Capturou um sapo” não evidencia nenhuma metaforicidade mas em: “Engolir sapo” uma interpretação possível é a metafórica: “aceitar caldo” se compreendida metaforicamente, caso contrário, a outra interpretação possível é a literal “digerir um anfbio”. Sendo assim, há casos em que uma sentença pode receber tanto uma interpretação literal quanto metafórica, como, por exemplo, na frase “São Paulo é uma cidade fria”, que tanto pode expressar algo referente à temperatura da cidade (literalmente) quanto algum aspecto no trato com as pessoas, na arquitetura (metaforicamente). O mesmo ocorre com “Maria ficou queimada” que literalmente significa que Maria se expôs a algo que a queimou (fogo, água quente dentre outros) ou metaforicamente Maria ficou brava, uma fúria. Portanto, engolir sapo também pode remeter tanto ao literal quanto ao metafórico.

Gibbs (1989) nega que a identificação explícita da metáfora ocorra após o processamento primeiramente literal e que resulte em um significado metafórico. O autor vê uma identificação explícita da metáfora com um processo *post-hoc*, construindo o contraste entre o significado metafórico e o literal em retrospecto. Nesse caso, *post-hoc* se refere ao momento após a realização do processo de decodificação e/ou conceptualização. A base para tal construção do significado literal é o produto do entendimento metafórico: ele não surge de, mas sobre o processo metafórico nos níveis de decodificação e conceptualização.

“Engolir sapo” evoca os domínios de ENGOLIR e SAPO e a partir daí a metáfora ACEITAR É ENGOLIR as liga e utiliza o significado evocado pelo conhecimento ordinário, o significado convencional e inferências metafóricas baseadas na estrutura do conhecimento. Essa expressão poderá ser lida não-metaforicamente se não houver nada na sentença ou no contexto que force uma interpretação metafórica. As correspondências na experiência real formam a base para as correspondências nos casos metafóricos que vão além da experiência real. Lakoff (1994, p. 241) afirma que as metáforas se tornam reais em *cartoons* como nas nossas DPs e cita como exemplo a

realização da metáfora A RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, na qual a raiva é comumente expressa por uma fumaça saindo da orelha do personagem.

No caso da DP presume-se que haja um comportamento humano visto como não-verbal e que pode ser identificável como não-literal, portanto a metaforicidade pode ser analisável como tal e não corresponde necessariamente com sua realização. Se ela é explicitamente identificável após o processamento ou se é implícita e automaticamente identificada como parte do processo de conceptualização são possibilidades contingentes que não sucedem automaticamente apenas da estrutura metafórica mas também da criação de uma rede de interações conceptuais – a multimesclagem. Com isso, podemos afirmar que a identificação da metáfora é necessariamente, mas não suficientemente, dependente da presença explícita da metáfora na DP: as ações e conhecimento prévio do indivíduo também têm que ser levados em conta. Acreditamos que é possível assumir que o foco do processamento é parte de um processo inicial de compreensão porque serve para integrar aquilo que é transmitido pela DP com a significação metafórica da EI verbal. Parte-se da informação que está disponível em ambas as modalidades.

A EI “engolir sapo” tem por significado metafórico (segundo o dicionário eletrônico Houaiss): tolerar coisas ou situações desagradáveis sem responder por incapacidade ou conveniência. Portanto, “engolir sapo” significa fazer algo contrariado; ser alvo de insultos, injustiças, contrariedades sem reagir, revidar, acumulando ressentimento. Essa expressão traz o sapo para o campo das atividades alimentares. Engolir é comer. O ato de comer é presidido pelo paladar. O paladar é uma função discriminatória. Ele separa o saboroso do não saboroso. O saboroso é para ser engolido com prazer. O não saboroso, o corpo se recusa a comer. Cospe. "Ter de engolir sapo": ser forçado a colocar dentro do corpo aquilo que é nojento, repulsivo, viscoso, frio, mole. Não há forma de engolir sapo com prazer. Há possibilidade de a origem da associação do sapo com algo nada palatável venha das Sagradas Escrituras. Em um determinado capítulo do livro do Êxodo, um rebelde Faraó recebeu como castigo de Deus uma série de pragas, uma das quais se constituía de uma invasão de milhares de rãs – ou de sapos. Segundo a narrativa, o Faraó encontraria o sapo saltando em todos os lugares do seu palácio. Isso foi uma situação imposta ao faraó e não dependia de sua vontade ou aceitação. Ele teve que “aceitar”.

Por outro lado, há quem relacione a EI “engolir sapo” com uma expressão vinda dos antigos romanos, que muitas vezes sentiam-se contrariados frente às ordens

de César, e que se tornou comum para fazer referência a situações nas quais uma pessoa deve agir ou pensar de maneira diferente ou divergente daquela que praticaria sem a existência de alguma influência externa. No ambiente de trabalho, por exemplo, existem situações nas quais os trabalhadores se veem obrigados a realizar tarefas ou emitir comportamentos que estão em desacordo com sua vontade, suas crenças, seus valores. Serra (2004) salienta que “engolir sapo” é não ter o direito, o espaço, a liberdade, ou a coragem de responder à altura um insulto, uma humilhação, uma acusação, a uma ironia.

Além da imagem que a expressão evoca, há uma questão cultural. Em certos lugares a expressão completa é “engolir sapo de pernas abertas” como no sul do Brasil. Estas pernas abertas caracterizariam ainda mais a impossibilidade de engoli-lo. Mas, há de se convir que a ideia de engolir literalmente um sapo não seja uma situação usual, que se faça de bom grado, que se aceite esse “alimento” como sendo parte de nossa cultura. Há locais no mundo em que se comem animais como cachorros, escorpiões, cobras dentre outros e que podem gerar alguma estranheza para muitas pessoas. Há também situações nas quais nos obrigamos a comer aquilo que se apresenta ou morremos. Mas em circunstâncias cotidianas, compreendemos que “engolir sapo” seja uma tarefa imposta, e ninguém cumpriria essa tarefa de forma prazerosa.

Apresentamos, a seguir, a arquitetura de uma mesclagem da EI “engolir sapo” dividida em dois momentos distintos e complementares: o primeiro analisa apenas a DP e aquilo que nela está contido e o segundo apresenta uma sugestão de mesclagem incluindo sua inter-relação verbal - uma diagramação onde convergem as projeções da EI verbal e da DP (não-verbal). Para efeito de análise, num primeiro momento, consideramos a compreensão da EI como metafórica (isso permite a inclusão da MB e MS na rede de integração conceptual).

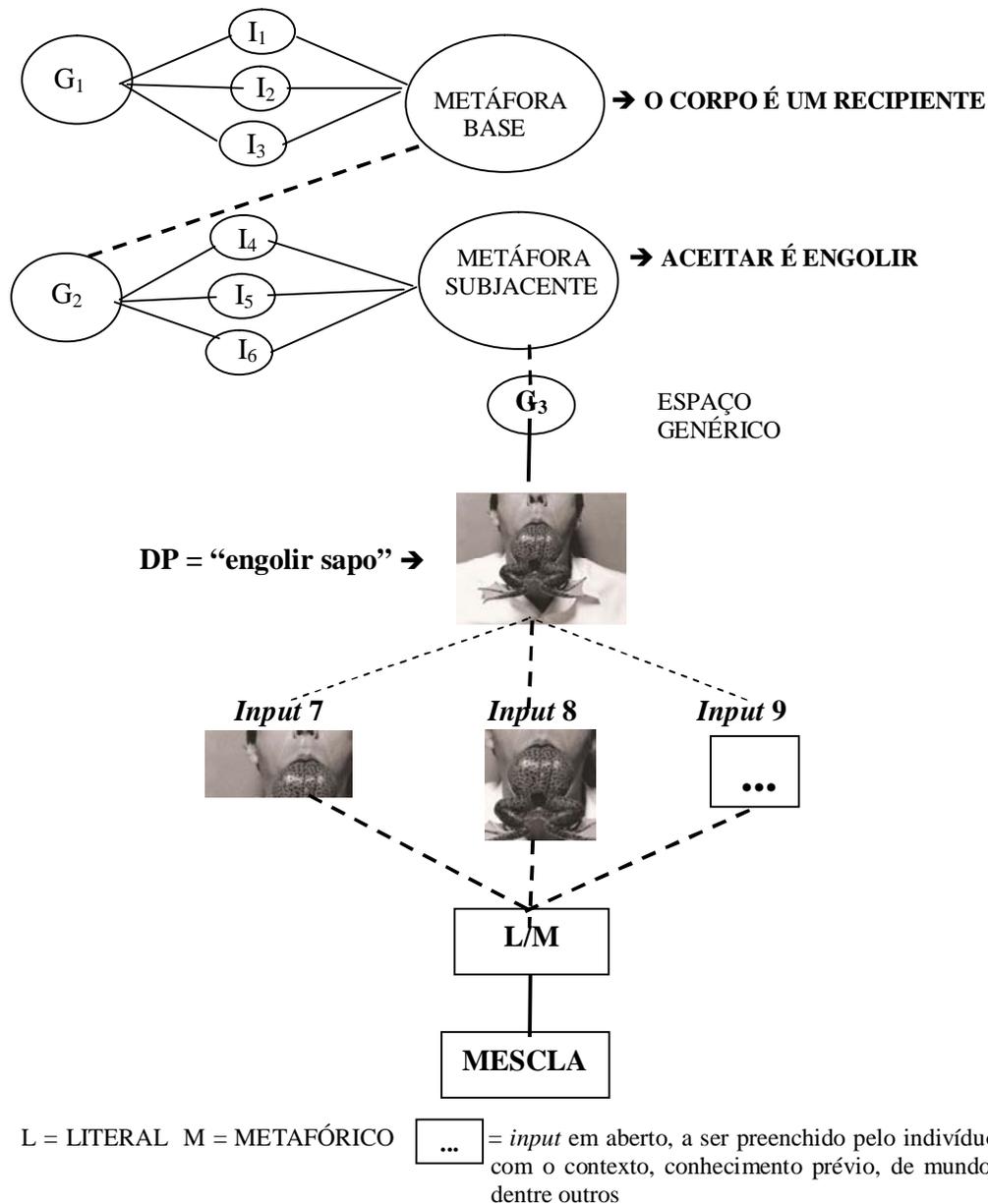


Figura 51: projeções pictóricas para engolir sapo.

Percebemos, pela diagramação, que para que o sentido gerado seja metafórico (aceitar calado) é necessário que haja alguma congruência de cada uma das projeções advindas das diferentes modalidades. Na mescla convergem as projeções da EI verbal e da DP (não-verbal). Ao mesmo tempo em que  $G_1$  é um espaço genérico gerador da metáfora base (O CORPO É UM RECIPIENTE),  $G_2$  também é um espaço genérico para a metáfora subjacente (ACEITAR É ENGOLIR), e é o resultado das projeções, ou seja, a mesclagem conceptual que dá origem à esta metáfora e que gera uma novo espaço genérico  $G_3$  que, por sua vez, gera a expressão idiomática “engolir sapo”. Essa rede de integração conceptual configura o que designamos multimesclagem.

Nos espaços de entrada (I<sub>1</sub> a I<sub>6</sub>) não definimos quais conceitos estão envolvidos, nem fechamos questão dado que os *inputs* podem ser tantos quantos a mente criativa do indivíduo permita.

Tanto a imagem (DP) quanto a expressão verbal (escrita) passam por processos semelhantes, guardadas as devidas diferenças de modalidade e natureza. Certamente a DP evoca, para efeito de mesclagem conceptual, uma rede de interações que tem sua origem na metáfora-base O CORPO É UM RECIPIENTE, assim como na metáfora subjacente ACEITAR É ENGOLIR, isso se o indivíduo estiver considerando, apesar da literalidade contida na imagem, seu aspecto metafórico. Afinal, estamos diante de uma imagem na qual há uma certa rigidez da literalidade. De fato, na DP, há um sapo na boca de alguém mas, mesmo assim, isso pode remeter à EI que o indivíduo já possui na memória e como o processamento *on-line* se dá metaforicamente, isso pode levar o leitor a entender que o ilustrador está “brincando” com a incongruência entre a imagem e a expressão que pretende representar. Certamente há um tom humorístico do autor e pretensão de trabalhar com a quebra da expectativa entre o literal apresentado pela imagem e a metaforicidade contida na EI verbal que a acompanha. Se sozinha, talvez a DP ganhasse uma outra significação.

Da DP conseguimos isolar visualmente, dentre outros, dois conceitos: a boca (que remete ao ato de engolir, que funciona como fronteira/barreira com o meio exterior) e o sapo. São dois domínios diferentes, um que vem do homem e outro do animal. O trabalho cognitivo parte daquilo que está expresso na figura e ativa mecanismos que geram o sentido metafórico, utilizando-se da dicotomia literal/metafórico.

Através da DP podemos depreender algumas situações:

- O sapo está parcialmente do lado de FORA da boca, mas ao ser engolido estará DENTRO do recipiente – o corpo. Precisaríamos de uma imagem seqüencial para saber se de fato ele é engolido ou se só está interrompendo a fala;
- Não há um cenário de fundo, apenas um homem com um sapo na boca;
- O rosto do homem não permite sua identificação, podendo, então, ser representativo de qualquer homem em geral;
- O sapo é grande e ocupa toda a boca do homem, impedindo a entrada e saída de qualquer coisa, inclusive a fala (a comunicação);
- Talvez engolir sapo desse tamanho não seja possível, é uma tarefa difícil de enfrentar, mas seria (literalmente) mais difícil se fosse um boi – uma tarefa impossível. Sendo

assim, o animal selecionado na origem da EI é carregado até seu uso atual e está atrelado à composicionalidade da EI, podendo tornar mais fácil a tarefa de entender a idiomaticidade contida na expressão;

- Os *inputs* visuais, observados através de sinais na imagem, são poucos: o homem, a boca, o sapo – que podem ser considerados como três *inputs* para a estruturação da mesclagem. Talvez, em função de a imagem ser uma fotografia, fica um tanto quanto difícil colocar, por exemplo, traços indicativos de metafóricidade saindo da boca, ou fumaça saindo da orelha, a não ser que seja usado um recurso de computador.

Da imagem emergem também domínios que se convertem em *inputs* na mesclagem conceptual. Podem ser os aqui representados e tantos outros percebidos pelo indivíduo. Por estarmos diante de uma ilustração (a DP) criada previamente, fruto da criação imaginativa de um autor, temos que resgatar a intencionalidade incutida na imagem. O autor transgrediu a significação da EI metafórica e desconstruiu a metafóricidade na imagem através de sua literalização. A ação da EI verbal que a acompanha pode restringir/minimizar a interpretação, conduzindo-a à metafóricidade. Com isso, o autor da DP, ao omitir elementos visuais, pode provocar o indivíduo a completar o mapeamento naquilo que a imagem sugere. Esse processo tem um caráter inconsciente dado que se vê uma coisa e se é levado a pensar em outra, as projeções passam por um processo de inferência.

A imagem revela algumas projeções que serão congruentes com as projeções feitas pela EI e outras que são incongruentes. Dessas inter-relações se dá a geração do sentido.

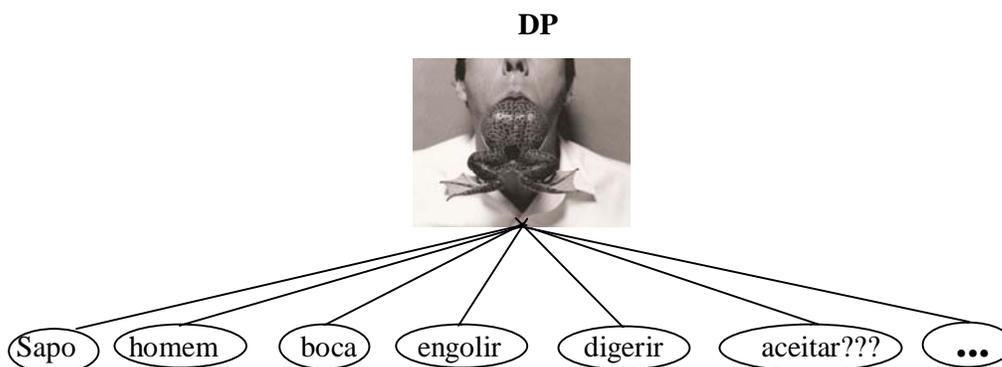


Figura 52: projeções da DP engolir sapo.

A MB e a MS fazem efeito no processamento apenas se no cruzamento das projeções for encarado o potencial metafórico por trás da rigidez literal da imagem.

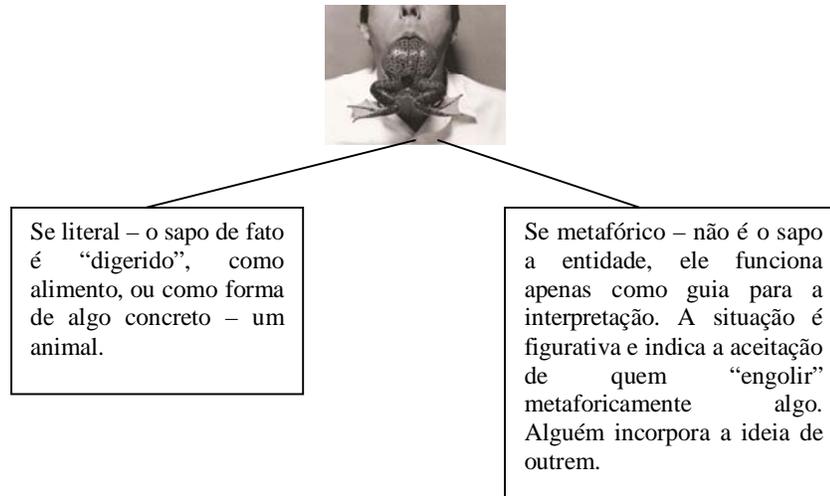


Figura 53: literal vs. metafórico em engolir sapo

Disso decorre que uma mesma expressão pode ter duas interpretações distintas: literal<sup>67</sup> e figurativa. Nossa habilidade para conceptualizar a experiência em termos figurativos deve explicar porque o não-literal é normalmente entendido sem muito esforço em função do pensamento ser restringido pelos processos figurativos. Sendo assim, a metáfora lança luz sobre a capacidade dos indivíduos em criar e entender combinações linguísticas novas que podem ser consideradas como absurdas se vistas literalmente. Então, qual seria o motivo pelo qual nos expressamos com as EIs e não-literalmente? Talvez isso seja motivado pelo fato de a EI oferecer uma forma compacta de representar o conjunto de traços cognitivos e perceptuais que são salientes à ela e nos permite falar das experiências que não podem ser literalmente descritas. Essas perspectivas envolvem processos cognitivos mas pretendem explicar o que motiva o uso da EI na comunicação.

Da inter-relação da EI (verbal) com a DP (não-verbal) haverá elementos que são congruentes e isso pode levar à interpretação metafórica e/ou literal. Se não houver congruências, o significado pode ser outro. Há a possibilidade de emergir apenas o

<sup>67</sup> Quando se diz que o contexto pode determinar a significação, se literal ou metafórico, podemos exemplificar com uma situação ocorrida na China, onde engolir sapo não é apenas uma expressão metafórica. Segundo o site <http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL48076-6091,00.html>, o chinês Jiang Musheng, de 66 anos, encontrou um remédio alternativo para suas constantes dores de estômago: engolir sapos vivos. Ele ingere regularmente sapos vivos há 40 anos. Jiang Musheng, explicou ao jornal Beijing News, que padecia de fortes dores e tosses insuportáveis até os 26 anos. Mas o suplício terminou há quatro décadas, quando decidiu seguir um conselho estranho de um idoso, chamado Yang Dingcai, que lhe disse como devia curar-se. No início, Jiang Musheng não teve coragem de engolir sapos vivos, mas depois de ver Dingcai comer um desses animais, ele parou de pensar e engoliu logo dois sapos de uma vez só. O homem chinês assegura que deixou de ter problemas de saúde depois de ter incorporado os batráquios na sua dieta. são válidas.).

literal da imagem com um entendimento literal da EI (o indivíduo desconhece o significado metafórico da EI e a entender como literal). Ou há a incongruência entre o literal da imagem com o metafórico da EI.

A estrutura interna da rede de projeções envolve aquelas projeções seletivas, as escolhas pelos Espaços Mentais mais apropriados para geração do significado que, se metaforicamente, tem a participação das metáforas MB e MS. No entanto, se temos uma EI (verbal) e uma DP (não-verbal) há possibilidade de ocorrência de uma (in)congruência que permite atingir um ponto de fusão de onde surgem as projeções que são projetadas para a mescla. Vejamos um caso em que “engolir sapo” tem uma congruência parcial:

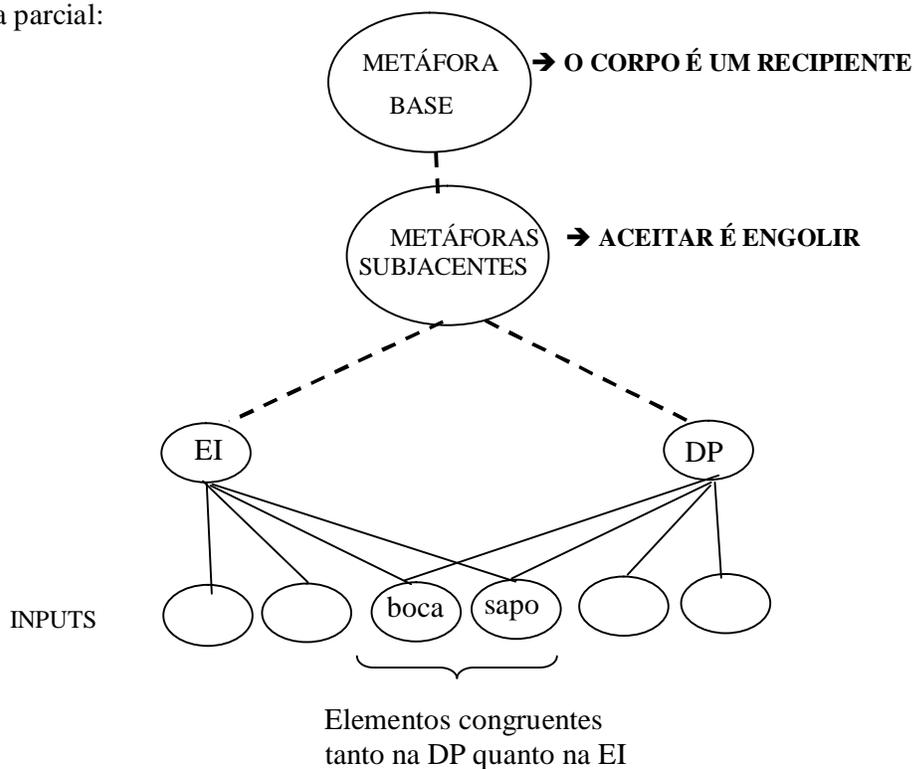


Figura 54: Congruência parcial para engolir sapo.

Esses dois nódulos congruentes são apenas exemplos, poderiam ocorrer alguns tantos outros. O que determina a existência de uma congruência parcial entre duas modalidades é a correlação com nossa experiência diária que motiva cada projeção na composição dos mapeamentos metafóricos particulares. Os dois nódulos congruentes poderiam ser: os itens lexicais “sapo” e “boca” representando “engolir” da EI verbal com o “sapo” na “boca” do personagem na DP. Os outros nódulos são projeções específicas da EI e da DP que participam da construção do significado com informações

pertinentes ou não, dado que a imaginação pode fluir no momento da compreensão da EI. Há uma fusão das projeções congruentes que geram a mescla, ou seja, daquilo que é projetado da expressão verbal e do que é projetado da DP que, aparentemente, não fazem parte do mesmo espaço mental. Cada elemento em particular da projeção metafórica é motivado por nossas ações no mundo.

Congruência, nesse caso, tem dois sentidos: (1) a confluência de projeções tanto da EI verbal quanto da DP e (2) confluência do literal/literal ou figurativo/figurativo. Projeções de cada uma das modalidades (verbal e não-verbal) são inevitáveis mas quais projeções, quais conceitos (literais vs. figurativos) são projetados é que podem variar. Por mais que a DP seja literal ainda assim podem ser projetados elementos figurativos. Conceitos díspares podem convergir para a formação do novo conceito.

Na DP referente a “engolir sapo”, por exemplo, vê-se um homem literalmente com metade de um sapo fora da boca e a outra metade dentro da boca, sugerindo que o animal está sendo engolido. No caso, a literalidade da DP e a possível leitura literal da EI poderiam levar a uma congruência de todas as projeções literalmente. Mas, se a EI é vista como figurativa e a DP como literal, pode ser que apenas alguns itens sejam projetados e estejam em congruência - há uma congruência parcial. Há, ainda, a possibilidade de a DP remeter à EI já cristalizada na memória do indivíduo, apesar de sua literalidade, uma vez que está acompanhada de sua EI verbal, e, portanto, poderia ocorrer um maior número de congruências figurativas e isso determinar o significado como figurativo.

A força da significação não depende do número de relações que são estabelecidas entre os conceitos ENGOLIR e ACEITAR. Bastaria uma única ligação para dar origem ao sentido metafórico ou literal. É possível que em EIs já conhecidas o processamento se dê *on-line* pois é provável que os mapeamentos já estejam previamente estipulados. A EI une as ideias/conceitos transformando a EI em algo compreensível, aceitável. Possivelmente a reiteração da EI e seu uso constante faça com que haja uma apreensão dos conceitos relevantes para a geração do sentido. O uso faz pensar na junção de dois conceitos e, nesse caso, os itens lexicais refletem a interação associada com as experiências corporificadas e o conhecimento prévio.

Percebe-se que, quando a compreensão é metafórica, o processo é paralelo e complementar, podendo se fundir em um dado momento. São caminhos paralelos que se inter cruzam na mescla, formando um novo conceito. Os *inputs* são tantos quantos forem

necessários para a geração do sentido metafórico e isso é dependente de cada pessoa. Aqui apresentamos uma síntese. O preenchimento de cada um dos espaços fica disponível ao preenchimento, podendo ser dependente de cada pessoa que o constroi.

As representações são redes de nódulos e elos de ligação entre esses nódulos. Cada nódulo pode corresponder a uma categoria conceptual e sua ocorrência depende de alguns fatores: o papel daquele nódulo na rede, sua relação com outros nódulos, a relação daquela rede com outras redes (o princípio da multimesclagem) e a interação global daquela rede com outros aspectos do sistema conceptual não contemplados. Certamente, há mais possibilidades que aquelas representadas, mas isso é dependente da complexidade que emerge da interação das projeções entre os *inputs*, criando uma motivação metafórica ou literal. No entanto, essas redes não dão conta de todas as possibilidades imaginativas da mente humana.

Para construir essas redes de interação é preciso:

- a) uma rede específica na qual haja nódulos distintos e intercambiáveis e que tenham características individuais (literais ou metafóricos);
- b) uma especificação de qual é o sentido esperado ou projetado pelas redes. Exemplo: engolir sapo pode levar a uma rede onde predomine o literal ou a uma rede onde predomine o metafórico e, nesse caso, muda completamente o sentido;
- c) observar que há casos de conceitos em oposição, (estabelece-se uma incongruência) que estruturam o significado e isso precisa ser resolvido na mescla;
- d) um domínio da experiência em inter-relação com outros tantos domínios relevantes para composição da rede;
- e) uma série de imaginações, exceções aos casos já conhecidos, que são distribuídos ao longo da rede.

Esses são mecanismos gerais, que estão sujeitos a complementação, permitem motivações para as infinitas extensões para outros conceitos ligados à metáfora conceptual e à mesclagem conceptual. A imagem mental tem um papel importante nessas interações e reflete estruturas conceptuais seja em expressões verbais ou não-verbais.

O tipo de modelo diagramático proposto tem suas bases no sistema conceptual. Ao longo da formação das redes de integração conceptual alguns componentes do espaço mental são descartados em função do objetivo, ou seja, um significado em particular, o que não quer dizer que esses mecanismos cognitivos não

existam. O irreal, as inovações, podem estar contempladas na (re)construção de conceitos apropriados para outras áreas e são parte de um sistema conceptual mais global.

Para que essa “inovação” ganhe sentido para os usuários da língua é necessário torná-la parte de seu sistema conceptual mesmo que, temporariamente, para uso localizado. Qualquer teoria ligada à mesclagem conceptual deve levar em conta tais mecanismos. Temos razões para acreditar que essas representações estão vivas na mente dos indivíduos, uma vez que refletem aspectos experienciais e imaginativos dos seres humanos e sua interação com o mundo que os cerca. Essas interações corporais ocorrem com tipos significativos de atividades desempenhadas em uma dada circunstância (FALAR ou CALAR) e isso depende da natureza da interação humana cotidiana e em uma dada cultura. Sendo assim, há fatores envolvidos que incluem a percepção da realidade, interação motora, imagens mentais, a cultura na qual o indivíduo está inserido, dentre outros. Essas colocações dão sustentação à visão de que nosso sistema conceptual é dependente, ou está intimamente ligado, a nossas experiências corpóreas e culturais. Ainda assim, temos em mente que em muitas áreas da experiência humana, nas quais temos ideias conflitantes, a integração conceptual pode dar conta do sentido metafórico na medida em que cada espaço mental é multifacetado, com um repertório vocabular amplo.

Esse modelo de integração conceptual propõe uma descrição das estruturas internas das redes e de como podem ocorrer os mecanismos para geração do significado metafórico/literal. Ele apresenta conexões apesar de não especificar como ou porque estas conexões podem diferir de pessoa para pessoa em relação aos nódulos que devem ou são conectados. Essas projeções podem apoiar o entendimento dos mapeamentos entre os diferentes nódulos, procura dar conta de como os mapeamentos entre os conceitos são restringidos pelas interações.

Uma questão central nesse modelo referente à representação diz respeito aos mapeamentos, projeções para formar os significados. As representações podem ser funcionalmente independentes para cada uma das modalidades mas as representações conceptuais são compartilhadas, uma vez que podem aparecer em expressões verbais e não-verbais e é possível interpretar uma situação contraditória. Há uma independência no processamento e uma interdependência no cruzamento das duas modalidades, determinando a natureza específica dos mapeamentos internos (só nas verbais ou só nas não-verbais) ou entre as modalidades (verbais vs. não-verbais) na geração do sentido.

A discussão até este ponto sugere uma “organização estrutural” nas redes de interação conceptual, onde os conceitos e suas projeções são representadas em uma relação mista (multimodal). Uma questão interessante nesse contexto é se há algum conceito que é particularmente um bom candidato para compartilhar sua essência com outros elementos representacionais entre as modalidades e entre aquilo que é literal e o que é metafórico. É aceitável que esta diferença seja refletida na forma como essas projeções são estruturadas e internamente representadas. As redes assumem diferentes tipos de conexões entre os diferentes espaços mentais e, conseqüentemente, essas projeções comunicam o significado diferentemente, implicando em rotas diferentes para diferentes conexões.

Há que se ressaltar o aspecto criativo de uma metáfora em virtude de a mesma funcionar como um instrumento cognitivo através do qual seus usuários podem atingir novas visões de um dado domínio. Uma distinção interessante entre o literal e o metafórico vem de Searle (1994, p. 110): no literal o indivíduo diz que S é P e quer dizer que S é P enquanto no metafórico, o indivíduo diz S é P mas quer dizer, metaforicamente, que S é R, ou seja, as metáforas representam uma classe de expressão linguística que diz uma coisa e significa outra. Na teoria da metáfora apresentada por Lakoff (1980), a separação daquilo que é dito daquilo que é pretendido desempenha um papel significativo. Por trás de expressões metafóricas há um constructo mental do indivíduo que é metafórico. Nesse sentido, as metáforas conceptuais não precisam ser expressas. A evidência de sua existência é oferecida por e inferida das metáforas linguísticas. O indivíduo precisa não apenas realizar alguma operação com a semântica da sentença - ele deve imaginar como o mundo seria se a sentença fosse verdadeira, ou ele poderia nunca saber que alguém não está dizendo algo literalmente. Há metáforas que estão armazenadas na memória e que são familiares. Ao dizer que “alguém é um porco” tem-se o conhecimento que a frase está sendo usada metaforicamente para declarar alguma coisa sobre hábitos pessoais de alguém e recupera-se essa informação imediatamente e, ao reconhecer o aspecto metafórico da frase, identifica-se o que é pretendido. Para Morgan (1994, p. 129), sabe-se que alguém não processa “João é um porco” da mesma forma que “João é um coelho”.

Uma diagramação sintética da multimesclagem de “engolir sapo” envolvendo tanto a EI verbal quanto sua DP (não-verbal) poderia ser a seguinte:

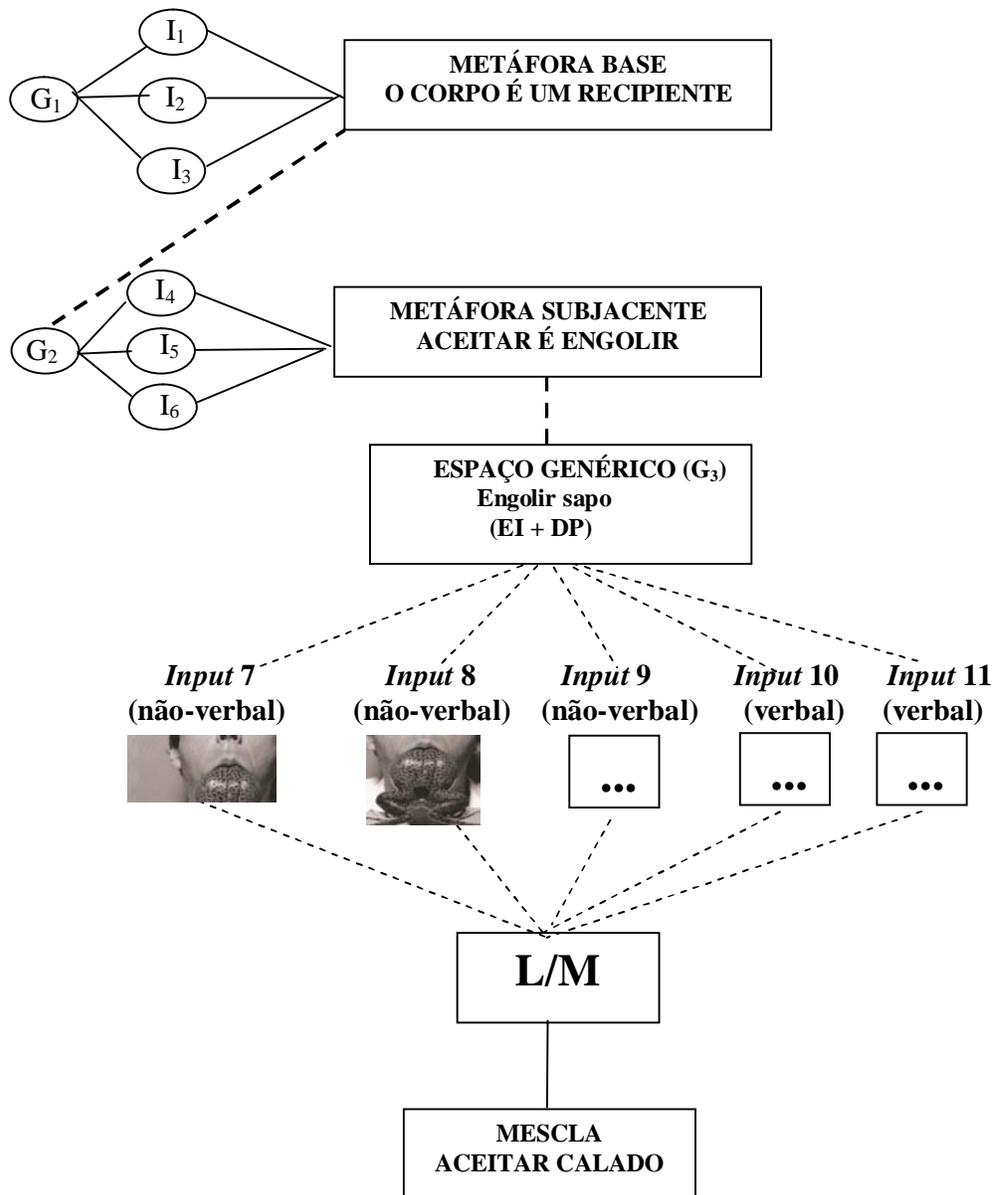
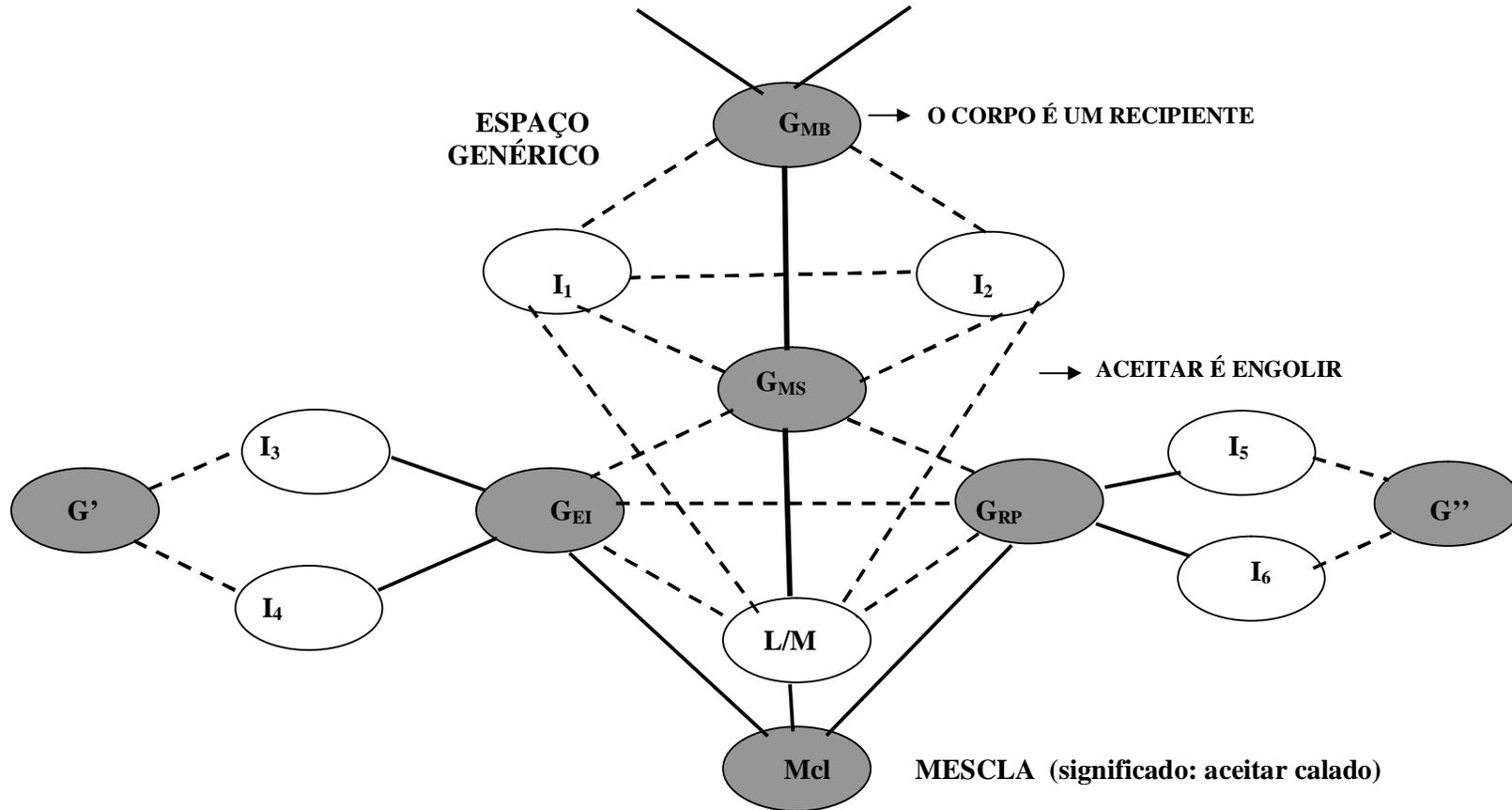


Figura 55: multimesclagem para a EI engolir sapo.

Percebe-se que esse diagrama envolve tanto a expressão verbal quanto a não verbal e que os *inputs* apresentados são apenas ilustrativos. Os *inputs* de 9 a 11 estão abertos a serem preenchidos pelo indivíduo com aquilo que tem à sua disposição (contexto, conhecimento prévio e de mundo, dentre outros). Assim também ocorrerá com as demais diagramações que faremos adiante. A diagramação assim como aquilo que ela evoca, leva-nos a refletir sobre a importância da confluência da representação verbal e de fenômenos que não sejam somente linguísticos e que, de certa maneira, não têm uma correspondência na realidade figurativamente, a não ser de forma literal. Por

outro lado, ressalta que os processos cognitivos empregados na conceptualização do visual, dependem, em grande parte, de aportes socioculturais, de tal forma que o contexto leve à geração da significação de ordens difusas como a inter-relação entre o literal da imagem com o metafórico da EI. É certo que quem lê as imagens estabelece conexões, propiciando, imaginativamente, a (re)construção de espaços inovadores e criativos.

Retomando o diagrama apresentado anteriormente, agora aplicando-o à EI “engolir sapo” teríamos:



Linhas tracejadas = representam os mapeamentos entre os espaços  
 Linhas sólidas = indicam a projeção seletiva para a mesclagem  
 L/M = interpretação literal/metafórico  
 I = inputs projetados de cada um dos espaços genéricos  
 G = espaços genéricos

EI = expressão idiomática – Engolir sapo  
 DP = desconstrução pictórica da EI engolir sapo  
 MB = metáfora base – O CORPO É UM RECIPIENTE  
 MS = metáfora subjacente – ACEITAR É ENGOLIR  
 Mcl = mesclagem conceitual

Figura 56: mecanismos que geram a mesclagem conceitual da EI engolir sapo.

A figura 56 deixa claro que não apresentamos os conceitos relacionados a cada um dos *inputs* ( $I_1$  a  $I_6$ ) e seus respectivos espaços genéricos da MB e MS. Mas, é importante ressaltar que, em um dado momento, a MB se confunde entre ser uma mescla (tendo a metáfora como resultado) e ser o espaço genérico para a fusão e geração da metáfora subjacente. Por sua vez, ocorre o mesmo com a MS na geração da EI. Essa intrincada rede de integrações e fusões é que caracteriza a multimesclagem.

Esse é um dos motivos pelos quais, na figura 55, exemplificamos a mesclagem com apenas cinco *inputs*, três projetados pela DP: o sapo, a boca e outros três da representação verbal a serem preenchidos. Como já dito antes, estamos trabalhando apenas com sínteses e exemplificações, as projeções podem se estender e se multiplicar, ocorrendo projeções de domínios diferentes, com  $n$  *inputs*. Sempre será possível uma ampliação. Na figura em questão, é possível percebermos que há apenas um espaço genérico para as duas representações (verbal + não-verbal) com uma metáfora base e uma metáfora subjacente. Diante disso, é possível uma generalização: as EIs aqui trabalhadas podem se inter-relacionar a outras tantas metáforas e isso pode alterar o tipo de raciocínio a ser aplicado à geração do sentido metafórico. Só podemos pressupor que haja apenas um único espaço genérico se a metáfora base for aquela por nós apresentada (sempre há possibilidade de utilizarmos outras metáforas, de acordo com nossa experiência) e se a compreensão for figurativa, dado que se for literal não há dependência da metaforicidade. Afinal, todos os espaços são projetados seletivamente para o espaço mesclado no qual os participantes do evento herdaram traços dos *inputs*. Chegar ao sentido metafórico é, assim, uma conquista imaginativa que requer trabalho cognitivo com várias partes da rede, sendo que todos os espaços mesclados individuais compartilham alguma estrutura (o espaço genérico).

No entanto, sabemos que há mais mesclagens que as aqui apresentadas. Por se tratar de espaços mentais, sempre será possível elaborar versões variadas como a DP literal e EI metafórica ou a DP figurativa e a EI literal, dentre outras. Isso pode levar intuitivamente a sentidos literais ou metafóricos.

## 5.1.2 O bom cabrito não berra.

Exemplos de uso da EI:

Exemplo 1: **O BOM CABRITO NÃO BERRA, MAS O MAU...** *O senador Artur Virgílio (o tal que recebeu 10 mil de “ajuda” do Agaciel), líder do PSDB na chamada (é o cúmulo da esculhambação, mas é) Câmara Alta, protestou contra a decisão do governo brasileiro de abrigar em sua embaixada em Tegucigalga, Honduras, o presidente constitucional daquele país, deposto em junho por um golpe militar/empresarial, arranjado e orquestrado por Washington. O mau cabrito berra e como berra.* (Laerte Braga, Jornal o Rebate, disponível em <http://www.jornalorebate.com.br/site/index.php/index.php?option=com>).

Exemplo 2: **O bom cabrito não berra** - *Dizem que o bom cabrito não berra, mas o berro é inevitável quando se prega a logomarca do governo Jaques Wagner, da Bahia, nas orelhas das cabras doadas pelos cofres públicos. Se fossemos um país sério isso daria o maior bode, pois o pai-de-chiqueiro não iria gostar nada disso.* (Taciano, disponível em <http://www.gamalivre.com.br>).

Exemplo 3: **O BOM CABRITO NÃO BERRA!** - *Como bom interiorano que sou, lá das bandas de Ourinhos, nas barrancas do rio Paranapanema, sempre ouvi dos mais velhos: “o bom cabrito não berra”. Ouvia muito também: “não adianta chorar sobre leite derramado”. Em entrevista á última edição da revista Autosport inglesa, Nelsinho Piquet continua na sua cantilena de sempre, desacreditar seu ex-chefe de equipe Flávio Briatore. Que Briatore é um tremendo mau-caráter todos hão de concordar. Quanto a Nelsinho, lá do interior tem mais uma: “em boca fechada não entra mosca”.... É isso aí, ou é osso aí!* (<http://cezarfittipaldi.blogspot.com>)

Vemos, através dos exemplos, como se manifesta a EI “o bom cabrito não berra”. No primeiro exemplo, com a frase “*protestou contra a decisão do governo brasileiro de abrigar em sua embaixada em Tegucigalga [...]O mau cabrito berra e como berra*”, se percebe que “berrar”, nesse caso, está diretamente ligado a “protestar”, “expressar ideias”. Ser um mau cabrito é ir contra alguma instituição, ou responder àquilo que não concorda, expressando suas opiniões. No segundo exemplo o escrito brinca com a palavra cabrito, cabras e bode. Aquilo que é dito tem um tom de crítica, de protesto contra ações do governo. Cabrito, nesse caso, seria o indivíduo delatante, que protesta, cabras seria o dinheiro público. O escritor se usa de outra expressão para complementar sua ideia “*Se fossemos um país sério isso daria o maior bode*” (grifo nosso), uma outra forma de usar o mesmo animal para expressar metaforicamente

aquilo que o literal não permitiria. No último exemplo, o autor também utiliza outras expressões para expressar “ficar calado” diante de alguma situação: “*em boca fechada não entra mosca*”. Berrar, no caso do EI “o bom cabrito não berra” tem um tom de crítica, protesto, não permanecer calado diante de algo que não concorda.

É importante salientar que os diagramas que foram aplicados na análise da EI “engolir sapo” também são válidos para as demais expressões de nosso *corpus*. Abordaremos, no entanto, alguns aspectos específicos relevantes para compreensão de cada uma das EIs.

A EI “o bom cabrito não berra” pode levar a um entendimento figurado ou literal, da mesma forma que a expressão “engolir sapo”, dependendo daquilo que o indivíduo tenha como informações, vivências e conhecimento da EI. A metaforicidade do verbal possui elementos que participam da arquitetura da mesclagem, como é o caso do sentido cultural da metáfora. Para a mesclagem, inclusive a escolha pelo animal “cabrito” tem que ser mapeado para gerar a interpretação de que calar é bom em certas circunstâncias.

Em geral, as EIs são formadas pela combinação de palavras, cujo significado difere perceptivelmente dos significados das palavras individuais. O nível de literalidade/composicionalidade das EIs varia, o que pode criar algumas dificuldades de sua compreensão.

Da mesma forma que na expressão anterior, “o bom cabrito não berra” pode remeter, se observados os itens individualmente, a significados diferentes. CABRITO, por exemplo, segundo o dicionário eletrônico Houaiss pode remeter a: (1) bode jovem (2) Derivação por metonímia: Rubrica culinária: prato ou alimento preparado com carne de cabrito; (3) Derivação sentido figurado, uso informal: menino irrequieto, travesso, traquinas; (4) Derivação por extensão de sentido: indivíduo mulato ou de pele bem morena; cabrocha; (5) Regionalismo: criança mestiça; filho de mulata e branco ou vice-versa; (6) Regionalismo: aquilo que é vomitado; (7) Regionalismo Sul do Brasil: que tem os chifres curtos e curvados para trás, como os dos bodes e cabras (diz-se de animal *vacum*); (8) Regionalismo Sul do Brasil: diz-se de um tipo de pão sovado e assado na forma dos chifres desse tipo de gado. Enquanto isso, o termo BERRAR pode levar a: (1) soltar a voz (diversos animais); soltar berro(s); barrir, balar, bramar, urrar (Ex.: a cabra berrava de um lado e a novilha do outro); (2) falar muito alto; dizer aos berros; chamar gritando; gritar (Ex.: berrar palavrões, berrar com um filho); (3) Derivação sentido figurado: produzir rumor contínuo, sibilante e agudo; zunir,

roncar, bramir (Ex.: berra o vento nos telhados); (4) chorar aos gritos (Ex.: castigado, berrou sem parar); (5) discutir com veemência, alterar em altos brados (Ex.: berrava com o vizinho (que ele errara); (6) pedir com insistência; instar (Ex.: berrava por mais café); (7) Derivação sentido figurado, regionalismo Brasil: possuir ascendência negra; (8) ter cor muito viva e chamativa (Ex.: sua gravata berra); (9) não combinar; destoar (Ex.: amarelo e roxo berram).

O significado metafórico de “o bom cabrito não berra” segundo o dicionário eletrônico Houaiss é: não delatar os companheiros. Segundo Pimenta (2002, p. 47), a expressão “o bom cabrito não berra” nasceu e ganhou popularidade entre os criminosos do Rio de Janeiro. Cabrito aí tem o sentido metafórico de garoto atrevido, um cabra pequeno; berrar é o mesmo que delatar.

Segundo consta, cabrito é o mesmo que garoto atrevido. Sendo a forma de diminutivo masculino de cabra, é natural que tenha herdado a base semântica da forma primitiva, que corresponde a capanga, criminoso, pistoleiro ou membro subalterno de grupo de cangaceiros. É nesse sentido que se usa a palavra cabra nas expressões seguintes: Cabra do Cariri mata pra "istruir"; Cabra e obra...; Não há doce ruim nem cabra bom; Cabra valente não deixa semente; Para o primeiro cabra bom falta um; O cabra bom nasceu morto.

Embora seja também usada como gíria de marginais, esta expressão não deve ter se originado tão recentemente. Se muito recente, deve ter sido da época em que o cangaço constituiu uma frente política no Nordeste, onde houve muito “cabra de respeito” e até hoje se fala de “cabra macho”, como sendo um título com que todos os homens simples pretendem ser distinguidos. Por outro lado, a ética dos criminosos lhes impõe a solução dos seus problemas, mas sem delações à polícia, ficando tudo entre eles mesmos. BERRAR, nesse caso, é sinônimo de DELATAR e BOM CABRITO é o criminoso que adere rigorosamente àquela norma de conduta. A expressão em questão deve ter considerado que o “bom cabrito” é aquele garoto atrevido que se submete a uma norma de vida, embora não seja a norma da lei oficial. E esta norma consiste em “não berrar” ou não delatar os companheiros.

Mas, como essas expressões populares tendem a se descaracterizar com o tempo, mudando de significado de região para região, a expressão "o bom cabrito não berra" pode simbolizar determinadas circunstâncias em que não seria conveniente protestar naquele momento e agir somente quando for mais conveniente.

Mais uma vez, lembramos que os termos lexicais usados na expressão nos induzem, ou seja, nos guiam por uma trilha interpretativa. No entanto, Fauconnier e Turner (2003) deixam claro que o que ocorre basicamente nesse “caminho” depende daquilo que é encontrado e das operações imaginativas que são realizadas ao longo desse percurso.

A motivação conceitual para a EI, ocorre da seguinte maneira:

Significado idiomático = “não delatar alguém, ficar calado”.

Significado literal: um cabrito (animal) que é considerado bom por não berrar.

Mecanismo cognitivo = metáfora: ACEITAR É NGOLIR

Domínios conceptuais: CABRITO e BERRA

Forma linguística = o bom cabrito não berra

Forma pictórica =



Significado das formas = “cabrito” e “berrar”

As possibilidades interpretativas criadas pelo item lexical CABRITO podem ser variáveis, remetendo à metafóricidade ou à literalidade, conforme podemos observar na figura seguinte.

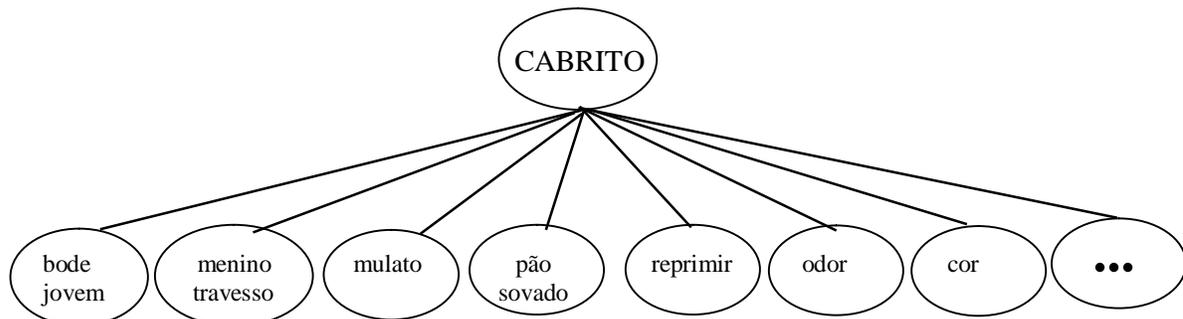


figura 57: projeções do conceito CABRITO

E, para “BERRAR”, pode ocorrer o mesmo

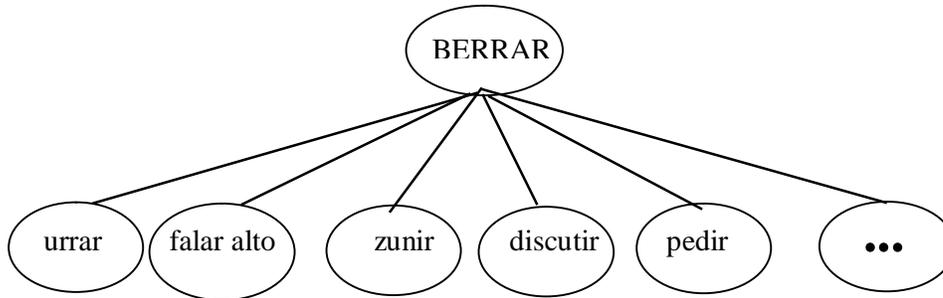


figura 58: projeções do conceito BERRAR.

Cada uma dessas projeções pode ou não contribuir com a formação da mesclagem. Através da base experiencial, os conceitos e as expressões linguísticas adquirem significado. A experiência corporal nos permite compreender o conceito BERRAR e deste conhecimento corporal assim como do sócio-cultural emerge o conhecimento que se funde dando origem a um novo sentido metafórico para um cabrito berrando. Desta maneira, a expressão metafórica (EI) “o bom cabrito não berra” se torna inteligível por conta da ativação, em um nível inconsciente, da metáfora conceptual ACEITAR É ENGOLIR que, por sua vez, retorna ao conhecimento corporal e se torna um dispositivo conceptual, subjazendo à expressão metafórica manifesta. Esse conhecimento pode ser compartilhado entre indivíduos de uma mesma comunidade dado que têm o mesmo corpo humano e, portanto, parte significativa de suas experiências corporais são comuns. Podem ocorrer variações no uso das metáforas envolvendo componentes de uso particularizado não apenas interlinguisticamente mas também dentro de um mesmo grupo falante de uma determinada língua, de tal forma que a conceptualização seja processada diferentemente mas, em geral, supõe-se que são usadas as mesmas metáforas para expressar certos conceitos abstratos/figurativos. Sendo assim, a experiência corporal, os domínios fonte e alvo e a integração conceptual assim como os mapeamentos e as realizações metafóricas verbais e não-verbais podem ser afetadas. Isto significa que o corpo oferece uma ampla experiência que tolera e restringe diferentes possíveis interpretações para uma dada EI.

Nesse caso, como nos outros, temos a possibilidade de elaborarmos diagramas para a mescla resultante dos *inputs* ligados à EI e outra como resultado da DP. Mas, podemos elaborar um diagrama da mesclagem conceptual que, com um único espaço genérico, possa atender às projeções seletivas para formação da mescla. Para tanto, levamos em conta que na DP temos alguns sinais visuais indicativos de *inputs* de

domínios diferentes que foram amalgamados em uma única imagem. Estes são os seguintes:

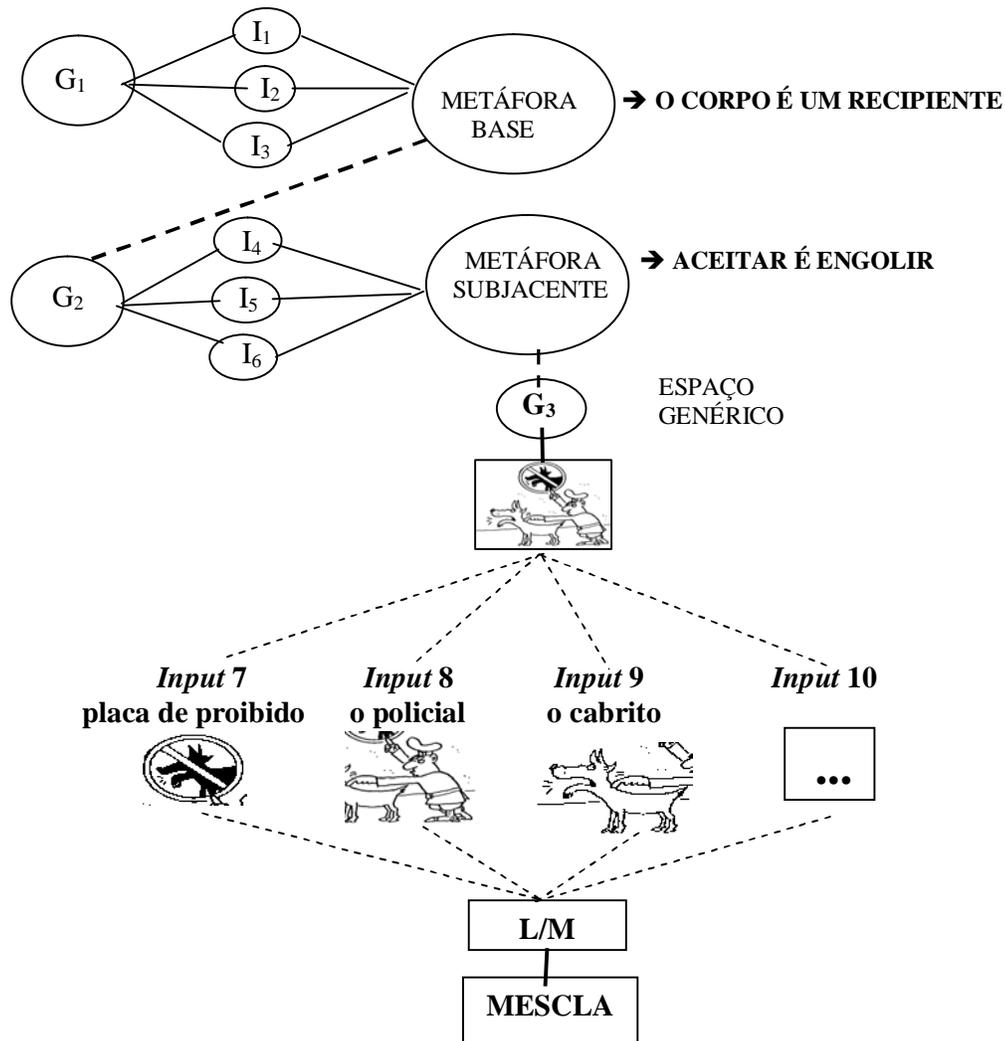


Figura 59: projeções pictóricas para o bom cabrito não berra.

Cada um dos elementos constantes da DP serve como *input* para a formação da mesclagem conceptual e projetam seletivamente alguns aspectos da experiência humana. Essa fusão dos diferentes elementos da DP, simultaneamente, se mescla com o sentido gerado pela expressão linguística. Da imagem pictórica para a EI “o bom cabrito não berra”, muitos elementos não são possíveis de serem resgatados dado que essa EI se aplica com um conteúdo moral culturalmente construído e isso pode ser observado através de um policial apontando para uma placa. Talvez seria possível interpretar essa DP, sem conhecer a EI: Você cabrito, não pode estar aqui, veja a placa de proibido cabritos. Há uma relação de poder subentendida nessa metáfora. O cabrito é subjugado e

ele deve calar, não berrar. Há uma metáfora base (O CORPO É UM RECIPIENTE) que orienta a EI “o bom cabrito não berra” e, por conta disso, são selecionados alguns mapeamentos, sendo valorizados aqueles que interessam. O bom cabrito não berra também pode estar associado a não soltar as ideias pela boca é desejável ou “faça o que peço e não se queixe”, pois “berrar” tem uma conotação clara de não se queixar. A questão é que, em todos os casos, a DP sempre tem a EI como *background*.

Se a palavra serve como um “indutor”, um “guia” na EI verbal para geração do sentido metafórico, julgamos ser possível o mesmo com a imagem. A imagem isoladamente, nesse caso, guiaria à interpretação literal da EI mas, a ocorrência de uma expressão verbal que a acompanha, restringe essa interpretação, evocando uma inter-relação entre o literal e o metafórico. Disso pode predominar o sentido metafórico e a interpretação gerada ser a comumente compartilhada na comunidade que fala a mesma língua, ou seja, no caso de “*o bom cabrito não berra*”, predominaria o significado de “*não delatar alguém*”.

Da DP para “o bom cabrito não berra” podemos observar:

- O homem é retratado através do policial. Os traços saindo da boca do cabrito estão do lado de FORA, indicando que ele está falando alto ou gritando ou como é o som do animal “berrando”, mas ao “não berrar” estamos com algo DENTRO do recipiente que está contido e não pode sair. Pode ser que, como a RAIVA, em um dado momento pode explodir e sair do recipiente;
- A placa, com uma réplica do carneiro com as mesmas características e um traço diagonal indicando a proibição;
- A farda do homem indica que ele é um policial e, portanto, tem, culturalmente, autoridade para exigir que se cumpra a lei (os sinais indicativos da placa);
- No entanto, o ato de berrar pode ser feito tanto por um cabrito considerado bom quanto mau, o desenho não deixa claro que está se falando de um bom cabrito, mas poderia levar ao entendimento de “é proibido berrar” – o que fica evidente é a proibição;
- Há a presença do homem através do policial – é o irracional do animal em contraste com a racionalidade do homem. O que se ressalta é o comportamento humano na situação em relação a um animal, o que pode indicar uma humanização – uma imposição de certos comportamentos próprios do homem no animal;

- Os possíveis *inputs* nessa imagem são o policial (o homem), o cabrito e os traços saindo de sua boca em sinal que está berrando, o dedo do policial apontando para a placa, a placa com sinal de proibição dentre outros;
- Porém, a imagem por si só não determina que se trate da EI, só a expressão verbal associada com a imagem permite que seja possível essa combinação e inter-relação.

Um diagrama sintético que recuperasse a arquitetura de uma mesclagem envolvendo a EI verbal e a DP não-verbal poderia ter a seguinte configuração:

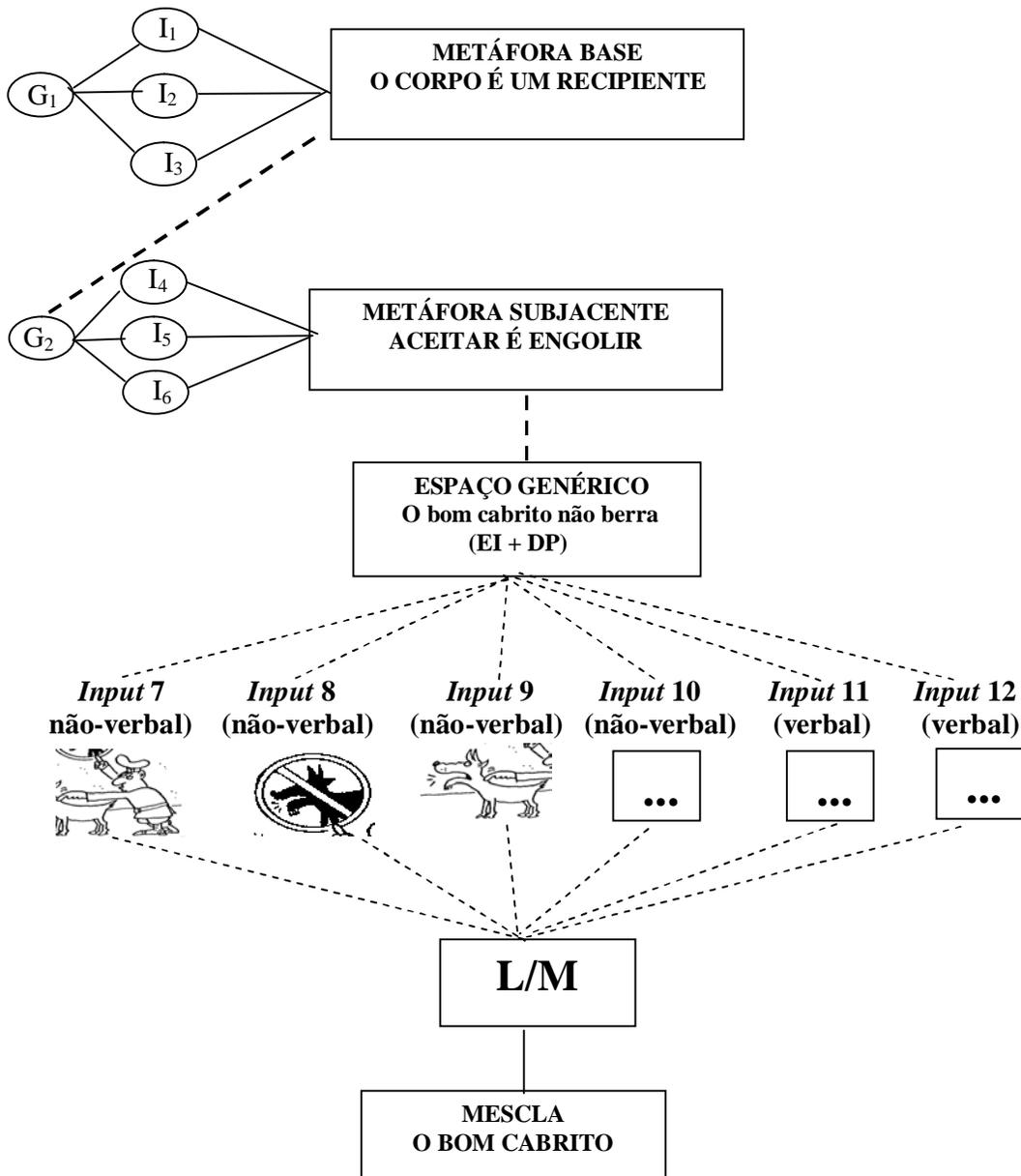


Figura 60: multimesclagem para o bom cabrito não berra.

Percebe-se que dentre as projeções está o respeito e a assimetria entre autoridades, dentre outros papéis como pai/filho, empregado/patrão, policial/civil. Muda o respeito quando muda a relação de autoridade e entidades.

No caso da expressão “*o bom cabrito não berra*” como nas demais, a percepção dos elementos que constituem a DP é seletiva. Pode ocorrer de alguns aspectos como a cor do cabrito, sua espécie, se jovem ou velho, sua aparência, ou mesmo alguns aspectos do policial que aparece na imagem, passarem despercebidos. O significado é reconhecido e reconstruído em decorrência de vários fatores e ainda se caracteriza como um processo inconsciente.

No caso da figura 60, temos identificados apenas três *inputs*, o guarda, a placa, o cabrito e um *input* que é uma correlação da metáfora, ou seja, ser bom é respeitar. Cada uma dessas entradas contribui com conceitos de espaços próprios, o simbolismo do guarda, sua autoridade, a exigência pelo cumprimento da lei, a lei como verdade, como regra de convivência e que vale indiscriminadamente para todos. As placas de trânsito, de advertência, em geral, concentram informações a serem respeitadas como, por exemplo “é proibido fumar”, ou a advertência “piso escorregadio”. O não cumprimento/observação da exigência/aviso pode acarretar problemas para o indivíduo.

O cabrito, por outro lado, vem de um espaço completamente diferente. Não há animal que seja racional o suficiente para ler ou cumprir determinações de um guarda ou de uma placa. Nesse caso, a imaginação, o irreal, entram em ação personificando o animal. Uma suposição do uso da palavra cabrito vem do fato de ele berrar muito quando da aproximação de alguém no local onde está, delatando a presença dessa pessoa.

A DP tem uma natureza icônica, há uma relação não arbitrária entre o objeto e sua representação (literal ou metafórica). A mesclagem conceptual se dá através de redes que respondem ao estímulo verbal ou não-verbal. O estímulo aciona as redes em conhecimentos estruturados e forma redes de inter-relações que são sucessivamente ativadas percebendo as variações entre as duas modalidades, inclusive permitindo automodificações à medida que a rede assim exija ou a criatividade do indivíduo.

O acionamento de uma rede como a da figura 60 pode levar ao acionamento sucessivo de outras tantas redes, constituindo-se uma representação mental inconsciente, o que possibilita uma integração com novas informações. Essas diagramações, aparentemente, demonstram que a Teoria da Metáfora Conceptual e da

Integração Conceptual aparecem como duas possibilidades complementares. As diversas diagramações observadas nesse estudo conferem um papel relevante e funcional às redes de integração conceptual.

Essas redes são atos de (re)construção do significado metafórico/literal. As redes enfatizam os aspectos cognitivos porque levam em conta a percepção do (bem como a reflexão sobre) o conjunto complexo de componentes mentais no mapeamento/projeções, em primeira instância, à (re)construção da geração do significado e, conseqüentemente, ao enriquecimento de outros aspectos, como os criativos/imaginativos. Portanto, as redes envolvem processos cognitivos múltiplos, justificando, assim, o conjunto de processos e estratégias mentais próprios da mesclagem conceptual. As redes também nos permitem uma seletividade das experiências vivenciadas e como as descrevemos. Afinal, a metáfora não se manifesta apenas em expressões linguísticas mas no sistema conceptual do indivíduo, ou seja, a metáfora é conceptual e não linguística por natureza. Então, a EI “o bom cabrito não berra” é construída sob uma metáfora conceptual mais básica O CORPO É UM RECIPIENTE e sua metáfora subjacente ACEITAR É ENGOLIR.

Da análise das duas EIs anteriores podemos tirar algumas conclusões parciais. A metáfora ACEITAR É ENGOLIR nos permite entender o relacionamento entre diferentes expressões linguísticas, tais como “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra” assim como entender as possíveis inferências que são feitas. Além disso, nos permite raciocinar sobre ACEITAR usando o conhecimento que temos sobre ENGOLIR. Sendo assim, estamos diante de um mecanismo que nos permite observar quais são as emergências dessa metáfora. As EIs são baseadas em mapeamentos conceptuais não-linguísticos. Segundo Katz et al. (1998, p. 29) os mapeamentos estão em um nível superordenado: os mapeamentos preservam a topologia cognitiva do domínio fonte (no caso de nossa expressão, ENGOLIR) de tal forma que é consistente com a estrutura inerente ao domínio alvo (no caso, ACEITAR). Há um conjunto abstrato de conexões entre os elementos, uma rede de inter-relações ancoradas na figuratividade, em uma relação conceptual. Reagimos mentalmente diante do literal vs. figurativo uma vez que eles são motivados. Essa dicotomia entre “literal” e “figurativo” emerge do pensamento e envolve a composicionalidade da EI. Sapo se refere a uma categoria de coisas que não são consideradas alimento. Na categoria “engolir”, adicionalmente, estão membros que são palatáveis e engolíveis como alimentos, líquidos, pastosos, dentre outros. Esta conexão entre ENGOLIR e SAPO é considerada literal caso se refira a algo real no mundo

e imaginativa/figurativa se não houver essa referência. Esse ponto de vista distingue o tipo de pensamento e linguagem, chamados de “figurativo” ou “literal” que emerge de operações cognitivas e mecanismos linguísticos e evoca diferentes reações. Para Turner (1998, p. 65 citado por Katz et al., 1998) o conteúdo dos espaços da mesclagem conceptual depende dos domínios e enquadres cognitivos dos quais eles são construídos. Os espaços genéricos concentram informações variadas envolvendo aspectos tanto literais quanto figurativos; os mapeamentos entre os espaços de entrada formam o conteúdo do espaço genérico (sejam entidades, eventos ou participantes).

Se o espaço genérico contém tanto o figurativo quanto o literal, podem ser projetados aspectos de ambos para a geração do sentido e, nesse caso, o espaço genérico pode ser único para as duas modalidades (verbal e não-verbal), conforme pode ser observado na figura 61.

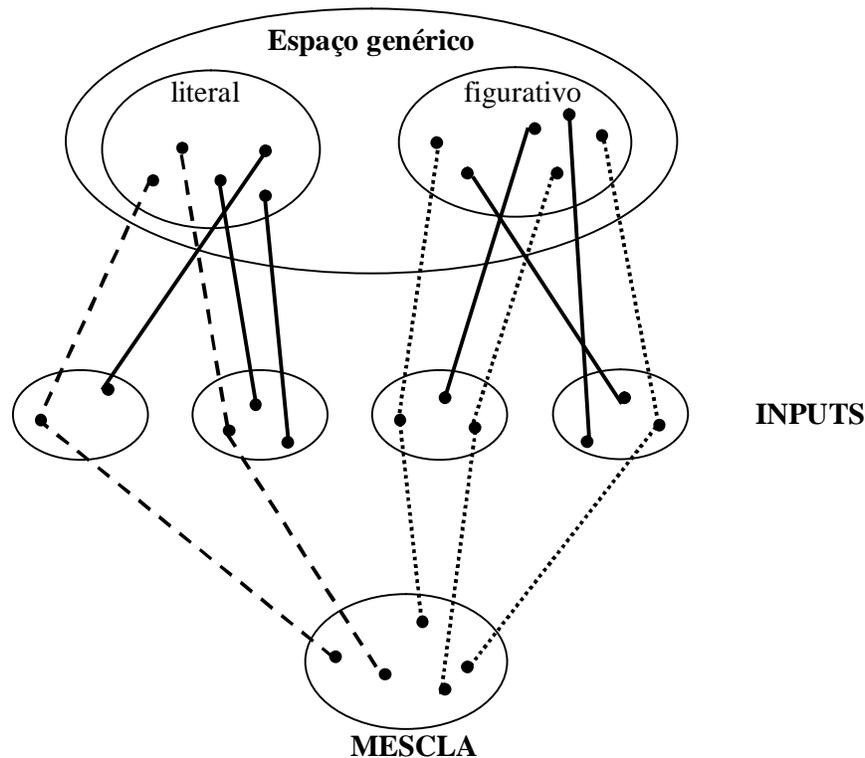


Figura 61: elementos integrantes de uma projeção seletiva.

Legenda: - - - percurso do Espaço Genérico literal → *inputs* → mescla  
 ..... percurso do Espaço Genérico figurativo → *inputs* → mescla  
 ————— percurso do Espaço Genérico figurativo → *inputs* (não projetados para a mescla)

Como já dito anteriormente, a organização da mescla depende de cada uma das projeções. A metáfora base O CORPO É UM RECIPIENTE propicia mapeamentos metafóricos. Tal metáfora é altamente produtiva e está presente em muitas construções particulares como as quatro EIs de nosso *corpus* e é, em si, abstrata, como é abstrata a metáfora subjacente ACEITAR É ENGOLIR. Ainda assim, elas requerem projeções conceptuais adicionais. Mas, temos que levar em conta as projeções literais.

Quais são as implicações da mesclagem conceptual para a distinção entre literal vs. figurativo? A rede de mesclagem generaliza a afirmação de que das mesmas operações conceptuais e linguísticas subjazem expressões figurativas e literais, dependendo do tipo de relações são estabelecidas na rede de integração e esse tipo de rede depende parcialmente do status de cada contraparte no mapeamento entre espaços de entrada (TURNER, 1998, p. 68). Na literalidade aparenta que não haja competição entre a organização das projeções dos *inputs*.

As EIs “engolir sapo” e “o bom cabrito não berra” se referem ao conceito CALAR e são semanticamente equivalentes. No entanto, cada expressão, quando compreendidas metaforicamente, corresponde a um aspecto particular desse conceito, subjacente à metáfora ACEITAR É ENGOLIR. A linguagem figurativa diverge de seu significado literal, cada EI é motivada por mapeamentos metafóricos. O conhecimento metafórico provê parte dos elos de ligação entre as expressões e suas interpretações figurativas.

Apesar da visão tradicional de que as EIs são não-composicionais ou tendo itens individuais analisáveis, essas EIs aparentam ser decomponíveis, com os significados de suas partes contribuindo independentemente para seu significado figurativo.

Passemos, então, para a outra metáfora subjacente de nosso *corpus* IDEIAS SÃO ALIMENTOS. Essa metáfora abrange um aspecto semelhante ao da anterior – tem o alimento como conceito central, seja ele palatável ou não, seja de fato, um alimento (um ser físico tido como tal) ou uma ideia (que se liga ao campo abstrato). É o alimento “metaforizado” em ideias.

## 5.2 IDEIAS SÃO ALIMENTOS.

A metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS (IDEAS ARE FOOD (LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 85; GRADY, 1997, p. 75, KÖVECSES, 2002, p. 73)) é uma metáfora conceptual que nós vivenciamos no cotidiano. Quando dirigimos nossa atenção para o que motiva a existência de metáforas ligadas a ALIMENTO poderíamos perceber a existência de traços perceptuais que podem permitir o entendimento da geração dessas metáforas.

Na concepção de Lakoff e Johnson (1980a, p. 190), a metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS estabelece contiguidades entre IDEIAS e ALIMENTO. Ambas podem ser digeridas, engolidas, devoradas e requentadas e ambas podem nos alimentar de alguma forma. Segundo esses autores, estas contiguidades não existem independentemente da metáfora. O conceito de *ingerir comida* é independente da metáfora, mas o conceito de *ingerir ideias* surge somente em virtude da metáfora. A metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS se fundamenta em metáforas mais básicas, no nosso caso, O CORPO É UM RECIPIENTE, que estabelece uma contiguidade entre o corpo e um recipiente e segundo a qual a IDEIA e o ALIMENTO estão dentro desse recipiente ou fora, prontos para serem “*ingeridos*”. Tanto o corpo quanto o recipiente são ambos recipientes e, portanto, as ideias são alimentos que podem entrar ou sair desse corpo recipiente, da mesma maneira que nos alimentamos de substâncias líquidas, sólidas, pastosas, dentre outras. Para Lakoff e Johnson, esta contiguidade entre as IDEIAS e o ALIMENTO é criada metaforicamente e é subjacente da metáfora base. A metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS se ajusta parcialmente a nossa experiência e a causa dessa contiguidade é induzida pela metáfora e proporciona uma forma de entendermos certos processos psicológicos, uma vez que precisamos de formas de conceptualização diretas e bem definidas.

Nos termos de Kövecses (2002, p. 72-74) a metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS nos ajuda ou capacita a perceber similaridades estruturais entre o conceito abstrato de IDEIA e o de ALIMENTO. Primeiro, o autor apresenta algumas das estruturas percebidas entre os dois conceitos, ou seja, nós cozinhamos alimentos e então podemos cozinhar as ideias; nós engolimos alimentos e podemos engolir uma solicitação ou insulto; nós mastigamos a comida e podemos mastigar sugestões; digerimos alimentos e podemos ou não digerir uma ideia, somos nutridos pelo alimento que comemos e nutridos por ideias. Sendo assim, o autor aponta aquilo que percebemos como

semelhanças estruturais entre os conceitos de alimento e ideias (que, de certa maneira, também vale para a metáfora ACEITAR É ENGOLIR):

### ALIMENTO

- (a) nós a cozinhamos
- (b) nós engolimos ou refutamos comê-la
- (c) nós a mastigamos
- (d) o corpo o digere
- (e) digerir alimentos provê nutrientes

### IDEIAS

- (a) nós pensamos sobre elas
- (b) nós aceitamos ou rejeitamos
- (c) nós as consideramos
- (d) a mente a entende
- (e) entender provê bem estar mental

Para Kövecses (2002, p 73), nós podemos representar estas similaridades estruturais percebidas na forma de mapeamentos:

- (a) cozinhar → pensar
- (b) engolir → aceitar
- (c) mastigar → considerar
- (d) digerir → entender
- (e) nutrir → bem-estar mental

Esses mapeamentos, afirma o autor, podem também ser expostos como metáforas conceptuais que oferecem os submapeamentos da metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS:

- (a) PENSAR É COZINHAR (THINKING IS COOKING – *Let me stew over this* – Deixe-me pensar sobre isto)
- (b) ACEITAR É ENGOLIR (ACCEPTING IS SWALLOWING - *I can't swallow that claim* – Eu não posso engolir essa afirmação)
- (c) CONSIDERAR É MASTIGAR (CONSIDERING IS CHEWING – *Let me chew over the proposal* – Deixe-me mastigar esta proposta)
- (d) ENTENDER É DIGERIR (UNDERSTANDING IS DIGESTING – *I can't digest all these ideas* – Eu não posso digerir todas essas ideias)
- (e) BEM-ESTAR MENTAL É NUTRIÇÃO FÍSICA (MENTAL WELL-BEING IS PHYSICAL NOURISHMENT – *He thrive on stuff like this* – Ele prospera com assuntos)

Estas metáforas, afirma Kövecses (2002, p. 74), emergem de certas suposições que fazemos acerca do corpo humano como: (a) O CORPO É UM RECIPIENTE (THE BODY IS A CONTAINER), (b) os alimentos consistem de objetos ou substâncias e (c)

recebemos alimento de fora do corpo e ele entra para esse corpo. O autor conclui afirmando que dadas estas suposições sobre o corpo e metáforas que mapeiam esse entendimento na mente, ele faz sentido para nós que falamos e pensamos sobre ideias e a mente em formas que refletem nosso conhecimento estruturado sobre alimento e o corpo. Isto mostra como as metáforas podem facilitar a percepção de similaridades estruturais entre domínios diferentes e conceptualmente distantes. Diante do exposto temos os mapeamentos e submapeamentos de nossa pesquisa: O CORPO É UM RECIPIENTE que gera tanto ACEITAR É ENGOLIR quanto IDEIAS SÃO ALIMENTOS. Sendo assim, os alimentos podem estabelecer alguns mapeamentos para ideias. Vejamos alguns deles.

- (a) **Alimentos** – Segundo Lakoff e Johnson (1980a, p. 85-87), a metáfora conceptual IDEAS ARE FOOD (IDEIAS SÃO ALIMENTOS) pode ser subdividida em outras metáforas conceptuais ligadas ao alimento como: (i) APRENDER É COMER (Não temos que dar de comer a nossos estudantes), (ii) ENTENDER É SABOREAR (Prove-me (ou seja, tente me entender), Esta ideia é insípida), (iii) ENTENDER É DIGERIR (Ele digeriu minha ideia), (iv) LEMBRAR É REGURGITAR (A propaganda voltou-se contra nós, tivemos que vomitar o que dissemos), (v) OFERECER IDEIAS É COZINHAR (Ele colocou muitas fatias naquela ideia), (vi) ACREDITAR É ENGOLIR (Mesmo que esta ideia lhe pareça absurda, engula-a com um pouco d'água) e (vii) PERSUADIR É COMER (Ele está comendo seu cérebro).
- (b) **Ideias** – Para Lakoff e Johnson (1980a, p. 85-87), nenhum conceito único, concreto, básico é sempre estruturado exatamente da mesma forma para definir completa e precisamente qualquer conceito abstrato único. Sendo assim, nós entendemos conceitos abstratos em termos de muitas definições metafóricas, sendo que cada uma captura apenas parte do conceito. Por exemplo, o conceito de IDEIA é definido por um rico e complexo cacho de metáforas: (i) IDEIAS SÃO ORGANISMOS (ex.: A Psicologia Cognitiva ainda está em sua infância), (ii) IDEIAS SÃO PRODUTOS (ex.: Ele produz um ideia a cada segundo), (iii) IDEIAS SÃO MERCADORIAS (Ele não vai comprar aquela ideia), (iv) IDEIAS SÃO RECURSOS (Vamos poupar nossas ideias), (v) IDEIAS SÃO DINHEIRO (Ele tem uma riqueza de ideias), (vi) IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES (Aquilo cortou o coração da questão), (vii) IDEIAS SÃO ALIMENTOS (Eu não posso engolir essa ideia), (viii) IDEIAS SÃO PESSOAS (Essas ideias morreram na Idade Média; A ideia é o pai da biologia), (ix) IDEIAS SÃO PLANTAS (Suas ideias finalmente frutificaram), (x) IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS QUE

CORTAM (Essa é uma ideia incisiva) e (xi) IDEIAS SÃO MODA (Aquele ideia ficou fora de moda o ano passado).

Cada uma destas metáforas define algum aspecto do que seja uma ideia, mas tomadas juntas elas não oferecem uma definição consistente para o conceito de IDEIA. Cada metáfora realça certos aspectos de um conceito mas não outros. Os conceitos metafóricos emergem da experiência física e cultural, mas alguns aparentam ser mais básicos que outros.

Os exemplos sistemáticos mencionados acima mostram que a metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS (IDEAS ARE FOOD) é convencional. É parte de nossas concepções diárias de ideias e, conseqüentemente, ela é uma metáfora que vivenciamos em nossa cultura. Ela também é parte de maneira como muitas culturas conceptualizam ideias em termos de alimentos, e algumas manifestações linguísticas desta metáfora conceptual podem ser traduzidas entre línguas sem a perda do conteúdo cognitivo.

De fato, o processamento do alimento no corpo é expresso como internalizando ou mentalmente absorvendo uma ideia. Poderíamos dizer que o temperamento do ser humano, seus sentimentos, estados mentais e comportamentos são também parcialmente experienciados em termos de alimentos. Supomos que isso se dê em função do fato de nossos sentimentos e estados mentais não estarem diretamente acessíveis para nosso entendimento, e para termos, pelo menos, um entendimento parcial deles, precisamos experienciá-los em termos de outros conceitos que são mais concretos e, portanto, mais acessíveis para nossa compreensão.

Nas palavras de Pérez (2007), algumas coisas são quase universais, como o “pãozinho diário” e seu imaginário. O básico, a natureza fundamental do pão é refletida em algumas expressões que utilizamos como: "Pão, pão, queijo, queijo", ou a natureza religiosa da expressão "comer o pão que o Diabo amassou", que significa sofrer, passar por “maus bocados”. Ou em expressões como "pão-duro” quando alguém pede algum dinheiro e lhe é dado pouco ou nada. Há casos em que pessoas que têm o mesmo modo de se comportar e são consideradas “farinha do mesmo saco”, o que tem um valor axiológico negativo. Em tempos antigos para designar um rapaz bonito dizia-se “ele é um pão”. Percebemos que o alimento, nesses poucos exemplos que lembramos é um forte componente na construção da idiomaticidade/metaforicidade. O que nos indica que IDEAS ARE FOOD (IDEIAS SÃO ALIMENTOS) é uma metáfora que dá conta das EIs com as quais estamos trabalhando.

Para Perez (2007), muitos aspectos da vida social e cultural são expressos e experienciados em termos de alimentos. Esse tipo de comparação ocorre com facilidade devido à organização sistemática de alimentos e hábitos alimentares dentro de cada cultura. Por meio da língua e por meio das práticas diárias, o alimento é pedido em termos da categorização de alimentos, a organização da produção de alimentos e consumo, e as expressões linguísticas sobre o alimento e o comer. Sistemas culturais de alimento e hábitos alimentares formam a estrutura conceptual que é metafórica por natureza. Em outras palavras, o alimento, como dito por Lévi Strauss (1969),

pode servir como uma metáfora para a família, religião, sexo, gênero, posição social e identidade de grupo, dentre outras coisas. Estas metáforas principais aparecem entre as culturas, mas são organizadas localmente como diferentes pessoas falam de diferentes alimentos e os igualam com elementos específicos de suas vidas. Esta visão de alimento como metáfora oferece explicações de diferentes constructos metafóricos com uma variedade de exemplos locais específicos.<sup>68</sup>

O mesmo autor (2007) apresenta alguns tipos de metáforas que utilizam o alimento, os quais passamos a apresentar alguns deles:

(a) Alimento como metáfora para a religião.

O alimento é uma poderosa metáfora para sacrifício, obediência, auto-disciplina, pureza, generosidade e outros valores chave na vida religiosa e espiritual em volta do mundo. Regras e práticas especiais distinguem e tornam concretos valores complexos e sistema de crenças. Por exemplo, dentre os judeus é proibido comer carne de porco, répteis, anfíbios como forma de ordenar o mundo natural e de acordo com percepções morais e sociais. Esta sistematização da experiência diária em categorias de limpo e sujo oferece uma fundação prática para entender as classificações teológicas e propriamente o relacionamento com Deus. No sistema de crença hindu, o alimento é uma metáfora para o corpo, mente e espírito. Rituais diários de dar alimento

---

<sup>68</sup> Food can serve as a metaphor for family, religion, sex, gender, social position, and group identity, among other things. These principal metaphors appear across cultures, but are organized locally as different peoples speak of different foods and equate them with specific elements of their lives. The following overview of food as metaphor provides explanations of the different metaphorical constructs with a variety of specific local examples.

demonstram o valor da generosidade. As pessoas precisam controlar sua alimentação para tentar alcançar a espiritualidade.

(b) Alimento como uma metáfora para sexo e gênero.

O alimento como uma metáfora para sexo e gênero pode se apresentar sob várias formas. Dentre elas temos o “apetite sexual” que conecta as qualidades masculinas tais como virilidade e força como o provisionamento e consumo de alimento. Dentre alguns povos indígenas de Papua, Nova Guiné, a produção do alimento, as relações de gênero e a reprodução humana são intercambiáveis em um ciclo metafórico de troca de energia. Aos homens é creditado o cultivo de cereais para cobrir as necessidades nutricionais da comunidade enquanto a tarefa das mulheres é cuidar das crianças para garantir o poder masculino da próxima geração. Nesse sentido, as práticas agrícolas dos homens são entendidas em termos das habilidades procriativas das mulheres. O alimento não é somente usado para comunicar ideias sobre os papéis dos gêneros, ele também pode expressar qualidades sexuais. Atos alimentares como uma metáfora visual para sexo em muitas formas de arte. Pode expressar voluptuosidade e sensualidade, tentação e aumento do desejo (ostras e afrodisíacos) e consumo e preenchimento (compartilhar alimento como troca de sucos corporais). O alimento também é usado nas metáforas linguísticas quando os itens alimentares são comparados às partes do corpo em referências à atividade sexual, e, mais geralmente, como terminologia para “apetite sexual”, “fome” e prazer em comum também entre alimento e comer.

(c) O alimento como metáfora para a família.

O alimento pode ser usado metaforicamente para falarmos sobre vários elementos da interação e organização social, um dos quais é a família. Interculturalmente, a família representa muitas coisas. Sua forma básica de organização social, uma unidade econômica e uma estrutura para reprodução social e cultural. Em algumas sociedades a distribuição de alimento e sua preparação são de responsabilidade das mulheres da família e dos homens em outras. A produção do alimento e sua

preparação representam um ato estendido à rede familiar que estrutura os modelos de organização social. Em muitas sociedades contemporâneas, a família nuclear é frequentemente a unidade econômica básica, na qual o dinheiro para o provisionamento do alimento e sua preparação é central. A forma como as pessoas organizam seu alimento e atividades relacionadas a ele também ajudam a definir os papéis dos indivíduos em seus lares. Esses papéis podem depender do gênero ou idade. O prazer de comer e servir o alimento se torna uma metáfora para a estrutura e emoção dos relacionamentos familiares. A discussão familiar sobre a tarefa de preparação ou sobre quem come o que e porque, podem também ter um sentido concreto de lidar com questões da divisão do trabalho domiciliar, as estruturas de poder dentro da família e sua dinâmica. Quando a família está à volta da mesa ou da lareira, o lugar para a refeição é uma metáfora para a solidariedade da família. Em algumas culturas, a lareira é vista como o centro de um lar – lar no sentido de espaço de convivência da família. Os aspectos sensitivos e sensoriais do alimento, assim como o compartilhar de experiências sobre alimentos, podem ajudar a alicerçar a unidade familiar via associações de certos tipos de alimento com pessoas e eventos específicos. Por exemplo, o cheiro de um peru assado pode evocar memórias afetivas de um tempo quando a família estava junta. Desta forma, o paladar e o lembrar dos itens alimentares metaforicamente trazem os membros da família e a lembrança dela sem a mencionar. As receitas assim como histórias acerca do alimento também oferecem elos entre as gerações e ajuda a perpetuar a transmissão e reprodução de práticas culturais e identidades familiares, étnicas, locais e nacionais.

(d) Alimento como metáfora para hierarquia social.

A regulação do alimento e os hábitos alimentares dão origem à metáfora para a estratificação social. Tais variados sistemas como classe, casta e status podem ser pensados em termos de alimentos. Por exemplo, o alimento como posição de classe emerge em discussões de pessoas e seu modelo de consumo. Comer caviar e patê de *foi gras*, beber *champagne*, em algumas sociedades, é visto como consumindo coisas ligadas à luxúria e estão associados com a riqueza das classes mais altas. Em certos países andinos, o tipo de amido comido frequentemente marca as fronteiras de classe e etnicidade, com batatas comidas pelos mais pobres, fazendeiros rurais e farinha branca e pão consumido principalmente por aqueles de classes urbanas mais altas.

(e) Alimento como identidade de grupo: identidades locais e nacionais.

A ideia de alimento como metáfora para a identidade dos comedores vem claramente do modo de falar popular. Por exemplo, a expressão “Você é o que você come” vai além da realidade física do processo digestivo humano e da absorção de nutrientes. Ele compara a existência de alguém e os hábitos alimentares desse alguém com a existência de outros – e as percepções das pessoas de outros e suas formas de classificar os outros. Esse autor apresenta dois tipos de identidades: (i) a nacional e (ii) a local.

**(i) Identidade nacional** – as nacionalidades das pessoas são algumas vezes expressas em termos dos alimentos que eles comem. Nem sempre é positivo, o estereótipo alimentar pode ser pejorativo, como no caso dos franceses chamados de “*sapos*” pelos britânicos e os britânicos serem referidos como “*roastbeefs*” pelos franceses. Enquanto as metáforas do alimento podem desconstruir identidades, elas também podem construí-las. Na cultura japonesa, o arroz é cercado por um complexo sistema de crenças: cada grão de arroz é uma vida com alma própria assim como é alvo de manifestação artística e religiosa. Na vida diária, uma refeição não é completa sem o arroz, as mulheres são julgadas por sua habilidade de cozinhá-lo e a coesão familiar é expressa pela maneira como o arroz é servido em uma tigela comunitária. Esforços para não importar o arroz revelam a extensão da noção dos japoneses da identidade pessoal e nacional.

**(ii) Identidade local** – preservar hábitos alimentares locais tanto pratica quanto metaforicamente promovem a sobrevivência de uma variedade de grupos locais étnicos porque os membros de uma comunidade transmitem sua identidade local em termos de experiências relacionados com o alimento. Por exemplo, em algumas sociedades minoritárias do sudeste dos Estados Unidos (Carolina do Sul e Georgia) as conotações de histórias centradas nas comunidades, o compartilhamento de receitas, os modos e técnicas de preparo e rituais mantêm a identidade cultural pela preservação de maneiras específicas no preparo do arroz. Algumas vezes identidades locais são construídas e mantidas na face de mais identidades fechadas. Nesse sentido, o alimento é uma metáfora não apenas para uma identidade local

específica em questão, mas também para resistência política e cultural. Alguns fazendeiros franceses mantêm os alimentos produzidos artesanalmente apesar da pressão da globalização na indústria alimentícia. Por exemplo, demonstração contra as companhias internacionais de alimentos como o McDonalds ou a produção de queijo *roquefort* fora de seu *habitat*.

A partir dessas metáforas com alimento, Pérez (2007), conclui que as metáforas expressam relacionamentos de ideias usando termos de um sistema conceptual para atingir o entendimento de outro. Através das estruturas para pensar sobre o mundo, as metáforas são moldadas por seu contexto cultural, baseadas em alimentos que circulam em todo globo terrestre. O alimento e os sistemas alimentares são conceitos que evocam metáforas envolvendo questões complexas tais como família, religião, sexo e gênero, posição social e identidade do grupo.

Grady (1997, p. 75) em um capítulo intitulado “Cenas primárias: IDEIAS SÃO ALIMENTOS Revisitado”, dedica-se à discussão da metáfora IDEAS ARE FOOD. Nele está envolvido uma questão foco sobre as motivações experienciais para esta metáfora, qual a natureza dessas experiências, os mapeamentos envolvidos e assim por diante. Segundo Grady estudos prévios da metáfora conceptual têm mostrado ter um papel central nos relacionamentos entre os domínios experienciais. Quando um par de domínios está coalinhado na experiência (ou quando eles compartilham traços estruturais, de alguma forma), esta associação leva à formulação de mapeamentos metafóricos entre os dois.

Levando em conta os dados que foram previamente analisados, como evidência para o mapeamento geral entre domínios de IDEIAS SÃO ALIMENTOS (LAKOFF; JOHNSON, 1980a, p. 85). Grady (1997, p.76) afirma que esta metáfora consiste de uma correspondência metafórica sistemática que mapeia os domínios de ideias no domínio de alimento. Segundo esse autor, a evidência para IDEIAS SÃO ALIMENTOS inclui alguns dos seguintes exemplos linguísticos, retirados de Lakoff e Johnson (1980): a) Há muitos fatos aqui que não são possíveis de serem digeridos; b) Ele é um leitor voraz e c) Aquela ideia ficou fermentando por anos. Esses poucos exemplos tornam claros os mapeamentos envolvendo alimento, comer, cozinhar e assim por diante, que são sistematicamente mapeados em algo menos concreto, domínio de ideias, contemplação e comunicação. Mas, tomando por base as ideias de Fauconnier e Turner, Grady (1997, p.77) afirma que esses domínios são aspectos mais complexos da vida humana e envolvem uma grande quantidade de conhecimento de muitos tipos.

Embora as atividades relacionadas a alimentos ofereçam uma fonte fértil e conceitos que podem ser estendidos para processos mentais e comunicativos (assim como vários outros conceitos abstratos), os dois domínios estão relacionados a apenas um mapeamento único. Um exemplo de falta de sistematicidade no mapeamento entre os dois domínios é o fato de que nós, na maioria das vezes, digerimos o que alguém diz antes de sabermos se podemos *engoli-lo*. No domínio de *alimento*, é claro, *digerir* se refere a um processo que toma lugar após o engolir. Esse fato sugere que a motivação para o uso metafórico de *engolir* não está exatamente o mesmo que a motivação para *digerir*.

Outro conceito envolvido é o de *cozinhar*, segundo Grady (1987, p. 80) esse conceito tem um componente emocional e é motivado pelo menos pela correspondência entre emoções e o calor de um fluído em um *recipiente* (conforme LAKOFF, 1987), assim como por correspondências de domínios do alimento e do intelectual. O processo metafórico de ENGOLIR não implica em ideias intelectuais, mas para a maioria das coisas que são aceitas relutantemente. Para Grady, qualquer coisa que é entendida como um objeto sem o qual um processo particular não pode tomar lugar pode ser metaforicamente conceptualizado como alimento. Quando estamos diante da imagem de tipos de experiência familiar que envolvem cozinhar, alimentar, comer, certos aspectos básicos e experiencialmente salientes destas experiências veem à mente. Dentre elas estão os utensílios que utilizamos (garfo, faca, colher, panela, frigideira), o tipo de refeição (café da manhã, almoço, jantar), o local (tipicamente o local com mesa, cadeiras e assim por diante), o ato de colocar o alimento na boca, o tipo de alimento (por exemplo, pão ou tapioca, café ou leite ou chá), ingredientes (por exemplo, ovos, sal), a sensação de estar satisfeito e assim por diante. Nas palavras desse autor (1987, p. 81) nenhum desses elementos da experiência de se alimentar desempenha um papel convencional em nosso entendimento metafórico de ideias e pensamentos, mesmo embora seja difícil de imaginar um alimento – relacionado a experiência sem evocar a maioria deles. O ponto relevante é que as interpretações das expressões metafóricas requerem alguma criatividade e a evocação de metáforas adicionais, porque não temos nenhuma forma convencional de estender os conceitos de *boca* para o domínio cognitivo (1987, p.82).

Passemos, a partir dessas colocações, a observar cada uma das EIs que subjazem à metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS: “não ter papas na língua” e “só falam abobrinhas”.

### 5.2.1 Não ter papas na língua.

Exemplos de uso da EI “não ter papas na língua”:

Exemplo 1: **FHC aconselha PSDB a 'não ter papas na língua'** - *Presidente afirmou que partido deve ter em vista 2010. Para ele, Alckmin tem conhecimento que herdou de Serra.* (Roney Domingos, disponível em: <http://www.votebrasil.com/noticia/regional/fh>)

Exemplo 2: **Maradona - Sem papas na língua** - *Não culpem o Diego por ser verdadeiro, por não ter papas na língua, por dizer o que lhe vai na cabeça, porque essa é a qualidade que mais aprecio e respeito nele – não ser falso!!!!* (disponível em: <http://madkutznews.blogspot.com/2009/11/maradona-sem-papas-na-lingua.html>)

Exemplo 3: **INTELIGENTE, LOURA E SEM PAPAS NA LÍNGUA** - *Segundo matéria publicada no Jornal Hora, H o diário popular de Nova Iguaçu/RJ, do dia 06 de dezembro, a futura secretária de Economia e Finanças da Prefeitura de Manaus, Maria Helena Oliveira, perdeu a calma e chamou um funcionário de "filho da p". Com o título Agresssiva e desbocada, Secretária chama seus subordinados de filhos da puta, o jornal revela que Maria Helena deixou o Governo Municipal em maus lençóis devido a sua indignação diante da desobediência a uma portaria que ela assinou e que não foi respeitada pelos cartórios do Município.* (disponível em: <http://www.blogdoholanda.com/news/detail.asp?>)

No caso da EI “não ter papas na língua”, percebe-se que remete a SOLTAR, o indivíduo SOLTA, fala o que quer. Mas, não ter papas na língua não apenas é uma recusa em engolir (como em “engolir sapo”); é permissividade para dizer sem respeito a regramentos sociais, ou sem pudor de revelar seus pensamentos sobre um determinado assunto. Não ter papas na língua está associado a soltar as ideias que saem pela boca livremente. Não ter papas na língua não é uma coisa que seja desejável, sendo um eufemismo para “você fala demais”. No primeiro exemplo, sugere-se que “*FHC aconselha PSDB a 'não ter papas na língua'*”, ou seja, em época de campanha é importante falar tudo sobre os adversários (principalmente as críticas e erros cometidos pelo adversário). O segundo exemplo deixa mais clara a condição de dizer tudo o pensa quando coloca “*Não culpem o Diego por ser verdadeiro, por não ter papas na língua, por dizer o que lhe vai na cabeça*” . Aqui as ideias não são contidas nem filtradas, ou seja, pode-se ter “tudo que vier à cabeça” sem restrições. O ultimo exemplo mostra como “não ter papas na língua” pode ter uma conotação negativa diante dos olhos dos

outros “INTELIGENTE, LOURA E SEM PAPAS NA LÍNGUA - Segundo matéria publicada no *Jornal Hora, H o diário popular de Nova Iguaçu/RJ, do dia 06 de dezembro, a futura secretária de Economia e Finanças da Prefeitura de Manaus, Maria Helena Oliveira, perdeu a calma e chamou um funcionário de "filho da p". [...] deixou o Governo Municipal em maus lençóis devido a sua indignação diante da desobediência a uma portaria que ela assinou e que não foi respeitada pelos cartórios do Município*”. O descumprimento de uma portaria levou a secretária a falar sem restrições, a criticar, mesmo usando palavras.

Os termos que compõem a EI “*não ter papas na língua*” também servem como guias interpretativos, na medida em que “*não ter papas no estomago*” ou “*não ter saliva na língua*” não remeteria aos mesmos significados. Sendo assim, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, PAPA remete a sentidos completamente diferenciados: (1) o chefe supremo da Igreja católica; o Sumo Pontífice, o Santo Padre (Ex.: O papa João Paulo II é o primeiro polonês a ocupar o trono de são Pedro); (2) Derivação por extensão de sentido: o chefe máximo de qualquer igreja; (3) profissional ou teórico amplamente reconhecido por sua competência; ás Ex.: ser um papa em ortopedia; (4) Regionalismo: pai. Em uma segunda acepção seria: (1) Uso informal: qualquer alimento qualquer tipo de farinha cozida com água ou leite; mingau; (2) qualquer substância que amolece e se desfaz com o cozimento; (3) qualquer sólido transformado em pasta; (4) uso informal: conversa artilosa e persuasiva; lábia (5) Regionalismo Portugal: lã felpuda, muito pesada e quente, usada geralmente para fazer cobertores (Ex.: cobertor de papa). Em relação à LÍNGUA, temos: (1) Rubrica anatomia geral: órgão muscular recoberto de mucosa, situado na boca e na faringe, responsável pelo paladar e auxiliar na mastigação e na deglutição, e também na produção de sons; (2) Derivação por analogia: qualquer coisa que tenha o aspecto de língua (uma labareda, por exemplo) (Ex.: cercado por línguas de fogo, não tinha saída); (3) o idioma nacional; (4) estilo de expressão particular a um grupo social, profissional ou cultural; linguagem (Ex.: a língua das classes altas, a língua dos matemáticos); (5) Derivação sentido figurado: maneira cruel, maldizente de referir-se aos outros, própria de pessoas falastronas (Ex.: que língua tem essa criatura, meu Deus!); (6) Derivação por extensão de sentido: pessoa que atua como intermediária entre indivíduos que não falam a mesma língua; intérprete, tradutor; (7) soldado que é capturado pelo exército inimigo com a finalidade de, por meio dele, se obter informação sobre posições, planos de ataque, efetivo etc. do seu

exército; (8) pessoa que fala demais (Ex.: aquele era o maior l. do bairro); (9) os idiomas estrangeiros (Ex.: professor de línguas).

O significado metafórico de “não ter papas na língua” segundo o dicionário eletrônico Houaiss é: falar francamente, sem rodeios.

Segundo Pimenta (2004, p. 161), “não ter papas na língua” é falar com total franqueza, sem rodeios. Segundo esse autor, a expressão resultou de uma confusão na tradução do espanhol “*no tener pepita em la lengua*”, em que *pepita* faz sentido porque é um tumor que as galinhas têm na língua e que as impede de cacarejar. Confundiuse *pepita* com *papita* ou *papa*, quando a tradução correta poderia ser “não ter pevide na língua”, o problema, afirma o autor, é que pouca gente entenderia o sentido (em português, pevide, além de semente de fruta, também é uma película mórbida que aparece na língua de algumas aves e que não as deixa beber). Em espanhol, *pepita* veio do latim *pipita* (origem do português pevide) – forma alterada de *pituita*, resina das árvores. *Pepitas*, em castelhano, correspondem a *pevides*, que são películas que revestem a língua de algumas aves, ou, no singular, uma espécie de disartria na qual o paciente tem dificuldade ou até impossibilidade de pronunciar o /r/. De qualquer modo, pode ter havido até uma confluência sêmica, facilitando o entendimento da frase. Também tem os seguintes significados: (a) semente de fruta, provavelmente em razão do líquido espesso, parecido com um uma resina, em que se encontram as pevides e (b) grão de metal (daí o português pepita).

Não ter dificuldade de articulação e não ter daquelas películas, próprias das galinhas, pegadas à língua é poder falar o que quiser. Pode falar o que quiser somente quem “não tem papas na língua”, mesmo que *papas* sejam batatas inglesas (como dizem os gaúchos) ou qualquer tipo de mingau (como se ouve no Nordeste). Quem não tem papas na língua está com a boca desimpedida para falar.

Aliás, achamos que a expressão deve ter sido “*não ter papas na boca*” (se *papas* forem as batatas ou os mingaus). *Língua* deve ter surgido como uma analogia com *idioma*; uma espécie de assimilação semântica.

Na DP (Fernandes, 2001, p. 85), vemos uma língua fora da boca onde estão presentes alguns representantes eclesiais: um cardeal no topo, um bispo no centro e um padre na base, na ponta da língua. Há uma hierarquia religiosa representada ali. A única ausência é a do senhor supremo da igreja católica: o papa. No entanto, é necessário ressaltar que “papa” tem outros sentidos. Sendo assim, há um jogo de palavras, uma ambiguidade, e isso permite ao indivíduo seguir por dois caminhos

diferentes: literal ou figurativo e, dependendo dessa escolha a construção do sentido metafórico será completamente diferente: figurativo como “falar tudo que pensa” ou literal “algum alimento na língua”.

Os mapeamentos estabelecem correspondências conceptuais básicas e essenciais ou mapeamentos entre os elementos que integram os domínios conceptuais. Como um duplo mapeamento é possível, estabelece-se um mapeamento entre o CALAR e o EXPRESSAR IDEIAS, garantindo um outro espaço no qual está inserida a mesclagem conceptual.

No diagrama a seguir (figura 62), estamos diante de dois conceitos concretos: PAPA e LÍNGUA. Há outros como religião, alimento, partes do corpo e assim por diante. Papa, nesse caso, é polissêmico e o leitor poderá utilizar uma de suas significações. Dependendo de sua escolha haverá uma variação no sentido apropriado à EI. Portanto, da DP podemos retirar:

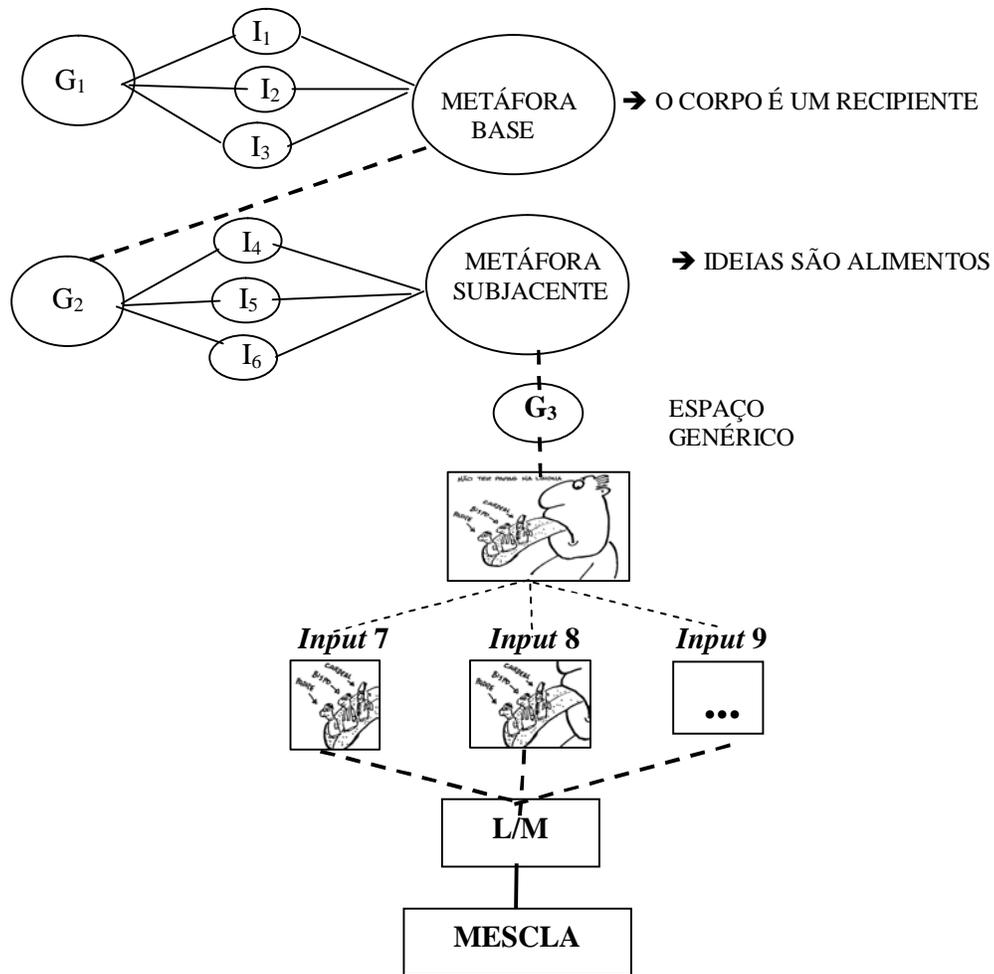


Figura 62: projeção pictórica para não ter papas na língua.

Da DP da EI “não ter papas na língua” podemos observar:

- O homem, com uma língua em realce do lado de FORA da boca (do recipiente) e isso indica que pode exteriorizar seus pensamentos, suas ideias;
- Há os nomes de cada uma das autoridades eclesiásticas da hierarquia indicadas por setas;
- Não há um papa (chefe da igreja católica), mas, novamente, só a imagem não indica que falta esta representatividade. Poderia ser um coroinha, um padre, um religioso qualquer ou qualquer outra coisa dentro da categoria RELIGIÃO ou AUTORIDADE ECLESIASTICA. Somente quando lemos a EI verbal é que percebemos que de fato o papa não se encontra na língua. Mas papa (alimento) ou pepita (doença) é que impede a fala e não a tendo a fala está liberada. Não é a autoridade eclesiástica que impede a fala, apesar de o Papa determinar a conduta e preceitos éticos de muitos religiosos;
- A figura é de um homem com a língua de fora;
- Os possíveis *inputs*, nesse caso, são: a língua, o homem, a hierarquia eclesiástica, a ausência do papa, as setas indicativas de cada autoridade, dentre outros.

Na interpretação da EI + DP a mesclagem conceptual dá conta de explicar (ou tentar explicar) quais mecanismos estão envolvidos na geração do sentido metafórico. A expressão linguística “não ter papas na língua” é utilizada como guia para a geração do sentido, ou seja, “falar tudo o que pensa”. No caso de “engolir sapo”, o sapo impedia a fala, a comunicação, o falar, já em “não ter papas na língua” o caminho está livre, não há nada que impeça a fala. As consequências de falar “tudo” o que se pensa pode se reverter contra quem fala, pois há um interlocutor que recebe as ações do falar do outro.

O diagrama a seguir (figura 63) apresenta uma possibilidade de como isso poderia acontecer:

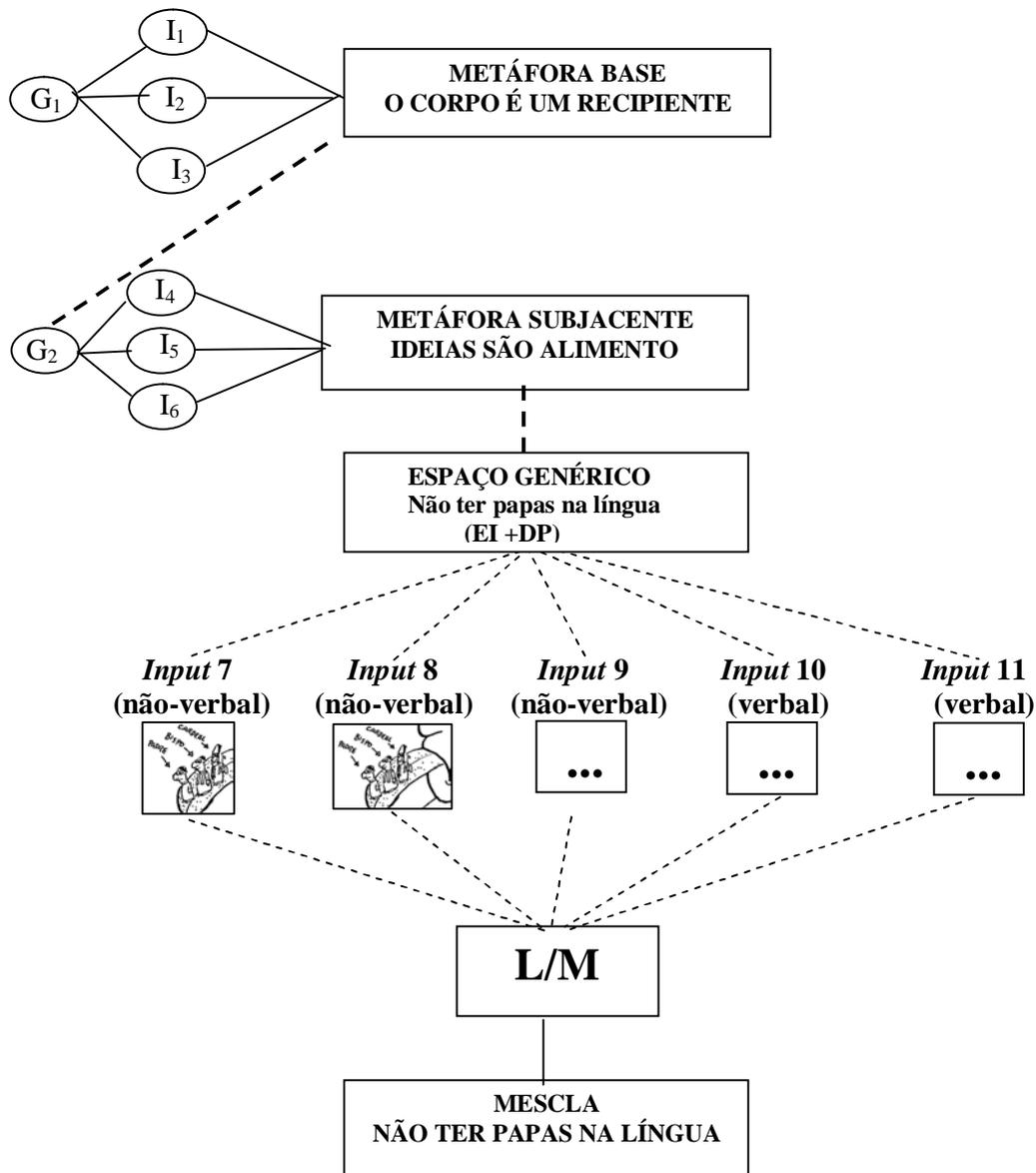


Figura 63: multimesclagem para não ter papas na língua.

A motivação conceitual para a EI, ocorre da seguinte maneira:

Significado idiomático = “falar tudo que pensa”.

Significado literal: não ter uma doença na língua ou um alimento qualquer que impeça a  
fala.

Mecanismo cognitivo = metáfora: IDEIAS SÃO ALIMENTOS

Domínios conceptuais: PAPAS e LÍNGUA

Forma linguística = não ter papas na língua

Forma pictórica =



Significado das formas = “papas” e “língua”

Nessa expressão, o domínio de PAPAS é usado para entender um conjunto de conceitos e a metáfora conceptual provê motivação semântica para a ocorrência de palavras em particular nas EIs. Os domínios de PAPAS e LÍNGUA são usados para entender o domínio de “falar tudo que pensa”, ou seja, “falar tudo” é compreendido via metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE e sua metáfora subjacente IDEIAS SÃO ALIMENTOS. Isso nos permite afirmar que uma mesma metáfora pode gerar inúmeras EIs (apesar de em nosso *corpus* demonstramos apenas duas EIs para cada metáfora). As metáforas conceptuais podem ser vistas como motivando conceptualmente o uso de palavras como PAPAS e LÍNGUA, dado que elas existem e servem de elos de ligação entre os dois domínios conceptuais independentes. Por conta das conexões que elas fazem em nosso sistema conceptual, a metáfora nos permite usar termos de um domínio para falar sobre um outro domínio. As EIs que aplicam esses termos são acerca de certos domínios como resultado da existência de metáforas conceptuais. A palavra PAPA, levando em conta seus significados apresentados no dicionário Houaiss, daria origem às seguintes projeções:

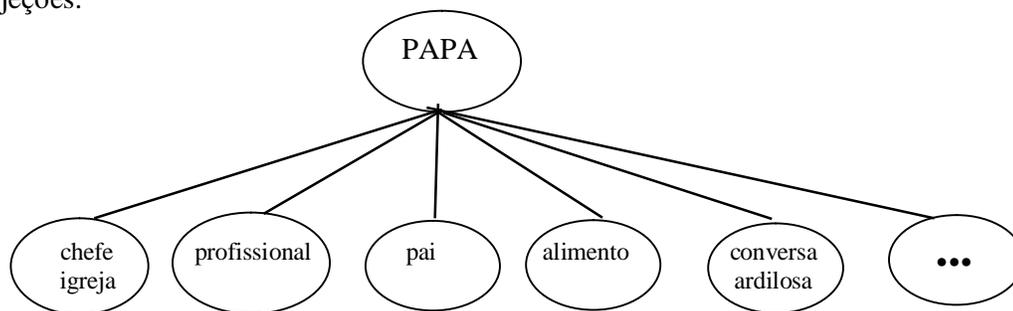


figura 64: projeções do conceito PAPA.

E, para “LÍNGUA”, pode ocorrer o mesmo

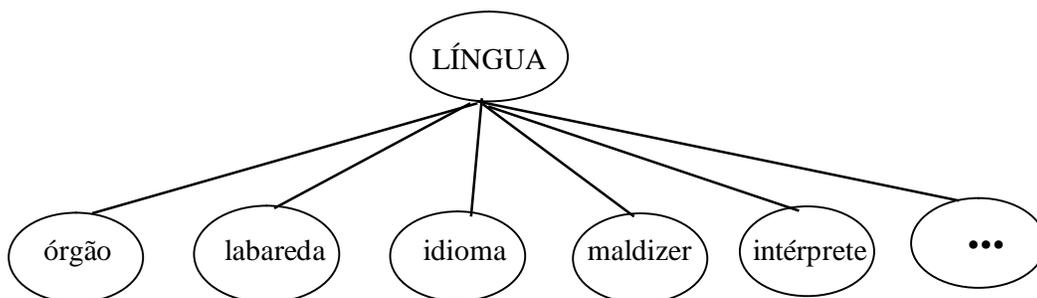


figura 65: projeções do conceito LÍNGUA.

Na EI “não ter papas na língua”, temos uma situação relacionada a aspectos do fenômeno FALAR, incluindo o fato que “não ter papas na língua” é não ter nada impedindo a comunicação. O termo lexical “papas” sugere, em adição à “língua” que é o domínio conceptual (o conceito) de PAPA - e não suas palavras individuais – que participa no processo de criação da EI. As palavras individualmente meramente revelam esse processo de conceptualização. A EI “não ter papas na língua” não pertence ao domínio de PAPAS como tal, ela é uma emergência da metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS e, com isso, é possível ser feita uma importante generalização: as EIs analisadas nesse estudo são produtos de nosso sistema conceptual e não simplesmente uma questão de língua (ou seja, uma questão de léxico). As EIs não são apenas expressões que têm um significado que é, de alguma forma, especial em relação ao significado de suas partes constituintes, mas os seus sentidos emergem de nosso conhecimento mais geral, do mundo corporificado em nosso sistema conceptual, como afirmado por Kövecses (2002, p. 201). Em outras palavras, as EIs são conceptuais e não linguísticas, por natureza. E, dessa forma, podemos contar com o conhecimento para dar sentido a significados das EIs e, por isso, seus significados podem ser vistos como motivados e não arbitrários. O conhecimento provê a motivação para o significado idiomático global; essa motivação para ocorrência de palavras particulares nas EIs pode ser pensada como um mecanismo cognitivo que une domínios do conhecimento para os significados idiomáticos. Esse mecanismo envolve a metáfora e o conhecimento sociocultural, dentre outros.

Lembramos que todo aquele processamento exemplificado para “engolir sapo” também se aplica às duas EIs referentes à metáfora subjacente IDEIAS SÃO ALIMENTOS.

### 5.2.2 Só falam abobrinhas.

Exemplos de uso da EI “só falam abobrinhas”:

Exemplo 1: *Porque algum homens só falam abobrinhas? - eles sentem prazer ??? até hje só conheci um menino que ã falasse... quer disser... ele fala mais ã é tão idiota quanto alguns outros...* (disponível em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?>)

Exemplo 2: *Com sinceridade, os comentários que afloram seu flogue , alguns são de pessoas que nunca souberam o que é futebol, nem tão pouco o que é ser técnico, muitos que falam que alguns são “merda” esta palavra só pode representar a pessoa que a escreveu. Todos os listados são de grande valor e está de parabéns pela iniciativa, os que faltaram decerto não fazem parte da elite dos torcedores que são “os técnicos do futebol brasileiro que só falam abobrinhas”* (Mauricio Stycer, disponível em: <http://colunistas.ig.com.br>)

Exemplo 3: *Que bom que encontrei este fórum porque o outro não prestam informações sobre o concurso e sim só falam abobrinhas.* (Carmen Saluchi, disponível em <http://forum.pciconcursos.com.br>)

Esses exemplos revelam um significado de “só falam abobrinhas” que é “falar besteira”, nada útil. Através da frase *“Porque algum homens só falam abobrinhas?”*, percebe-se uma crítica feminina ao comportamento masculino. NO segundo exemplo, fica mais clara o falar algo sem profundidade: *“[...] alguns são de pessoas que nunca souberam o que é futebol, nem tão pouco o que é ser técnico, muitos que falam que alguns são “merda” [...] ‘os técnicos do futebol brasileiro que só falam abobrinhas’”*. O último exemplo reafirma essa significação: *“Que bom que encontrei este fórum porque o outro não prestam informações sobre o concurso e sim só falam abobrinhas”*.

Da mesma forma que nas expressões anteriores, observando o termo FALAR da EI “só falam abobrinhas”, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, temos: (1) exprimir por meio de palavras (Ex.: já nos últimos tempos de sua vida, mal falava); (2) expor pensamentos; discorrer, conversar, contar (Ex.: falaram trivialidades); (3) Derivação sentido figurado: fazer(-se) compreender; demonstrar (Ex.: os olhos falavam o que a boca não dizia); (4) saber exprimir(-se) em outro idioma que não o seu (Ex.: fala inglês fluentemente); (5) Rubrica linguística: comunicar-se com outro(s) falante(s) segundo um sistema definido próprio de uma comunidade linguística, ou seja, por meio de uma determinada língua (Ex.: falar português); (6) entrar em acordo; combinar, ajustar (Ex.: foi exatamente o que se falou (com ele)); (7) Regionalismo Brasil: dizer, declarar (Ex.: ele (nos) falou que vinha); (8) contar a verdade, revelar (Ex.: por fim, o criminoso falou); (9) Regionalismo Brasil: dar a palavra definitiva (Ex.: falou está falado); (10) dizer mal (de alguém) (Ex.: fala até da própria mãe). Em relação ao termo ABOBRINHA temos: Regionalismo Brasil: (1) Rubrica agricultura: fruto de uma variedade da abóbora-moranga (*Cucurbita pepo*), usado na alimentação humana ainda

verde, após decocção, e de forma ovóide, quase cilíndrica, casca geralmente lisa, verde-clara com rajados mais escuros, e polpa levemente esverdeada ou amarelada, com sementes esbranquiçadas, pequenas e achatadas; (2) Rubrica angiospermas: designação comum a várias plantas dos gêneros *Cucurbita*, *Wilbrandia* e *Cayaponia*, da família das cucurbitáceas; (3) Regionalismo Brasil Uso informal: conversa superficial; (4) Regionalismo Brasil Uso informal: afirmação que contém erro ou é, em si mesma, tola ou absurda; (5) Regionalismo Brasil Uso informal: cédula de mil cruzeiros, de cor abóbora, com a efígie de Pedro Álvares Cabral, que circulou no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960.

O significado metafórico para “só falam abobrinhas”, segundo o dicionário eletrônico Houaiss é: conversa superficial; afirmação que contém erro ou é, em si mesma, tola ou absurda

A abobrinha é um legume, que pertence ao gênero das abóboras e costuma-se colher ainda verde. No Brasil, a palavra abobrinha, dependendo do contexto, além de representar um alimento pode ser usada com o significado de "falar besteira", “falar bobagens”, “falar coisas sem valor”, “assuntos desinteressantes”, como, por exemplo, na frase “Joãozinho só fala abobrinhas.

Sendo assim, quando dizemos que alguém está “falando abobrinhas” queremos dizer que seu discurso não diz nada, só faz barulho e engana (ou distrai) os ouvintes (ou leitores) tomando-lhes tempo com generalidades vazias, expressões que não indicam nada de importante para orientar o pensamento ou qualquer outra forma de ação. É, mais do que tudo, não um discurso sobre algo, mas um discurso para distrair dos próprios pensamentos, sentimentos, disposições ou objetivos do autor. Não falar a palavra, mas falar o que corresponde a inutilidades verbais. “Discurso sem propósito” o também chamado “papo furado”. “Falar besteira”, “blefar”, “dizer o que não pode ser verificado ou avaliado” são equivalentes. A expressão pode ser uma forma de encobrir algo indesejável, mesmo que seja a incapacidade de dizer algo com algum significado, de algum valor para construir uma interação proveitosa.

Falar abobrinhas, segundo Bercitto et al. (2008), remete à antiga nota de mil cruzeiros que era conhecida por “abobrinha” porque tinha um tom amarelado que lembrava o legume. A abobrinha passou, assim, a ser desvalorizada também. Nesse sentido, abobrinha deixa de ser algo comestível.

Para geração do sentido, recrutamos a palavra abobrinha (legume) para usá-la como guia interpretativo. Estamos diante daquilo que sabemos (se já consumimos

abobrinha ou já vimos e reconhecemos) com aquilo que deduzimos ou trazemos de nosso conhecimento prévio/intertexto, via questões contextuais e culturais. A abobrinha deixa de ser algo comestível e passa a representar “besteira, coisas sem sentido”. Temos que inferir, a partir dessa construção, que o texto compara a relação entre o legume e o falar “besteira”, relações estas estabelecidas para essa EI, essa formação discursiva. A ideia metafórica que surge a partir da estrutura emergente é que falar abobrinhas é falar coisas sem sentido.

Como exemplo, isolamos alguns dos conceitos atrelados à DP e suas possíveis projeções:

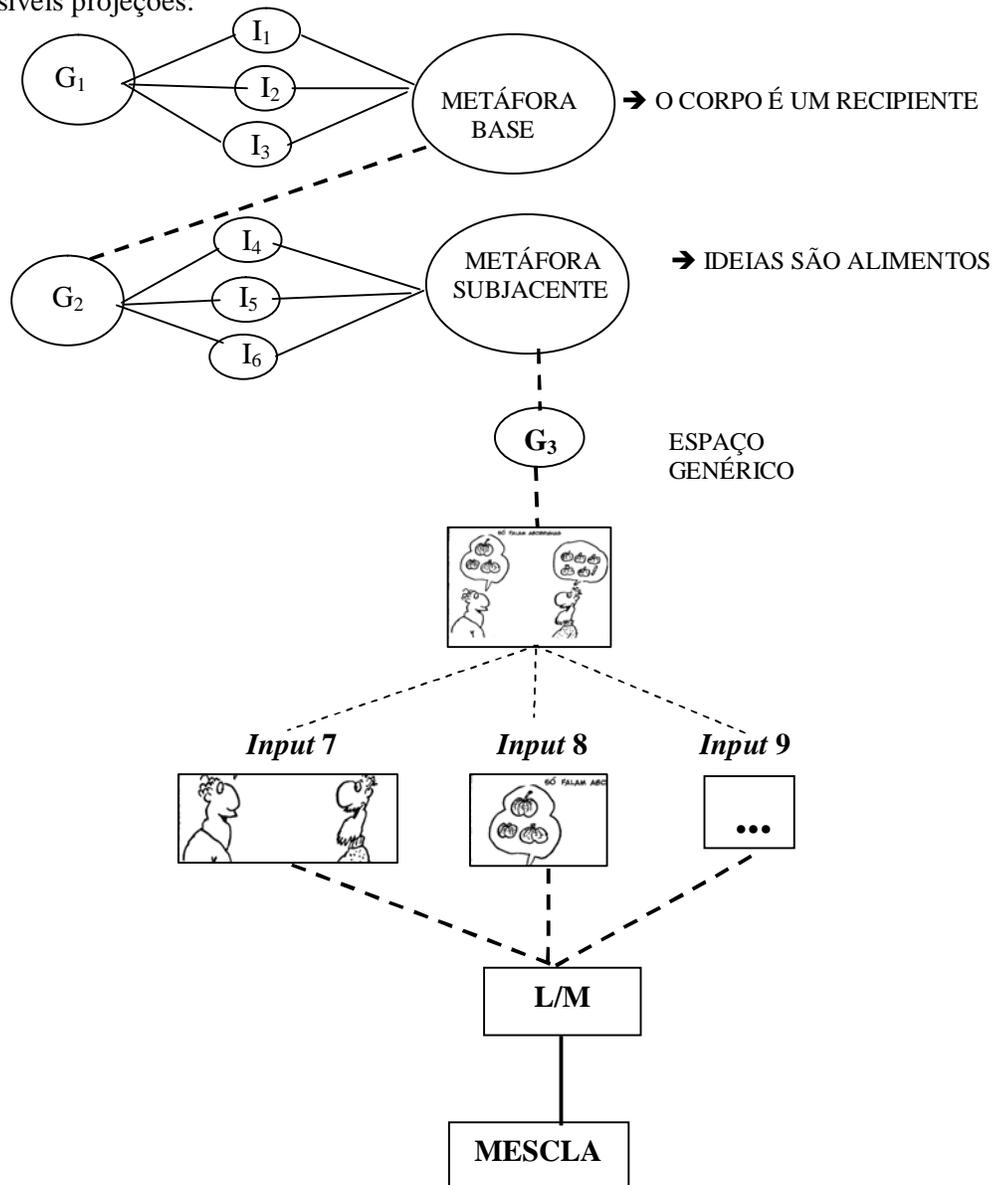


Figura 66: projeção pictórica para só falam abobrinhas.

Nesse caso, temos os conceitos FALAR e ABOBRINHAS. Os mapeamentos são feitos a partir de cenários particulares – espaços nos quais são estruturados pelos domínios de FALAR e ABOBRINHAS e outros que não se fazem presentes na representação visual. O autor apela para nosso conhecimento de ABOBRINHAS e do FALAR assim como de nossa experiência visual. Podemos perceber que a estrutura recrutada é apenas um pequeno subconjunto do conhecimento daqueles domínios. Há um mapeamento inter-espaços entre esses *inputs*. Esta mesclagem retira também muito de sua estrutura do enquadre cognitivo do ato de falar. Aparentemente “abobrinhas” não tem nenhum equivalente com “falar besteira”, mas é isso que torna essa operação criativa.

Da EP da EI “só falam abobrinhas” pode observar:

- Dois homens estão dialogando, as abobrinhas estão do lado de FORA do pensamento, da mente, o falar exige expressão, exteriorização de pensamentos/ideias;
- Alguns elementos indicam que está havendo um diálogo: os balões, dois homens frente a frente e as bocas abertas;
- Porém, o que é usado dentro do balão são abóboras pequenas (ou aboborazinhas) e não a abobrinha de fato. A configuração da abobrinha é totalmente diferente da abóbora do desenho (em geral verde com traços amarelos);
- Cada abóbora do desenho indica um termo dentro de uma frase do diálogo. No primeiro balão temos três abóboras maiores enquanto no segundo balão temos cinco abóboras menores e um ponto de exclamação. Isso pode ser indicativo de que um dos personagens falou algo a mais, só não é possível sabermos o que;
- Os *inputs*, nesse caso, são: os dois homens, os balões, as abóboras, a boca aberta em sinal de diálogo, o fato de os homens estarem frente a frente, dentre outros.

Um aspecto a ser ressaltado nesta DP é a comunicação feita através de “balões” como nas histórias em quadrinhos. Os ‘balões’ podem ser de tamanhos e formatos diferentes. Os balões ajudam a identificar alguns aspectos relacionados às DPs, como o fato de demonstrar o tipo de sentimento envolvido nas falas dos personagens contidos na imagem. São úteis para indicar sentimentos/situações como: alegria, raiva, briga, amor dentre outros. Há marcas nas DPs como sons (os traços saindo da boca do cabrito em “o bom cabrito não berra”), e outras como as apresentadas na seção 2.3 desse estudo que indicam uma metáfora visual. O balão serve como um dispositivo útil para expressar as metáforas visuais de tal forma que possam transmitir situações por meio de

imagens, com ou sem utilização do texto verbal. Por exemplo, quando o personagem está nervoso, sai fumaça de sua cabeça, quando alguém está correndo muito rápido, aparecem vários traços paralelos e uma nuvenzinha para demonstrar seu deslocamento. Cédulas e moedas indicam que a pessoa está pensando em dinheiro, assim como corações indicam amor.

No caso de nossa DP, o balão possui linha continua na direção dos personagens indicando que estão conversando, se estivessem pensando haveria uma sequência de bolinhas/pontos. O balão, portanto, também indica, segundo certas convenções, uma pessoa falando, pensando, dormindo e assim por diante. Dessa maneira ele se torna um elemento constituinte da linguagem, um recurso gráfico utilizado para tornar visível algo ausente como o som. Através do balão o ilustrador consegue uma visualização espacial do som. O balão, no nosso caso, é um recurso gráfico representativo da fala ou do pensamento, que procura indicar interação conversacional e não são nem puramente verbais nem puramente pictóricos. Eles podem ser vistos como um algo que diminui a distância entre texto e imagem.

Uma representação possível da multimesclagem incluindo o aspecto verbal seria a seguinte (figura 67):

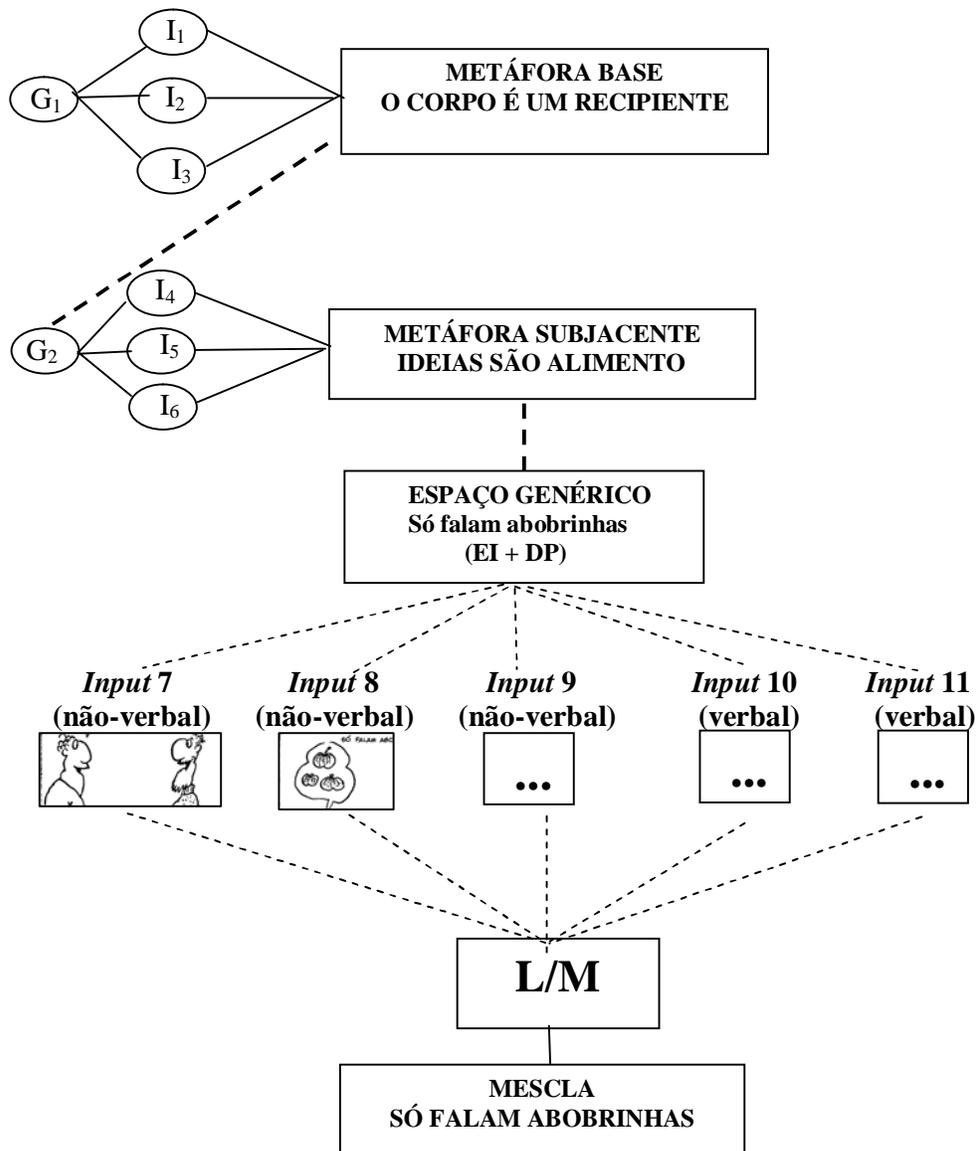


Figura 67: multimesclagem para só falam abobrinhas.

A motivação conceptual para a EI, ocorre da seguinte maneira:

Significado idiomático = “falar coisas sem sentido”

Significado literal: falar de um vegetal – abobrinhas (?)

Mecanismo cognitivo = metáfora: IDEIAS SÃO ALIMENTOS

Domínios conceptuais: FALAR e ABOBRINHAS

Forma linguística = só falam abobrinhas

Forma pictórica =



Significado das formas = “falar” e “abobrinhas”

A identificação do sentido literal, nesse caso é mais difícil de ser atingido e remeter ao idiomático. Sua desconstrução pictórica apresenta abóboras ao invés de abobrinhas e é possível se falar “besteiras”, falar alto, falar grosso, mas falar abobrinhas literalmente é menos sugestivo. Ao analisar a expressão “só falam abobrinhas” não podemos ignorar o papel das correspondências nos mapeamentos entre os domínios. Daí vem a importância, na análise das EIs do *corpus*, da complementaridade entre a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Integração Conceptual. Na metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS, de onde emerge a EI “só falam abobrinhas”, temos um domínio fonte ALIMENTOS e como domínio alvo IDEIAS, sendo o mapeamento metafórico resultado da correlação entre esses dois domínios, ou seja, dos mapeamentos no nível conceptual que dá lugar à expressão linguística metafórica que, por sua vez, gera construção do sentido metafórico. No entanto, através da mesclagem conceptual podem ser expandidas as relações entre os espaços mentais que compõem a rede de integração conceptual, as projeções. O sentido, nessa expressão, é apreendido entre a expressão literal da DP e a metaforicidade contida na EI verbal. As projeções que emergem da EI verbal, dentre outras, são:

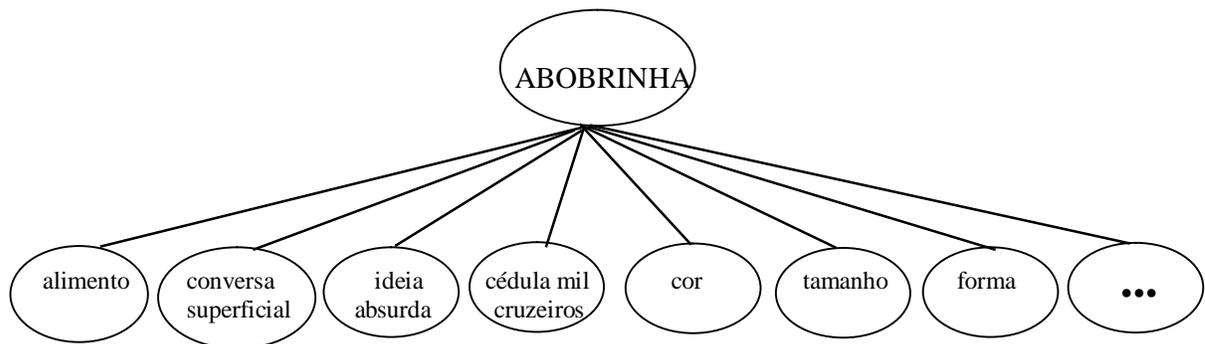


figura 68: projeções do conceito ABOBRINHA.

E, para FALAR, pode ocorrer o mesmo

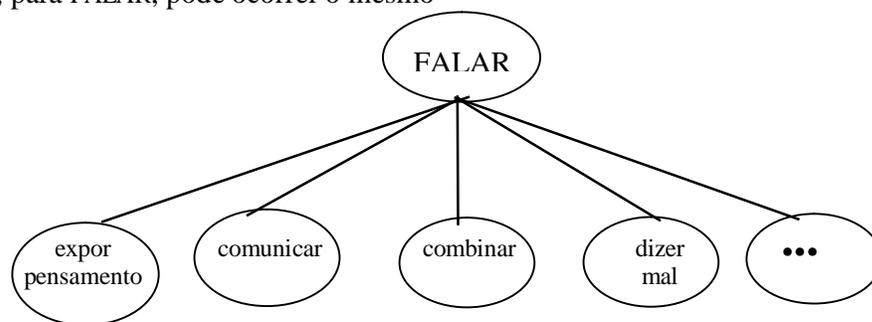


figura 69: projeções do conceito FALAR.

As duas modalidades (verbal + não-verbal) apresentam características congruentes e incongruentes por estarem inter-relacionadas. O indivíduo tem que perceber a intenção de desconstrução da metafóricidade por parte do autor do livro, dado que tudo que é figurativo na EI se torna literal na DP, criando um descompasso, uma incongruência. Se o indivíduo observar as duas modalidades como literais, suprime-se o efeito metafórico, mas se, por outro lado, percebe a inter-relação literal vs. figurativo, o indivíduo tem que, via redes de integração conceptual, dar conta da incongruência usando os recursos cognitivos que tem à sua disposição. O que sabe sobre abobrinhas, seu paladar, seu uso na culinária, sua cor, tamanho, cheiro, dentre outras coisas. As duas modalidades podem ser entendidas isoladamente ou, como é esperado, o indivíduo lê a EI associada diretamente com a DP, e essa combinação é ativada simultaneamente, levando em consideração as especificidades de cada uma das expressões para, desse encontro, emergir a construção do significado, via projeções e mapeamentos que levam à seleção dos conceitos participantes dos *inputs*.

### **5.3 Antes do destino final...**

Usando os princípios da mesclagem conceptual, poderíamos dizer que as informações que até aqui foram expostas contribuem para uma mesclagem: as considerações finais e conclusões. Cada seção e subseção participou com informações que propiciaram pressupor análises, conclusões, reflexões e aplicações das teorias. Nessa seção, antecipamos algumas reflexões antes de apresentarmos nossas considerações finais.

As análises das quatro EIs verbais e não-verbais (pictóricas) e de suas respectivas metáforas base e subjacente possibilitou-nos a constatação do importante papel que as mesclagens conceptuais exercem tanto na construção do sentido metafórico quanto do sentido literal, assim como na estruturação das redes de interação entre os diversos espaços mentais necessários para tal estruturação.

Algumas observações podem ser feitas. Uma primeira observação diz respeito às metáforas (base e subjacente) e às EIs licenciadas por elas. Observamos que as metáforas ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS possibilitam a percepção das correlações para construção do sentido metafórico com ajuda da TMC.

Uma outra observação está voltada para o fato de cada uma das metáforas subjacentes licenciarem duas EIs diferentes e estarem presentes na construção do sentido metafórico individual – para cada metáfora e para cada EI, retirando da metáfora os conceitos necessários para formação de cada uma das EIs e gerando sentidos diferentes. Isso quer dizer que uma mesma metáfora pode dar origem a um número razoável de EIs.

Outro aspecto a ser levado em conta diz respeito ao fato de as metáforas corroborarem a ideia de ubiquidade da metáfora conceptual em diferentes EIs, licenciando expressões metafóricas das quais a construção das redes para geração do sentido metafórico também é diversificada, com diferentes resultados. A seletividade é um ponto forte nas redes, pois são selecionados só os elementos essenciais para geração de um sentido local, para aquela EI exclusivamente. Outra EI exige outros elementos, licenciando expressões metafóricas diferenciadas.

Percebemos que em todas as EIs analisadas (verbais e não-verbais), a construção do sentido metafórico não se dar apenas em projeções advindas do domínio fonte e alvo. Somente esse mecanismo cognitivo não seria suficiente para dar conta da geração do sentido na inter-relação entre as duas modalidades verbais e não-verbais. É recrutada a mesclagem conceptual, com todas as projeções de elementos de cada *input* participante da rede e todos os traços ativados, herdados da justaposição de elementos provenientes dos *inputs*, mesmo que entre as modalidades haja alguma incompatibilidade literal/figurativa. A mesclagem é um fenômeno que envolve a criação de novas conceptualizações através da combinação de traços de outras conceptualizações (segundo Fauconnier e Turner, 1994) e envolve o recrutamento de metáforas conceptuais e uma ampla variedade de fenômenos linguísticos e não-linguísticos.

Ainda assim, após as análises e reflexões, restam algumas considerações específicas em relação às DPs que desejamos ressaltar. Ficamos com a impressão de que as DPs de nosso *corpus*, se vistas isoladas, sem a expressão verbal, não gerariam o significado idiomático em função das escolhas feitas pelo ilustrador para representar, mesmo que literalmente, as EIs. No entanto, podem contribuir com os domínios fonte e alvo da TMC, assim como realçar alguns outros aspectos ligados às imagens que ampliam o potencial interpretativo e possibilitam a análise através da TIC.

A mesclagem conceptual é um fenômeno que não restringe, abre espaço para o criativo e a imaginação. Ele opera oportunisticamente para unir aqueles conceitos que, de tal forma, não são previsíveis. É provável que certos fatores podem servir de “gatilho” do fenômeno e um desses fatores poderia ser a existência de mapeamentos metafóricos entre os domínios. Os diagramas sugerem modelos de engatilhamento da mesclagem conceptual via mapeamentos metafóricos. Nesse sentido, as EIs aparentam ser produtos de processos similares e mapeamentos metafóricos que evocam imagens simples e que podem, então, ser infinitamente elaboradas.

Fauconnier (1994) no livro *Mental Spaces*, afirma que não estamos conscientes das construções cognitivas que realizamos da mesma forma que não conseguimos dar conta de todas as reações químicas e biológicas que ocorrem em nosso corpo, apenas sentimos os efeitos dessas reações. Isso é reforçado em Turner (1991, p. 206 apud FAUCONNIER, 1997, p. xxii): “(...) de forma nenhuma o significado de um enunciado ‘está exatamente lá, nas palavras’. Quando entendemos um enunciado, nós, de maneira alguma, estamos entendendo ‘apenas o que as palavras dizem’”<sup>69</sup>. Sendo assim, uma arquitetura possível dos mecanismos interpretativos da EI pode ser o seguinte, tomando por base as proposições de Fauconnier (1994):

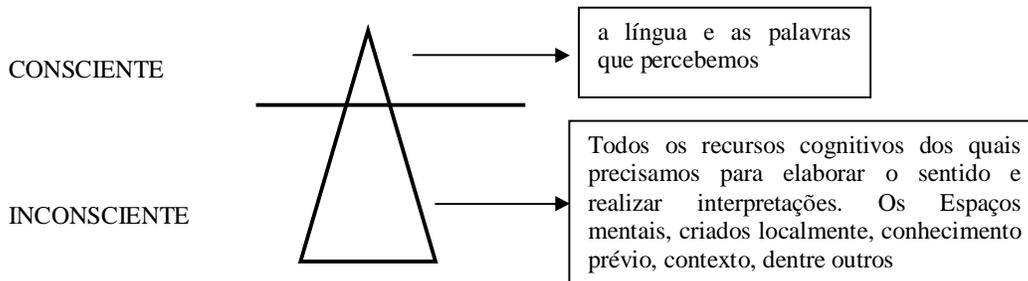


Figura 70: a construção de sentido.

Essa estrutura está presente em todas as outras EIs desse *corpus*, não é exclusividade apenas de “falar abobrinhas”, sendo que cada uma recruta certos Espaços Mentais e usa um poder criativo diferente para elaborar combinações e mesclagens.

Como, então, conseguimos dar sentido metafórico à EI “falar abobrinhas”, por exemplo? Para Fauconnier (1994), quando construímos qualquer interpretação, mobilizamos uma grande quantidade de conhecimento prévio que é selecionado para aquela interpretação em especial (já que os espaços mentais são fugazes, fazem-se e se

<sup>69</sup> (...) in no sense is the meaning of [an] ... utterance ‘right there in the words. When we understand an utterance, we in no sense are understanding ‘just what the words say’.

desfazem em função de cada interpretação), pelo contexto (ou intertexto, ou seja, o que já lemos em outros locais ou já vimos, ou já provamos). No entanto, não percebemos os mecanismos desse processo, apenas seu resultado final. Para Fauconnier (1994) é como se estivéssemos diante de um *iceberg* com parte imersa (visível, consciente) e parte submersa (invisível, inconsciente). Na parte emersa, comumente chamada de a ponta do *iceberg* (figura 70), está a língua e as palavras que evocam o sentido e na parte imersa, encontram-se todos os recursos cognitivos dos quais precisamos para elaborar sentido e realizar as interpretações. Com isso, o autor (1994, p. xxii) afirma que a linguagem em si não produz sentido de forma autônoma, antes ela atua como um guia interpretativo para que seja possível a produção de sentido e isso se ocorre de forma social e contextualmente.

Uma característica importante da mesclagem conceptual (multimesclagem) e constantemente retomada nessa pesquisa, dada sua relevância, é que ela pode ser encadeada, estabelecendo mapeamentos sucessivos. A mesclagem conceptual forma, assim, uma rede coerente de projeções entre as expressões e esse complexo trajeto evidencia as relações existentes entre os conceitos e o reflexo das ações humanas corporais nas expressões metafóricas, assim como a motivação expressão pelas EIs seja de forma verbal ou não-verbal.

Cada um dos espaços genéricos também se torna um espaço de entrada na composição da mescla, pois eles são resultados de outras combinações anteriores (*inputs* e outros espaços genéricos), como na analogia da árvore genealógica. Assim também ocorre com as realizações não-linguísticas – as desconstruções pictóricas - que materializam, ou são realizadas, de formas não-linguísticas e, portanto, comprovam que não apenas na linguagem verbal mas também na realidade visual é possível se estudar questões ligadas ao cognitivo e permitem explorar as redes de integração conceptual na formação das mesclagens múltiplas (multimesclagens).

## 6 CONCLUSÕES.

Ao longo dessa tese, tentamos demonstrar quais mecanismos estão envolvidos na geração do sentido metafórico/literal das EIs e suas respectivas DPs. Para tanto, é importante verificarmos qual é o papel da mesclagem conceptual na geração do sentido entre as duas modalidades (EI verbal e DP não verbal) assim como o papel das projeções congruentes e incongruentes de cada uma das modalidades nessa geração do sentido. Havia um interesse especial em propor um modelo que revelasse a estrutura interna do percurso gerativo do sentido das EIs e suas DPs nas redes de integração conceptual.

Não foi uma tarefa fácil. Contudo, a combinação da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) e da Teoria da Integração Conceptual/multimesclagem (FAUCONNIER; TURNER, 2003) mostrou-se adequada ao desenho do modelo e às análises, o que nos permitiu explorar as trilhas da geração do sentido metafórico. A multimesclagem, dentro da Teoria da Integração Conceptual, deu conta da fluidez, da dinamicidade e complexidade da geração de conceitos tornando possível traçarmos as etapas para geração do sentido metafórico das EIs e DPs. Certamente foi necessária uma adequação na composição do modelo de análise para contemplar as duas teorias.

A teoria do *blending/megablending* deu conta de revelar o processo de geração da significação metafórica/literal na criação e recriação de uma realidade onde as entidades “trocam” papéis dentro de um sistema que reconfigura nossas formas de viver e pensar. Uma boa analogia para essa rede de projeções vem da tapeçaria, uma intrigante rede de entrelaçamentos que, dependendo de quais inter-relações são executadas, cria-se um determinado “desenho”, ou seja, o entrelaçamento de várias mesclagens gera uma multimesclagem que, por sua vez, permite a geração de outras tantas mesclagens e, portanto, resultados diferentes, manifestando diferentes aspectos da experiência humana.

Dessa adequação das teorias foi possível percebermos que a inter-relação entre as EIs e as DPs assim como as mesclagens conceptuais revelam características particulares do pensamento e aspectos sugestivos do sentido. Através do modelo projetado da estrutura das redes de integração conceptual foi possível chegarmos à algumas conclusões:

- 1) O modelo revelou que a inter-relação entre EI e sua DP permite uma multiplicidade de projeções que participam na geração do sentido, seja ele metafórico ou literal, ou seja, na estruturação das redes entram em jogo as várias projeções criativas e imaginativas, o que possibilita novas configurações de sentido (re)construído sucessivamente;
- 2) O modelo também permite ampliar as relações conceptuais gerando diferentes mesclagens, de forma que a imagem em relação à sua representação verbal pode ser parcial ou totalmente congruente;
- 3) O grau de (in)congruência entre o literal e o idiomático é, no *continuum*, decisivo para a determinação do resultado mesclado;
- 4) Tornou-se evidente que há uma estreita ligação entre uma modalidade (verbal) e a outra (não-verbal). Isso aponta para desvelar que a natureza do processamento da EI pode ser de base metafórica ou literal. Ou seja, nem toda EI é processada *on-line* metaforicamente. A MB e a MS entram em ação apenas quando a compreensão da EI é metafórica;
- 5) Ainda com base nas análises, o modelo de mesclagem proposto comprovou ser eficiente para a demonstração da organização interna das redes na geração do sentido, a partir da inter-relação entre a representação verbal e não-verbal;
- 6) As DPs, vistas isoladamente, como ilustração literal e, dependendo das escolhas para sua composição visual, nem representam a idiomaticidade nem a literalidade, a não ser que estejam acompanhadas de sua expressão verbal;
- 7) Comprovaram-se as hipóteses iniciais de que a multimesclagem, complementada pela Teoria da Metáfora Conceptual, permite a geração de um sentido, derivado das projeções tanto das EIs quanto de suas respectivas DPs assim como das hipóteses secundárias: (i) a estrutura interna da rede de integração conceptual envolve uma projeção seletiva e sucessiva de mesclagens conceptuais das quais participam elementos figurados e literais; (ii) as DPs, vistas isoladamente, como ilustração literal e, dependendo das escolhas para sua composição visual, nem representam a idiomaticidade nem a literalidade, a não ser que estejam acompanhadas de sua expressão verbal (a EI) e (iii) a diagramação da estrutura interna da rede de integração conceptual permite perceber que a EI nem sempre é processada *on-line*, dado que depende daquilo que é projetado de cada uma das modalidades (verbal e não-verbal), assim como do contexto ou do pré-conhecimento do indivíduo.

Em linhas gerais, podemos fazer algumas considerações em relação à (re)construção do sentido metafórico/literal no decurso da mesclagem conceptual mediada pela TMC. Isso equivale a dizer que, sob a chancela dos dispositivos de interpretação, as EIs e suas respectivas DPs estabelecem entre si relações de sentido metafórico/literal que sugerem uma equivalência de significados na rede de integração conceptual e reconhecemos a alta relevância e contribuição teórica dessas duas teorias para o estudo da geração do sentido. Diante da inter-relação EI e DP há possibilidade de as fronteiras semânticas serem mantidas ou transformadas pelos indivíduos, construindo enquadres cognitivos próprios para aquela situação em decorrência da rede de integração que é formada.

O significado metafórico/literal resultante dessa operação realça o papel do indivíduo como central na (re)construção do sentido e, ao mesmo tempo, imbuído de seu caráter sociocultural e histórico, além daquilo tudo que experienciou ao longo de sua vida, tendo seu corpo como objeto de relação entre ele e o mundo que o cerca. Nesse sentido, no modelo teórico que apresentamos, a significação é concebida como integralmente corporalizada e situada na relação do homem com os outros homens e consigo mesmo, assim como na maneira como elabora e processa as redes de informação.

Ancorando-nos nessa perspectiva, asseguramos que pode, em um dado momento, ocorrer uma indeterminação na geração do significado metafórico devido à incongruência entre a representação literal da imagem quando colocada em inter-relação com a metaforicidade da EI, podendo ocasionar mais de uma interpretação. Nesse sentido, é preciso se dar conta de que nem a TMC nem a TIC, tidas como mecanismos teóricos, ocorrem de forma isolada na criação da rede mas em uma coexistência representada visualmente nos diagramas, que não se projetam conscientemente ao longo de toda rede e, ao mesmo tempo, estabilizam o fenômeno de construção do sentido metafórico, de tal maneira a restringir a interpretação o mais próximo da intenção de seu criador, fundando uma cooperação/divergência entre o criador e o receptor, tendo como fator de intermediação entre os dois a mesclagem conceptual que se torna, assim, um agente ativo para a viabilização da interpretação. E, em decorrência dessa rede de integração conceptual, é criada uma arena interpretativa, ao confrontar aquilo que é mostrado na DP em relação ao significado da EI verbal, estabelecendo uma multiplicidade de relações e, como resultado, permitindo um raciocínio imaginativo inferencial em relação ao conteúdo significado.

A EI com sua natureza visual (a desconstrução pictórica), assim como sua forma verbal, permitem uma situação intuitiva resultante dos vários espaços mentais envolvidos na elaboração da rede de integração conceptual e ampliam as relações conceptuais, permitindo diferentes representações de tal forma que a imagem em relação à sua representação verbal pode diferir e em função disso não ser possível uma determinação conceptual com precisão mas uma significação que restringe ou minimiza as hipóteses incoerentes dada sua organização dos traços semânticos impedindo uma multiplicidade de efeitos de sentido, principalmente se a EI for popular, ou seja, socialmente compartilhada e usada com uma mesma significação, de maneira que as ambiguidades sejam diminuídas ou eliminadas entre as duas modalidades (verbal e não-verbal). Cada um dessas modalidades participa na (re)criação das redes de integração conceptual com seus devidos domínios conceptuais que, por um lado, podem ser distintos (literal vs. figurativo) e por outro podem ser semelhantes na medida em que podem evocar uma metafóricidade internalizada pelos indivíduos. Há um diálogo na passagem de uma modalidade para outra e isso pode propiciar uma leitura múltipla. Os domínios conceptuais funcionam como fontes de conhecimento organizado que provê em um universo de significação metafórica na representação das ideias e do mundo diante de nossa percepção da realidade corporalizada. A inter-relação do verbal e do não-verbal se alicerça nos elementos disponíveis em ambas as representações entrelaçadas. Caberá ao indivíduo isolar de cada uma das representações aquilo que sua capacidade cultural e cognitiva permita, projetando o que é mais relevante de cada uma e, com isso, estabelecer um intercâmbio metafórico/literal entre elas em busca da significação. Essa relação é evocada pela mesclagem conceptual e suas projeções criativas na emergência da metafóricidade que cumpre o papel de estabelecer uma inter-relação metafórica nesse novo feixe configurativo de sentidos socialmente situados.

Há casos em que há uma relação de congruência entre o que é apresentado na DP e a EI verbal - uma congruência intermodal, pelo fato de articular duas modalidades: as linguagens verbal e visual. A diferença de natureza pode definir uma maior ou menor contribuição nas projeções e formação da rede que resulta na mesclagem conceptual. A congruência nem sempre é uma congruência absoluta, em razão das diferenças entre as linguagens verbal e pictórica. Por isso, pode dar lugar à incongruência entre o literal apresentado na DP e o figurativo da EI verbal, de tal maneira que a DP tenha uma maneira própria de identificar a parcela literal da EI e usar disso para expressar sua representação e ainda leva em conta as diferenças das duas

linguagens. Diante disso, é possível afirmarmos que a DP não é simplesmente um caso de ilustração complementar da expressão verbal, ao contrário, ela contribui para a incongruência e conseqüente reflexão do leitor abrindo um amplo leque de possibilidades interpretativas.

A origem da metaforicidade das EIs e suas respectivas DPs está nas projeções entre os espaços individuais e na inter-relação entre as projeções das duas modalidades (verbal vs. não-verbal) geradoras de sentidos literais e metafóricos e não nas representações em si. No entanto, concordo com o que é afirmado por Fauconnier e Turner (2003), ou seja, as palavras servem como guias e indutores do significado. E, se isso é válido para as palavras, entendemos que também ocorre o mesmo com as DPs, talvez de forma mais enfática.

Essas novas (re)construções inferenciais estão presentes e são geradas no espaço mesclado e, portanto, os demais espaços contribuem seletivamente com elementos próprios sejam eles provenientes da EI verbal ou da DP (não-verbal). A cada projeção/mapeamento é (re)construído o desenho do enquadre no espaço mesclado, surgindo novas inferências. Sendo assim, há um *continuum* literal – metafórico, e nesse *continuum* o significado se realiza ao longo de toda rede de interações e conexões. Há uma constante (re)construção de redes e, conseqüentemente, de sentidos apropriados a uma expressão. Podemos pressupor que nem toda EI é interpretada *on-line* metaforicamente, como afirmado por autores como Gibbs (1994) ou Coimbra (1999). Depende se ela é não-composicional, parcialmente composicional ou totalmente composicional como afirmado por Glucksberg (2001, p. 73), assim como das (in)congruências das projeções que são feitas e que estrutura interna da rede é criada. Seria *on-line* diante de situações que permitissem isso, como um conhecimento prévio, contexto adequado e assim por diante.

Com base nas análises, ficou evidente que a significação não é um constructo mental estável, tratando-se antes do resultado de ações instáveis, porém equilibradas da construção e reconstrução de redes de mapeamentos/projeções que podem ser distribuídas em um *continuum*, que vai de um pólo totalmente literal a um outro extremo totalmente figurativo. A significação pode se encontrar em qualquer ponto desse *continuum*.

O grau de incongruência entre o literal da DP e a metaforicidade da EI verbal pode, no *continuum*, ser decisiva para a determinação do resultado mesclado, ou seja, sua significação. O contexto pode ser delimitador do significado e definir em que

posição desse *continuum* se encontra o significado. Assim também ocorre com o conhecimento prévio. Uma expressão já conhecida e usada pode guiar a interpretação.

Com relação às metáforas de nosso estudo, chegamos à conclusão que a metáfora base O CORPO É UM RECIPIENTE nos permitiu perceber como uma metáfora base pode dar considerável estrutura aos conceitos metafóricos assim como entender os mecanismos que usamos para conceptualizar esses conceitos e, além disso, compreendermos porque o significado metafórico tem o sentido que tem. Em particular, foi possível entender que a imagem do recipiente pode dar sentido a uma variedade de expressões linguísticas.

Nas metáforas subjacentes ACEITAR É ENGOLIR e IDEIAS SÃO ALIMENTOS dois processos distintos e complementares são responsáveis pela geração das metáforas: um de natureza fisiológica, automática e inconsciente, em geral, e outro de natureza avaliativa, também automática, em geral. Ambos os processos têm sua base na experiência corporal. A metáfora ACEITAR É ENGOLIR, por exemplo, tem um repertório verbal e expressão não-verbal manifestos tanto em “engolir sapo” e suas respectivas DPs quanto em “o bom cabrito não berra” e a metáfora IDEIAS SÃO ALIMENTOS tem esse repertório em “não ter papas na língua” e “só falam abobrinhas”. Afinal, como é afirmado por Kövecses (1990, p. 172), frequentemente, as emoções são associadas com órgãos particulares do corpo humano. Sendo assim, a emoção tem dois lados: um objetivo (fisiológico) e outro subjetivo (experencial) e aquilo que os une.

As representações das estruturas internas das redes de integração conceptual por meio de diagramas possibilitaram demonstrar as trilhas da geração do sentido entre as duas modalidades (verbal e não-verbal). Esses diagramas evidenciaram o resultado como advindo das várias combinações da metaforicidade/literalidade tanto das EIs quanto de suas DPs. A partir daí, assumimos que a mesclagem conceptual é um poderoso instrumento de análise. Além disso, os diagramas apresentados nos permitiram explorar não somente as trilhas da geração do sentido mas também como operam as estruturas internas das redes cognitivas de integração. A construção das ligações e dos espaços seguiu sistematicamente a inter-relação entre a incongruência da literalidade da DP e a figuratividade da EI ou as congruências parciais ou totais. No entanto, como dito anteriormente, diagramar o *blending/megablending* é meramente uma questão de formalizar e representar o processo do pensamento para efeito de clareza – o diagrama não é a mesclagem mas tão somente sua representação que está sujeita às circunstâncias de ordem diversa. A representação diagramática tornou

evidente a complexidade das relações existentes entre as várias projeções e as multimesclagens, que se caracteriza como uma rede de extensões construída em cadeias sucessivas, em que os sentidos gerados e derivados se tornam, por sua vez, pontos de partida para novas mesclagens.

Em poucas palavras podemos dizer que a estrutura interna das redes de integração conceptual das multimesclagens envolve, dentre outras coisas, o seguinte:

- Competição entre conceitos – status de um conceito sobre outros no momento da sua seleção para projeção e formação da estrutura interna da rede de integração conceptual;
- Conjunto de correlações entre os conceitos;
- Subconjuntos de projeções;
- Contribuição do irreal, do poder criativo da mente humana;
- Contribuição da TMC e da TIC, isolada e conjuntamente;
- As inferências presentes na mescla.

Com isso em mente, cumprimos com nossos objetivos de descrever, em Língua Portuguesa, a estrutura interna dos mecanismos que entendemos serem responsáveis pela geração do sentido das EIs e de suas DPs; descrever os processos de geração da mescla conceptual entre as duas modalidades (verbal e não-verbal) e demonstrar como os processos de figuratividade/literalidade compõem o significado nas modalidades verbal e não-verbal.

Esperamos que as análises aqui apresentadas possam oferecer contribuições tanto para a compreensão de aspectos formais nos estudos da metáfora como para a aplicação do modelo aqui proposto em análises de expressões metafóricas. As duas teorias aqui amplamente discutidas prestam-se à explicação de vários aspectos de nossa experiência e à construção de modelos para a explicação da geração das manifestações dessa experiência.

Ao longo de todo trabalho de pesquisa, percebemos que várias questões de natureza estrutural, revelam um aspecto da TIC, que deve ser seriamente considerado pelos pesquisadores. Parece-nos que escolhemos uma interpretação e, então, demonstra-se como ela se justifica. Objetivamente, quando se fazem análises como a da Cruzada de Bush, o analista torna-se criativo. A TIC ou a TMC não consegue fornecer um modelo econômico sobre o processamento inferencial. Ou seja, se for assim, os esquemas propostos nessa tese poderiam ser testados com outras EIS, em pesquisa empírica, para saber quais são realmente produtivas. Sendo assim, ressaltamos que mesmo

delicadamente construído, o modelo por nós proposto precisa ser testado experimentalmente possivelmente em pesquisa longitudinal, com vistas à identificação e análise de redes de projeções alteradas ou criadas que possam demonstrar ainda mais solidamente a relação entre o pensamento e a linguagem.

## REFERÊNCIAS

BALLARDIN, Everton; ZOCCHIO, Marcelo. **Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas**, São Paulo: Editora Salesiano, 1999.

BENCZES, Réka. The semantics of idioms: a cognitive linguistic approach. **The even Yearbook** v. 5, p. 17-30, 2002.

BERCITTO, Diogo; DE LUCCA, Gabriella; GOMES, José Roberto. **Revista Esquinas**, 2º semestre, 2008.

BERGEN, Benjamin. To Awaken a Sleeping Giant: Political Cartoons in the Aftermath of September 11, 2001. **Language, Culture, and Mind**. Ed. Michel Achard and Suzanne Kemmer. Stanford: CSLI, p. 2-12, 2005.

BERGEN, Benjamin K.; LINDSAY, Shane; MATLOCK, Teenie; NARAYANAN, Srinil. Spatial and Linguistic Aspects of Visual Imagery in Sentence Comprehension. **Cognitive Science** v. 31, p. 733-764, 2007.

BLACK, Max. Metaphor. In: \_\_\_\_\_ **Models and metaphor**. Ithaca, NY: Cornell University Press, p. 25-47, 1962.

\_\_\_\_\_. More about metaphor. In: ORTONY, A. (ed.) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 19-43, 1993.

BOBROW, S.; BELL, B. On catching on to idiomatic expressions. **Memory and Cognition**, v. 1, p. 343-346, 1973.

CACCIARI, Cristina. The Place of Idioms in a literal and metaphorical world. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, p. 27-56, 1993.

CACCIARI, Cristina; CORRADINI, Paola; PADOVANI, Roberto. **Speed of processing effects on spoken idiom comprehension**. Italy: University of Modena, 2006. Disponível em: [www.psych.unito.it](http://www.psych.unito.it). Acesso em: 16.jun.2007.

CHANG, Nancy; FISCHER, Ingrid. **Understanding Idioms**. 2007. Disponível em: <http://www.icsi.berkeley.edu>. Acesso em: 10.jun.2007.

COIMBRA, Rosa Lúcia. **Estudo linguístico dos títulos de imprensa em Portugal: a linguagem metafórica.** 1999. Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, 1999. Disponível em: [http://swet.ua.pt/~f711/documentos/tese/2-1-2\\_fundamentos.pdf](http://swet.ua.pt/~f711/documentos/tese/2-1-2_fundamentos.pdf). Acesso em: 18.jun.2008.

\_\_\_\_\_. Quando a Garrafa é um Porco: Metáforas (Verbo)Pictóricas no Texto Publicitário, **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Braga: APL, v. 1, p. 243-254, 2000.

\_\_\_\_\_. O nu na publicidade, estratégias pictóricas e discursivas, In: FERREIRA, A.M. (coord.). Percursos de Eros - **Actas do 9º Encontro de Estudos Portugueses**, Aveiro: ALAEP, Universidade de Aveiro, p. 247-258, 2003.

COIMBRA, Rosa Lúcia; BENDIHA, Urbana Pereira. Nem todas as cegonhas trazem bebês. Um estudo de metáforas com nomes de animais em falantes portugueses e chineses. In: SILVA, Augusto Soares; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (orgs.). **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguísticas cognitiva.** Coimbra: Almedina, v. 2, p. 217-225, 2004.

COSCARELLI, Carla Viana. Uma conversa com Gilles Fauconnier. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 2, 2005.

COULSON, Seana. The Menendez Brothers Virus: Analogical Mapping in Blended Spaces. **Conceptual Structure, Discourse, and Language.** Ed. Adele E. Goldberg. Palo Alto: CSLI, p. 67-81, 1996.

\_\_\_\_\_. What's so funny: conceptual blending in humorous examples. In: HERMAN, V. **The poetics of cognition: studies of cognitive linguistics and the verbal arts.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: <http://cogsci/uscd.edu/~coulson/funstuff/funny.html>. Acesso em: 08.jun.2007.

\_\_\_\_\_. **Extemporaneous blending: conceptual integration in humorous discourse from talk radio.** Style: Northern Illinois University, 2005. Disponível em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m2342](http://findarticles.com/p/articles/mi_m2342). Acesso em: 10.out.2007.

\_\_\_\_\_. **Semantic Leaps: Frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction.** Cambridge: Cambridge UP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Semantic leaps – the role of frame-shifting and conceptual blending in meaning construction.** Tese de Doutorado em Filosofia, California, San Diego: University of California, 1997.

COULSON, Seana; OAKLEY, Todd. Blending basics. (Linguistic Aspects of Conceptual Blending Theory and Conceptual Integration). **Cognitive Linguistics** v. 11, p. 175-196, 2000.

DALVI, Maria Amélia. “**À meia-noite, pelo telefone**” – segredos lexicais (e históricos) em um poema erótico de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <http://abralic.org.br/enc2007/anais/50/253.pdf>. Acesso em: 20.out.2008.

DICIONÁRIO ELTRÔNICO HOUAISS. Disponível em [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss). Acesso em: 15.maio.2009.

DIRVEN, René; IBÁÑEZ, Francisco J. Ruiz de Mendoza. Conceptual Theory and far beyond. **III Conference on Metaphor in Language and Thought**. October, 21-24, 2008. Fortaleza: Ceará. Trata-se de material apresentado em uma conferência e não publicado.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

EDWARDS, J. L. **Political cartoons in the 1988 presidential campaign: Image, metaphor, and narrative**. New York: Garland, 1997.

EL REFAIE, E. Understanding visual metaphor: the example of newspaper cartoons. **Visual Communication**, v. 2, n. 1, p. 75-95, 2003.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics – an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abuêndia Padilha (org.) **Tópicos em cognição e linguagem**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. **Spaces worlds and grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles. Conceptual Blending and Analogy. **The Analogical Mind: Perspectives from Cognitive Science**. Ed. Dedre Gentner, Keith J. Holyoak, and Boicho N. Kokinov. Cambridge: MITP, p. 255-86, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge UP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. Cambridge: Cambridge UP, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual Integration Networks. **Cognitive Science** v. 22 , p. 133-87, 1998..

\_\_\_\_\_. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York: Basic, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mapping in thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. Conceptual integration. Workshop **Emergence and development of embodied cognition**. Beijing, August 27, 2001. Disponível em: <http://ifi.unizh.ch/ailab/people/lunga/Conferences/EDEC2/invited/FauconnierGilles.pdf>. Acesso em: 20.maio.2007.

\_\_\_\_\_. Conceptual Projection and Middle Spaces, **Cognitive Science Technical Report**, v. 94, n. 1, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Blending and Grammar**, Conference on Conceptual Structure, Discourse and Language, University of California, San Diego, nov., 1994. Disponível em: <http://www.wam.umd.edu/~mturn/WWW/csdl.rtf>, 1994b. Acesso em: 13.maio.2008.

\_\_\_\_\_. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, A. (ed.) **Conceptual Structure, Discourse and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNANDES, Millôr. **A vaca foi pro brejo** = The cow went to the swamp. 9ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

FERNANDO, Chitra. **Idioms and Idiomaticity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FERNANDO, Chitra; FLAVELL, Roger. On idiom: critical views and perspectives. **Exceter Linguistic Studies**. University of Exceter, v. 5, p. 18-48, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. Linguistics in the Morning Calm. In: **The Linguistic Society of Korea** (eds.), Selected Papers from SICOL-1981. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1979.

FLAVELL, Linda; FLAVELL, Roger. **Dictionary of Idioms and their Origins**. London: Kyle, Cathie Ltd. 2001.

FORCEVILLE, Charles. Visual representations of the idealized cognitive model of anger in the Asterix album La Zizanie. **Journal of Pragmatics**, v. 37, p. 69-88, 2005.

\_\_\_\_\_. **A course in pictorial and multimodal metaphor**, 2007a. Disponível em: <http://www.semioticon.com/people/forceville.htm>. Acesso em: 15.jan.2008.

\_\_\_\_\_. Multimodal metaphor in tem Dutch TV commercials. **The Public Journal of Semiotics**, v. 1, n. 1, p. 15-34, jan., 2007b.

FREIRE, Pulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. **Foundations of language**. Cambridge, v. 6, p. 22-42, 1970.

FURLANETTO, Maria Marta. **Literal/metafórico** - um percurso discursivo. Rio Grande do Sul: Unisul, 2007.

GEERAERTS, Dirk. The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (red.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 435 – 465, 2002.

GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it in the cultural world. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. J. (eds.). **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, p. 145-167, 1999.

GIBBS, Raymond W. **The poetics of mind**: Figurative thought, language and understanding. New York: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_ Why idioms are not dead metaphors. In: CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia (eds.). **Idioms: Processing, Structure and Interpretation**, Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, p.57-78, 1995.

\_\_\_\_\_ Metaphor in Idiom Comprehension. **Journal of Memory and Language**, v. 37, p. 141-154, 1997.

\_\_\_\_\_ Psycholinguistic studies on the conceptual basis of idiomaticity. **Cognitive linguistics**, v.1, n. 4, p. 417-451, 1990.

\_\_\_\_\_ Skating on Thin Ice: Literal meaning and understanding idioms in conversation. **Discourse Processes**, 9, 17-30, 1986.

\_\_\_\_\_ What do idioms really mean? **Journal of Memory and Language**. Orlando, v. 31, p. 485-506, 1992.

\_\_\_\_\_ **Intentions in the experience of meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_ **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GIBBS, R. W.; LEGGITT, J. S.; TURNER, E. A. What's special about figurative language in emotional communication? In: FUSSELL, S. R. **The verbal communication of emotions: Interdisciplinary perspectives**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc., p. 125-149, 2002.

GIBBS, Raymond W.; NAYAK, Nandini; BOLTON, John; KEPPEL, Melissa. Speakers assumptions about the lexical flexibility of idioms. In: **Memory and Cognition** v. 17, p. 58 – 68, 1989.

GIBBS, Raymond W.; NAYAK, Nandini; CUTTING, Cooper. How to kick the bucket and not decompose. **Journal of Memory and Language**, Orlando, v. 28, p. 576-593, 1989.

GIBBS, Raymond W.; O'BRIEN, Jennifer. **Idioms and mental imagery**: the metaphorical motivation for idiom meaning. In: *Cognition* v. 36, n. 1, p. 35 -68, 1990.

GIBBS, Raymond W.; BOGDANOVICH, Josephine M. Metaphor in Idiom Comprehension. **Journal of Memory and Language**, v. 37, p. 141-154, 1997.

GIORA, Rachel. **On our mind**: Salience, context and figurative language. New York: Oxford University Press, 2003.

GLUCKSBERG, Sam. **Understanding figurative language**: from metaphors to idioms. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Idiom meanings and allusional content. In CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (org.). **Idioms**: processing, structure and interpretation. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993.

GLUCKSBERG, Sam; KEYSAR, Boaz. How metaphor work. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and Thought**. 2<sup>nd</sup>. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1994

GOMES, Luiz Lugani. **Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GOSCINNY, René; UDERZO, Albert. **La Zizane**: Une aventure d'Asterix. Neuilly-sur-Seine : Dargaud, 1970.

GRADY, Joseph. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. **Journal of Pragmatics**, v. 37, p. 1595-1614, 2005.

\_\_\_\_\_. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. Ph.D. Dissertation – University of California, Berkeley, 1997.

GRADY, Joseph E.; OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Blending and metaphor. In: STEEN, G.; e GIBBS, Raymond. (eds.) **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, p. 101 – 124, 1999.

GRADY, Joseph; JOHNSON, Christopher. Converging evidence for the notions of subscene and primary scene. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. **Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast**. New York: Mouton de Gruyter, p. 531 – 554, 2003.

GRANT, Lynn; BAUER, Laurie. Criteria for Re-defining Idioms: Are we Barking up the Wrong Tree? **Applied Linguistics**, v. 25, n. 1, p. 38-61, 2004.

HELNE, Bernd. Conceptual grammaticalization and prediction. In: TAYLOR, John R.; MAClaury, Robert E. (eds.) **Language and the Cognitive Construal of the Worlds**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 19-135, 1995.

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**, 6<sup>th</sup> ed., Oxford: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, Mark. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KATZ, Albert N.; CACCIARI, Cristina; GIBBS, Raymond; TURNER, Mark. **Figurative language and thought**. New York: Oxford University, 1998.

KENNEDY, John M. Metaphor in pictures. **Perception**, v. 1, p. 589-605, 1982.

KING, Kevin. **The big picture – Idioms as metaphors**. Houghton Mifflin Company, 1999.

KODENKO, Igor. **Editorial Cartoon: Bush as Oil Crusader**, 2003. Disponível em <http://cagle.slate.msn.com/news/Kodenko/2.asp>. Acesso em: 20. jun.2007.

KOESTLER, Arthur. **The Act of Creation**. London: Hutchinson, 1989.

KÖVECSESES, Zoltan. **Emotion concepts**. New York: Springer, 1990.

\_\_\_\_\_. **Metaphor and emotion:** language, culture, and body in human feeling. New York: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Metaphor in culture** – universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Metaphor:** a practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSESE, Zoltan; SZABÓ, P. Idioms: a view from Cognitive Semantics. **Applied Linguistics**, v. 17, n. 3, p. 326-355, 1996.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things:** What Categories Reveal about Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The meaning of literal. **Metaphor and symbolic activity**, v. 1, p 291-296, 1986.

\_\_\_\_\_. **Conceptual Metaphor Homepage**, 1994. Disponível em: <http://cogsci.berkeley.edu/MetaphorHome.html>. Acesso em: 15.abr.2008.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.) **Metaphor and Thought**, 2<sup>nd</sup>. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **Metáforas de la vida cotidiana**. Tradução de Carmen González Marin, Madrid: Ediciones Cátedra [1980a] 2007.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the flesh:** The embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason:** a field guide to poetic metaphor. Chicago, USA: The University of Chicago Press, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **The raw and the cooked**. Translated by John and Doreen Wiegman. New York: Harper & Row, 1969.

MARIN-ARRESE, Juana I. **Humour as Ideological Struggle**: The view from Cognitive Linguistics. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2005.

MEIRA, Marly. **Filosofia da Criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MOON, Rosamund. **Fixed expressions and idioms in English**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MORGAN, Jerry L. Observations on the pragmatics of metaphor. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and Thought**. 2<sup>nd</sup>. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MOURA, Heronides. Relações Paradigmáticas e Sintagmáticas na Interpretação de Metáforas. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A.; WASOW, Thomas. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, p. 491–538, 1994.

OAKLEY, Todd. **Negation and blending**: a cognitive rhetorical approach. Case Western Reserve University, p. 1 – 21, 2005.

OLIVEIRA, Cândida; GAGLIARDI, André. Expressão de Imagens Fotográficas na Mídia Impressa - Uma Análise Semiótica do uso de Figuras Políticas nas capas dos Jornais Zero Hora e Correio do Povo. **VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul** – Passo Fundo – RS: UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul 2006.

ORTONY, Andrew; CLORE, Gerald L.; COLLINS, Alan. **The cognitive structure of emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY. 6<sup>th</sup> ed.. Oxford: Oxford University Press, 2000.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PÉREZ, Wendy Hunnewell Leynse Ramona Lee. **Food as Metaphor**. 2007. Disponível em: <http://www.answers.com/topic/food-as-metaphor>. Acesso em: 05.jan.2008.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

\_\_\_\_\_. **A casa da mãe Joana 2: mais curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PINA, Angelina Aparecida. **Esquema imagético, metáfora e dinâmica de forças: o caso da preposição “contra”** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PITT, David; KATZ, Jerrold. Compositional Idioms. **Language**, Stanford, v. 76, n. 2, p. 409-432, 2000.

RITCHIE, David. Frame-shifting in humor and irony. Portland State University: **Metaphor and Symbol**, v. 20, p. 275-294, 2005.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. Cognition e Semântica: da representação à conceptualização. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi; FELTES, Heloísa Pedrosa M.; FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **Cognition e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

ROHRER, Tim. Race-baiting, Cartooning and Ideology: A conceptual blending analysis of contemporary and W W II war cartoons. In: GRESCHONIG, Steffen; SING, Christine. **Ideologien zwischen Lüge und Wahrheitsanspruch**. Wiesbaden, Germany: Deutscher Universitäts-Verlag, p. 193-216, 2004. Disponível em: <http://zakros.ucsd.edu/~trohrer/metaphor/cartooning.pdf>. Acesso em: 20.jun.2007.

\_\_\_\_\_. Mimesis, artistic inspiration, and the blends we live by. **Journal of Pragmatics**, v. 37, p. 1686-1716, 2005.

RONCOLATTO, Eliane. **A formação das imagens mentais e metáforas em uma análise das expressões idiomáticas do português e do espanhol**. Capítulo 2 de Tese de Doutorado, UNESP, Assis, 2001.

ROSAS, Marta. **Tradução de Humor**: transcriando piadas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

RUIZ, Javier Herrero. Conceptual metaphors in fairy tales: the case of ACQUIESCENCE IS SWALLOWING, INTELLIGENCE IS LIGHT, A CHILD IS HOLPE OF CHANGE and REBEWAL, DARKNESS IS A COVER, and POWERFULL IS WITTY. **Interlinguística**, n. 17, p. 475-482, 2007.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção de sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem. In: VEREDAS, Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n. 1, jan. – jun./1999.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**, São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHAMBIL, Maria Helena; SCHAMBIL, Peter. **Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Inglesa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SEARLE, John. Metaphor. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and Thought**. 2<sup>nd</sup>. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1994

SERRA, Floriano. **A indigesta arte de engolir sapos**. 2004. Disponível em: [http://www.rhcentral.com.br/artigos/abre\\_artigo.asp?cod\\_tema=1081](http://www.rhcentral.com.br/artigos/abre_artigo.asp?cod_tema=1081). Acesso em: 20.ago.2008.

SILVA, Maurício. **Mesclagem conceitual**: uma explicação possível dos bastidores da produção de textos Rio de Janeiro: UFF, 2006.

SPEEDLING, Jessica. **Metaphorical representations of character and issues in political cartoons on the 2004 presidential debates**. Tese de Mestrado, Johns Hopkins University, Washington, D.C., abril 2004.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. **Relevance**: communication and cognition. Cambridge, USA: Blackwell, 1995.

STEEN, Gerard J. From Linguistic to conceptual metaphor in five steps. In: GIBBS, Raymond; STEEN, Gerard J. **International Cognitive Linguistic**: selected papers from the fifth International Cognitive Linguistics Conference. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

SWEETSER, E.E. **From etymology to pragmatics:** metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

SWINNEY, D. e CUTLER, A. The access and processing of idiomatic expressions. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v. 18, p. 523-534, 1979.

TAGNIN, Estella Ester Ortweiler. **O jeito que a gente diz:** expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

TURNER, Mark. Figure. In: KATZ, Albert N.; CACCIARI, Cristina; GIBBS, Raymond; TURNER, Mark. **Figurative language and thought**. New York: Oxford University Press, 1998.

TURNER, Mark; FAUCONNIER, Gilles. Conceptual Integration and Formal Expression. **Metaphor and Symbolic Activity**, v. 10, p. 183-204, 1995.

\_\_\_\_\_. Metaphor, metonymy, and binding. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf.(eds.). **Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast**. Berlin, New York; Mouton de Gruyter, 2003.

VEGA-MORENO, Rosa Elena. **Representing and processing idioms**. p. 73-109, 2005.

VILLAVICENCIO, Aline; BALDWIN, Timothy; WALDRON, Benjamin. A multilingual database of idioms. In: **Proceedings of the Fourth International Conference on Language Resources and Evaluation (LRE)**. Lisboa, Portugal, p. 1127-1130, 2004.

ZANOTTO, M.S.; MOURA, H. M.M.; NARDI, M.I.A.; VEREZA, S.C. **Apresentação à edição brasileira de George Lakoff e Mark Johnson para Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

ZIR, Alessandro. Da dicotomia metafórico/literal: repensando a questão da primazia. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 137-147, jul./dez., 2003.